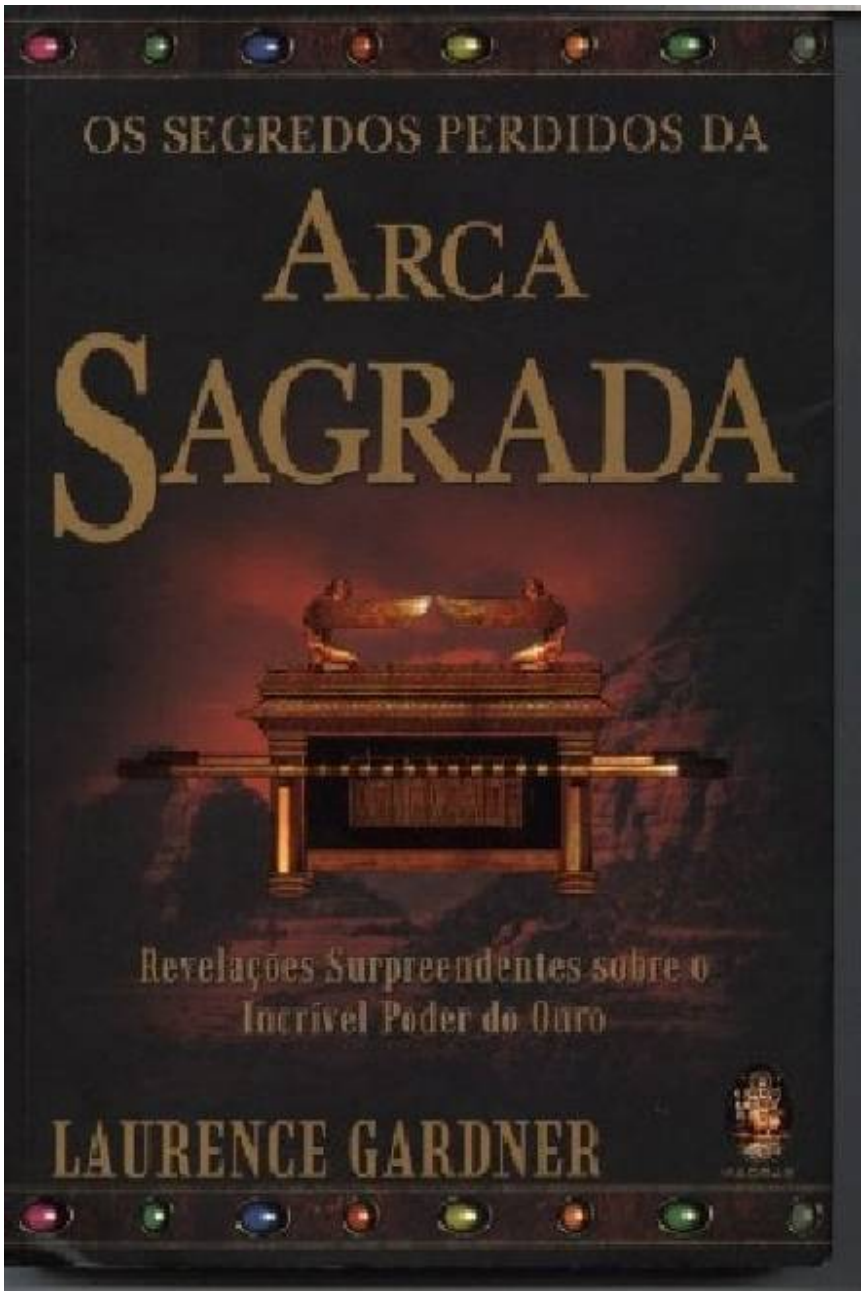


OS SEGREDOS PERDIDOS DA ARCA SAGRADA

Laurence Gardner

Tradução: Julia Vidili
MADRAS
2003

Laurence Gardner, membro da Sociedade dos Antiquários da Escócia, é um genealogista de renome internacional. Conhecido na Europa como o Chevalier Labhràn de St. Germain, é membro da presidência do Conselho Europeu dos Príncipes, um corpo constitucional estabelecido em 1946, como Historiógrafo Real Jacobino. Ele também é um cavaleiro templário de St. Anthony. No domínio artístico, já foi consultor conservador da Associação Comercial das Belas Artes; no mundo da música, suas composições já foram executadas no Royal Opera House, de Londres.

AGRADECIMENTOS

Por sua inestimável ajuda na compilação deste trabalho, agradeço aos numerosos arquivistas, bibliotecários e curadores que facilitaram minha pesquisa, notadamente os da Biblioteca Britânica, do Museu Britânico, da Biblioteca Nacional da França, da Biblioteca de Bordeaux, do Museu do Louvre, do Museu do Instituto Oriental, da Universidade de Chicago, do Ashmolean Museum de Oxford, do Instituto Warburg em Londres, da Academia Real Irlandesa de Dublin, da Biblioteca Nacional da Escócia, da Biblioteca Central de Birmingham e da Biblioteca Distrital de Devon.
Em relação a certas áreas científicas e de especialidade, sou grato pela assistência direta e indireta do World Gold Council, do Platinum Metal Congress, da Science of Spirit Foundation, dos Argonne National Laboratories, da American Physical Society, da Patrick Foundation e da Egypt Exploration Society. Agradecimentos expressos a esse respeito ao físico Dr. Daniel Seweíl Ward por sua generosa assistência profissional.

Devo minha consideração a Sua Alteza Real (SAR) príncipe Michael, da Albânia, por me conceder acesso privilegiado aos documentos Domésticos e Cavalheirescos da Casa Real de Stewart e dos Cavaleiros Templários de Santo Antônio. Sou também agradecido à minha esposa, Angela, cujos esforços incansáveis trouxeram este trabalho à realização, e a meu filho James, por seu encorajamento durante minha busca. Também devo agradecimentos a meu agente, Andrew Lownie, à minha agente de direitos internacionais, Scarlett Nunn, a meu editor, Matthew Cory, e a todos da Element e da HarperCollins que viram esta edição durante sua publicação. Estou agradecido a Sir Peter Robson por sua valorosa ligação artística — particularmente por sua pintura Destino da Casa de Deus, especialmente produzida — e, da mesma maneira, ao artista Andrew Jones por sua entusiástica colaboração.

Aos muitos amigos cujo envolvimento suavizou a trilha de um modo ou outro, ofereço minha consideração, em particular ao Cav. David Roy Stewart, Cav. Jack Robertson, Rev. David Cuthbert Stalker, Sandra Hamblett, Tony Skiens, Jaz Coleman, Shaun Pettigrew, Nigel Blair do Wessex Research Group e Edmund Marriage do Golden Age Project.

Por seu apoio generoso auxiliando meu trabalho internacionalmente, meus especiais agradecimentos a Karen Lyster da Kiwis Graphics, a Eleanor Robson e Steve Robson do Peter Robson Studio, a Duncan Roads, Ruth Parnell, Marcus e Robyn Alien, Jeffrey Williams e Tom Bosco da Nexus, a Adriano Forgione do Hera, a J. Z. Knight e todos na Ramtha School of Enlightenment. Também a Christina Zohs do The Golden Thread, Nancy e Michael Simms do Entropic Fine Art, Laura Lee, Whitley e Ann Strieber, Nancy Lee, Dr. Robert Ghost Wolf e Shoshanna da Wolf Lodge Foundation e toda a International Association for New Science.

Finalmente, devo expressar minha gratidão a todos os leitores que apoiaram e encorajaram meu trabalho ao longo dos anos, especialmente aos muitos que me escreveram comentários e contribuições tão úteis e variados.

Laurence Gardner

ÍNDICE

Introdução 11

PARTE I

1 - Casa do Ouro
A Montanha Sagrada 15
Campo dos Abençoados 19
O Grande 21
O Objetivo Principal 23

2 - A Pedra do Paraíso
Doadora de Vida 27
O Pão de Cada Dia 30
Maná Sagrado 33

3 - Luz e Perfeição
Mistério das Jóias 37
A Curiosa Espiral 40
O Extraordinário Rubi 42
Anel do Testemunho 44
Uma Nova Dinastia 48

4 - Fora do Egito
Filhos de Israel 49
A Sarça Ardente 51
Direito de Sucessão 58
Amada de Khiba 61

5 - A Arca da Aliança
Conflito do Deuteronômio 67
Origem da Bíblia 70
A Morada 71

Carros e Querubins 73
Uma Essência Divina 78

6 - O Poder do Ouro
A Abundância 81
Uma Breve História do Ouro 83
Dia da Arca 85
O Velo de Ouro 86
A Tábua de Esmeralda 88

PARTE II

7 - Electrikus
Julgamento do Arconte 95
Fogo de Santelmo 98
Antigas Baterias 99
Ouro dos Deuses 101
Chama da Arca-luz 105

8 - A Órbita da Luz
Mestres da Pedra de Fogo 109
O Plano de Shar-On 113
Reino dos Gênios 116
Abaixo de Zero 122

9 - O Segredo do Rei Salomão
Geração Real 125
Conquista da Arca 127
O Cântico de Débora 132
A Cidade Real de Davi 135
O Projeto da Pedra de Fogo 137

10 - Na Escuridão
Kebra Nagast 141

A Rainha de Sabá 144
Guardiães do Destino 146
Após o Cativeiro 151

PARTE III

11 - Uma Dimensão Paralela
Os Arquivos Hudson 157
Desafio à Gravidade 161
Supercondutores 163
Átomos Invisíveis e Espaço-Tempo 165
Dia do Julgamento 170

12 - O Protocolo Quântico
Elementos de Transição 173
Levitação e Teletransporte 174
Ciência Sagrada 177
De Volta a Dendera 180
Rito de Passagem 182

13 - Fogo no Deserto
Enigma do Graal 185
A Casa de Hasmon 187
Defensores da Aliança 190

14 - Os Desposyni
Paradoxo da Natividade 195
Filho de Deus — Filho do Homem 199
A Virgem e o Carpinteiro 200
Queimando as Provas 202
Jornada de Madalena 204
Um Nobre Artífice 206

PARTE IV

15 - Renascimento Hermético
Cavaleiros do Templo 211
Concilio da Arca 214
Notre Dame 216
Inquisição 219

16 - O Manuscrito Oculto
Castigo dos Templários 223
O Terceiro Grau 227
A Chama da Inocência 229

17 - Ascensão da Phoenix
Sob o Monte do Templo 233
Real Arco 236
Uma Nova Filosofia 237
Segredos Negados 241
A Arte de Hermes 242
O Senhor da Luz 244

18 — O Local de Descanso
Rosário dos Filósofos 247
Entrega da Arca 250
A Proeza Final 252
O Portal 257
Quadros Genealógicos 261

APÊNDICES

I - Enigma dos Túmulos 311
II - O Êxodo 315
III - Ouro à Venda 317
IV - Amenemope e o Livro dos Provérbios 321

V - Até o Evanescimento 323
VI - Teseu e o Minotauro 329

Créditos das Ilustrações 333
Índice Remissivo 335
Bibliografia 351

INTRODUÇÃO

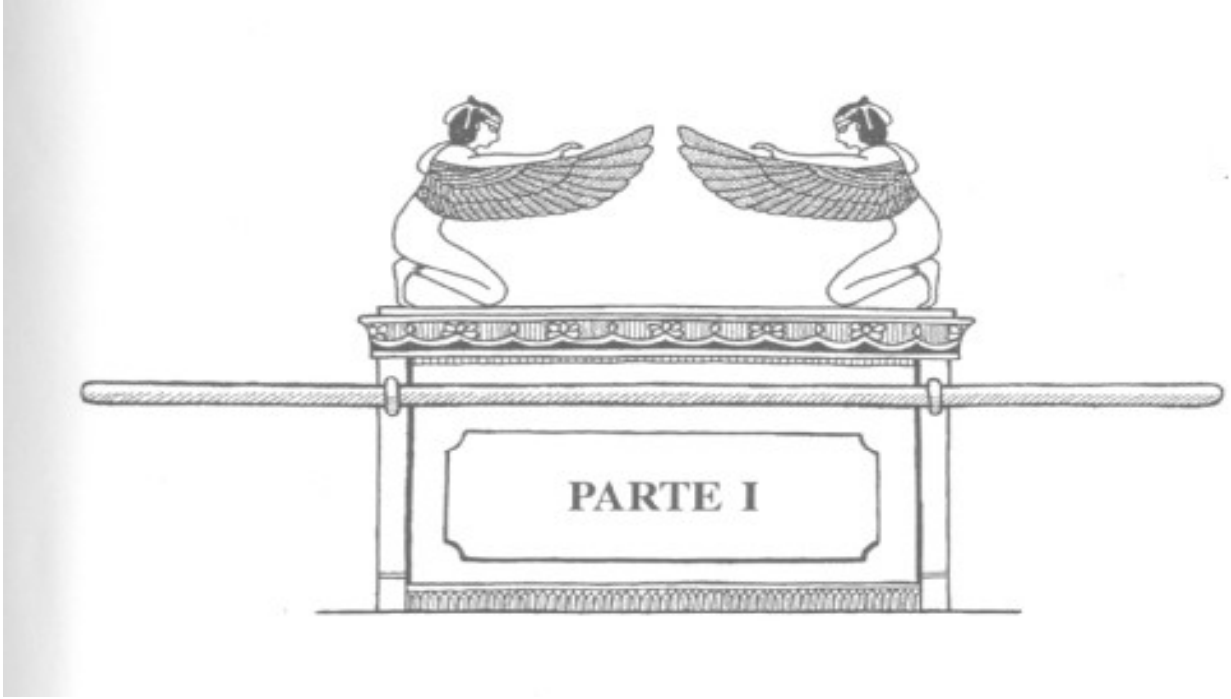
Durante o século passado, especialmente desde os dias de Albert Einstein, os cientistas têm procurado o Santo Graal da física moderna, que eles classificam como a "teoria unificada do todo". Essa busca levou a algumas descobertas surpreendentes e à emergência de uma nova linguagem, que inclui supercordas, quarks e supercondutividade, junto com a consciência de planos de existência até então desconhecidos além de nosso familiar espaço-tempo.

No campo da mecânica quântica, os cientistas recentemente confirmaram que a matéria pode, na verdade, estar em dois lugares ao mesmo tempo. Já se estabeleceu que, por meio do enredamento quântico, partículas separadas por milhões de anos-luz podem estar conectadas sem contato físico. O espaço-tempo pode agora ser manipulado; o teletransporte está se tornando uma realidade; anuncia-se o material antigravitacional para o transporte aéreo e a ciência virtual levou à maior compreensão de ambientes hiperdimensionais.

Ao discutir os atributos do ouro e da platina monoatômicos em Gênesis of the Grail Kings, notei que não demoraria muito até que o potencial desses metais nobres fosse anunciado para células de combustível favoráveis ao ambiente. Sugeri que elas substituiriam o combustível fóssil para o transporte e outros fins práticos. Ao mesmo tempo, tratei de seu uso futuro na área médica, particularmente no campo do tratamento do câncer. Mais especialmente, consideramos os atributos antigravitacionais dessas substâncias exóticas e suas capacidades para superconduzir e literalmente atar o espaço-tempo.

Esses anúncios, por mais breves que tenham sido, conseqüentemente causaram maior interesse dos leitores e mais perguntas em entrevistas que qualquer outro assunto de minhas obras. Conseqüentemente, o tema pôde ganhar um livro para si.
O fato verdadeiramente espantoso acerca do enigmático pó branco dos grupos metálicos do ouro e da platina de alto spin é que essa não é, na verdade, uma descoberta recente. Os antigos mesopotâmicos chamavam-no shem-an-na e os egípcios o descreviam como mfkzt, enquanto os alexandrinos e, mais tarde, químicos como Nicolau Flamel o veneraram como um dom do Paraíso, chamando-o de Pedra Filosofal. Em todas as fases da história, o "pó de projeção" sagrado teve reconhecido seus extraordinários poderes de levitação, transmutação e teletransporte. Dizem que produzia luz brilhante e raios mortais, sendo ao mesmo tempo uma chave para a longevidade física ativa. No mundo de hoje, o Instituto de Estudos Avançados descreve a substância como "matéria exótica" e seus poderes supercondutivos eram, segundo o Centro de Estudos Avançados, "a mais notável propriedade física do Universo".
Fica evidente, porém, a partir dos indícios documentais da Antigüidade, que os atributos dos supercondutores e o desafio à gravidade eram conhecidos, se não compreendidos, em um mundo distante de levitação sacerdotal, comunicação com os deuses e o fenomenal poder do electrikus. Na mitologia grega, a busca pelo segredo dessa substância estava no coração da lenda do Velo de Ouro, enquanto, em termos bíblicos, era o reino místico da Arca da Aliança — o baú dourado que Moisés trouxe do Sinai e que mais tarde foi abrigado no Templo de Jerusalém.
Para nossa investigação pormenorizada do fenômeno do pó branco, a Arca da Aliança tem o melhor catalisador para relatar a história, uma vez que sua própria trajetória está intrinsecamente relacionada a ele. Segredos Perdidos da Arca Sagrada não se limita, porém, à demanda da Arca, embora tente determinar seu provável paradeiro. Mais precisamente, trata das funções e operações da Arca desde o período mosaico, passando pelos Templários, até a redescoberta de sua

ciência sagrada em anos recentes, com comentários das principais academias científicas do mundo.
Laurence Gardner



1

CASA DO OURO

A Montanha Sagrada

Nossa história inicia-se no início do século passado, em março de 1904, com o rei Eduardo VII na Grã-Bretanha e Theodore Roosevelt instalado como presidente dos Estados Unidos da América. A Grande Guerra (1914-1918) era uma perspectiva futura ainda desconhecida; era uma época entusiástica de aventura e exploração. O capitão Robert Scott e a população de seu Discoverry estavam de volta à Inglaterra, vindos da Antártida, enquanto o arqueólogo britânico, Sir W. M. Flinders Petrie, e sua equipe trabalhavam em um platô rochoso e ventoso no deserto do Sinai.

A expedição de Petrie fora financiada pelo recentemente estabelecido Egypt Exploration Fund (atualmente a Egypt Exploration Society). Sua proposta era inspecionar a antiga região mineira de cobre e turquesa da península do Sinai, entre os golfos de Suez e de Aqaba, acima do Mar Vermelho, a leste do Egito. Era a terra da montanha bíblica de Moisés, a que o livro do Êxodo do Antigo Testamento (edição do rei Thiago) se refere como o Monte Horebe. O lugar estava mais corretamente representado como Monte Choreb na antiga Bíblia Septuaginta do século III a. C. Longe de serem aplicações nominais diretas, as palavras Choreb e Horeb tinham grande significância nos dias de Moisés, como descobriremos logo.

* Em sua forma original, o Antigo Testamento foi escrito em um estilo hebreu que consistia apenas em consoantes. Paralelamente, surgiu uma tradução grega por volta de 270 a.C. devido ao crescente número de judeus helenistas falantes do grego. Ela se tornou conhecida como Septuaginta (do latim septuaginta - setenta) porque a tradução foi feita por 72 estudiosos. Alguns séculos depois, São Jerônimo elaborou uma versão latina da Bíblia, conhecida como Vulgata (por causa de seu uso vulgar ou comum), por volta do ano 385, para uso da Igreja Cristã (incluindo o Novo Testamento). Um Antigo Testamento hebraico revisado (no qual a Bíblia de hoje se baseia) foi introduzido por estudiosos masoréticos por volta de 900 d.C. Porém, foi a mais antiga e mais confiável Septuaginta utilizada para traduzir a versão autorizada de rei Thiago em língua inglesa, lançada em 1611.

Antes da incumbência de Petrie, a dificuldade que havia para se determinar a posição exata do Monte Horebe era a extensão da cordilheira do Sinai e a pouca familiaridade dos habitantes locais (mesmo quando se preocupavam com história antiga) com a região elevada. No século IV d.C. uma ordem de monges cristãos fundara a missão do Monastério de Santa Catarina em uma montanha voltada para o sul do Sinai e nomeara o lugar Gebel Musa (Monte de Moisés). Era, evidentemente, uma conclusão pouco acurada, uma vez que não

correspondia às referências geográficas bíblicas. O Livro do Êxodo explica a rota tomada por Moisés e os Israelitas por volta de 1330 a.C, quando partiram da região de Goshen, no Delta Egípcio, tendo atravessado o Mar Vermelho em direção à terra de Midiã (norte da atual Jordânia). Seguindo essa linha pelas regiões deserticas de Shur e Paran, a montanha sagrada de Moisés é encontrada erguendo-se a mais de 790 metros em um alto planalto de arenito acima da Planície de Paran. Hoje ela é conhecida como Serâbit el Khâdim (a Proeminência do Khâdim); a expedição de Petrie escalou essa rugosa elevação. Não tinham expectativas particulares quanto ao lugar, mas era parte da inspeção, e eles subiram ao cume onde, para seu espanto, fizeram uma descoberta monumental.

Construído sobre uma extensão de 230 pés (cerca de 70 metros), estendendo-se a partir de uma caverna escavada pelo homem, encontraram as ruínas de um antigo Templo, com inscrições que o remetiam ao faraó da 4ª. Dinastia Sneferu, que reinara por volta de 2600 a.C. Subseqüentemente, Petrie escreveu: "Estava completamente enterrado e ninguém tomara conhecimento dele até que limpássemos o sítio". Talvez não tivessem ficado surpreendidos se encontrassem um altar semítico de pedra, mas tratava-se de um enorme Templo egípcio que, obviamente, tinha alguma importância.

Na primeira vez em que discuti essa expedição, há alguns anos, não fazia idéia do interesse que ela provocaria em novos aventureiros. Desde aquela época, muitos leitores me escreveram após a cansativa subida, contando suas visitas, ilustradas com maravilhosas fotografias de suas aventuras. A esse respeito, conquanto ninguém haja mencionado o fato em sua correspondência, talvez eu devesse ter esclarecido que, embora os vestígios do Templo ainda estejam acessíveis e impressionem por sua localização incomum, muitos dos artefatos específicos, retratados nas fotografias e escritos de Petrie, não estão mais ali.

Era uma prática padrão, mas infeliz, de os arqueólogos saquearem sítios arqueológicos na terra alheia, trazendo seus troféus para museus no Ocidente. Esses incluíam não apenas itens portáteis, mas

grandes estátuas, obeliscos e mesmo paredes inteiras de lugares como Egito, Assíria e Babilônia. Os museus e galerias da Grã-Bretanha, da Europa e da América estão cheios de tais itens. Deve parecer lógico que, ao descrever algumas das mais importantes descobertas de Petrie no monte Serâbit, eu devesse ter dado detalhes de onde aquilo poderia ser visto atualmente. O fato, porém, é que o butim de Serâbit não foi fácil de localizar porque, embora alguns itens tenham ido parar em galerias públicas, muitos foram estrategicamente ocultados do escrutínio aberto. Entretanto, tenho prazer em dizer que consegui certo sucesso; uma lista de alguns museus em que os artigos de Serâbit foram colocados pode ser vista em Notas e Referências. Embora grande número de itens quebrados registrados por Petrie não tenha sido removido por encarregados de museus após a expedição de 1904, foram furtados por outros, logo que se revelaram os detalhes da expedição. Conseqüentemente, não foram encontrados por uma expedição posterior da Universidade de Harvard em 1935.

A razão para muitos dos primeiros artefatos estarem guardados em segredo é que a descoberta de Petrie foi vista com grande desagrado na época; considerou-se que ela contradizia a narrativa do Êxodo dos acontecimentos na montanha sagrada. Foi ali que se disse que Moisés viu a sarça ardente, onde falou com Jeová, queimou o bezerro de ouro e recebeu as Tábuas da Escritura. Na prática, o relatório Petrie não desfigurava o relato bíblico de forma nenhuma; desafiava apenas a interpretação da Igreja da história e a maneira como ela vinha sendo ensinada. Essencialmente, sua descoberta era contra os regulamentos do Egypt Exploration Fund. O estatuto de 1891 do Fund, Memorandum and Articles of Association, afirma que seus objetivos incluíam a "promoção de inspeções e escavações com o propósito de elucidar ou ilustrar a narrativa do Antigo Testamento". Claro, isso significava o Antigo Testamento da forma como era tradicionalmente interpretado, não necessariamente como estava escrito.

Em seguida à morte da rainha Vitória, em 1901, e com o imperialismo britânico em um pico de glória, os valores vitorianos ainda eram

parâmetro quando Petrie fez sua descoberta em 1904. Esses valores, impostos na sociedade, poderiam hoje ser vistos como intimidações institucionais e não como conceitos válidos; foi preciso o rigor brutal da Primeira Guerra Mundial (dez anos depois) para que houvesse alguma nivelação de atitudes. Mas Petrie, apesar de ser o mais notável arqueólogo da época, sentiu o peso da desaprovação autoritária. Decidiu publicar suas descobertas logo que voltou, mas viu seu patrocínio do Egypt Exploration Fund ser cortado. Escreveu em seu relatório: "Todavia, tenho necessitado confiar no futuro... no Egyptian Research Account e na British School of Archaeology in Egypt".

Os diários de Petrie foram por ele compilados em um livro bastante substancial intitulado Researches in Sinai. Foi publicado por John Murray, Londres, em 1906, mas não durou muito tempo; hoje em dia é muito difícil encontrar cópias. Muito mais tarde, em 1955, a recém-formada e mais bem inspirada Egypt Exploration Sociey (em associação com a Oxford University Press) publicou sua própria edição referente aos relevos e inscrições do Sinai. Esse trabalho em dois volumes tratava, em um primeiro momento, das descobertas de Petrie, mas a segunda parte se concentrava nos manuscritos relacionados dos eminentes egiptólogos Alan H. Gardiner e T. Eric Peet. Eles aperfeiçoaram o trabalho de Petrie para a Society, transcrevendo, relatando e debatendo os hieróglifos e entalhes. Mas onde estavam os artefatos originais de Serâbít el Khâdim? Onde estavam todos os itens que Petrie e os outros haviam descrito?

Transpira que, desde 1906, grande parte deles foi mantida atrás de portas trancadas, tendo pouquíssimos itens sido apresentados ao público. Segundo o que se pôde determinar, cerca de 463 artigos foram oficialmente removidos do Templo da montanha - tudo, desde grandes obeliscos e estelas a pequenas varas e tigelas. Felizmente, uma nova geração inteira de indivíduos é responsável pelos artefatos e, ao serem lembrados de sua existência (pois as barreiras do estilo vitoriano não são mais válidas), os curadores começam a mostrar algum entusiasmo a respeito.

Atualmente, tenho acesso ao banco de dados de um museu que contém cerca de 114 itens especificados do Monte Serâbít. Embora individualmente registradas, numeradas e descritas, as relíquias foram mantidas no depósito por décadas. Catalogadas como vindas do "Sítio: Egito, Sinai, Serâbít el Khâdim", incluíam mesas de oferendas, estátuas, esteias e um altar, com vasos, amuletos, placas, varetas e ferramentas. Os diversos cartuchos e inscrições faraônicos denotam um quadro temporal que se estende desde a 4ª. Dinastia, através do Reino Médio (com ênfase particular na 12ª. Dinastia), o Novo Reino (especialmente a 18ª. Dinastia - época de Moisés) até a era Ramsida, culminando com a 20ª. Dinastia. Isso representa um uso operativo do Templo por cerca de 1500 anos.
Dedicado à deusa Hathor durante sua vida operativa, o Templo de Serâbit parece ter cessado toda sua atividade durante o século XII a.C., quando o Egito caiu em declínio financeiro e sob a influência estrangeira, o que acabou levando ao governo grego dos ptolomeus. Era, porém, inteiramente operacional antes das pirâmides de Gizé terem sido construídas, continuou em serviço durante as eras de Tutankhamon* e Ramsés, o Grande — durante os magníficos períodos dos Comedores de Lótus e dos Deuses-Reis. Mas por que haveria um Templo egípcio de tanta importância centenas de milhas dos centros faraônicos, além dos golfos do Mar Vermelho, no cimo de uma montanha desolada?

Campo dos Abençoados

Com o risco de parecer repetitivo para aqueles que leram Gênesis of the Grail Kings, vale reiterar alguns dos aspectos principais da descoberta de Petrie, adicionando alguns detalhes extras do debate que mais tarde ocorreu no Ocidente.
A parte do Templo acima do solo foi construída em arenito retirado da montanha. Sua estrutura compunha-se de uma série de salas, santuários pátios, cubículos e câmaras adjacentes, com um muro em volta. Dentre essas, as principais características desenterradas eram a

Sala de Hathor, o Santuário, o Relicário dos Reis e o Pátio do Pórtico. Em volta, havia pilares e estelas que simbolizavam os reis egípcios através das eras, enquanto alguns reis, como Tutmoses III, foram retratados muitas vezes em pedra altas e relevos nas paredes. Após limpar o sítio, Petrie escreveu: "Não há monumento conhecido que mais nos faça lamentar que não esteja em melhor estado de conservação".
A Caverna de Hathor foi cortada em pedra natural, com paredes internas retas, cuidadosamente aplainadas. No centro havia um grande pilar de Amanemhet III (1841-1797 a.C.). Também estava retratado seu camareiro-chefe, Khenemsu, e seu porta-selos, Amenysenb. No fundo da caverna, Petrie encontrou uma esteia de calcário do faraó Ramsés I — uma laje em que Ramsés (tradicionalmente tido pelos egiptólogos como oponente do culto monoteístico a Aten do faraó Akenaton) descrevera a si mesmo, surpreendentemente, como o "governante de tudo o que contém Aten". Também se encontrou um busto de Amarna representando a mãe de Akenaton, a rainha Tiye, com seu cartucho na coroa.

Os Comedores de Lótus (ou Lotophagi, pronuncia-se "Itofji") eram um povo fabuloso que ocupou a costa norte da África e aparentemente vivia de flores de lótus. Essas flores supostamente causavam o esquecimento e a indolência feliz. Na Odisséia, de Homero quando Odisseu desembarcou entre eles, alguns de seus homens comeram desse alimento. Eles esqueceram seus amigos e seu lar e tiveram de ser arrastados de volta aos navios The Lotus Eaters, de Alfred, Lord Tennyson, tornou-se um clássico da poesia inglesa.

Nos pátios e salas do Templo exterior, havia diversos tanques retangulares e bacias circulares escavados em pedra, com grande número de bancos de altar curiosamente configurados, com a parte da frente rebaixada e superfícies em nível. Havia também mesas redondas, bandejas e pires, com vasos e taças de alabastro, muitos dos quais com a forma do lótus. Além disso, os recintos abrigavam

boa coleção de placas esmaltadas, cartuchos, escaravelhos e ornamentos sagrados com desenhos de espirais, losangos e cestaria. Havia varetas de um material duro, não identificado e, no pórtico, duas pedras cênicas de cerca de 6 polegadas (15 cm) e 9 polegadas (22,5 cm) de altura respectivamente. Os exploradores ficaram bastante perplexos com isso, mas se espantaram ainda mais com a descoberta de um cadinho de metalúrgico e uma quantidade considerável de pó branco puro escondido entre lajes cuidadosamente assentadas.

Após o acontecimento, os egiptólogos começaram a discutir por que um cadinho teria sido necessário em um Templo, debatendo ao mesmo tempo uma misteriosa substância chamada mfkzt (pode-se pronunciar "Mufkuzt"), que aparecia em dúzias de menções na parede de Serâbit e em inscrições de estelas. Alguns diziam que mfkzt poderia ser cobre, enquanto outros preferiam a idéia da turquesa, já que ambos eram extraídos na região baixa além da montanha. Outros ainda supunham que talvez fosse malaquita, mas eram todos palpites sem base, pois não havia traços de nenhum desses materiais no sítio. Se a mineração da turquesa foi uma função primária dos mestres do Templo durante tantos períodos dinásticos, seria de se esperar encontrar turquesas no sítio e, em abundância, dentro dos túmulos egípcios — mas não era assim.

Durante o debate, determinou-se que pesquisas acerca do mfkzt haviam sido feitas anteriormente pelo filólogo alemão Karl Richard Lepsius, que descobrira a palavra "mfkzt" no Egito, em 1845. Na verdade, a questão fora feita ainda antes pelo cientista francês Jean François Champollion que, em 1822, encontrou a chave para decifrar a Pedra de Rosetta e foi pioneiro na arte de compreender os hieróglifos egípcios. Algum tempo antes da expedição de Petrie, havia-se chegado à conclusão de que mfkzt não era bem turquesa, nem cobre, nem malaquita. Porém, determinou-se que a palavra significa alguma forma de "pedra" extremamente valiosa e considerada instável de algum modo. Diversas listas de substâncias consideradas preciosas pelos egípcios incluíam o mfkzt; mas, pelas virtudes das outras gemas, minerais e metais nessas mesmas listas,

sabiam que não era nenhum deles. Após mais de cem anos de pesquisa e investigação, ao estudar as listas em 1955, o melhor que os egiptólogos puderam determinar era que "o mfkzt era um produto mineral valioso".

A Pedra de Rosetta (atualmente no Museu Britânico) foi encontrada próximo a Alexandria, em 1799, pelo tenente Bouchard, quando da expedição napoleônica ao Egito. A pedra basáltica negra de aproximadamente 196 a.C. traz o mesmo contexto textual em três diferentes escritas: hieróglifos egípcios, egípcio demótico (escrita cursiva cotidiana) e grego.
Pela análise comparativa dessas escritas (sendo a linguagem grega prontamente familiar), o código hieroglífico foi revelado; pôde então servir de referência nos cartuchos faraônicos dos reis egípcios.

Não obstante, o primeiro registro histórico de mfkzt fora do Sinai é provavelmente o mais revelador de todos. Aparece de maneira muito diferente e muito mais descritiva nos Textos da Pirâmide, escritos sagrados que adornam a pirâmide da 5ª. Dinastia, túmulo do rei Unas, em Saqqara, esquematizando sua ressurreição após a morte. Ali se descreve a localidade em que se diz que o rei morto vive eternamente com os deuses; é chamada Campo de Mfkzt. Outro lugar etéreo nomeado nos Textos da Pirâmide é o Campo de Iaru — A Dimensão dos Abençoados — e parece haver um ponto em comum entre ambos. A partir disso, determinou-se que o mfkzt não era apenas uma substância terrena valiosa, por vezes classificada como "pedra"; era também a chave para um campo indefinível, um estado dimensional alternativo do ser. A palavra "campo" é também usada para descrever regiões em que forças operativas, como a gravidade e o magnetismo, são ativos. Voltarei a tratar disso no devido tempo.

O Grande

Durante as investigações, outras causas de espanto para os cientistas eram as numerosas referências escritas a "pão" encontradas em Serâbit e o hieróglifo tradicional para "Luz" (um ponto dentro de um círculo) representado no Relicário dos Reis. Claro, havia então o misterioso pó branco a considerar — muitas toneladas dele, segundo o que conta Petrie.

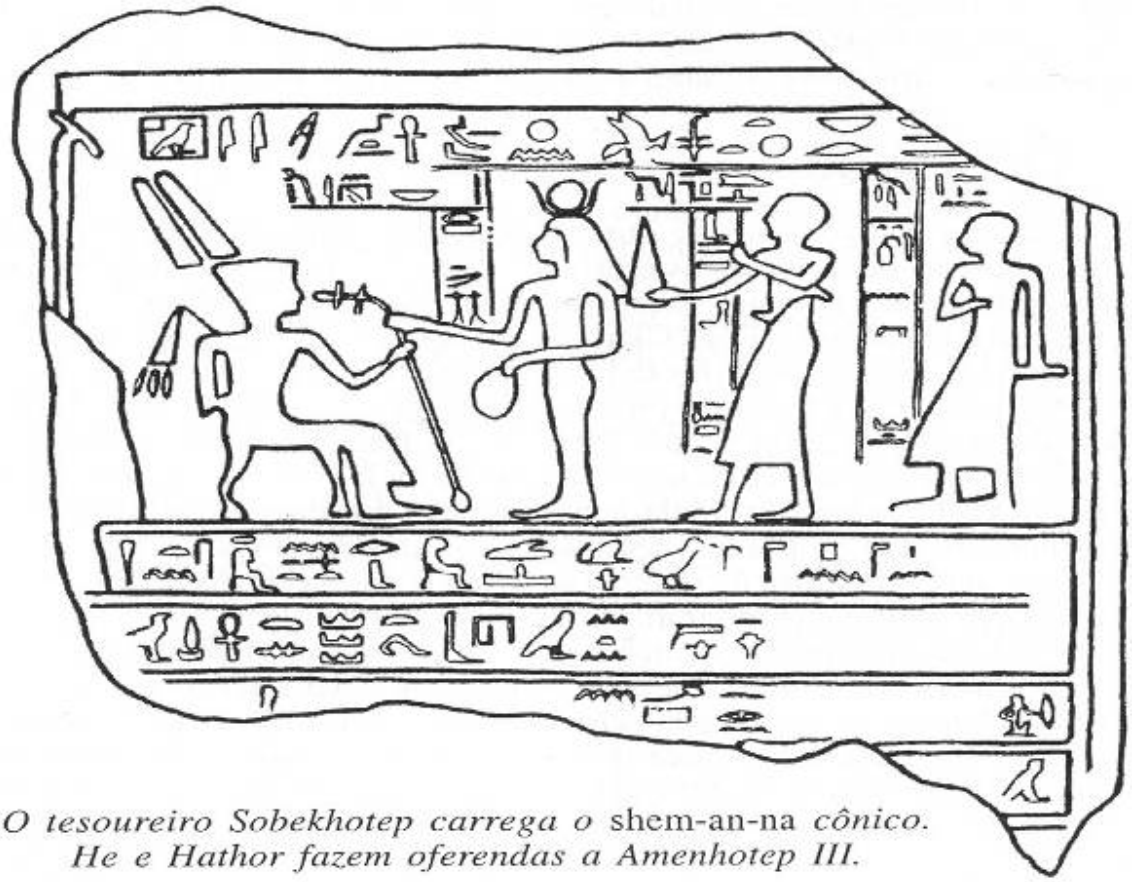
Ao discutir a respeito do pó, sugeriu-se que talvez fosse resto de fusão de cobre; porém, como Petrie fez notar, a fusão não produz pó branco, mas deixa uma densa escória negra. Além disso, não havia suprimento de minério de cobre a uma distância de quilômetros do Templo. Em todo caso, determinou-se que a fusão era realizada em vales distantes. Outros supuseram que o pó era cinza da queima de plantas para a produção de álcali, mas também não se encontraram resíduos de plantas.

Por falta de outra explicação, considerou-se que o pó branco e as pedras cônicas eram provavelmente associados com uma forma de rito sacrificial, mas era um Templo egípcio e o sacrifício animal não era prática egípcia até a era ptolomaica tardia. Além disso, não havia restos de ossos ou qualquer outra matéria estranha dentro do pó que ficava nos armazéns recentemente expostos; ele era perfeitamente branco e nada adulterado. Petrie afirmou em seu relatório: "Embora tenha cuidadosamente procurado essas cinzas em dezenas de amostras, separando-as cuidadosamente, não pude encontrar nenhum fragmento de osso ou de qualquer outra coisa".

Já que tanto o pó branco quanto o mfkzt eram indefiníveis e ainda pareciam ambos de grande importância, talvez eles fossem a mesma coisa. Mas como um pó poderia ser descrito como uma "pedra", e como ele poderia ser uma chave para desvendar um campo de dimensão sobrenatural? Além disso, o que poderia ter a ver com pão e luz?

Nesse estágio da pesquisa, outra valiosa substância associada com o Serâbit entrou na equação: o ouro. Em um dos tabletes de pedra

próximos à entrada da caverna de Hathor, encontrou-se uma representação de Tutmoses IV na presença de Hathor. Diante dele, havia dois suportes de oferendas com flores de lótus encimando-os e, atrás, um homem trazendo um objeto cônico, descrito como "pão branco". Outra estela detalha, o pedreiro Ankhib oferecendo dois pães cônicos ao rei; há representações similares em todo o complexo do Templo. Uma das mais significativas representações é um retrato de Hathor e Amenhotep III. A deusa, completa com seus chifres de vaca e o disco solar, segura um colar em uma mão, enquanto oferece o emblema da vida e do domínio ao faraó com a outra. Atrás dela está o tesoureiro Sobekhotep, que segura um filão cônico de "pão branco". É importante saber que o tesoureiro Sobekhotep é descrito em muitas inscrições do Templo como o homem que "trouxe a nobre Pedra Preciosa a sua majestade". Além disso, diziam que era "o Grande conhecido real" e o "Grande dos segredos da Casa do Ouro".



O tesoureiro Sobekhotep carrega o shem-an-na *cônico. He e Hathor fazem oferendas a Amenhotep III.*

Embora difícil de compreender, o tesoureiro real da 18ª. dinastia era retratado apresentando objetos cônicos descritos como "pão branco", sendo também o prestigioso guardião da Casa do Ouro. Mas, de acordo com os registros, Petrie não encontrou ouro no Templo de Serâbit no Monte Horebe. Na verdade, a Egypt Exploration Society especificou em seu relatório que não havia indícios de mineração de ouro no Sinai, mas isso não prova que o ouro nunca houvesse sido levado para lá. Também é provável que o ouro que pudesse ter sido deixado no Templo em épocas distantes houvesse sido furtado por invasores beduínos, séculos antes da chegada de Petrie, assim como muitos dos túmulos do Egito foram vandalizados e furtados antes dos dias da arqueologia.
Muito interessante nesse início é que os antigos egípcios não chamavam o Sinai por seu nome; chamavam a península de "Bia" e, nesse contexto, as peças do quebra-cabeça começam a juntar-se. Lembrando que o Templo era dedicado à deusa Hathor e que o tesoureiro da casa do ouro era chamado "o Grande", podemos considerar a estela do tesoureiro delegado Si-Hathor, do Reino Médio (atualmente pertencente ao Museu Britânico). A inscrição nessa pedra relata, nas palavras de Si-Hathor: "Visitei Bia quando era criança; incitei os grandes a lavar ouro". (Há um ponto de interrogação após a palavra "lavar", indicando que os tradutores não estavam completamente certos do hieróglifo ou daquilo que os grandes fizeram com o ouro.)

O Objetivo Principal

Não obstante o fato de que o ouro não é um produto tradicional do Sinai, há importantes referências ao Sinai e a ouro no Antigo Testamento — acontecimentos que se relacionam especificamente ao monte Horebe (a Proeminência do Khâdim). Além disso, um dos relatos bíblicos associa realmente o ouro com um pó misterioso, mencionando também água; não para lavar o ouro, mas para sua imersão.

No livro do Êxodo, Moisés e os israelitas estão no monte Horebe, tendo viajado desde o Egito através do Mar Vermelho. Moisés escala a rocha para falar com El Shaddai, o Senhor da Montanha (mais tarde chamado Jeová), que ensina que, a partir de então, ele será seu Deus e que eles não mais devem usar seu ouro para fazer ídolos e imagens deiformes. Nesse meio tempo, no sopé da montanha, os israelitas ficavam impacientes e, acreditando que Moisés tinha se perdido — pois saíra havia muito — eles (aparentemente, milhares deles) removeram seus brincos de ouro e os deram a Aarão, o irmão de Moisés. Sem alvoroço, ele derreteu os anéis e fabricou um bezerro de ouro para ser seu ídolo de veneração na viagem, dali em diante. Logo depois, Moisés desceu da montanha e, enraivecido ante a dança em torno do ídolo, realizou uma transformação das mais extraordinárias. Segundo Êxodo 32:20: "e pegando no bezerro que tinham feito, queimou-o no fogo e o reduziu a pó, que espalhou sobre a água e deu de beber aos filhos de Israel".

Na prática, parece mais um ritual que uma punição, mesmo que tenha sido difundida como a história de um castigo. Aarão derretera previamente o ouro no fogo para moldar a imagem, mas o que Moisés fez foi claramente diferente, porque a combustão do ouro produz ouro derretido, não pó. A Septuaginta é ainda mais explícita ao afirmar que Moisés "consumiu o ouro com fogo", implicando um processo mais fragmentário que esquentar e derreter. O Oxford English Dictionary define "consumir" como "reduzir a nada ou a pequenas partículas". Mas que processo é esse que, pelo uso do fogo, pode reduzir ouro a um pó? E por que Moisés "o espalhou sobre a água" e a deu para que seus seguidores bebessem? Aqui, novamente, a Septuaginta difere levemente, mas talvez de forma significativa, ao dizer que Moisés "semeou" o pó na água. De qualquer maneira, lembra a dúvida na tradução de Si-Hathor, marcada após "lavar" para o hieróglifo ambíguo.

Como processos misteriosos que envolvem ouro possuem um anel alquímico sobre eles, vamos dar uma olhada nos escritos do alquimista do século XVII, Irineu Filaleto. Esse renomado filósofo

britânico, venerado por Isaac Newton, Robert Boyle, Elias Ashmole e outros de sua época, concluiu um trabalho em 1667, intitulado Segredos Revelados. Nesse tratado, ele discutia a natureza da Pedra Filosofal, da qual comumente se pensava que transmutava metal comum em ouro. Com bons argumentos,
Filaleto aponta que a própria Pedra era feita de ouro e que a arte alquímica residia em aperfeiçoar esse processo. Ele afirmou: "Nossa Pedra nada mais é que ouro digerido no mais alto grau de pureza e sutil estabilidade... Nosso ouro, não mais vulgar, é o objetivo último da Natureza".
Em outro tratado intitulado Um Breve Guia para o Rubi Celestial, Filaleto declara: "É chamado Pedra em razão de sua natureza fixa; resiste à ação do fogo tão bem quanto qualquer pedra. Em espécie é ouro, mais puro do que o mais puro; é fixo e incombustível como uma pedra, mas sua aparência é de um pó bem fino".
Em seus escritos, Filaleto descreveu o ouro como "digerido", palavra associada intimamente com "consumido" (como na história de Moisés), significando, ambos, quebrar algo em partículas, ou em algo convenientemente reduzido para assimilação mental, física ou química. Como se afirmou, os registros egípcios identificam o mfkzt como uma pedra. Como a Pedra Filosofal da alquimia, Moisés consumiu o Bezerro de Ouro com fogo e o transformou em um pó. O Templo de Horebe em Serâbít el Khâdim fora estabelecido pela Grande Casa dos Reis: as dinastias da Casa Real do Ouro; mas não se encontrou ali ouro nenhum em seu estado metálico, apenas um estoque conservado de um enigmático pó branco.
Em relação aos Textos da Pirâmide e suas referências ao Campo de Mfkzt como uma dimensão para a Vida após a Morte dos Reis, é pertinente notar que os pães brancos eram também associados aos deus-chacal Anúbis, no Egito. Ele supostamente comandava os ritos funerários e levava o morto à vida após a morte. Era chamado Guardião do Segredo; um relevo da 19ª. dinastia em Abydos retrata Anúbis sentado sobre uma arca, enquanto o faraó lhe apresenta um filão cônico da preciosa pedra.

O faraó apresenta a Anúbis um filão cônico da pedra preciosa. De um relevo do século XIX, no Templo de Abydos.

Exemplos de artefatos de Serâbít de especial importância a respeito da preciosa Pedra (o mfkzt) são duas estelas de extremidade arredondada dos reinados de Tutmoses III e Amenhotep III da 18a dinastia. A primeira, que retrata Tutmoses apresentando um filão cônico ao deus Amon-Rá, traz inscrito: "A apresentação de um pão branco que pode dar a vida". A segunda mostra Amenhotep oferecendo um filão cônico ao deus Sopdu e afirma: "Ele dá o ouro da recompensa; as bocas regozijaram-se". A partir disso, esclarece-se que o pão de pó branco era percebido como um doador de vida e que era realmente feito de ouro.

2
A PEDRA DO PARAÍSO

Doadora de Vida

Desde os primeiros dias da história dinástica egípcia, o Sinai não era um país separado, mas parte integral do Egito. Embora não tivesse guarnição militar ou governador residente, estava diretamente sob controle faraônico. Durante a 18ª. dinastia, época de Moisés (a dinastia de Akenaton e Tutankhamon), o Sinai peninsular estava sob a supervisão de dois oficiais: o Chanceler Real e o Mensageiro Real em terras estrangeiras. Na época dos antepassados imediatos de Akhenaton, Tutmoses IV e Amenhotep III, o Mensageiro Real era um oficial chamado Neby. Era também o prefeito e comandante de tropas de Zaru na região de Goshen, no Delta (ou Gesem, como citado na Septuaginta), onde os israelitas (descendentes de Jacó-Is-rael, em oposição aos hebreus de Canaã) haviam vivido por muitas gerações desde o tempo de Abraão. A posição de Chanceler Real era tradicionalmente mantida na família hicsa de Pa-Nehas; Akhenaton nomeara um descendente chamado Panahesy (Finéias, no Êxodo) para o governo do Sinai. Por causa disso, Moisés sabia que o Sinai era um porto seguro quando ele e os israelitas fizeram seu Êxodo do Delta egípcio, porto onde havia um Templo egípcio operativo, no monte Horebe.

O que Sir W. M. Flinders Petrie realmente encontrou em 1904 era a oficina alquímica de Akenaton e das gerações de faraós que o antecederam. Ali, a fornalha deve ter rugido e fumegado na produção do mfkzt sagrado: o enigmático pó branco de ouro. Por meio da ingestão (como pães cênicos ou por imersão na água), ele era descrito como "doador de vida" para os reis da Casa do Ouro, permitindo também a entrada no campo superdimensional da vida após a morte. Sob essas circunstâncias o aparecimento de um cadinho de metalurgia em Serâbit recai em um contexto natural.

Agora, as palavras do Êxodo começam a fazer sentido, quando as lemos novamente com um ponto de vista totalmente diferente: "E o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; e sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente" (Êxodo 19: 18).

Embora pareça anômalo que um Templo possa ter sido uma espécie de laboratório em vez de lugar de adoração divina, é óbvio que a anomalia não existe em termos históricos. Na verdade, é nosso entendimento da palavra "adoração" que tem sido erroneamente interpretado através das eras. A palavra semítica original, que acabou sendo traduzida como "adoração", era avôd, que significava simplesmente "trabalho". Os antigos não apenas veneravam seus deuses nos Templos como trabalhavam para eles. A esse respeito, a Oxford Word Library explica a base etimológica de "adoração" (do inglês arcaico weorc), como weorchipe — em essência "work-ship". Assim, Templos que foram oficinas de um modo ou de outro eram norma naqueles dias; seus dirigentes eram chamados "artesãos". A natureza de seu ofício (como no Ofício da moderna Maçonaria) era muito relacionada com o conhecimento esotérico especial chamado de kynning. Aqueles que guardavam os segredos eram chamados "hábeis" ou "habilidosos". No Novo Testamento, o pai de Jesus, José, era descrito como "artesão" (aramaico: naggar e grego: ho tekton), mas, por causa de uma má compreensão, no século XVII, dos antigos costumes, a palavra foi erroneamente traduzida como "carpinteiro".

Havia aparentemente duas razões para mfkzt ser reconhecido como "doador de vida". Primeiro porque, como substância ingerida, era significativo para a expectativa de vida dos reis. Em segundo lugar porque, após a morte, era a rota de sua preservação em um campo da vida após a morte. Claramente, não era infalível no primeiro caso, porque os reis morriam de morte natural, assim como em batalhas. Porém, o mfkzt certamente melhorou suas vidas de algum modo e muito provavelmente estendeu sua expectativa de vida para além do comum. A esse respeito, ele é similar à enigmática Fonte da Juventude dos romances populares da Idade Média.

Com esse conceito presente, a lógica da associação de Hathor com o Templo de Serâbit se torna clara, pois ela própria era vista como doadora de vida. Para os egípcios, Hathor representava a deusa babilônica Ishtar e tinha atributos de maternidade similares aos de Ísis, a Grande Mãe. Hathor era definida como Rainha do Oeste e Senhora do Mundo Subterrâneo, para onde se dizia que ela carregava aqueles que conheciam os feitiços certos. Ela era a venerada protetora das mulheres, a dama do sicômoro; a dama da turquesa, deusa do amor, dos túmulos e da canção. Era do leite de Hathor que os faraós supostamente ganhavam sua divindade, tornando-se eles próprios deuses. Diziam que eles se alimentavam do leite de Hathor, assim como os reis babilônicos se alimentavam do leite de Ishtar. Aparentemente, como o leite de mães naturais contém a enzima telomerase (a recentemente chamada "enzima da imortalidade"), o mfkzt (o leite simbólico de Hathor) devia, de alguma maneira, aumentar a produção dessa enzima. De fato, cientistas modernos descreveram a telomerase como a "fonte da juventude".

Como relatado na revista Science, junto com relatos de estudos da equipe e os do Centro Médico Sudoeste da Universidade do Texas, determinou-se que a telomerase possui raras propriedades anti-envelhecimento. Células corporais saudáveis são programadas para se dividir muitas vezes durante a vida, mas esse processo de divisão e replicação é finito, de forma que um estado de não-divisão acaba por ser atingido. O potencial de divisão é controlado por borlas no final dos cordões de DNA (como as pontas de plástico em cadarços de tênis); essas borlas são os telômeros. Quando cada célula se divide, um pedaço de telômero se perde. O processo de divisão cessa quando os telômeros se houverem reduzido a um comprimento ótimo e crítico. Não há replicação de novas células e tudo o que se segue é a deterioração — o envelhecimento.

Experimentos de laboratório com amostras de tecido provaram que a aplicação da enzima genética telomerase pode prevenir o encurtamento dos telômeros quando da divisão e da replicação das células. Dessa forma, as células podem continuar a se dividir muito

além de sua programação naturalmente restrita (assim como células cancerosas, que conseguem a imortalidade por serem ricas nessa substância). A telomerase não aparece normalmente em tecido corporal normal, mas, além de estar presente em tumores malignos, também é aparente em células reprodutivas masculinas maduras e femininas em desenvolvimento. Parece, portanto, que em algum lugar dentro de nossa estrutura de DNA (presumivelmente no que comumente se chama "junk DNA") está a habilidade genética de produzir essa enzima anti-envelhecimento, mas o potencial de alguma forma foi desviado. Como recentemente mencionado por Robert F. Newbold, do Departamento de Biologia e Bioquímica da Universidade Brunel, de Londres, "o isolamento (clonagem molecular) desse gene possibilitará a determinação de sua delicada integridade estrutural em uma ampla variedade de doenças humanas malignas; portanto, possibilita o estabelecimento de seu papel como alvo importante na desaceleração no desenvolvimento do câncer humano".
Cientistas já sugeriram que, se a telomerase pode dar a imortalidade aos tumores malignos, sua introdução em células humanas normais poderia bem ter o efeito de estender a expectativa de vida. Diversos pesquisadores genéticos concordaram que "a habilidade para estender a expectativa de vida (mantendo o estado diplóide, as características de crescimento e o padrão de expressão genética típico de células jovens normais) tem implicações importantes para a pesquisa biológica, para a indústria farmacêutica e para a medicina".
A partir disso tudo, pode-se afirmar com justeza que se o mfkzt serve para viver acima do esperado (como determinado pelos registros egípcios) ele deve ter: a) atributos anticancerosos e a habilidade de combater deformações celulares consertando cordões de DNA deformados; b) o potencial de estimular certas funções hormonais do sistema endócrino; e c) propriedades que podem, de alguma maneira, ativar um campo do ser físico além daquele de nossa dimensão familiar. Como veremos, o pó branco mfkzt tem precisamente essas qualidades.

O Pão de Cada Dia

Mais tarde olharemos o mfkzt em um ambiente moderno de laboratório, averiguando o que é, como é feito e como funciona. Nesse meio tempo, precisamos considerar sua representação bíblica para descobrir a significância particular do mfkzt para Moisés, os israelitas e os reis de Judá. Eles se sucederam (como uma ramificação das dinastias babilônicas e egípcias) como a continuação da Casa do Ouro.

Tendo embarcado na trilha de uma substância mágica — que: i) começa como ouro; ii) transmuta-se, com o fogo, em pó branco; iii) pode ser moldada em pães; e iv) é chamada de pedra —, percebemos que suas referências ao longo das eras são numerosas. Em termos bíblicos, aparece pela primeira vez cerca de 600 anos antes do tempo de Moisés, em Gênesis 14:18. Ali se conta que Melquidezeque, rei de Salem e sacerdote do maior Deus, presenteou Abraão com pão e vinho — a primeira menção bíblica de um ato ritual, que mais tarde se misturou à cerimônia da Comunhão.

Naquela época, Abraão acabara de completar sua campanha militar em Canaã, tendo conduzido sua armada com sucesso contra as tropas de alguns reis incômodos. O Deus a que se refere é nomeado mais especificamente, em antigos textos, como o senhor da montanha El Shaddai; o mesmo título ao qual novamente aludiu o Senhor que falou com Moisés no Monte Horebe, no Sinai. Foi apenas durante a narrativa dos acontecimentos feita pelos escribas que o título Javé foi introduzido, baseado na raiz hebréia YHVH: "Eu sou o que sou", semelhante a: "Meu nome é irrelevante". Mais importante, porém, foi a afirmação que esse Senhor fez a Moisés (Êxodo 6:3) de que era o Deus de Abraão. Textos primitivos dizem que o Deus de Abraão era El Shaddai (Gênesis 17:1), mas em Bíblias modernas traduziu-se erroneamente esse nome como Deus Todo-Poderoso. Usado em textos hebraicos e mantido na Vulgata latina, El Shaddai era um termo semítico, sinônimo do deus mesopotâmico Enlil, chamado Ilu Kurgal:

grande Senhor da Montanha (muito mais tarde, em 1518, Javé foi convertido no híbrido moderno, Jeová)39.
Melquidezeque era, portanto, sacerdote do Senhor da Montanha, e foi na realização desse ofício que ele apresentou o pão e o vinho a Abraão. Ao ver a estátua de Melquidezeque no Portão Norte dos Iniciados, na Catedral de Chartres (França), porém, nós o vemos apresentando uma pedra dentro de um cálice, de forma que o pão de pedra e o vinho estão retratados em harmonia. A catedral foi desenhada pelos Cavaleiros Templários e sua construção se iniciou em 1194 com uma corporação de pedreiros chamados Filhos de Salomão. Eles haviam adquirido um conhecimento de construção exclusivo, baseado nos antigos costumes, depois da volta dos Templários à Europa, em 1127, trazendo tesouros e documentos de suas escavações no sítio do Templo de Salomão em Jerusalém.
O nome Melquidezeque deriva de duas palavras hebréias: melek (rei) e tsedeq (honradez). Ele era, por conseguinte, o Rei da Honradez ou, como descrito no Gênesis, Rei da Paz (Salem — shalom, como em Jerusalém: Cidade da Paz). Fragmentos do Documento do Príncipe Melquidezeque encontrados entre os manuscritos do Mar Morto indicam que Melquidezeque e o arcanjo Miguel eram um só. Os manuscritos (descobertos em 1947 em Qumrân, Murabba'at, e Mird, no Deserto da Judéia, ao lado do Mar Morto, próximo a Jericó) são agora inestimáveis para nossa compreensão da cultura judaica pré-evangelhos. Nesses antigos pergaminhos, Melquidezeque (Miguel-zadoque) é chamado O Celeste e Príncipe da Luz, e foi ele, com sua primeira entrega de pão e vinho, que supostamente iniciou o sacramento eucarístico.
Durante a emergência das religiões judaico-cristãs, o pão manteve uma posição de especial proeminência, desde a história de Melquidezeque até o familiar Pai-Nosso, com sua linha "O Pão Nosso de cada dia dai-nos hoje". Dizem mesmo que o local de nascimento do rei Davi e de Jesus era Belém (Beth-le-hem — Casa do Pão). Um fato pertinente referente ao Pai-Nosso é que, embora esteja definido no Novo Testamento (Mateus 6:9-13 e Lucas 11:2-4, que são na verdade

diferentes versões), foi originalmente transposto de uma oração egípcia ao Deus-Estado que começa com: "Amém, Amém, que estás no céu". Tradicionalmente, a versão cristã põe o nome de Amém (Amon) no finalzinho desta oração, prática que também foi adotada para outras orações e hinos.

De volta a Moisés e à montanha, descobrimos o verdadeiro pão ao qual o Pai-Nosso e Beth-le-hem se referem. Ele aparece em Êxodo 25:30 e é chamado "pão da proposição". O tradutor inglês William Tyndale anotou que "era o pão da proposição porque estava na presença e na vista do Senhor". Melhor tradução teria sido "pão da presença" ou "filões da presença", como corretamente registrado na Septuaginta (1 Reis/1 Samuel 21:6).

No Antigo Testamento, Êxodo 15:29-31 relata que o pão da proposição foi feito no monte Horebe por Bezalel, filho de Uri Ben Hur. Ele supostamente era cheio de sabedoria, compreensão e conhecimento. Descobrimos também que Bezalel era um ourives habilidoso e artesão de todos os tipos de trabalhos "engenhosos" (Êxodo 35:31-33) que recebeu a tarefa de construir a Arca da Aliança e o Tabernáculo. Ao detalhar como Bezalel começou a manufaturar diversas coroas, anéis, tigelas e um candelabro, todos de puro ouro, o texto acrescenta o pão da proposição à lista de itens preciosos e, sem mais explicações, o processo é visto como completo (Êxodo 39:37). Essa seqüência é mais tarde recontada no livro dos Hebreus do Novo Testamento (9:1-2), que afirma que na aliança do Sinai havia, dentro dos santos limites do tabernáculo, um candelabro e uma mesa com o pão da proposição.

O livro Levítico (24: 5-7) retorna ao assunto de Bezalel e do pão da proposição, afirmando que os filões eram ungidos com olíbano. Mas, como astutamente apontou o psiquiatra judeu russo, Dr. Immanuel Velikovsky, em 1950, "o pão da proposição não era, obviamente, de farinha, mas de prata ou ouro". Ao fazer essa observação, ele prestava atenção particular aos tesouros egípcios do faraó Tutmoses III, como reproduzidos em um baixo-relevo no Templo de Carnac. Na seção de metais (descritos como "trabalho engenhoso") há grande

número de itens em forma de cone. A explicação diz que são feitos um cone de prata e 30 de ouro, trazendo a descrição: "pão branco".

Maná Sagrado

Ainda no monte Horebe com Moisés e os israelitas, descobrimos mais referências bíblicas a uma misteriosa substância branca. Êxodo 16:15 afirma que: "Vendo-a, os filhos de Israel disseram uns aos outros: Isto é maná, pois eles não sabiam o que era, e Moisés disse a eles: Este é o pão que o Senhor vos dá para vosso alimento". Posteriormente, o maná é descrito como sendo branco, semelhante à semente e com um gosto doce, como mel (Êxodo 16: 31).
De volta a Antigüidades Judaicas, compilado pelo historiador judeu Flávio Josefo, no século I d.C., Josefo explica que o maná foi identificado pela primeira vez quando estava caído no chão e "o povo não sabia de que se tratava, e pensou que havia nevado". Ele continua: "Era um alimento tão divino e maravilhoso... Os hebreus passaram a chamar àquele alimento maná; pois a partícula man, em nossa linguagem, é uma pergunta: “Que é isto”?. Alguns dos mais importantes registros bíblicos e não-bíblicos foram preservados nos escritos de Flávio Josefo, cujas Antigüidades Judaicas e As Guerras Judaicas foram escritas a partir de um ponto de vista pessoal. Ele era o comandante militar da defesa da Galiléia durante a revolta judaica contra as forças de ocupação da Roma Imperial nos anos 60 d.C.
A substância branca de sabor doce que apareceu ao redor da montanha na manhã e à qual Moisés se referiu como "pão" foi, portanto, chamada maná (O que é isto?) por causa de sua origem desconhecida. A mesma questão aparece em O Livro dos Mortos do Antigo Egito — o mais antigo livro completo do mundo. Também conhecido como Papiro de Any (um escriba real), este rolo da 18ª. Dinastia de Tebas (adquirido pelo Museu Britânico em 1888) é ricamente ilustrado e tem em torno de 76 pés (mais de 23 metros) de comprimento. Nesse antigo trabalho ritualístico, o "pão da presença" é chamado "alimento schefa" e o faraó, que busca a iluminação terminal

da Vida após a Morte, pergunta, em cada estágio de sua jornada, repetidamente: "O que é isto?"

Antes de a ciência moderna descobrir o fenômeno do pó branco de ouro em 1979, sugeriu-se que o maná que caía ao solo como neve e que era comido pelos israelitas do Sinai seria uma secreção resinosa da tamargueira. Grãos cristalinos da resina da tamargueira foram observados em 1483 por Breitenbach, Deão de Mainz, que confirmou que eles caíam como gotículas ao romper do dia. O botânico alemão G. Ehrenburg explicou, em 1823, que os tamargueiros exudavam os cristais brancos quando atacados por um tipo particular de pulgão nativo do Sinai. Se esse houvesse sido o caso, porém, os israelitas teriam sabido precisamente de que se tratava e não teriam feito a pergunta: maná?

Outros Livros dos Mortos (embora fragmentários e incompletos) remontam ao terceiro milênio d.C.; fica claro nos relevos de Serâbit que os reis egípcios já ingeriam o maná branco ou ouro por volta de 2180 a.C. Porém, apenas os adeptos metalúrgicos das escolas de mistério (os artesãos habilidosos) conheciam o segredo dessa manufatura. Esses adeptos eram sacerdotes operacionais e o Grande Sacerdote de Mênfis trazia o título de Grande Artífice.
Na vida, como na morte, a iluminação final era uma constante fonte de busca. Em oposição ao corpo físico, as pessoas também tinham um "corpo leve", que tinha de ser similarmente alimentado para que se nutrisse e crescesse. Era chamado Ka e, embora fosse essencialmente uma característica de vida intangível, supostamente permanecia ativo na Vida após a Morte. O alimento do Ka era Luz — que gerava a iluminação ou, como os gregos a chamavam, gnosis —, o próprio símbolo hieroglífico encontrado no Relicário dos Reis em Serâbit el Khâdim. No ritual do Primeiro Grau da Maçonaria, pergunta-se ao Aprendiz vendado o que ele mais deseja e a resposta cerimonial a essa questão é "Luz". Na antiga Siro-Fenícia, esse reino de iluminação superior era chamado Plano de Shar-On (a Dimensão da

Órbita da Luz), um termo mais tarde corrompido e mal-aplicado à Planície Costeira de Sharon, que se estendia entre Haifa e Tel-Aviv-Yafo, em Israel.
Na sabedoria alquímica das antigas escolas egípcias de mistério, o processo de conseguir a consciência iluminada era de extrema importância. Para auxiliar no processo, os filósofos do Templo preparavam um miraculoso "pó de projeção" com o qual era possível transmutar a ignorância fundamental humana em um lingote de ouro espiritual. Esse "pó de projeção" era o mfkzt, o maná, o pó branco de ouro; ou, como se chamou no campo alquímico, a Pedra Filosofal.
Repetindo as palavras de Irineu Filaleto: "Nossa Pedra nada mais é que ouro digerido no mais alto grau de pureza e sutil estabilidade... Em espécie é ouro, mais puro que o mais puro; é fixo e incombustível como uma pedra, mas sua aparência é de um pó bem fino".
O Novo Testamento (I Coríntios 10:3) refere-se a maná como um alimento espiritual, estabelecendo-o também como o verdadeiro pão da Eucaristia (João 6:31-41). Conseqüentemente, o pão do sacramento, que vem com o vinho da comunhão, é o mesmo pão de missa servido pelo Santo Graal no romance do século XII, Le Conte del Graal — A História de Perceval, de Chrétien de Troyes. Esse conto surgiu em 1180, logo antes do início da construção da Catedral de Chartres, nascido diretamente em um ambiente templário. Os condes da Alsácia, Champanhe e Léon (com os quais Chrétien de Troyes era intimamente associado) tinham todos afiliação com a Ordem Cavalheiresca de Jerusalém. A estátua de Melquidezeque em Chartres, com seu pão-pedra em um cálice, era completamente representativa do serviço do Graal com o maná sagrado.
São Paulo explica, no Novo Testamento, que o próprio Jesus ascendeu ao sumo sacerdócio na Ordem de Melquidezeque (Hebreus 5:6, 6:20). Eis como ele ganhou o direito de oferecer os sacramentos do pão e do vinho na Última Ceia. Paulo explica que esse privilégio era tão grande que a lei teve de ser formalmente alterada para incluir Jesus (Hebreus 7:11-17), pois ele nascera na Casa Davídica de Judá, que tinha direito ao reinado, mas não ao sacerdócio.

No Apocalipse do Novo Testamento (2:17) está escrito: “Ao vencedor, darei de comer do maná escondido, bem como lhe darei uma pedra branca, e na pedra estará escrito um nome novo, que ninguém conhece, exceto aquele que o recebe". Aqui, portanto, havendo viajado quase do início da Bíblia até o finalzinho, o maná sagrado mantém sua importância, sendo também diretamente associado a uma pedra branca.

Uma representação muito similar aparece na tradição, muito posterior, do Santo Graal na Idade Média. No romance de Perceval do cavaleiro bávaro, Wolfram von Eschenbach, lê-se: "Em volta da extremidade da pedra, uma inscrição em letras conta o nome e a linhagem daqueles, sejam donzelas ou rapazes, que são chamados a realizar a jornada ao Graal. Ninguém deve ler a inscrição, eis que tão logo é lida, ela desaparece". Conta-se que a pedra em questão era a "perfeição do paraíso terrestre", com notáveis propriedades curativas e anti-envelhecimento. Era chamada Lápis Exilis, variante de Lápis Elixir, a Pedra Filosofal dos alquimistas. O texto continua: "Pelo poder daquela pedra, a Phoenix reduz-se a cinzas, mas as cinzas com presteza a devolvem à vida novamente. Assim deve a Phoenix mudar e trocar sua plumagem, após o que fica brilhante e reluzente como antes".

A chave para a alegoria de Perceval reside na antiga mitologia da Phoenix, comparada, no Egito, ao "pássaro benu", que era reduzido a cinzas no Templo de Heliópolis, mas de cujas cinzas vinha a grande iluminação. Heliópolis (originalmente chamada On por causa da luz do Deus-Sol) era o centro da Grande Irmandade Branca, os artesãos mestres de Tutmoses III (c. 1450 a.C). Havia 39 membros no Grande Conselho de Carnac; o nome da Irmandade derivava de sua preocupação com um misterioso pó branco.

Outra pedra semelhante aparece no Iter Alexandri ad Paradisium, uma antiga parábola da viagem de Alexandre, o Grande, ao Paraíso (o reino de Pairi Daize que, na antiga linguagem avéstica, era o reino de Ahura Mazda, o deus persa da Luz). Esse conto delineia a Pedra encantada do Paraíso, que dá juventude ao velho e da qual diziam

que excedia em peso uma igual quantidade de ouro, embora até mesmo uma pena pudesse inclinar a balança mais que ela!
Enquanto avançamos, veremos que a Pedra do Paraíso (mais pesada que ouro, porém mais leve que uma pena) não é um mito do passado distante. Ela tem atualmente uma posição fundamental no mundo da física moderna, tendo sua medida de peso instável sido explicada completamente como um fato científico. Da mesma maneira, também a Phoenix emerge em um ambiente de laboratório; o segredo de sua ressurreição de Luz representa um papel fundamental na tecnologia atual. A Phoenix, quando transformada em pó (cinzas), é na verdade a Pedra do Paraíso, a Pedra Filosofal, que é também o maná de Moisés e o mfkzt dos artesãos do Templo de Serâbit: os Grandes da Casa do Ouro.

3
LUZ E PERFEIÇÃO

Mistério das Jóias

Lado a lado com a Pedra do Paraíso alquímica em suas ocorrências no Novo e no Antigo Testamento, outras pedras têm similarmente a mesma importância no livro do Êxodo. As mais óbvias, que vêm logo à mente, são as tábuas que traziam o Testemunho e os Dez Mandamentos. Elas são freqüentemente imaginadas como um par de pesadas lajes, que os artistas normalmente representam pouco portáteis para Moisés, que teve de carregá-las montanha abaixo. O Êxodo, porém, não dá nenhuma indicação referente à forma e ao tamanho dessas pedras, enquanto na estrita tradição judaica da Cabala, diz-se que a Tábua do Testemunho era feita de uma safira divina chamada Schethiyâ, que Moisés carregava na palma da mão.
A tradição cabalística de luz e conhecimento vem do tempo de Abraão (cerca de seiscentos anos antes de Moisés), que recebera o "testamento de uma civilização perdida". Seu local de nascimento é

dado, em Gênesis, como sendo Ur, dos caldeus (uma antiga cidade da Mesopotâmia suméria), mas os cabalistas acrescentam que sua herança cultural vinha dos Aur Kasdeems, que significa Luz dos Magos. Dizem que a tábua de Abraão continha "tudo o que o homem já soubera" e "tudo o que o homem viria a saber". Para os antigos sumários, essa composição era conhecida como Tábua do Destino. Diziam que havia sido repassada pelos deuses Enlil e Enki (filhos do grande Anunnaki, deus do céu Anu); escritos pré-bíblicos a respeito do deus babilônico Marduk dizem que ela era usada presa a seu peito.

A doutrina cabalística conta que a Tábua do Destino era uma safira, mais tarde herdada por Moisés e repassada posteriormente à guarda do rei Salomão, de Judá. Daí se infere que, quando as representações de artistas posteriores são postas de lado, a Tábua do Testemunho do Êxodo aparece não como uma laje de pedra comum, mas como algo muito mais precioso. Apesar das traduções em inglês da Cabala, o termo originalmente usado nos antigos textos era sappir, enquanto a palavra geralmente relacionada a "safira" em escritos bíblicos era leshema.

O principal trabalho da Cabala é Sefer ha Zohar (O Livro da Radiância) — cerca de um milhão de palavras de filosofia bíblica aplicada, baseada nas antigas tradições judaicas e escrita, na maior parte, em uma forma de aramaico. Essa era uma linguagem dos arameus, que se estabeleceram na Mesopotâmia no século XIII a.C. e, mais tarde, espalharam-se pela Síria e pela Palestina. A partir de 500 a.C., o aramaico foi a língua oficial dos judeus por cerca de mil anos. O conteúdo do Zohar é atribuído ao rabi palestino do século II, Shimeon ben Yohai, tendo sido revisado em 1286 por Moses ben Shem Tov de Léon, em Castilha, Espanha. Em essência, é um comentário investigativo acerca da Torá — os cinco livros de Moisés (também chamado Pentateuco), que constituem a Lei Judaica. Junto com o Talmude, este permaneceu um trabalho venerado nos países asiáticos, africanos e europeus da Diáspora.

A pedra Schethiyâ do rei Salomão figura não apenas na tradição cabalística mas também nos princípios da Maçonaria do Real Arco. O

Talmude judaico (um comentário referente a textos filosóficos hebreus) conta que a Schethiyâ era chamada "pedra da fundação". Aparentemente, funcionava como um dispositivo de levitação no Santo dos Santos (o Sanctum Sanctorum) do Templo de Jerusalém, capacitando a Arca da Aliança a permanecer fora de contato com a terra — mantendo sempre três dedos de distância do solo. Por sua virtude de manter a Arca em uma atitude perfeitamente equilibrada, ela era também chamada "pedra da perfeição".

O Talmude é essencialmente um comentário acerca da Mishnah, compilado originalmente em hebreu e aramaico. Deriva de duas correntes independentes importantes na tradição judaica: a babilônica e a palestina. A Mishnah (Repetição) é uma codificação anterior da lei judaica baseada em antigas compilações e editada na Palestina pelo etnarca (governador) Judá I no início do século III. Consiste na lei tradicional (Halakah) sobre uma ampla gama de assuntos, derivados parcialmente do antigo costume e parcialmente da lei bíblica (Tannaim,) como interpretada pelos rabis (professores).

Outra pedra associada com Salomão era chamada Schamir, conhecida como "pedra do Relâmpago". O Talmude conta como o rei a usava para ajustar as pedras de seu Templo. Dizia-se que o Schamir cortava pedra, silenciosamente e com precisão, com seu próprio facho de luz. Supõe-se que Moisés, além do Schetiyâ, recebeu também o espantoso, o iluminado Schamir, que dizem ter estado no anel de Salomão.
Havendo estabelecido os atributos esotéricos da Pedra da Perfeição e da Pedra do Relâmpago, podemos agora voltar à Bíblia para encontrar menções a elas em diversas ocasiões. Seu primeiro aparecimento é realmente com Moisés no monte Horebe, no livro do Êxodo. A seqüência descreve a confecção de um peito de armas de ouro (o essen) para que o irmão de Moisés, Aarão, vestisse-o em sua função de primeiro sumo sacerdote a guardar a Arca da Aliança. Conta o Êxodo 28:30: "Também porás no peitoral do juízo o Urim e o Tumim: e

eles estarão sobre o coração de Aarão quando entrar perante o Senhor". As palavras U'rim e Thum'mim significam Luz e Perfeição. Portanto, o Schamir ("pedra do relâmpago") e o Schethiyâ ("pedra da perfeição") do Talmude são sinônimos do Urim e do Tumim do Êxodo.
Em nenhum momento do Antigo Testamento trata-se da natureza do Urim e do Tumim. Não se discute forma, tamanho, cor nem peso. São simplesmente aceitos como algo com que Moisés tinha familiaridade. O que temos aqui, entretanto, são duas pedras mágicas. Uma delas é uma jóia radiante, que emite uma carga de relâmpago que pode cortar pedra, enquanto a outra tem o poder da levitação.
As jóias depois passaram de Aarão a seu filho Eleazar, que o sucedeu como sumo sacerdote (Números 20:28). Considerava-se que elas eram tão energéticas que representavam a verdadeira presença do próprio Deus, ao qual se refere a cerimônia do Companheirismo (2º. grau) da Maçonaria como "Grande Luz". Os livros de Esdras 2:63 e Neemias 7:75, do Antigo Testamento, confirmam que as pedras continuaram a ser prerrogativa dos sumos sacerdotes levitas e que foram eles a transportar as pedras e a Arca do Tabernáculo, no Sinai, para uma residência permanente no Templo de Jerusalém.
Além do essen (peito de armas), outra peça de vestuário utilizada pelo sumo sacerdote era uma túnica sem mangas, com peitilho e cinta chamada éfode. Posteriormente, essa peça se tornou um distintivo dos guardiães levitas da Arca, com o peitilho caindo em cima do cinto, formando um pequeno avental. Na época, era feito de linho branco; atualmente, é representado pelo avental curto dos emblemas maçônicos. Em 2 Samuel 6:13-15, o rei Davi estava "cingido com um éfode de linho" quando dançava diante da Arca.

A Curiosa Espiral

Números 27:21 conta que o Urim era usado pelo sumo sacerdote quando buscava conselho com o Senhor, e essa sabedoria divina era obtida entre os querubins de ouro que encimavam a Arca da Aliança (Êxodo 25:22). Juízes 20:27-28 explica então que estar perante a Arca

era como estar diante de Deus. Como o Urim e o Tumim tinham de estar presentes para que a Arca comunicasse a palavra de Deus, alguns sugeriram que eles poderiam ser um tipo de dado oracular. Mas o atributo principal do Urim, quando em presença da Arca, era sua luz radiante, e a Bíblia diz que "Deus é Luz". De acordo com esse preceito, por conseguinte, a luz do Urim era uma manifestação perceptível de Deus.

O que era então esse Urim-Schamir, tão fundamental para invocar o poder da Arca? Até agora já nos certificamos de que era uma pedra preciosa: uma gema de cristal com a capacidade, sob certas condições, de emitir um facho de luz que podia cortar pedras com precisão. Pode parecer um tanto implausível para aqueles tempos aparentemente não-tecnológicos do antigo império egípcio. Todavia, como veremos com relação à Pedra do Paraíso e ao mfkzt, a ciência recente provou muito do que teria sido incompreensível para os pesquisadores de cinqüenta anos atrás.

Esteja ou não relacionado ao Urim-Schamir ou outras fontes de julgamento divino, o símbolo gráfico da sabedoria permaneceu constante desde os primeiros tempos da Mesopotâmia (hoje Iraque). Era o emblema do deus sumério Enki, Senhor do Olho Sagrado — uma serpente enrodilhando-se em torno de um bastão ou tronco central. No Egito, a Irmandade Branca de Carnac era composta de sacerdotes artesãos dos Terapeutas, cujo trabalho com o mfkzt também os envolvia em curas, de forma que sabedoria e cura se tornaram sinônimos, e o mesmo emblema da serpente foi adotado.

A serpente da sabedoria e da cura

Na antiga tradição grega, o "pai da Medicina" foi Asclépio da Tessália (c. 1200 a.C.), que os romanos chamaram Esculápio. Sua estátua no Museu Capodimonte, em Roma, também mostra o bastão e a serpente enrodilhada. Em seguida a Asclépio, veio o médico grego Hipócrates (nascido em 460 a.C.), cujo Juramento Hipocrático é feito pelos médicos ainda em nossos dias. Mesmo atualmente, a serpente espiralante permanece como emblema das associações médicas britânicas, americanas e australianas, assim como da Associação Médica Mundial confederada. A questão é: por quê? O que uma serpente enrodilhada tinha a ver com medicina e sabedoria, respingadas de pedras sagradas? Outro fator a ser considerado é o fato de que a Sabedoria esteve por muito tempo associada à Luz, de

forma que a aquisição do conhecimento ficou definida como iluminação ou esclarecimento.
Mesmo na história do Sinai, o emblema relaciona-se diretamente à cura dos israelitas, quando o Senhor disse a Moisés: "Faze uma serpente e põe-na em um bastão". (As descrições "serpente de bronze" e "coluna" são em geral utilizadas nas Bíblias de língua inglesa, mas não era assim na Septuaginta grega original, que descrevia apenas uma "serpente" e um "bastão".) A anomalia intrigante aqui é a mesma irregularidade que existe com relação aos querubins dourados da Arca da Aliança. As instruções para fazer tanto a serpente quanto o querubim supostamente vieram de Deus; porém, Ele também teria comandado o seguinte: "Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra" (Êxodo 20:4). Em um momento, temos Moisés admoestando Aarão e os israelitas por fazer um bezerro de ouro e, no seguinte, ele se ocupa em fazer uma serpente e querubins! Sob tal inviolável prescrição, não parece plausível que Moisés tenha tido requisição divina para manufaturar formas de vida figurativas. Por conseguinte, é provável que a serpente não fosse uma cobra como as outras e que os querubins não fossem anjos.
Ao comentar a respeito dos essênios de Qumrâm no século I d.C., Josefo explicou que esses herdeiros trajados em branco dos terapeutas egípcios adquiriram seu conhecimento acerca de pedras medicinais dos antigos. Descobrimos que o mfkzt era realmente medicinal, mas no momento estamos preocupados com a gema que cortava pedras, o Urim-Schamir, a "pedra do relâmpago".
O peito de armas do sumo sacerdote (em cuja algibeira o Urim e o Turim eram cerimoniosamente colocados) é descrito em Êxodo 28:17-20 como sendo ornamentado com 12 pedras preciosas. Estas eram sárdio (cornalina), topázio, carbúnculo (granada), esmeralda, safira, diamante, jacinto, ágata, ametista, berilo, ônix e jaspe. Nessa lista falta, notavelmente, o rubi, mas tanto Jó 28:18 quanto Provérbios 8:11 comparam a sabedoria com rubis.

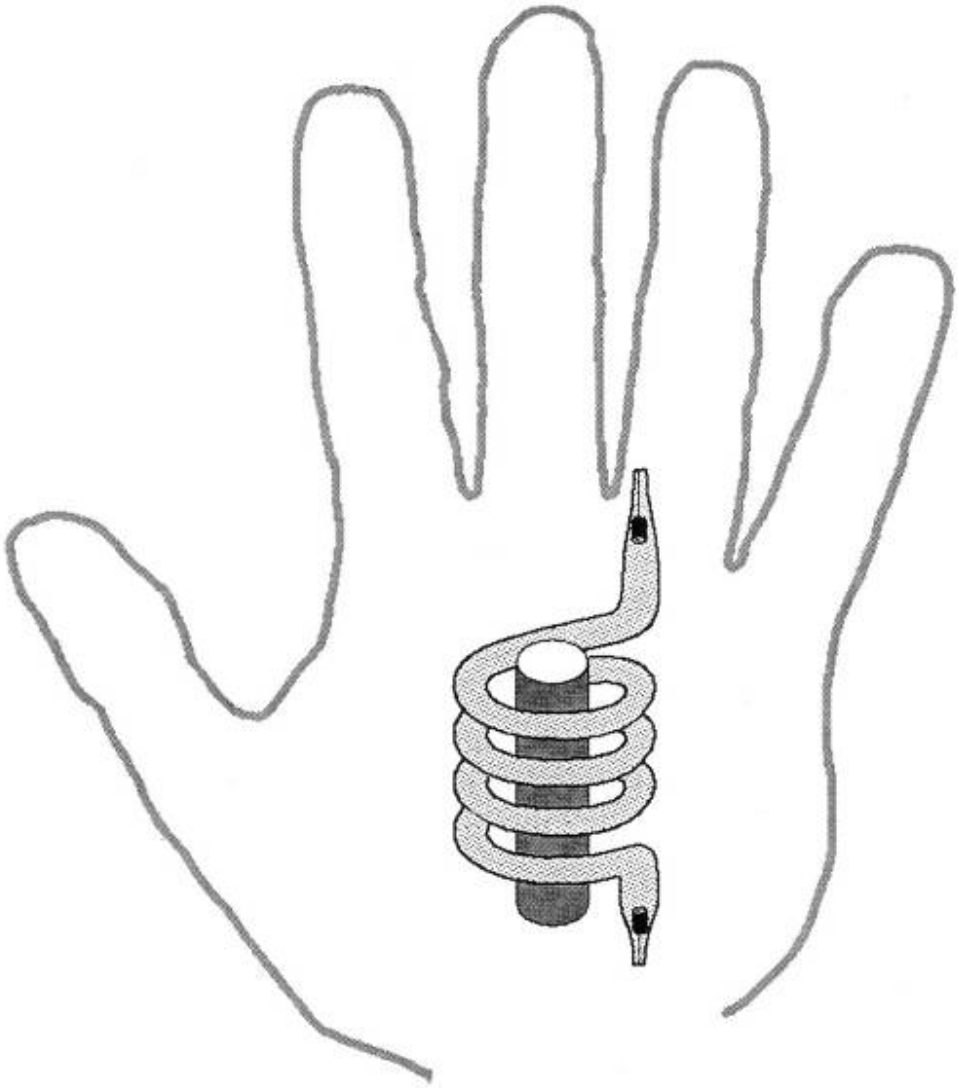
O Extraordinário Rubi

Vamos agora à Califórnia, há algumas décadas, em 1960. O físico Theodore Maiman trabalhava então no Hughes Aircraft Research, em Malibu, tendo lido um interessante artigo na Physical Review, a revista da Sociedade Física Americana. Contava ele que um professor e um pesquisador associado da Universidade de Columbia estavam investigando a amplificação da luz nos Bell Laboratories. Seus nomes eram Charles Townes e Arthur Schawlow, especialistas no campo da espectroscopia de microondas que tratava das características intrigantes de diversas moléculas. Eles sabiam que, quando o comprimento de onda da radiação de microondas diminuía, suas interações com as moléculas ficavam mais fortes, fazendo delas uma poderosa ferramenta espectroscópica para examinar os graus componentes da refração da luz. O que eles queriam era obter um controle de comprimentos de onda mais curtos que as microondas — os comprimentos do infravermelho e da luz ótica. Eles começaram a fazer a luz ricochetear com espelhos e, em seguida, publicaram seu periódico Physical Review, explicando como haviam aperfeiçoado uma freqüência simples amplificada no espectro visível. O que eles não tinham, porém, era uma aplicação para a descoberta, que estava classificada como "uma invenção em busca de um emprego".

Fascinado, Theodore Maiman, trabalhando independentemente de Townes e Schlalow, olhou para os comprimentos de onda das cores e seus níveis de energia relativos. Átomos de cromo, ele descobriu, absorvem a luz verde e a azul, devolvendo apenas o vermelho, que tem grande poder de penetração. O cristal pulsante com sua cor vermelha criado pelos átomos de cromo é o rubi; Maiman descobriu que os elétrons desses átomos podiam ser agitados a níveis mais altos de energia com intensa luz branca. Tomando de um rubi em forma de bastão, ele cobriu as pontas paralelas com prata evaporada (uma um pouco menos reflexiva que a outra). Então, ele enrolou o filamento de uma lâmpada de flash de quartzo em torno da pedra. Foto-bombeada pelos flashes de luz muito rápidos, o bastão de rubi

emitia um poderoso raio de luz vermelha. Em agosto de 1960, Maiman publicou seu experimento no periódico Nature. Depois, os Bell Laboratories substituíram o flash por uma lâmpada de eletrodos de carvão para produzir um facho contínuo de luz de alta energia — um raio coerente mais de um milhão de vezes mais brilhante que o Sol. Esse raio era tão estreito que, ao ser aperfeiçoado, podia cortar aço com precisão, como uma faca corta manteiga. O processo era chamado Light Amplification by Simulated Emission of Radiation (Amplificação da Luz por Emissão Estimulada de Radiação) — logo abreviado para "Laser".

Assim, qual era a aparência do suposto primeiro laser de rubi do mundo, há pouco mais de 40 anos? Tinha precisamente a aparência de uma serpente enrodilhada em torno de um bastão central — exatamente como os emblemas de Enki e Asclépio. Não surpreende que os lasers tenham logo sido adaptados para uso medicinal, tomando o lugar dos bisturis no campo da microcirurgia. Se o Urim-Schamir fosse realmente um rubi cilíndrico, com um cristal helicoidal adequado ao redor, tudo o que ele teria precisado para se tornar ativo seria um suprimento de energia conectável.



Primeiro laser *de rubi de Maiman (em escala)*

Anel do Testemunho

Artistas do passado retrataram Moisés com tábuas semelhantes a lápides, com mais de três pés, contendo apenas os Dez Mandamentos. Em contraste, as tábuas desenterradas na antiga Mesopotâmia trazem, proporcionalmente, grande quantidade de informação em poucas polegadas de argila.

A natureza da Tábua do Destino suméria original é difícil de determinar, mas sua história é muito mais antiga que qualquer

referência bíblica. É mencionada pela primeira vez nas sete tábuas do Enuma elish (o que significa "Quando no alto"): um épico da Criação anterior à Gênesis composto há cerca de três mil e quinhentos anos. Ao ser herdada por Abraão por volta de 1960 a.C., a Tábua supostamente continha "tudo o que o homem sabia" e "tudo o que o homem viria a saber". (Não havia menção a escritos; apenas que o tablete "continha" essa informação.) Se, como explicado na Cabala, Moisés herdou o mesmo artefato, provavelmente esta é a pedra que o Êxodo descreve e apelida de Testemunho. Era, porém, bem diferente dos Dez Mandamentos, como a narrativa do Novo Testamento deixa bem claro.

Está explicado no Êxodo (capítulos 20-23) que os Dez Mandamentos foram entregues pelo Senhor a Moisés e ao povo no monte Horebe e que eles foram acompanhados por uma série de decretos verbais. Moisés escreveu todos eles (Êxodo 24:4), lendo-os novamente aos israelitas, fazendo dessas anotações o novo Livro da Aliança (24:7). Não se menciona com o que, ou sobre o que, Moisés inscreveu esses decretos, apenas sabemos que tinham a forma de um "livro" (não uma tábua). Depois de o livro ter sido lido, o Senhor disse a Moisés: "Sobe a mim ao monte, e fica lá; dar-te-ei tábuas de pedra e a lei e os mandamentos, que escrevi, para os ensinares" (24:12).

Mais tarde, conta-se que o Senhor disse: "E porás na Arca o Testemunho que te darei" (25:16). A isso se segue: "Deu a Moisés as duas tábuas do testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus" (31:18). Eis que, ao descer da montanha com as tábuas, Moisés viu os israelitas que dançavam e imediatamente "arrojou das mãos as tábuas e quebrou-as ..." (32:19). Disso depreendemos que essas tábuas eram quebráveis; assim, obviamente não eram feitas de sappir mágico.

A história então muda para mostrar, das tábuas subseqüentes, um retrato diferente daquele que normalmente se aceita nos estudos bíblicos. O Senhor disse a Moisés: "Lavra duas tábuas de pedra, como as primeiras: escreverei nelas as mesmas palavras que estavam nas primeiras tábuas, que quebraste" (34:1). Mas nada mais se diz a esse

respeito. O que acontece é que o Senhor reitera verbalmente diversas regras civis e dá então a Moisés uma instrução adicional: "Escreve estas palavras" — e Moisés "escreveu... as palavras da Aliança, os dez mandamentos" (34:27-28) e trouxe suas tábuas escritas por ele próprio para o sopé da montanha (35:29).

As primeiras tábuas Enuma Elish a serem descobertas foram encontradas nas escavações de 1848-1876 de Sir Austen Henry Layard, da biblioteca do rei Asurbanipal em Nínive. Foram poteriormente publicadas por George Smith do Museu Britânico em 1876 sob o título The Chaldean Account of Gênesis. Outras tábuas e fragmentos contendo versões do mesmo épico foram encontrados em Ashur, Kish e Uruk; Colofões (inscrições [carimbos] no fim de livros impressos, feitas pelos impressores) confirmaram que um texto ainda mais antigo já existia, em uma linguagem ainda mais arcaica. Ele contava a mesma história de como uma certa divindade criara os Céus e a Terra, e tudo na Terra, incluindo a humanidade. Para ver o texto completo, ver Heidel, Alexander, The Babylonian Gênesis, University of Chicago Press, Chicago, IL, 1942.

Não importa o modo de ler esta seqüência do Antigo Testamento (seja na Septuaginta grega, no texto masorético hebreu ou na edição King James), não há variação no fato de que Moisés não tinha nada escrito por Deus, como comumente se pensa. Ele é retratado apenas com o Livro da Aliança (que foi escrito por ele mesmo) e os Dez Mandamentos (também escritos por ele). Assim, o que aconteceu ao Testemunho escrito pela mão de Deus, que supostamente fora posto na Arca da Aliança?
A esse respeito, Êxodo 40:20 conta, mais tarde, que Moisés "pôs o testemunho na Arca"; em geral, supõe-se que se tratavam das tábuas com os Dez Mandamentos. Mas nada havia de especial com estas; eram apenas um conjunto de breves decretos, escritos pelo próprio Moisés. Eles certamente não careciam da construção de um cofre de ouro de quatro pés (1,22 m) ricamente adornado. Nem mesmo eram

secretos; eram conhecidos por todos os presentes e por muitas pessoas hoje em dia. Nem foi o Livro da Aliança que Moisés pôs na Arca, pois ele não passava de uma série de decisões e comandos judiciais — um trabalho de referência para os que lidavam com a lei civil. Seu verdadeiro objetivo tinha de permanecer acessível, não escondido. Qualquer que fosse a razão, porém, a Arca era cuidadosamente guardada pelos sacerdotes levitas e, uma vez transportada para Jerusalém, foi mantida em um ambiente solitário e santificado.

Comumente se ensina, acrescentando peso ao valor percebido do conteúdo da Arca, que, além dos Dez Mandamentos, a Arca continha também uma vasilha de maná e uma muda da amendoeira de Aarão. Mas no Velho Testamento não há menção a esses itens nesse contexto. Sua associação com a Arca é uma noção cristã muito posterior do Novo Testamento que apareceu pela primeira vez na Epístola de São Paulo aos hebreus 9:4. Qual era, então, o chamado "testemunho" que Moisés pôs na Arca?

A resposta pode ser encontrada em 2 Reis 11:12, que trata da instalação sacerdotal do rei Joás de Judá (c. 839 a.C.): "E ele fez sair o filho do rei, pôs-lhe a coroa e lhe deu o testemunho; eles o constituíram rei e o ungiram". Esse "testemunho" era uma importante insígnia real da época — um valioso talismã da realeza, um anel helicoidal de atestação e testificação.

Êxodo 35:22 lista alguns dos itens de joalheria trazidos a Moisés pelos israelitas para conseguir ouro para os enfeites do tabernáculo. O verso (na edição de João Ferreira de Almeida de 1969) diz: "Vieram homens e mulheres... e trouxeram fivelas, pendentes, anéis, braceletes, todos os objetos de ouro”. O Novo Testamento revisado de 1885 diz “braceletes”, enquanto a Bíblia Masorética diz “sinetes”. A palavra semítica original, porém, era tabba’ats, que, como corretamente especificado na Septuaginta, denota “anéis de dedo”. Assim, o anel talismânico do rei Joás era uma “tábua (tabba’ats) de testemunho”, previamente identificada como um sappir.

Antes, vimos que o rei Salomão havia posto sua “pedra do relâmpago” (o Schamir) em seu anel para cortar as pedras para o Templo, e foi esse item de seus emblemas – a tábua-anel do Testemunho – que foi herdado pelos reis de sua linhagem até o sétimo sucessor da geração, o rei Joás. Mas diz-se que o anel de Salomão era de metal precioso (como os anéis de ouro do Sinai), enquanto a tábua de sappir era identificada como uma pedra! Como já verificamos o mfkzt era de ouro, mas alquimicamente composto como uma pedra. Era o mesmo caso do Schethiyâ - um magnífico cristal helicoidal – feito, como veremos, de irídio pelos mestres artesãos. Essa notável substância, semelhante ao vidro, era conhecida dos antigos metalúrgicos dos Templos da Mesopotâmia e eles o chamavam an-na: Pedra de Fogo; o pó de mfkzt era chamado shem-an-na: nobre Pedra do Fogo.

Enquanto o Urim (a pedra masculina) era vista como uma manifestação divina, Tumim, representava a Rainha dos Céus que os cananeus chamavam Anath. Na Fenícia, ela era conhecida como Barat An-na (Anna Real) e sua cultura terminou por atingir a Grã-Bretanha tribal, onde ficou conhecida como Britannia.

O “testemunho” que Moisés trouxe da montanha e colocou na Arca (Êxodo, 40:20) era muito provavelmente a nobre espiral de cristal na qual a Urim-Schamir era inserido, a mesma jóia para qual Salomão construiu o Templo de Jerusalém como morada sagrada. Moisés ganhara-a de El Shaddai (Senhor da Montanha) e, a esse respeito, a doutrina cabalística que diz que a tábua era um sappir que Moisés segurava na palma da mão faz muito mais sentido. Ele tinha a outra parte da equação do facho de luz, a Schetiyâ espiralante ou como era conhecida pelos sumos sacerdotes Aarão e Eleazar, o Tumum. É particularmente relevante notar que, por todo o livro do Êxodo, a Arca é chamada Arca do Testemunho. Apenas a partir do livro dos Números 10:33 (quando os israelitas começaram sua jornada a partir do Sinai), ela foi renomeada, como sinal de submissão divina, para Arca da Aliança.

Uma vez que o Urim e o Turim eram mutuamente dispositivos que se apoiavam, não chega a ser má aplicação o fato de os mórmons os

retratarem em operação como um único objeto: o Urim-Tumim. Eles constituíam o masculino e o feminino e, quando postos juntos perante a Arca, manifestavam realmente sua Luz e Perfeição unificadas. Sozinho, porém, o Tumim-Schethiyâ era uma substância de poder único com atributos de levitação, assim como descrito na doutrina cabalística.

Em Êxodo 16:33-34, muito antes de a Arca ter sido mesmo citada, Moisés aconselha Aarão a tomar de um vaso de maná e "colocá-lo diante do Senhor"; em seguida, conta-se que Aarão "o colocou diante do Testemunho". Em Números 17:8-10 se diz que a vara de Aarão brotara no Tabernáculo, e fora levada "perante o Testemunho, para que se guarde por sinal para os filhos rebeldes".

Uma Nova Dinastia

O enredo que temos até agora é que, há cerca de 2600 a.C. e desde a 4ª. dinastia egípcia de Sneferu, o Templo de Serâbít el Khâdim estava operativo no Monte Horebe, no Sinai. Era a dinastia de Khufu (Quéops), Khafre (Quéfrem) e Miquerinos, aos quais as três pirâmides de Gizé são atribuídas. Em Serâbít, os Grandes manufaturavam, a partir do ouro, um misterioso pó branco de projeção chamado mfkzt, que os israelitas perguntavam se era maná (o que é isto?). O mfkzt era enformado como bolos cônicos (chamados de "pães brancos") e alimentava os reis da Casa Real do Ouro. Ele aparentemente acentuava suas qualidades de reinado e estava também ligado a um "campo" enigmático da Vida após a Morte para o qual os reis mortos eram transportados — o Campo de Mfkzt.
O Templo de Serâbit deixou de funcionar como local de trabalho alquímico na era ramessida (c. 1330 a.C.), quando o Senhor da Montanha passou os segredos da Casa do Ouro a uma nova ordem de sacerdotes aaronitas. Os dias das dinastias legítimas do Egito haviam acabado e novas influências externas pressionavam. Ramsés I (de c. 1335 a.C.) não vinha de descendência real e, embora sua

esposa Sitre fosse de uma linhagem de um primo do faraó, era demasiado afastada para ser considerada herdeira hereditária. Em seguida à prematura morte do rei-menino Tutankhamon e à decadência da 18ª. dinastia, era tempo de a linhagem real partir. Nesse ínterim, a irmã de Tutankhamon se casara em uma linha israelita da família. Como a realeza egípcia era estritamente ligada à herança materna, ela era a verdadeira herdeira das antigas dinastias e estava presente no Sinai com seu marido e Moisés.
Os tesouros da Casa do Ouro (o Urim-Schamir e o Tumim-Schethiyâ) foram entregues aos cuidados de Moisés e dos novos sacerdotes israelitas que foram encarregados, no Sinai, de estabelecer uma dinastia real na Terra Prometida. No devido momento, esse reis (descendentes da 18ª. dinastia do Egito) se tornariam a Casa Real de Judá, a linhagem de Davi, Salomão e, por fim, Jesus. Antes, porém, tinham de entrar na terra de Canaã (mais tarde, Palestina), atravessá-la e conquistá-la antes que a nova monarquia pudesse ser estabelecida em Jerusalém.

4
FORA DO EGITO

Filhos de Israel

Nos dias de Moisés havia uma distinta diferença entre os israelitas e os hebreus — algo que não fica explícito nas Escrituras. A designação "hebreu" deriva do patriarca mesopotâmico Eber (Heber/Abhâr, c. 2480 a.C.), seis gerações antes de Abraão. O termo "israelita" vem do novo nome do neto de Abraão, Jacó, que passou a ser conhecido como Israel (Gênesis 35:10-12). Seus descendentes, durante sua estada no Egito desde cerca de 1790 a.C., eram conhecidos como israelitas ou Filhos de Israel. Segundo algumas traduções, Is-ra-el significa "soldado de El", enquanto alguns dizem que Yisra-el significa "El governa", e outros preferem "El luta". O lugar chamado Luz, onde

Jacó recebeu seu novo nome, foi renomeado como Beth-El ("Betel"; Gênesis, 28:19), que significa "Casa de El".
O antigo termo cananeu El era usado para identificar um grande ou sublime Senhor — como El Shaddai, o Senhor da Montanha, do qual Moisés recebeu as tábuas no Sinai. O antigo texto hebreu do Êxodo 6:3 explica que El Shaddai era um termo usado também no tempo de Abraão. Mantido na Vulgata desde 385 d.C., a descrição "El Shaddai" aparece 48 vezes no cânone, tendo sido, em todos os casos, substituído em Bíblias autorizadas da língua inglesa desde 1611 por SENHOR. Na primitiva tradição mesopotâmica, o equivalente era Ilu Kur-gal, "Grande Senhor da Montanha", enquanto na língua suméria El se relacionava, mais especificamente, a "Resplandecente".
Quanto ao termo judeu, vem de judeano, sendo os judeus os israelitas e hebreus que acabaram por se unir na Judéia, no sul de Canaã. Posteriormente, esse termo passou a abranger toda a nação israelita-hebréia (Judéia era a forma romanizada de Judá). A norte da Judéia estava a Samaria e, acima, a Galiléia.
Como as gerações de israelitas originais estavam no Egito antes do Êxodo mosaico, pouco tinham a ver com seus primos hebreus ancestrais em Canaã: tribo que os egípcios chamavam Habiru. Porém, por volta de 1330 a.C., os israelitas estavam no Sinai, em rota para encontrar os hebreus — para finalmente se interligarem após muitos séculos. Foi por essa razão que El Shaddai se adiantou com as leis, os costumes e as obrigações do novo ambiente dos israelitas. Na verdade, eles aprenderam a cultura hebraica por meio de decretos (ordens) no Monte Horebe, cimentando sua submissão a um tipo de documento constitucional chamado Livro da Aliança.
Os Dez Mandamentos eram outro assunto. Eram lembretes reforçados dos mais valorizados preceitos da tradição egípcia israelita. Citados em Êxodo 20, não eram códigos de conduta recentemente forjados, mas versões recriadas das antigas confissões faraônicas da Fórmula na página 140 do Livro dos Mortos do Antigo Egito. Por exemplo, a confissão "Não matei" foi traduzida como o decreto "Não Matarás";

"Não roubei" como "Não Roubarás"; "Não contei mentiras" como "Não prestarás falso testemunho", e assim por diante.
E quanto a Moisés? Ele geralmente é visto como judeu em uma época em que não havia judeus. Freqüentemente se imagina que fosse hebreu, quando na verdade ele emergiu do Egito com os israelitas. Alguns supõem que ele tenha sido um líder israelita. Mas, apesar de todas essas noções popularmente concebidas, o Antigo Testamento deixa perfeitamente evidente que Moisés não era nem hebreu, nem israelita. Êxodo 2:19 especificamente se refere a Moisés como egípcio. Chega-se mesmo a afirmar, em Êxodo 4:10, que Moisés estava preocupado com sua habilidade em dirigir-se aos israelitas no Egito (como lhe havia sido pedido em Êxodo 3:12), confessando não ser "eloqüente", mas "pesado de boca e pesado de língua"; ou seja, não era versado na língua israelita.

A Sarça Ardente

A Egiptiaca, de Maneto (conselheiro do faraó Ptolomeu por volta de 300 a.C.), registra que Moisés foi um sacerdote egípcio em Heliópolis. O historiador judeu do século I, Flávio Josefo, não concorda com essa declaração de Maneto; mas, em seu Antigüidades Judaicas, ele próprio diz que Moisés era comandante do exército egípcio na guerra contra a Etiópia.
A rota para a descoberta da identidade de Moisés reside em seu nome que, embora convertido para Mosheh, em hebreu, não tem origem israelita ou hebraica. Esse fato, além da indicação em Êxodo 11:3: "Moisés era mui famoso na terra do Egito", leva a perceber que o nome Moisés tem uma raiz egípcia. Como citaram Sigmund Freud, James Henry Breasted, Ahmed Osman e outros que pesquisaram a etimologia, o nome Moisés, na verdade, deriva da palavra egípcia mose (grego: mosis), relacionada a um "rebento" ou "herdeiro", como em Tutmose (Tutmoses): "nascido de Tut", e Amenmose: "Nascido de Amon".

O nome hebraico Mosheh supostamente deriva da palavra mosche, que significa "aquele que tira", ou "o que tira". Isso viria do nome dado a Moisés pela filha do faraó, que tirou seu cesto de juncos do rio. É extremamente improvável, porém, que uma princesa egípcia conhecesse etimologia hebraica, especialmente porque o hebreu não seria a linguagem dos israelitas após mais de quatrocentos anos de estabelecimento no Delta. Ela certamente teria dado um nome egípcio para o bebê que adotou. Em segundo lugar, Moisés não era "o que tira" (o mosche), ele foi o "tirado", cuja palavra hebraica equivalente era moshiu.

A raiz da história do menino no cesto de junco não é difícil de rastrear. Ela aparece nos registros que os israelitas posteriores, que foram capturados por Nabucodonosor, na Babilônia (c. 586-536 a.C.), sem dúvida leram atentamente, com interesse ancestral. Nas bibliotecas da Mesopotâmia haveria a história da Criação original, o Enuma elish, junto com o Épico de Gilgamesh, que descrevia a Grande Inundação, e a Tábua Adapa, que detalhava o primeiro homem que reinou, o Adâmam. Entre esses arquivos de argila (antigos já no século 6 a.C.) havia o protótipo da arca de juncos na Lenda de Sharru-kin, que se tornou Sargão, o Grande, rei da Acádia (2371-2316 a.C.). Um texto assírio relacionado a Sargão diz: "Minha mãe de criação me concebeu; em segredo ela me carregou. Ela me pôs em um cesto de juncos e, com piche, ela selou a tampa. Ela me atirou no rio, que não me cobriu. O rio carregou-me até Akki, o carregador da água".

Quem era então o bebê egípcio (que se tornou um homem) chamado Moisés, o legendário personagem que cumpriu sua famosa missão no monte Horebe e encontrou seu destino como patriarca da Lei Judaica? Antes deste livro, discuti o legado de Moisés anteriormente tanto em A Linhagem do Santo Graal como na Gênesis of the Grail Kings. Chegou a hora de montar as peças-chave, enquanto nos preparamos para embarcar em nossa jornada a partir do Sinai com a Arca da Aliança; uma jornada que nos levará através de mais de 1300 anos, até a era do Evangelho e os séculos que se seguiram. Devemos rever alguns elementos familiares, o que é necessário para recriar a cena

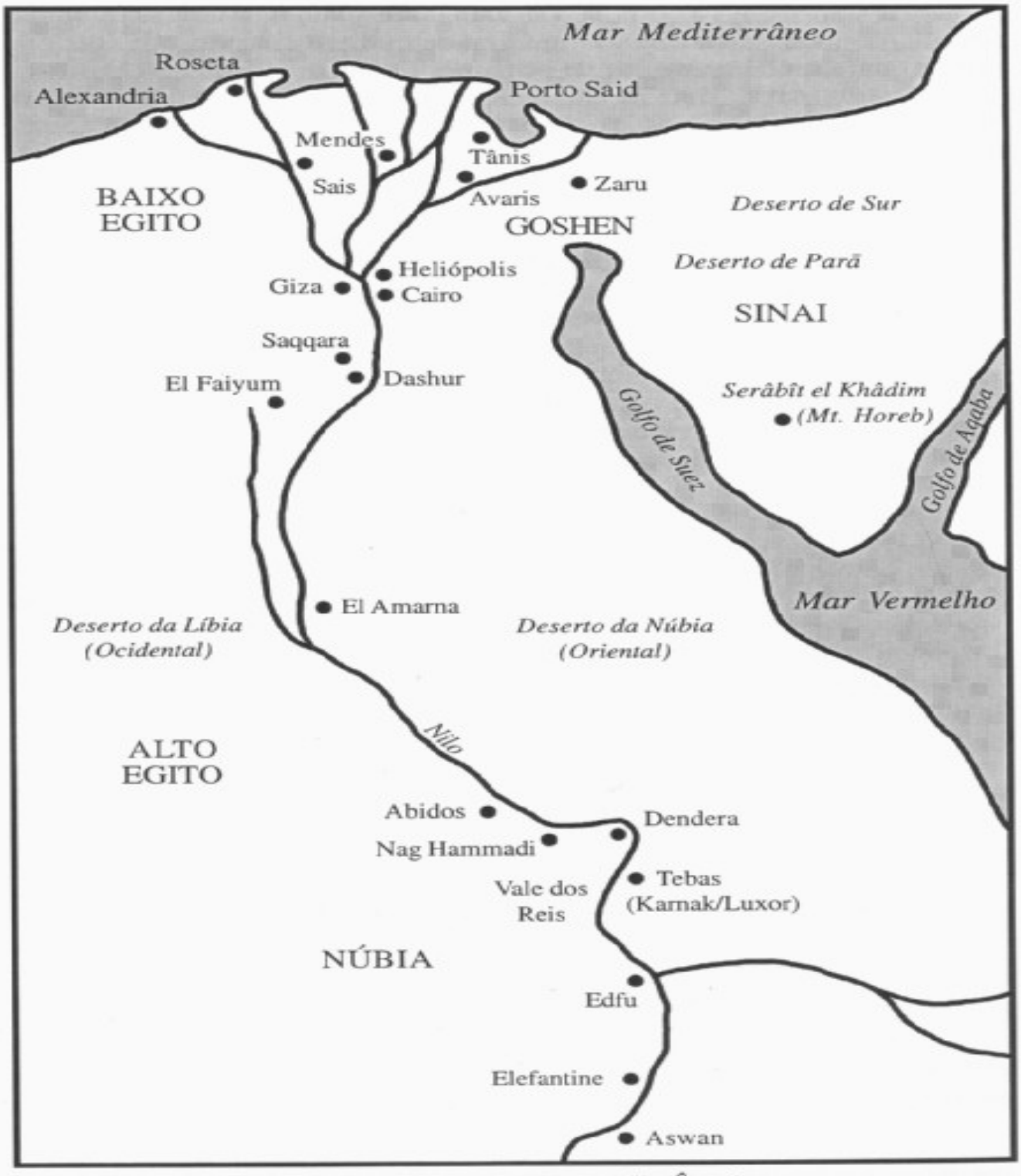
emergente, especialmente para os que não leram os outros trabalhos desta série.

Um teólogo da Universidade de Oxford notou, durante um debate radiofônico da BBC, que não havia indícios históricos de que personagens como Abraão, Moisés, Davi ou Salomão tenham mesmo existido. Eles aparecem, disse ele, apenas em escritos hebreus estrangeiros! Então, esclareçamos a natureza da "História" que, segundo todas as definições legítimas, é um "registro cronológico de acontecimentos públicos importantes, acontecimentos e negócios passados". A História é o registro de acontecimentos, não os próprios acontecimentos. Não há regra que diga que apenas os registros da Grã-Bretanha ou de outras nações cristãs podem ser considerados como história, como o professor implicitamente afirmou. A esse respeito, a antiga literatura hebraica que surgiu em determinado ambiente no Oriente Médio é tão historicamente válida quanto o registro de qualquer outra raça, de qualquer outro lugar. Tudo deve ser levado em consideração para ser possível visualizar o quadro todo. Logicamente, esses distantes personagens da história judaica não aparecem na história das nações além de seu próprio ambiente (assim como Budicca e Caractacus dos bretões não aparecem nas crônicas do Oriente Médio), mas também não aparecem apenas na Bíblia.

Antes do século XX, pouco se sabia a respeito das antigas tradições cananéias, mas a partir de 1929 um grande número de textos, de cerca de 1400 a.C., foi encontrado em Ras Shamra (a antiga cidade de Ugarit) no noroeste da Síria. Mais recentemente, também, como em 1975, descobriram-se mais tábuas nos arredores de Tel Mardikh (a antiga cidade de Elba). Personagens até então considerados apenas bíblicos eram trazidos à vida arqueologicamente, incluindo E-sa-um (Esaú), Ab-ra-mu (Abraão), Is-ra-ilu (Israel) e Ib-nun (Eber). Essas descobertas, comparadas com outras similares na Mesopotâmia, no Egito e em outros locais, provam, sem deixar dúvidas, que não podemos limitar a história ao material disponível em arquivos a qualquer dado momento. Há mais história adormecida sob

os oceanos e as areias varridas pelos ventos do que jamais poderemos encontrar.
O livro do Êxodo relata que a vida do bebê Moisés estava sob ameaça, porque o faraó decretara a morte de todos os varões israelitas recém-nascidos. A suposta razão para essa sentença era que os israelitas "se multiplicaram e grandemente se fortaleceram; de maneira que a terra se encheu deles" (Êxodo 1:7). Fora ordenado que "todo filho que nascesse deveria ser atirado no rio"; assim, uma mulher da casa de Levi colocou seu menino de três meses em um cesto de juncos e piche, colocando-o entre os caniços da água.
A história torna-se então algo implausível, pois surge a filha do faraó, que não parece se importar com as ordens de seu pai. Ela descobre o bebê e inicia uma conversa com a irmã dele, que por acaso estava por perto. O bebê foi então devolvido a sua mãe, que foi paga pela princesa para criá-lo. Em pouquíssimo tempo, o menino voltara ao ponto de partida e todo o medo da perseguição faraônica parecia ter sido esquecido! Finalmente, a princesa adotou o menino como seu filho e o chamou Moisés, sem que ninguém pensasse em perguntar a respeito de seus pais naturais. Eis a história bíblica da infância de Moisés; já no verso seguinte (Êxodo 2:11), ele aparece como um homem adulto.
O lingüista histórico Ahmed Osman, nascido no Cairo, conduziu profundas pesquisas referentes à identidade de Moisés e aos costumes da época. Além da óbvia semelhança com a Lenda de Sharru-kin, Osman aponta que, de acordo com os costumes daquele tempo, seria muito improvável que uma princesa egípcia solteira obtivesse permissão para adotar uma criança. Segundo os registros egípcios, ele também explica que havia uma base factual para o conto do cesto de juncos, embora com um arranjo e um enredo mais compreensíveis.
Um influente israelita chamado Yusuf-Yuya (José) fora primeiro-ministro (vizir) do faraó Tutmoses IV e de seu filho Amnhotep III. Quando Tutmoses morreu, Amnhotep casou-se com sua irmazinha

Sitamun (como era a tradição real) para poder herdar o trono segundo a sucessão matrilinear.



Egito e Sinai — Terras do Êxodo

Pouco depois, para ter também uma esposa adulta, Amnhotep casou-se com Tiye, filha de Yusuf-Yuya. Decretara-se, porém, que nenhum filho de Tiye poderia herdar o trono e, por causa da extensão do poder do pai dela, havia um temor geral de que seus parentes israelitas estivessem ganhando demasiado poder no Egito. Além disso, uma vez que Tiye não era a herdeira legítima, ela não podia representar o Deus do Estado, Amen (Amon). Assim, quando Tiye ficou grávida, certos oficiais do palácio pensaram que seu filho deveria ser morto logo ao nascer, se fosse varão. Sabendo disso, fizeram-se arranjos com os parentes israelitas, que viviam em Goshen, na região do Delta do Nilo. Nas proximidades, em Zaru, Tiye tinha um palácio de verão, para onde foi para ter seu bebê. Em seguida, as parteiras arranjaram para que o menino fosse criado pela cunhada de Tiye, Tey, da Casa de Levi.

O menino, Amenhotep (nascido c. 1394 a.C.), foi mais tarde educado em Heliópolis pelos sacerdotes egípcios de Rá (como explicado por Maneto a respeito de Moisés) e na adolescência passou a viver em Tebas. Naquela época, sua mãe tornara-se mais influente que a rainha principal, Sitamun, que nunca tivera um filho e herdeiro do faraó, apenas uma filha, Nefertite. O faraó Amenhotep III sofreu então uma doença e, como não havia herdeiro varão direto para a casa real, o jovem Amenhotep foi trazido à cena. Ele se casou com sua meia-irmã, Nefertite, para reinar como co-regente durante esse período difícil e, quando seu pai morreu, sucedeu-o como Amenhotep IV.

No antigo Egito, era prática comum que os faraós se casassem com suas irmãs para prolongar seu reinado pela da linhagem materna. Essas esposas eram, freqüentemente, meias-irmãs dos faraós, nascidas de pais diferentes. Pode-se ver em quadros genealógicos da época que, embora o Egito tenha tido muitas dinastias reais sucessivas, essas casas eram apenas renomeadas e renumeradas quando um faraó morria sem um herdeiro varão. O importante era que sua rainha tivesse uma herdeira mulher; após o casamento dessa filha com outra linhagem masculina, uma nova dinastia iniciava-se.

É também evidente que muitos faraós tinham certo número de esposas estrategicamente escolhidas e que freqüentemente se casavam com várias linhagens do sangue real original da Mesopotâmia, do qual descendiam as primeiras dinastias faraônicas. Em tais casos, os príncipes coroados casavam-se com as filhas das rainhas secundárias ou as mais novas de seus pais, perpetuando assim uma descendência aparentemente patrilinear, mas na verdade elevando o sangue feminino de sua linhagem em favor de sucessivas gerações.

Por causa de sua criação parcialmente israelita, Amenhotep IV (algumas vezes chamado Amenófis IV) não podia aceitar as divindades egípcias e sua miríade de ídolos. Assim, ele desenvolveu a noção de Aten, um deus onipotente sem imagem, representado por um disco solar com raios voltados para baixo (distinguindo-se do deus-sol egípcio Rá). O nome Aten era equivalente à palavra hebraica Adon, um título emprestado do fenício, que significa "Senhor", como a palavra igualmente familiar Adonai, que significa "Meu Senhor". Ao mesmo tempo, Amenhotep (Amen está contente) mudou seu próprio nome para Akhenaton (Glorioso espírito de Aten). Fechou todos os Templos dos deuses egípcios, tornando-se muito impopular, particularmente entre os sacerdotes de Rá e os da divindade nacional anterior, Amen.

Com sua esposa Nefertite, Akhenaton teve seis filhas e mantinha uma vida doméstica extraordinariamente bem disciplinada. Mas havia complôs contra sua vida e ameaças de insurreição armada se ele não permitisse que os deuses tradicionais fossem adorados junto com o Aten sem rosto. Ele recusou e acabou sendo forçado a abdicar em favor de seu primo, Smenkhkare, que foi sucedido por Tutancaten (filho de Akhenaton com sua segunda rainha, Kiya).

Ao chegar ao trono, com cerca de 11 anos, Tutancaten foi obrigado a mudar seu nome para Tutankhamon — denotando assim uma fidelidade renovada a Amen, no lugar de Aten —, mas ele viveria apenas mais nove ou dez anos. Akhenaton, nesse tempo, foi banido do Egito em aproximadamente 1361 a.C., embora seus partidários

ainda o considerassem monarca de direito. Para eles, era o herdeiro vivo do trono de seu pai; eles ainda o viam como o Mose real (em grego: Mosis).
Desde o momento de seu exílio, Akhenaton (dali em diante igualado a Moisés) fez duas viagens ao Sinai, tendo retornado brevemente ao Egito entre elas, como explicado no livro do Êxodo. O êxodo israelita geral, que ele liderou, ocorreu na segunda ocasião, por volta de 1330 a.C. O culto a Aten continuou por algum tempo depois da morte de Tutankhamon, época em que a coroa foi transferida para seu tio-avô, Aye, marido de Tey, que criara Akhenaton e sua meia-irmã, Nefertite. Tey era a Gloriosa — a Yokâbar, que a Bíblia chama Jochebede. Aye foi sucedido por seu genro, o general Horemheb, que anulou Aten, proibiu a menção do nome de Akhenaton e amputou os reis de Amarna da lista oficial de Reis. Destruiu também diversos monumentos da época; foi por essa razão que a descoberta do túmulo de Tutankhamon em novembro de 1922 foi recebida como uma grata surpresa, pois pouquíssimo se sabia a respeito dele anteriormente.
Inicialmente, como explicado em Êxodo 2:15-3:1, Moisés fugiu para a terra de Midiã, a leste do Sinai peninsular. Sua rainha principal, Nefertite, aparentemente morrera pouco tempo antes e, embora seus restos não tenham sido descobertos, um cartucho com seu nome foi encontrado nos anos de 1930 no túmulo real de Amarna.
Em Midiã, Moisés tomou outra esposa, Zípora, filha do senhor Jetro; ela lhe deu dois filhos, Gerson e Eliezer (Êxodo 2:22, 18:4). A história passa então à "sarça ardente" no monte Horebe, no Sinai. O arbusto estava envolvido em luz flamejante, mas não era consumido (Êxodo 3:2-4), e do meio dele surgiu um anjo. O Senhor, El Shaddai, apareceu então em pessoa, anunciando a Moisés que ele deveria ser chamado "Eu sou o que sou" (3:14) — YHVH: Javé ou Jeová, em seguida, fizeram-se arranjos para que Moisés voltasse ao Egito e buscasse os israelitas, que haviam sido escravizados pelas severas autoridades novas.
Naquele momento, o reinado de Horemheb havia terminado e um regime completamente novo começara no Egito: a 19ª. Dinastia, cujo

faraó instituído era Ramsés I. Afastado do Egito durante muitos anos, Moisés evidentemente perguntou ao Senhor como ele poderia provar sua identidade aos israelitas, tendo recebido três instruções. Elas embaraçaram os teólogos por muito tempo, porque, embora a Bíblia se oponha a todas as formas de magia, Moisés foi aconselhado a realizar três feitos mágicos. Em geral, quando tais façanhas são discutidas, são chamadas de "milagres", de forma que as realizações humanas sejam sempre superadas pelas supremas habilidades de Deus. Mas nesse caso, Moisés aparentemente recebera poderes divinos que o capacitaram a convencer os israelitas de que era realmente seu rei deposto (Êxodo 4:1-9).

Foi aconselhado primeiro a atirar sua vara na terra, onde ela se tornaria uma serpente que, quando segurada, voltava a ser vara. Em segundo lugar, tinha de pôr a mão no peito; ao tirá-la, ela estaria leprosa e branca, mas voltaria ao normal quando o ato fosse repetido. Em seguida, tinha de derramar água do rio sobre a terra seca, onde ela se tornaria sangue.

Direito de Sucessão

Até esse ponto da História, apenas uma irmã sem nome de Moisés fora apresentada (a irmã que falou com a filha do faraó junto ao rio), mas agora um irmão chamado Aarão surgia em cena (Êxodo 4:14), com conseqüências algo desastrosas. Moisés e Aarão viajaram de volta ao Egito e se apresentaram aos israelitas, porém foi diante do faraó, e não dos israelitas, que a mágica da vara e da serpente foi realizada. Além disso, não foi feita por Moisés, como planejado, mas por Aarão (Êxodo 7:10-12).

Essa seqüência tem particular importância porque serve para indicar que, junto com Moisés, Aarão mantinha sua própria posição faraônica. Os rituais da serpente-bastão e da mão leprosa (embora descritos como magia na Bíblia) eram ambos aspectos dos festivais de rejuvenescimento dos reis egípcios, cerimônias nas quais seus poderes divinos eram elevados. Os faraós tinham alguns cetros

(varas) para diferentes ocasiões; o cetro do rejuvenescimento era uma vara encimada por uma serpente de bronze. Era também costume que o rei pusesse seu braço direito cruzado sobre o peito, sustentando-o com a mão esquerda. Na tumba de Kherof, um dos camareiros da rainha Tiye, há uma representação pictórica da preparação para essa cerimônia. A cena retrata seu marido (o pai de Moisés), Amenhotep III.
Assim, será que Moisés (Akhenaton) tinha um irmão que era também faraó, cujo destino é desconhecido e que, da mesma maneira, consta nos registros como desaparecido e não morto? Na verdade, ele teve, ao menos, um irmão de criação, cuja mãe era Tey, a Yokâbar, a ama-de-leite israelita de Akhenaton e Nefertite. Como faraó, esse homem sucedeu por um curto período após a deposição de Akhenaton e era chamado Smenkhkare. Era neto de Yusuf-Yuya, o vizir, e filho de Aye (irmão da mãe natural de Akhenaton, Tiye). Corretamente escrito, o nome desse faraó era Smenkh-ka-ra (Vigorosa é a alma de Rá). Alternativamente, uma vez que Rá era o deus-sol da Casa da Luz de Heliópolis, chamada On, o faraó Smankh-ka-ra era também Semnkh-ka-ra-on, de cuja terminação fonética deriva o nome de Aarão. Em paralelo, o nome também deriva da palavra semítica para "arca", que era àron (para mais informações a respeito de Smenkhkare, ver Apêndice I: Enigma dos Túmulos).
Depois de estar no Sinai e em Midiã em seu exílio, em 1361 a. C., Moisés retornou ao Egito com Aarão para defender a causa israelita contra o faraó Ramsés I, que aparentemente mantinha muitas famílias em trabalhos forçados. Dado que sua própria 18ª. Dinastia havia terminado com o faraó Horemheb, que não teve herdeiro legítimo, uma nova dinastia se iniciara (c. 1335 a.C.) sob o antigo vizir de Horemheb, Ramsés, filho de um comandante de tropas chamado Seti. Ao realizar os rituais secretos da serpente-vara e da mão leprosa, Aarão claramente desafiava o direito de sucessão de Ramsés; mas Ramsés controlava o exército egípcio, o que foi um fator decisivo na luta pelo poder. Evidentemente, os primos de Amarna não teriam nenhum de seus direitos reais devolvidos, mas conseguiram persuadir Ramsés a permitir que os israelitas de Goshen deixassem o país.

Ramsés I não sobreviveu a seu segundo ano de governo, que coincidiria com a pretensa morte do faraó, narrada na Bíblia, durante a perseguição aos israelitas (Êxodo 15:19). Porém, imediatamente após o acontecimento (mesmo antes da mumificação de Ramsés), seu filho Seti I iniciou uma campanha no Sinai e na Síria, levando suas tropas a um ligeiro assalto militar em Canaã. O próprio fato de o povo de Israel ser chamado pelo nome em um relato documentado dessa campanha prova que os israelitas estavam em Canaã naquele tempo, pois eles (os Filhos de Israel) eram, especificamente, os descendentes de Jacó-Israel nascidos no Egito. Fora do Egito, antes do Êxodo, havia muitos hebreus, mas poucos (se é que os havia) israelitas, e não havia terra de Israel.

A informação a respeito da campanha de Seti veio de uma grande estela de granito descoberta em 1896 por Sir W. M. Flinders Petrie. Foi encontrada no Templo funerário do faraó Merneptah (c. 1236-1202 a.C.) em Tebas; seu registro escrito foi iniciado no reinado do pai de Moisés, Amenhotep III. Merneptah (neto de Seti I) conta a história no verso da estela; no quinto ano de seu reino, ele fala dos israelitas residentes em Canaã. Não apenas eles haviam completado seu período no deserto do Sinai, como já estavam em Canaã por tempo suficiente para apresentar uma ameaça significativa ao faraó. A Estela de Israel, como é chamada, está atualmente no museu do Cairo; dentro do contexto dos registros de Merneptah há detalhes de campanhas anti-israelitas. Os egiptólogos dataram do reinado de seus predecessores, Ramsés II e Seti I. "Israel está devastada", conta a estela. "Sua semente se foi; a Palestina tornou-se uma viúva do Egito." Por conseguinte, pode-se deduzir que o êxodo israelita do Egito ocorreu no início do reino de Ramsés I (c. 1335 a.C.).

Amada de Khiba

Após identificar Moisés e Aarão, temos outro membro da família imediata a descobrir: sua irmã Miriam. Uma irmã mais velha aparecera anteriormente na história do cesto de juncos (Êxodo 2:7), mas não

chegou a receber um nome. Muito mais tarde (Êxodo 15:20), somos apresentados a uma mulher chamada Miriam, descrita como irmã de Aarão. Mais tarde, diz-se que ela era irmã de Moisés e de Aarão.
O nome hebreu Miriam tem seu equivalente na forma grega de Maria, derivado do nome egípcio Mery, que significa "amada". Não é surpresa descobrir nos registros familiares de Akhenaton duas princesas chamadas Merytaten (Amadas de Aten) — uma, sua filha, e outra, sua neta. O epíteto Mery era aplicado também à própria rainha Nefertite. Ela também era irmã de leite de Smenkhkare (Aarão), pois sua ama-de-leite foi a mãe de Aarão, Tey, da Casa de Levi. Uma inscrição no túmulo de Tey, em Amarna, descreve-a como "ama e tutora da rainha". Da mesma maneira (em relação a Moisés), Tey é descrita como "a grande ama, nutriz do deus, adornadora do rei". Em vista disso, Nefertite foi identificada alguns anos atrás como a possível irmã de Moisés que apareceu na beira d'água quando ele era bebê. Em teoria, tal dedução pareceria lógica, mas, uma vez que a história da arca de juncos tinha uma base parcialmente ficcional, a identidade da irmã que aparece nesse episódio tem pouca relevância.
Miriam, que apareceu mais tarde junto com Moisés e Aarão no Sinai, é mais importante. Com relação a isso, encontramos o epíteto Mery aplicado a outra meia-irmã e esposa de Akhenaton. Essa rainha secundária era chamada "a favorita real; a Filha do Aten vivo". Era a segunda após a Rainha Nefertite, com quem ela rivalizava em muitos aspectos. Mais conhecida atualmente como rainha Kiya, essa princesa proeminente era a mui amada Mery-Khiba, filha de Amenhotep III e sua terceira esposa, Gilukhipa. Uma das razões para o prestígio de Kiya era que (diferente da rainha principal, Nefertite) ela deu um filho a Akhenaton; o futuro faraó Tutankhamon.

Ao estudar o relato do Êxodo no Antigo Testamento e a travessia do Mar Vermelho, cujas águas se partiram, tornando-se qual muro à sua direita e à sua esquerda (Êxodo 14:22), descobrimos que, na verdade, não havia mar para que os israelitas cruzassem. Contam-nos que Moisés levou o povo de Avaris (pi-Ramsés) na planície de Goshen, no

Delta do Nilo, de onde viajaram ao Sinai (Êxodo 16:1) por um caminho para Midiã (Êxodo 18:1). Mas essa rota atravessava o deserto a norte do Mar Vermelho, onde o Canal artificial de Suez, de 165 km, aberto em 1869, está atualmente. Logicamente, isso coloca a história da divisão das águas por Moisés no mesmo reino mítico do conto do cesto de juncos.

Outra causa da alta posição de Kiya era que sua mãe fora uma princesa mesopotâmica, cujo pai era o rei Shutarna, de Mitanni. O nome Kiya deriva da deusa mitaniana Khiba (pronuncia-se kyia). Na verdade, Abda-khiba (Servo de Khiba), um governador regional de Canaã, apelou à assistência de Akhenaton contra os hebreus invasores. Naquela época, os dinastas mitanianos eram poderosos em Canaã e seu legado mesopotâmico (da mesma estirpe da 2ª. dinastia do Egito) era tido na mais alta estima.
Os registros indicam que, no final do reinado de Akhenaton, Mery-khiba (Amada de Khiba) tornara-se a rainha dominante como Mery-Amon (Amada de Amon), carregando um duplo legado real dos reis da Mesopotâmia e do Egito. Ela acompanhou ao exílio Moisés após sua deposição, tornando-se conhecida dos israelitas como Miriam (Mery-Amon); seu sangue matriarcal, através de sua filha (a irmã de Tutankhamon), consolidou a sucessão para a futura Casa Real de Judá. Durante a destruição estratégica dos registros de Amarna pelo faraó Horemheb, o nome de sua filha foi eliminado onde quer que aparecesse no Egito. Dessa forma, a filha já pode ser identificada como a pequena Kiya (Khiba-tasherit).
Apesar do legado soberano de Miriam, o Antigo Testamento lhe concede muito pouco espaço. Em Êxodo 15:20, conta-se que ela levou as mulheres israelitas ao Sinai com seu tamborim. Ela e Aarão admoestam Moisés por seu casamento com uma mulher etíope (Números 12:1), aparentemente a princesa Tárbis, da Etiópia. Ela (como afirmado nas Antigüidades Judaicas) estivera casada com Moisés durante uma campanha militar egípcia anterior e voltara a surgir em cena no Sinai. Posteriormente, conta-se que Miriam morreu

em Cades (Números 12:10, 20:1); isso é tudo o que se diz dela na Bíblia. Fora da Escritura autorizada, porém, sua história é contada com certo detalhamento no Livro dos Justos (Livro de Jasher), um trabalho que não foi selecionado para a inclusão no Antigo Testamento canônico.

Apenas após o tempo de Jesus as escrituras separadas do Antigo Testamento foram compiladas em um único volume; foi então que se excluíram certos livros, pois diferiam da estratégia composicional. Um deles foi o Livro dos Justos, um trabalho anteriormente considerado importante o bastante para ser mencionado duas vezes na Bíblia canônica. O próprio fato de essas referências serem encontradas em Josué 10:13 e 2 Samuel 1:18 indica que Jasher já existia antes de esses livros serem escritos — e que eles o consideravam uma fonte essencial de conhecimento. Embora não seja divulgado pela instituição principal, o Livro de Jasher não chega a ser um segredo histórico. O rolo hebreu de 9 pés (3 metros) fazia parte do butim da Corte Franca do Imperador Carlos Magno (800-814 d.C.), tendo sido descoberto na Pérsia pelo monge Alcuin, que mais tarde fundou a Universidade de Paris. Como recompensa por sua descoberta, Alcuin recebeu três abadias e também se tornou arcebispo de Canterbury, na Inglaterra.

Jasher era o filho de Calebe, nascido no Egito. Era cunhado do primeiro juiz israelita Otniel (Juizes 1:13), sendo o comandante real dos operários designado por Moisés. Conseqüentemente, o Livro de Jasher não comete o erro bíblico de chamar o sogro midianita de Moisés de Reuel (como faz Êxodo 2:18-21, corrigido em Êxodo 3:1), mas o chama de Jetro desde o início. Outra diferença, mais aparente, é a importância dada a Miriam, que aparece como conselheira constante de Moisés e Aarão, enormemente reverenciada pelos israelitas, dos quais ela claramente é líder cultural. Encontramos nisso outra razão para a exclusão bíblica do Livro de Jasher, pois é bastante incongruente com os outros livros bíblicos ao retratar uma mulher que dá instruções obedecidas por todos os que lhe pedem conselho. Na

verdade, ao leitor restam poucas dúvidas acerca do legado real supremo de Miriam.

O principal contraste entre Jasher e o relato bíblico começa quando o Senhor promulga suas leis e decretos a Moisés no monte Horebe. São as instruções comumente conhecidas que acompanhavam os Dez Mandamentos, dos quais praticamente não se trata em Jasher. Êxodo 21:1-36 explica que o Senhor deu a Moisés instruções a respeito de mestres e servos, cobiça, comportamento em relação ao próximo, crime, casamento, moralidade e muitos outros assuntos, incluindo a importantíssima regra do Sabá. Mas, em Jasher, esses estatutos e instruções não são dados a Moisés por Deus; são diretamente comunicados por Jetro, xeque de Midiã, aos pés do Monte Horebe. Como sumo sacerdote do Sinai, ele disse a Moisés que era o El Shaddai: o Senhor da Montanha. Jetro era, portanto, o superior do Templo de Horebe, o vigilante da Casa do Ouro.

Naquele ponto da história, Jasher explica que Miriam aceitou o desafio. Perguntou ela por que os israelitas abandonariam todos seus costumes em favor das leis de uma nação estrangeira: "Os filhos de Jacó não têm compreensão?" Mas no debate que se segue, não se fala de Deus em nenhum momento; apenas do senhor Jetro. Ao contrário do que se conta no Êxodo a respeito da fidelidade dos israelitas a Moisés, Jasher relata que "a voz das tribos da congregação estava do lado de Miriam". Moisés ficou tão enraivecido que mandou aprisionar Miriam e o povo de Israel se reuniu em torno de Moisés e disse: "Traz diante de nós Miriam, nossa conselheira", ao que Moisés foi obrigado a obedecer após sete dias.

Fica claro que Miriam era bem mais popular que seu meio-irmão. O livro de Jasher conta muito de seu prestígio ao detalhar a grande lamentação dos israelitas quando ela morreu em Cades: "Os filhos de Israel prantearam Miriam por quarenta dias; nenhum homem voltou para sua morada. E a lamentação foi grande, pois após Miriam, não houve ninguém tão grande... e essa chama percorreu todas as terras ... sim, através de toda Canaã; e as nações muito temeram".

Um estudioso chamado Tobias anotou nos testemunhos anexos ao Livro de Jasher que Miriam "trouxe uma semente do Egito e a plantou nos campos", mas isso foi totalmente ignorado pelos compiladores da Bíblia que promoviam apenas o legado dos patriarcas hebreus em sua tentativa de forjar uma sucessão masculina. Ao longo do relato das escrituras, somos levados a crer que a Casa Real de Davi e Salomão chegou ao poder porque um pastorzinho matou um gigante filisteu com uma pedra. A Bíblia não diz absolutamente nada referente à descendência soberana de Davi, à Miriam e às poderosas dinastias da Mesopotâmia e do Egito.

Não há dúvida de que, mesmo com todas as manipulações dos antigos textos, Miriam (Mery-Amon) e sua filha, Kiya-tasherit (casada com Rama, de Judá) emergem como figuras-chave na linhagem do Graal da Casa do Ouro. Mas elas foram ignoradas e esquecidas pelas instituições religiosas fundadas no patriarcalismo. Conseqüentemente, Moisés (o marido real de Mery-Amon) foi também posto de lado como progenitor da família ancestral davídica. Em vez disso, ele foi lembrado como redentor dos israelitas e guardião da Lei, mas sem que se tenha pensado no porquê de ele ser uma figura tão proeminente e respeitada da época. Nesse ínterim, a linhagem de Abraão a Davi autorizada para publicação entrou para as Escrituras com muitas gerações completamente excluídas (ao todo, faltam 400 anos), tudo para evitar citar a ligação com os egípcios, o que era um anátema para os escribas israelitas do Gênesis e do Êxodo.

Acerca de Miriam, o Livro de Aarão — creditado a Hur, aliado de Moisés (que aparece em Êxodo 24:14) — conta: "Miriam a partir dali se tornou admirada pelos hebreus; cada língua cantava em sua honra. Ela ensinou Israel; ela disciplinou os filhos de Jacó, e o povo a chamava, por meio de eminência, a Mestra. Ela estudava o bem da nação, e Aarão e o povo a escutavam. Ante ela as pessoas se curvavam; a ela o aflito vinha". Hur era pai de Huri Ben Hur, cujo filho construiu a Arca da Aliança (Êxodo 35:30-31); passemos, pois, a esse assunto.

5
A ARCA DA ALIANÇA

Conflito do Deuteronômio

Como o Santo Graal ou o Velo de Ouro, a Arca da Aliança é uma relíquia principal de demandas sagradas. Mas em contraste com as características intangíveis dos outros, a Arca mantém uma qualidade física, tendo seu material de construção descrito na Bíblia. Ela é, apesar disso, um enigma tão grande quanto o Graal e o Velo. Seu propósito de repositório é descrito, mas não se diz a razão de ela ser tão ricamente adornada. É retratada com poderes espantosos e mortais, que não são, porém, satisfatoriamente pormenorizados. Não há dúvida de que era a posse mais valiosa dos israelitas; mesmo assim, após quase quatro séculos de história de sua trajetória, ela desaparece do registro bíblico sem explicação.

Segundo a definição, "arca" é equivalente ao latim arca: um baú, caixa ou cofre. Uma coisa escondida ou ocultada em tal caixa é chamada "arcano", enquanto um profundo mistério é um arcanum (plural arcana), como na alquimia e no taro. Um repositório para preservar documentos é um "arquivo" e um item de grande antigüidade é "arcaico" ou "arqueano". Daí, o estudo de tais itens por meio da escavação e da análise se tornou a "Arqueologia".

As arcas também foram identificadas como naves fechadas, como a Arca de Noé. A palavra "arca", como aparece na Bíblia e traduzida do antigo grego da Septuaginta, tem seu paralelo hebraico em ãron — uma caixa ou recipiente, palavra usada para descrever um esquife em Gênesis 50:26 e uma caixa de dinheiro em 2 Reis 12:10.

Desde o livro do Êxodo e durante grande parte do Antigo Testamento, a Arca da Aliança é mostrada em destaque, desempenhando um papel importante na conquista de Canaã pelos Israelitas. Durante sua história, a Arca matava sem aviso, se as regras para seu manuseio não fossem obedecidas, e a fúria de seu poder desenfreado causava

tumores em uma escala epidêmica. Quanto ao abrigo dos Dez Mandamentos, nada mais se fala além da descrição original. Como vimos, Êxodo 40:20 afirma que Moisés depositou o Testemunho na Arca, mas a referência relacionada aos Mandamentos aparece em uma retrospectiva posterior em Deuteronômio. Aqui, antes que os israelitas levassem a Arca à Jordânia, Moisés relembra-os de seu grande poder e dos eventos ocorridos no monte Horebe. Diz que as tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus, eram aquelas que ele atirara no chão e quebrara diante de seus olhos. Em seguida, conta como fora instruído a talhar mais duas tábuas, nas quais escreveria o que havia nas anteriores e que esses eram os "mandamentos" que ele pusera na Arca.

O fato de as tábuas originais (que supostamente haviam sido escritas com o dedo de Deus) nada terem a ver com as que devem ter sido postas na Arca causou muita consternação ao longo dos séculos. Em termos religiosos, todo o conhecimento a respeito da Arca se baseou nesse ideal, mas os estudiosos do judaísmo sabem que essa é uma falácia histórica. Na tentativa de harmonizar o assunto com o ensinamento clerical, nasceu um conceito de meio-termo durante a Idade Média, quando os teólogos determinaram que provavelmente havia duas arcas! Aquela construída por Bezalel abrigava a Pedra do Testemunho, como explicado no Êxodo 40:20, enquanto a outra (uma cópia) continha as tábuas que haviam sido quebradas por Moisés! Porém, decidiu-se que a verdadeira Arca de Bezalel foi a que acabou sendo depositada no Templo do rei Salomão. O destino ou fortuna da suposta duplicata com os Mandamentos nunca foi discutido, ao menos pelos historiadores judeus.

A noção de uma "segunda" Arca foi agarrada com entusiasmo pela fraternidade cristã na Etiópia. Se os judeus não estivessem interessados em capitalizar sobre a fábula, os cristãos certamente poderiam construir uma nova tradição ao redor dela. Foi assim que, nos anos 1300, um livro etíope anônimo surgiu, intitulado Kebra Nagast (Glória dos Reis). Durante essa era de infiltração européia nos países africanos, o objeto desse livro era estabelecer a lenda de uma

cultura judaico-cristã de longa duração na antiga Abissínia. Segundo ele, os reis daquele país descendiam de um certo Menieleque, que seria o filho secreto do rei Salomão de Judá e da rainha de Sabá. Não só isso, mas também que Menieleque havia levado a Arca com os Mandamentos à Etiópia. Surpreendentemente, a lenda perdura até hoje, encorajada pela Igreja Ortodoxa Etíope e pela indústria turística de Axum. Diz-se que a relíquia é guardada em uma capela rústica dos anos de 1960 cuja entrada é, obviamente, proibida. De acordo com um porteiro de confiança, que se recusa a falar a respeito da Arca, ninguém (nem mesmo o Patriarca) jamais a viu!.

As discrepâncias entre a passagem de Deuteronômio e o relato mais antigo do Êxodo são consideráveis, mesmo na medida em que, em Deuteronômio, diz-se que o próprio Moisés construiu a Arca (Deuteronômio 10:5). Isso contrasta completamente com os relatos detalhados originais da confecção da Arca pelo artesão Bezalel, que culmina com: "Fez também Bezalel a Arca de madeira de acácia; de dois côvados e meio era o seu comprimento, de um côvado e meio a largura, e de um côvado e meio a altura. De ouro puro a cobriu: por dentro e por fora a cobriu..." (Êxodo 37:1-2). Antes disso, explica-se que Bezalel (assistido por Aoliabe) foi especialmente escolhido pelo Senhor para o trabalho. Assim, por que há um conflito entre o relato do Êxodo e a análise retrospectiva posterior do Deuteronômio?

Atualmente, os estudiosos aceitam que o Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) teve mais de um escritor, desde o comecinho do Antigo Testamento. Não apenas houve mãos diferentes a redigir esse livro e o Antigo Testamento em geral, como os livros em separado emanam de diferentes épocas. Em suma, o Antigo Testamento é uma mistura de relatos colados juntos, cuja presença se faz sentir desde o início. Em Gênesis 1:27 conta-se que Deus criou Adão. Em seguida, em Gênesis 2:7, vê-se Adão ser criado novamente, demonstrando que a mesma história foi contada por dois escritores diferentes. Na verdade, há duas histórias da Criação bastante distintas em Gênese. A primeira (Gênesis 1:1-2:4) é considerada o trabalho de um clérigo escritor do século VI a.C.

(chamado academicamente de "P") e sua proposta era a glorifícação de Deus por ele ter tirado a Terra da escuridão do Caos. O segundo relato da Criação (Gênesis 2:5-25) vem de uma tradição um pouco mais antiga; seu autor com freqüência é chamado javista (conhecido como "J") porque introduziu o nome divino de Jeová (Javé). Entre os outros escritores do Pentateuco estão o eloísta ("E") e o deuteronomista ("D").

Os livros do Antigo Testamento foram compilados entre os séculos VI e II a.C. Foram iniciados durante o cativeiro dos israelitas na Babilônia e concluídos pelas gerações subseqüentes que haviam voltado à Judéia. Assim, não era uma composição coesa, mas uma série de relatos separados de fontes judaicas e mesopotâmicas. Por isso a repetição maciça em certos pontos: os livros de Reis e Crônicas, por exemplo. Algo do Antigo Testamento é profético, parte é histórica e parte é escritura assumidamente religiosa. Dentro dessas categorias, o livro de Deuteronômio tem uma base religiosa muito judaica; seus escritores estavam profundamente empenhados em unir as pessoas em uma estrutura comum de crença em uma época de severa penúria e opressão.

Cerca de 800 anos após o período mosaico, Deuteronômio foi intencionalmente moldado como se viesse diretamente da boca de Moisés. Não se tratava tanto de registro histórico (como era mais o caso do Êxodo), mas de criar um ambiente de conhecimento que deveria se tornar Lei. Sua utilização da história foi inteiramente manipulativa; um dos principais objetivos era justificar a violenta invasão de Canaã pelos israelitas, dizendo ter sido a vontade de Deus. A esse respeito, vemos Moisés afirmar que Deus "destruirá estas nações diante de ti e tu as possuirás" (Deuteronômio 31:3). Outros enunciados similares incluem: "destrui-las-ás totalmente" (20:17) e "Não farás com elas aliança, nem terás piedade delas" (7:2). Claro, não há nenhum registro de que Moisés tenha dito tais coisas, e mesmo antes disso (no Êxodo) nós o vemos enunciando este mandamento completamente oposto: "Não Matarás".

Esses aspectos historicamente ajeitados de Deuteronômio são apresentados como o roteiro de uma peça; é nesse contexto que encontramos as referências espúrias aos Mandamentos e à Arca. Na prática, Deuteronômio é um relato totalmente reflectivo. Relembra os tempos de Moisés, quando os israelitas eram os invasores, porém expressa as preocupações aplicáveis quando eles próprios estavam sendo invadidos pelo exército babilônico de Nabucodonosor em uma época muito posterior.

Origem da Bíblia

Vale a pena lembrar que, mesmo no século I da era dos Evangelhos, não havia um simples texto composto à disposição dos judeus em geral. Os diversos livros existiam apenas como textos individuais, como indicam os 38 rolos dos 19 livros do Antigo Testamento encontrados em Qumrân, na Judéia, entre 1947 e 1951. Eles incluíam um rolo hebreu de 23 pés (7 metros) do livro de Isaías, o mais longo de todos os Manuscritos do Mar Morto. Datado de cerca de 100 a.C., é o mais antigo texto bíblico descoberto até hoje. Tais rolos eram usados em sinagogas, mas não estavam disponíveis para as pessoas em geral. O primeiro conjunto de livros compilados a ser aprovado como Bíblia judaica surgiu após a queda de Jerusalém sob o general romano Tito, no ano 70 d.C. Ela fora compilada com a intenção de restaurar a fé no Judaísmo em uma época de alvoroço social (a palavra Bíblia vem do substantivo plural grego bíblia, que significa "uma coleção de livros").

Em sua forma composta do século I, o Antigo Testamento foi escrito em um estilo hebraico que consistia apenas em consoantes. Em paralelo com isso, uma tradução grega surgiu para atender ao número crescente de judeus helenistas falantes de grego. Essa versão ficou conhecida como a Septuaginta (do latim septuaginta: setenta), porque 72 estudiosos trabalharam na tradução. Tempos depois, no século IV d.C., São Jerônimo fez uma tradução em latim a partir do hebreu para

subseqüente utilização cristã; essa versão foi chamada de Vulgata por causa de sua aplicação "vulgar" (geral).
Por volta de 900 d.C., o antigo texto hebreu surgiu em uma nova forma, produzido por estudantes judeus conhecidos como Masoretas porque anexaram a Masorah (um conjunto de notas tradicionais) ao texto. Conhecido como Codex Petropolitanus, a cópia mais antiga existente dessa versão vem de menos de mil e cem anos atrás, em 916 d.C.
Atualmente, podemos trabalhar a partir do texto masorético, da Vulgata latina ou das traduções para o português ou outras línguas. Mas, qualquer que seja o caso, permanece o fato de que esses livros todos pertencem a nossa era atual, tendo sido submetidos a correções tradutórias e interpretativas. A Septuaginta grega é um pouco mais confiável (pois é baseada em textos do século III a.C), mas retificações do século I e subseqüentes, assim como variações de tradução, acabaram por separar até mesmo essa versão do verdadeiro original.

A Morada

Costumeiramente, considera-se o Tabernáculo da Congregação como o elaborado santuário erigido no Sinai para abrigar a Arca da Aliança. Essa extravagante construção, porém, está confinada aos aspectos Clericais ("P") do Pentateuco e não se conforma à Tenda da Congregação, muito mais simples, descrita em outra parte do texto. A esse respeito, os registros eloísticos ("E") fazem afirmações como: "Ora, Moisés costumava tomar a tenda e armá-la para si, fora, bem longe do arraial" (Êxodo 33:7-11). Mais adiante, há um apontamento dos mais interessantes, que traz muita semelhança ao item do Gênesis 3:8-9, quando o Senhor andava pelo Jardim do Éden, tendo perdido Adão de vista. No Êxodo, somos novamente lembrados, algo abruptamente, de que havia uma diferença distinta entre o Deus misterioso cuja presença emanava da radiância da Arca e o Senhor da Montanha El Shaddai, retratado com um comportamento muito

equilibrado. Êxodo 33:11 relata que, na entrada da Tenda da Congregação, "falava o Senhor a Moisés face a face, como qualquer homem fala a seu amigo". Referências similares podem ser encontradas em Números 11:16-30 e 12:4-9.

Não há similaridade aparente entre a honesta tenda do eloísta, armada fora do arraial, e o poderoso Tabernáculo do Clérigo, situado no centro do arraial com seu exército de assistentes e guardiães levitas. Porém, esse Tabernáculo imensamente opressivo, com seu grande altar de bronze, é o mais lembrado como o protótipo, mais tarde reproduzido pelo Templo construído em Jerusalém por Salomão.

Além de todo o seu mobiliário, tapeçarias, anéis e adornos ricamente descritos, as paredes do Tabernáculo eram construídas de tábuas retas de 4m de altura e 69cm de largura. Havia mais de quatro dúzias de tábuas na largura, com cantoneiras adicionais, em uma proporção de 3:1 de 13,7m x 4,6m e 4,5m de altura. Era todo coberto e envolvido de linho pesado e peles de bode; dentro dele, em um cortinado de 4,5m, ficava o Santuário da Arca. Já se sugeriu que a definição citada de "tábuas" talvez fosse má tradução de "molduras", mas os antigos termos técnicos são obscuros, de forma que é difícil dizer qual deles é mais acurado. De qualquer modo, temos aqui algo que não era nada portátil — como supostamente deveria ser. Porém, há mais. Essa construção (uma construção coberta de madeira, mais que uma tenda) foi feita dentro de um recinto de 45,7m x 22,8m: o Átrio da Morada (45,6 x 22,8m) — o tamanho aproximado de uma piscina olímpica. Era limitado por 60 colunas de madeira com bases de bronze e cerca de 137m de cortinado pesado, até uma altura de 2,28m. Para o transporte, as dimensões, o volume e o peso disso tudo seriam imensos, se a descrição fosse verdadeira. Não surpreende que o Tabernáculo (hebreu: Mishkan, Morada) tenha diminuído na narrativa que vem logo depois de a jornada dos israelitas ter-se iniciado. Em Josué 18:1, menciona-se que ele foi erigido em Siloé após a batalha de Jericó e, de acordo com 1 Reis 18:4, foi erguido novamente em Jerusalém quando Salomão dedicou o Templo. Nesse ínterim, 1 Crônicas 15:1 explica que Davi armara uma nova tenda para a Arca.

Carros e Querubins

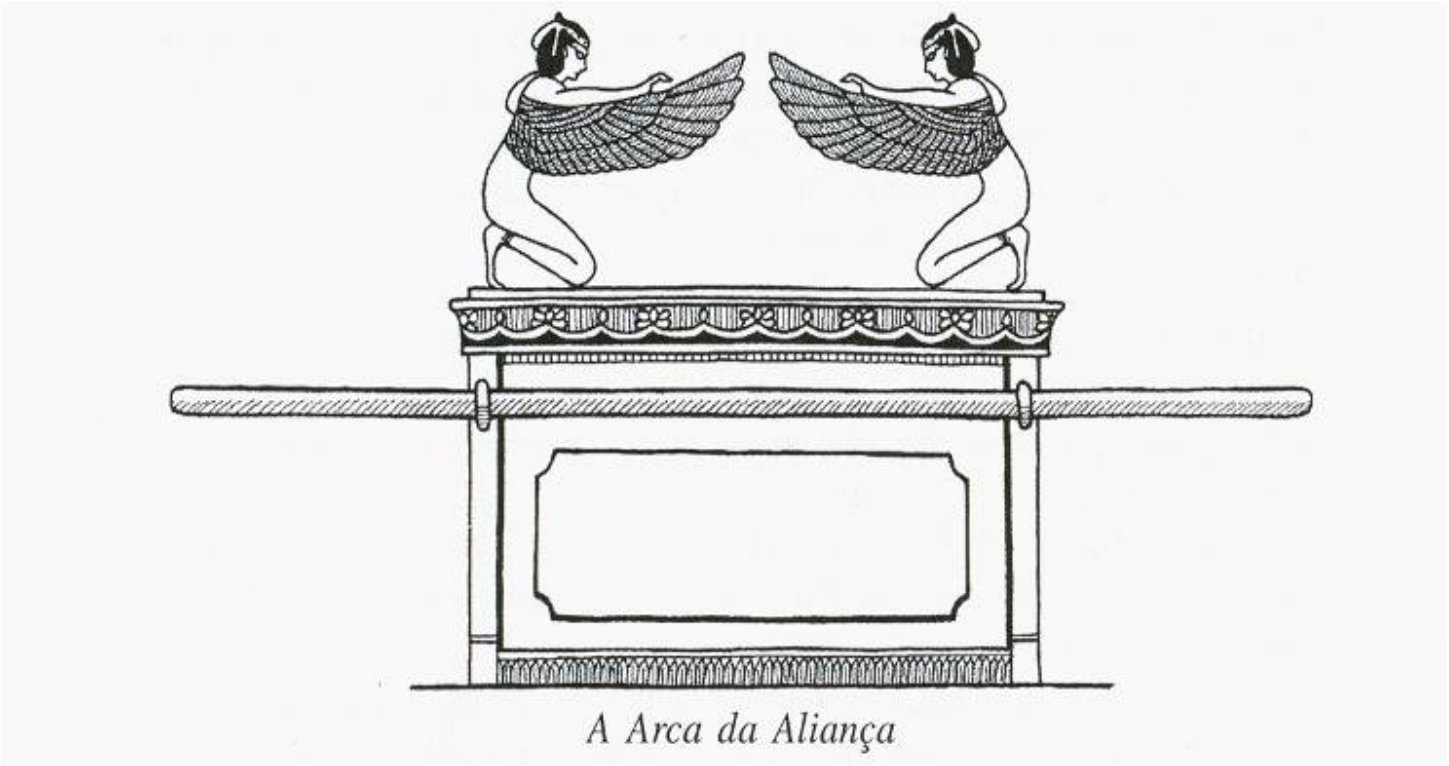
A Arca recebe sua primeira menção bíblica em Êxodo 25:10-22, quando o Senhor dá as especificações para sua manufatura. Com as medidas do cofre principal dadas em cúbitos, considerando-se 46cm como o cúbito padrão, ela tinha 1,13m de comprimento, 68cm de largura e 68cm de altura. Como o cúbito era uma medida variável, com freqüência considerado como 55cm, ela poderia ter 1,4m de comprimento por 83,5cm de altura e largura, ou algo entre essas duas medidas. Qualquer que seja o caso, a razão precisa entre largura/altura-comprimento é de 1:1,666.

A caixa era de "madeira shittim" (em geral se admite que fosse acácia, mas traduzida diretamente do antigo grego da Septuaginta seria "madeira incorruptível"), folheada por dentro e por fora com ouro puro.

Em torno do perímetro superior, ela era adornada com uma coroa retangular. Em cada ponta dos lados mais longos, havia um anel fixo de ouro — quatro anéis ao todo para encaixar as duas varas de transporte, também feitas de madeira shittim, folheada a ouro.

Nesse estágio da descrição, conta-se que um dispositivo chamado "propiciatório" é colocado no alto da Arca — suas dimensões são precisamente as mesmas dos cantos externos da caixa aberta: 1,13m x 68cm (1:1,666). Era, na verdade, uma tampa segura pela orla exterior que coroava o cofre. Não havia, porém, madeira na tampa; era uma laje de ouro puro, que devia ser bastante grossa para não arquear. A palavra hebraica relevante para "propiciatório" (kapporeth) se traduziria melhor como "cobertura", enquanto a Septuaginta a especifica como uma "tampa", definindo-a como um "propiciatório", um lugar de apaziguamento. Em cada ponta dessa tampa havia um querubim de ouro sólido; eles ficavam um de frente para o outro, com as asas dobrando-se para dentro, acima do propiciatório. Finalmente, conta-se que Deus comungaria com Moisés do espaço acima da tampa, entre os querubins (essas descrições são todas repetidas no Êxodo 37:1-9, que conta a confecção da Arca por Bezalel de acordo com essas especificações).

A maior dificuldade ao se pensar na Arca é a natureza dos querubins, pois o Senhor anteriormente dera a seguinte ordem: "Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há acima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra" (Êxodo 20:4). Se os querubins fossem representações angélicas, como popularmente se retrata, a regra divina teria sido quebrada desde seu nascimento. Não muito antes desse projeto de manufatura, Moisés, sustentando o que lhe fora ditado, admoestara Aarão por fazer um bezerro de ouro (Êxodo 32:20-21). Portanto, é inconcebível que ele houvesse pedido a Bezalel que que fizesse um par de anjos de ouro.



A Arca da Aliança

Com relação a isso, não devemos ser automaticamente levados a crer que os querubins eram representações de formas de vida apenas porque tinham asas. Aviões têm asas, xícaras têm asas, cântaros têm asas. "Asa" é simplesmente uma projeção lateral que se estende a partir do corpo principal de um objeto. Não devemos também ser desviados pelas criaturas aladas encontradas no artesanato egípcio e mesopotâmico. Isso não quer dizer que os compiladores do Êxodo no século VI a.C. não tenham sido influenciados por tais imagens ao

descrever a Arca, que aparentemente estava perdida para eles naquela época (cerca de quatrocentos anos depois de ela ter sido instalada no Templo de Salomão). Se ela estivesse no Templo imediatamente antes da invasão de Nabucodonosor e nos setenta anos do cativeiro da Babilônia, em 586 a.C., o último sacerdote israelita a ter visto a Arca provavelmente devia ter morrido nesse ínterim, deixando os querubins abertos a interpretação. Mesmo excetuando-se essa possibilidade, o fato é que (em qualquer estágio de sua residência no Templo) apenas o sumo sacerdote via a Arca. Os escribas do Êxodo não teriam uma experiência pessoal e podiam apenas basear sua descrição na tradição e no diz-que-diz.

O uso angélico popular da palavra querubim foi desenvolvido pela instituição judaico-cristã como forma plural de cherub. Isso significa que "Querubins" (de acordo com as traduções do Antigo Testamento) constitui um duplo plural, o que é impossível. O erro está parcialmente corrigido em alguns lugares — como no Êxodo 25:18-19 (na Bíblia inglesa King James), que se refere a "dois querubins", com um "querub" em cada ponta. O mesmo é dito em Êxodo 37:8. Porém, a Septuaginta e outros textos antigos não cometem o erro, referindo-se geralmente a querubs, em vez de querubins.

Para melhores indícios quanto à natureza de querubim, devemos considerar o uso primitivo da palavra. Em termos bíblicos, encontramo-lo pela primeira vez em Gênesis 3:24, quando (mais semelhantes a carros armados que a anjos) querubins e uma espada flamejante, que se revolvia, foram usados para proteger a Árvore da Vida. Há também um tratado do século III de Alexandria, pouco relacionado à Bíblia, intitulado A Origem. Fala da imortal Sofia, a deusa da sabedoria, e do governador Saboath, que "criou um grande trono em um carro de querubim com quatro lados".

O termo "querub" vem do antigo semítico kerúb, que significa "mover-se". Assim, "querub" é nome derivado de um verbo; sua pronúncia correta é "qerub". Conseqüentemente, é significativo que, onde quer que apareçam formas de identificação para querubs ou querubim (na Bíblia ou alhures), eles são, em todos os casos, retratados como

espécies de tronos móveis, de origem celestial e associados com vôo. Certamente não são representados como criaturas independentes. Tal identificação particular ocorre muitas vezes no Antigo Testamento. Ao falar do Senhor em uma missão de salvamento, tanto 2 Samuel 22:11 como o Salmo 18:10 afirmam: "Cavalgava um querubim, e voou; e foi visto sobre as asas do vento". Ezequiel 9:3 refere-se a Deus sobre um querub, afirmando: "[Ele] se levantou do Querub sobre o qual estava, indo até a entrada da casa". Da mesma maneira, 1 Crônicas 28:18 associa diretamente os guardiães querubins da Arca no Templo de Salomão com "carros". Sabendo que esses querubins não pertenciam à popular variedade angelical, Josefo sustentou, em seu Antigüidades Judaicas do século I, que: "Ninguém pode dizer, ou mesmo conjeturar, qual era a forma desses querubins. "Na mesma época, o filósofo judeu Filo (30 a.C.-45 d.C.) escreveu que, não importando a aparência dos querubins da Arca, ele sentia que deviam simbolizar a sabedoria.
A Oxford Word Libraryy especifica que a raiz fundamental de "querub" é obscura. Era, porém, ligada a uma noção de transporte; uma antiga alternativa a kerüb (mover-se) era erüb. Temos, assim, uma associação direta com as formas variantes Choreb e Horebe, como era chamada a montanha sagrada de Moisés. Era, portanto, o Monte dos Querub, ou a Montanha Querub.
Quanto à associação dos querubs com tronos, a Bíblia certamente conta que, em certas ocasiões, o Senhor sentou-se no propiciatório da Arca: "Ele está entronizado acima dos querubins". Também se confirma que Ele comungou com Moisés a partir desse trono: "[Ele] ouvia a voz que lhe falava de cima do propiciatório". A esse respeito, não há dúvida, segundo o texto, de que estamos no mundo físico de El Shaddai. Mas havia também o aspecto metafísico da Arca-luz (a presença percebida do Deus onipotente), que residia permanentemente entre os querubins e era classificada como uma "perigosa custódia" para os levitas. O Judaísmo filosófico entende que a Arca representa um trono celestial, mas concentrou sua admiração no "tubo de fogo" e nas "faíscas que saíam do querubim", mais do que naquilo que a caixa poderia conter. Porém, no Talmude, aponta-se

que Moisés pusera duas safiras (pedras sappir) na Arca. Eram feitas do mesmo cristal Schethiyâ do qual a própria vara de Moisés era feita (no relatório de Petrie dos itens descobertos no Templo de Serâbit, no monte Horebe, havia varas de um material azul-esverdeado, duro e não identificado).

A mais clara de todas as histórias bíblicas que trata de querubim como carros ou tronos móveis vem do livro de Ezequiel — o profeta cujas visões obsessivas estão entre os episódios mais comoventes do Antigo Testamento. Não obstante tudo o que descobrimos a respeito de tronos móveis e da corrida dos kerübs ao vento, Ezequiel acrescentou uma intrigante dimensão extra, pois seus querubs têm asas.

Ezequiel era um dos sacerdotes de Jerusalém que, em 598 a.C, foram deportados para a Babilônia, junto com o rei Joaquim de Judá (2 Reis 24:12-16). Com outros exilados, ele se estabeleceu em Tel-Aviv (Iraque) e provavelmente passou ali o resto de sua vida. Não é importante debater se o que conta Ezequiel é verdadeiro ou não; de qualquer maneira, ele chama suas histórias de visões. O importante é que elas servem, melhor do que qualquer outra história bíblica, para identificar a natureza dos querubins como eram vistos naquele tempo — não como garotos celestiais, mas formidáveis maquinismos que subiam aos ares por meios mecânicos.

Ezequiel explica: "Olhei, e eis quatro rodas junto aos querubins... o aspecto das rodas era brilhante como pedra de berilo. Quanto ao seu aspecto, tinham as quatro a mesma aparência; eram como se estivesse uma roda dentro da outra. Andando, elas podiam ir em quatro direções, e não se viravam quando iam; para onde ia a primeira seguiam as outras... Andando os querubins, andavam as rodas juntamente com eles; e levantando os querubins as suas asas, para se elevarem de sobre a terra, as rodas não se separavam deles".

Em outra ocasião, Ezequiel acrescenta ainda mais informação a respeito de luzes e anéis giratórios ruidosos. Ele conta que um grande furacão veio do norte, cuspindo fogo. Do meio das chamas surgiria aquilo que parecia ser quatro seres viventes, cada um com quatro

asas e pernas direitas, brilhando como bronze polido. Seus pares de asas estavam unidos; tinham, todos, as faces de um homem, um boi, um leão e uma águia, uma de cada lado. Elas voaram para frente, resplandecendo como lâmpadas e soltando relâmpagos (essa cena misteriosa e intrigante foi extraordinariamente representada na dramática pintura Visão de Ezequiel de Sir Peter Robson; ver prancha 5).

Havia anéis assustadores sobre elas, ruidosos como águas caudalosas; o fenômeno voador era verde como o berilo e parecia ser cheio de olhos. Elas também tinham rodas que se dobravam junto a elas ao voar, e cada uma delas tinha um cristal semelhante ao firmamento sobre a cabeça. Mas quando eles pararam e abaixaram suas asas, havia um trono; sobre ele estava sentada uma figura semelhante a um homem, por cima de cada firmamento iluminado.

Espetáculos flamejantes com rodas aparecem novamente em Daniel 7:9: "O seu trono era chamas de fogo, cujas rodas eram fogo ardente". Há menção a um veículo similar em 2 Reis 2:11, que conta como um carro de fogo levou Elias em um redemoinho para o céu. No livro de Isaías (6:1-2), também se fala de um querub transportado pelo ar, que nos apresenta outro fenômeno intimidante do Antigo Testamento. Isaías descreve o trono esvoaçante e continua: "Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas".

Serafins flamejantes aparecem com grande regularidade em antigos documentos. O fato de eles serem ígneos é consistente com a palavra seraph, que está relacionada a um antigo termo hebreu que significa "chama". Algumas vezes eles têm propriedades destrutivas espantosas, como em Números 21:16, quando grande parte da população de Israel morreu depois que o Senhor mandou serpentes de fogo (serafim) sobre eles. Tais histórias não se limitam aos países do Oriente Médio. Relatos similares do mesmo período vêm do Tibete, da Índia, da Escandinávia e de outros lugares. Todos os escritos falam de carros celestiais que cospem fogo e mercúrio e de pássaros trovejantes com asas de bronze.

Sem uma boa quantidade de especulação, é impossível examinar os porquês e os para quês exatos de tais dispositivos aparentemente automáticos, com suas asas rotativas barulhentas, rodas dobráveis, compartimentos polidos e iluminados e homens dentro. Apenas se pode apresentá-los assim como aparecem nos antigos textos. É certo que esses carros voadores (querubim) com os serafim que os acompanham (auxiliares igneos, em forma de dragão) nunca foram, naquela época, classificados como anjos, cuja posição na Bíblia e em outros lugares era bastante diferente.
Um fato interessante, e possivelmente relacionado, é que a noção de dispositivos voadores não desapareceu com a antiga mitologia. O mundo da arte pictórica, desde os tempos primitivos, através da Renascença européia e depois, traz uma variedade de imagens com óvnis lançando raios de luz que de alguma maneira se relacionam com importantes acontecimentos religiosos na Terra. Um exemplo do século XVII seria O Batismo de Jesus, do artista holandês Aert de Gelder, que está no Fitzwilliam Museum, Cambridge (ver prancha 9).

Uma Essência Divina

Apesar disso tudo, deve-se concluir que os querubim que encimavam a Arca da Aliança não eram tronos móveis dos deuses. São apresentados como extensões funcionais da tampa de ouro; não há referências a uma suposta capacidade voadora da Arca; apenas de levitar e se mover por vontade própria. Esses querubs não podiam ser muito grandes mas, qualquer que fosse seu formato e tamanho, seu significado aparentemente estava ligado à força mortal que supostamente habitava entre eles, sobre a grande laje de ouro. Entretanto, eles eram chamados kerübs e portanto deveriam ter alguma ligação com o fenômeno de Ezequiel, Isaías, Elias e Daniel. Sob esse aspecto, a Arca e os tronos esvoaçantes eram artefatos extraordinários de poder, que cuspiam fogo e luz de um tipo que claramente não eram chamas comuns. Eles eram igualmente espantosos em sua habilidade destrutiva, o que, novamente, não era a

regra durante aquele período. Se a palavra kerüb denotava um aparelho dirigível, uma palavra comparativa de hoje em dia seria "mecanismo" (em inglês, engine, de ingeny: uma invenção engenhosa), igualmente aplicável a uma máquina estacionária ou um dispositivo voador.

Além do Urim e do Tumim se ativarem na presença da Arca, a Bíblia a explica também que o poder da Arca era mortal. Dois dos filhos de Aarão, Nadab e Abihu, foram mortos pelo fogo que jorrou da Arca (Levítico 10:1-2), que o Talmude diz serem raios "tão finos quanto linhas". E quando Uzá, o carreteiro, tentou segurar a Arca quando os bois tropeçaram, foi fulminado no momento em que a tocou (1 Crônicas 13:10-11). Quando não estava no carro, a Arca tinha de ser carregada com varas independentes, que eram passadas por anéis; apenas os sumos sacerdotes levitas (Aarão, Eleazar e seus sucessores), vestidos de maneira muito particular, tinham a permissão de se aproximar muito. Eles tinham grande quantidade de ouro em seu traje especialmente desenhado — um peito de armas de ouro, preso a anéis de ouro, correntes e diversos outros acessórios em torno de seus corpos (Êxodo 28:4-38). Eram também instruídos a tirar seus sapatos e lavar seus pés "para que não morressem" ao se aproximar da Arca (Êxodo 30:21). Da mesma maneira, aqueles que transportavam a Arca em suas varas eram instruídos a andar descalços.

As descrições de trajes e procedimentos especiais para se aproximar da Arca, embora aparentemente muito precisas no texto, são na verdade vagas e confusas. Isso não surpreende, pois os escribas do Antigo Testamento de uma época posterior não partiam de nenhum conhecimento prático. Seu ponto de vista vinha de uma base tradicional enquanto, ao mesmo tempo, eles confundiam em todos os momentos toda a experiência do Sinai com uma religião resultante que se desenvolvera nesse ínterim (devoção, em oposição à oficina). Considerando tudo, porém, há informação suficiente para determinar que, seja no chão ou no ar, o extraordinário poder arcano dos kerübs era eletricidade de alta tensão.

Podemos voltar agora à etimologia arquita com a qual este capítulo se iniciou, continuando a partir do grego ark, com seu equivalente latino arca: uma caixa ou baú.
Na antiga França, arca se tornou arche, que passou para o inglês no início da Idade Média. A impressão de William Caxton, em 1483, da The Golden Legend, de Jacobus de Voragine, refere-se à Arca da Aliança como a "Arche dos Testamentos". Posteriormente, a palavra arche se tornou arch, e depois are, que é a forma própria do inglês para ark, hoje em dia. Nesse período, foi feita uma associação direta, no período gótico, com um arco, como em "arquitetura", "arcada", e "arquitrave". Dado que "arquear" significava ir além ou estender-se, a palavra começou a ser usada como "acima" ou "cabeça", como em "arquiduque", "arcanjo" e "arcebispo".
Unindo esses aspectos da morfologia, há a emblemática representação da Maçonaria do Real Arco, projetada em 1783 por Laurence Dermott, Secretário da Antiga Grande Loja da Inglaterra. Sua imagem representa um arco arquitetônico que abriga a Arca da Aliança, uma arca dentro de um arco. O ponto, aqui, é que arca e arco são mutuamente dependentes, pois cada um deles está em um estágio de recinto protetor (latim: archeo). Se o Antigo Testamento fosse escrito hoje em dia, a Arca da Aliança seria corretamente chamada Arco do Testemunho.
Como recinto protetor, o Arco do Testemunho supostamente incorporava a verdadeira essência da luz e da energia; era uma manifestação do supremo poder de Deus. Mas, uma vez que se tratava de um dispositivo manufaturado, de onde derivava essa essência elétrica? Encontramos imediatamente uma pista na utilização original da palavra hebraica ãron que, conforme já vimos (como arca), definia uma caixa. Porém, era mais especificamente uma caixa de acumulação; o significado da antiga raiz de ãron era o verbo "reunir" ou "reunião". O poder era reunido e estocado pela própria caixa, enquanto a mais terrível descarga (quando o Urim e o Tumim estavam presentes) era vista como um julgamento definitivo. Era percebida como a Luz e a Perfeição, uma inspiração oracular divina do grande

Arconte (antiga palavra grega que significa "recipiente" ou "arco"). Os Arcontes que proferiam seus poderosos julgamentos eram conhecidos como Governantes da Totalidade; um antigo texto grego intitulado A Hipóstase dos Arcontes trata do carro da Fundação, que se elevava acima das forças do Caos — um carro chamado Querubim.

6
O PODER DO OURO

A Abundância

Segundo a descrição, o propiciatório da Arca da Aliança cobria todo o cofre, de canto a canto, dentro da orla perimetral. Na menor das estimativas na conversão dos cúbitos, tinha 1,13 m de comprimento e 68 cm de largura. Para evitar que se arqueasse sob o peso dos querubins, ela deveria ser relativamente grossa; diz-se que era 100% em ouro (24 quilates). A tradição judaica conta que o propiciatório tinha um palmo de profundidade, medida registrada como 8,25 cm. Essa medida pode parecer adequada para sustentar a laje sobre um espaço vazio em cima de uma caixa rígida, mas vale a pena trazer esse volume de ouro para uma perspectiva física.
O peso do ouro é expresso em libras de joalheiro, com uma libra equivalente a 1097 onças avoirdupoids (31,10 g cada onça). De acordo com o Argonne National Laboratory (Departamento de Energia dos Estados Unidos), átomos de ouro unem-se mais estreitamente a seus vizinhos do que átomos de chumbo, de forma que o ouro é mais denso que o chumbo e comparativamente mais pesado. Um cubo de ouro com a aresta de 11,7mm pesa uma libra de joalheiro; a tampa da Arca continha 39.581 cubos como esse. Seu peso total era de cerca de 2.714 libras (1.231 quilos). É uma quantidade surpreendente de ouro, com um valor atual de mercado de cerca de US$10,5 milhões. Segundo o World Gold Council, o ouro de 24 quilates tem uma densidade específica de 19,32 g/cm3. Assim, em um cálculo mais

preciso, um peso pouco menor de 1.224 kg pode ser assegurado. Portanto, a tampa da Arca pesava mais de uma tonelada. Uma vez que supostamente era erguida em varas de madeira em seu transporte por quatro (ou mesmo oito) homens, a Arca necessariamente deveria ser muito mais leve do que isso, a menos que os poderes levitacionais fossem empregados. Mas mesmo se ela tivesse um quarto da espessura, ainda constituiria um volume extraordinário.

Investigaremos o assunto da levitação em seu devido tempo, mas agora vale a pena dar ao assunto algumas pequenas considerações iniciais. A levitação é o erguimento e a suspensão de uma substância material, desafiando a gravidade. A palavra "levitar" deriva imediatamente do latim levis: "leve", em oposição a gravis: "pesado". Porém, o termo levis tem uma associação mais antiga com os sacerdotes de Levi (os Levitas), que eram os guardiães designados da Arca da Aliança. Façanhas de levitação natural são difíceis de compreender porque objetos materiais são, é claro, sujeitos ao impulso para baixo da gravidade. Entretanto, esse impulso pode ser desafiado por uma força opositora que aparentemente não tem conseqüência comparativa. O menor dos magnetos pode erguer alfinetes e clipes de papel com uma força maior do que toda a atração gravitacional terrestre pode reunir em oposição. Não obstante, o próprio magneto cairia no chão se fosse solto. Ou seja, a energia aplicada ao objeto, e não o objeto em si, é crucial para a levitação.

Ao tratar da quantidade total de ouro da Arca e do Tabernáculo, o rol do Êxodo inclui (junto com a dupla camada da arca, anéis e querubins) uma mesa coroada, um altar de incenso, uma grande travessa, um candelabro de sete braços, sinos, um peito de armas com correntes e encaixes, o chapeamento das tábuas do Tabernáculo, hastes, anéis e grampos de tapeçarias, pratos, colheres, pinças, apagadores de velas, tigelas, puxadores de cortinas e uma grande variedade de itens casuais. O total do ouro necessário é desconcertante e, se entendido ao pé da letra, exige a questão: De onde veio isso tudo?

Anteriormente, vimos como os israelitas deram seus brincos e pequenos itens para obter o ouro com o qual Aarão fez o bezerro (Êxodo 32:2-3, 24). Mas Moisés, em seguida, transmutou-o em pó e o deu aos israelitas. Mais tarde, somos informados de que eles deram braceletes, anéis, pulseiras e outros itens pessoais para auxiliar nos projetos da Arca e do Tabernáculo (Êxodo 35:22); mas essas bugigangas representaram apenas uma fração de todo o ouro necessário. Assim, como eles adquiriram tamanha quantidade no meio do planalto do Sinai? Não havia minas de ouro na região, apenas cobre e turquesa. A resposta poderia ser que ele veio do Templo do monte Horebe, onde o pó branco mfkzt já era fabricado com ouro egípcio.

Naquele tempo, o Egito tinha um monopólio do ouro, com as minas mais importantes no Deserto Oriental entre o Nilo e o Mar Vermelho. Havia também muita mineração no Deserto da Núbia a leste de Wadi Halfa, e a sul, em direção à Terceira Catarata. Um mapa em um papiro da 20ª. dinastia (1200 a.C.) das antigas minas de ouro de Wadi Hammamat está atualmente no Museu Egizio, em Turim. A administração e o controle geral da mineração do ouro estavam nas mãos de altos oficiais da corte; o rei recebia todo o lucro resultante, sendo o dono da terra por direito. Esses vastos recursos auríferos eram aumentados por importações e tributos de lugares como a Síria e a Babilônia.

O ouro servia para decorar Templos e outras consagrações faraônicas. Era usado prodigamente em portas, soleiras, pisos e relevos, assim como para um sortimento de peças decorativas variadas. Era também usado no equipamento funerário dos reis e para servir de provisão na Vida após a Morte. O sarcófago interior de ouro de Tutankhamon pesa 330 kg. Sacerdotes, generais e oficiais da corte eram recompensados com correntes de ouro dadas pelo rei, e o ouro era abundantemente usado em estatuetas, máscaras, espelho, harpas, recipientes e em todo tipo de item ricamente adornado.

Uma Breve História do Ouro

Ao longo da história, o ouro sempre ocupou um lugar especial entre os metais por causa de seu suave brilho amarelo e de seu apelo confortador. Mesmo entre metais mais raros, ele foi constantemente o símbolo da riqueza e da supremacia, mas, de acordo com o World Gold Council, apenas 10% de todo o ouro já minerado foi extraído antes de 1848. Estima-se que 90% do total já extraído desde que o tempo é registrado surgiu nos últimos 154 anos!

Nos dias dos antigos impérios (sumério, babilônico, egípcio, persa, macedônico e romano), o ouro representava um papel principal nas tradições da cultura reinante. Em seguida à queda do Império Romano, no século V, o interesse da Europa ocidental pelo ouro declinou e não foi revivido até que os conquistadores espanhóis chegaram ao Peru, no século XVI. A arte dos ourives prosperara ali por séculos e se tornara muito sofisticada. Desde os antigos artesãos Chavin e da sociedade de Nazca no século VI a.C, o ouro fora trabalhado e moldado. O Império Chimu, que se seguiu, desenvolvera o ofício desde 1150; os incas, tempos depois, herdaram e mantiveram seu conhecimento. Eles conheciam a técnica da cera perdida, a filigrana, o trabalho com fios de ouro e eram mestres em folhear e dourar. Ainda mais espantoso era o Templo do Sol inca, que possuía cada centímetro de suas paredes coberto de ouro; os jardins da capital tinham animais, plantas, pássaros e árvores feitos de ouro.

Hernán Cortez entrou no México em 1519, onde encontrou uma cultura similar entre os astecas. O imperador Montezuma ofereceu-lhe presentes inestimáveis, mas, não contente com eles, o espanhol cruelmente se apoderou de seus imensos tesouros. Francisco Pizarro da mesma maneira pilhou o Peru, destruindo o legado inca, derretendo o ouro que pôde apanhar e enviando a maior parte às cortes européias.

Em seguida à dizimação de, ao menos, três mil anos de realizações culturais no México e no Peru, o problema que surgiu foi que nem os espanhóis, nem ninguém mais na Europa Ocidental sabia nada a

respeito de mineração do ouro. Naquela época, também se descobrira ouro no Brasil, mas as minas não eram exploradas além da camada superficial. Com seu gosto pelo ouro recuperado, os europeus voltaram suas atenções à África, onde minas já operavam havia tempo, naquela que ficou conhecida como Costa do Ouro (atualmente Gana). Além disso, o ouro da Transilvânia começou a ganhar importância nos países da Europa Central, enquanto o ouro para o mercado interno era minerado na Escócia. A Rússia descobriu então seu próprio ouro, com o czar Pedro, o Grande (1672-1725), que começou a usá-lo na arquitetura e no mobiliário, assim como no antigo Egito.

Mais de cem anos após a morte de Pedro, as grandes descobertas que abalaram o mercado ocorreram na América e na África do Sul. O ponto crucial foi a descoberta em Sutter's Mill, à beira do American River, em janeiro de 1848, quando começou a corrida do ouro na Califórnia. Três anos depois, o mesmo ocorreu na Austrália. As descobertas definitivas foram feitas em Witwatersrand, em 1886, quando a África do Sul superou a América como o maior produtor do mundo. Outra corrida do ouro ocorreu em Kalgoorlie, na Austrália Ocidental, em 1893; em 1986, encontraram-se depósitos nos territórios canadenses do Yukon, iniciando a corrida do Klondike. Mesmo assim, a África do Sul continuou a ser a principal fonte, produzindo 40% do ouro mundial, tendo sido 1970 seu maior ano de produção. A febre do ouro atingiu seu ápice nos anos de 1980, quando os interesses se expandiram no Brasil, na Venezuela e nas Filipinas. A aplicação de novas tecnologias foi de considerável ajuda nessa recente explosão do ouro; novas técnicas foram desenvolvidas, especialmente na Austrália Ocidental e em Nevada (que produz mais de 60% da extração dos Estados Unidos).

Dia da Arca

Um fato surpreendente que emerge disso tudo é que, no tempo de Moisés e do antigo Egito, o ouro era obviamente usado em ampla

escala; isso se repetiu por algum tempo na Roma imperial e na Rússia. Hoje, porém, estamos comparativamente cobertos de ouro, mas mal se nota. Onde ele está? Como símbolo de riqueza e sucesso, a maior parte está confinada às joalherias, moedas comemorativas, relógios, bugigangas e coisas assim; alguns gramas aqui, outros ali. Mas talvez fossem precisas todas as quinquilharias de ouro da Grã-Bretanha apenas para tampar a Arca da Aliança!

O que ocorreu é que nos tornamos acumuladores de ouro, adoradores de lingotes, mais que utilizadores estéticos do ouro. Hoje, cerca de 900 milhões de onças de ouro (para 40.000 onças do propiciatório — que repentinamente parece pequeno em comparação) são mantidas por autoridades monetárias em reservas de moeda nacional. Por quê? O ouro não é especialmente raro se comparado com alguns metais e gemas preciosos. É extremamente pesado, como o chumbo, e requer muito espaço para armazenagem. Certamente, deve haver substâncias mais adaptadas para tal fim.

No passado, o ouro (junto com a prata e o eléctrum — uma mistura de ouro e prata) era cunhado em moedas funcionais ou diretamente transferível, por peso, como forma de câmbio. O historiador grego Heródoto conta que as mais antigas moedas foram as emitidas pela refinaria em Sardis, pertencente ao rei Creso, da Lídia (Turquia ocidental), no século VI a.C. Com a evolução da economia moderna, o ouro foi tirado de nossos bolsos para ser guardado em lingotes nos bancos centrais. Foi substituído durante a Revolução Industrial por notas simbólicas e moedas com valores intrínsecos muito menores que seus valores de face. No início, os itens promissórios eram resgatáveis em troca de ouro, segundo o Padrão Internacional do Ouro do século XIX, mas a prática cessou quando o ouro se tornou a sua própria mercadoria de troca nos mercados financeiros comerciais. O ouro era, logicamente, volumoso e pouco econômico para se transportar entre compradores e vendedores — assim, mais papéis promissórios foram emitidos para os negociantes. Dessa forma, há aqueles que possuem grandes quantidades de ouro no papel, entretanto nunca o viram e certamente nunca tocaram nele.

Hoje, a maioria dos países mantém algumas de suas reservas em forma de ouro, junto a garantias de curto prazo, como Títulos da Dívida. Cerca de 70% dos tesouros nacionais comunicam suas posses ao Fundo Monetário Internacional (FMI). O ouro é conhecido como o Trunfo do Último Recurso — quando tudo o mais falha, ele ainda estará ali, negociável. Embora isso signifique que nos despojamos de nosso direito a experienciar a magia do ouro cotidianamente (a menos que compremos jóias a preços exorbitantes, pagando mais pelo trabalho artístico e pela manufatura do que pelo valor do ouro), sabemos ao menos que nossas reservas nacionais estão asseguradas. Mas esse aspecto protetor está mudando e, com a aprovação e o envolvimento do FMI, os tesouros ocidentais estão trocando nosso ouro por moeda instável, parecendo contente em sofrer enormes perdas de compensação que ameaçam a segurança econômica. Por que fazem isso? E quem são os misteriosos compradores, cujas identidades estão tão bem guardadas pelos governos vendedores?

Veja pormenores desses leilões no Apêndice III: Ouro à Venda; mas, no momento, basta sugerir que esses câmbios de Tesouros aumentaram porque recentemente se descobriu o motivo por que o ouro é importante, assim como se sabia há milhares de anos. Aqueles que compram estão adquirindo uma substância básica necessária para uma nova era tecnológica, enquanto os vendedores se contentam em sustentar perdas para tornar possível o novo regime. Ao mesmo tempo, a balança novamente se desequilibra contra o colapso econômico de certas indústrias-chave mundiais, enquanto outras tomam a dianteira. Em suma, o Dia da Arca científico está bem perto de nós e aparentemente teremos de dar com uma mão para que possamos receber com a outra.

O Velo de Ouro

Nosso fascínio por ouro é o mesmo que persiste em relação à Arca e a razão pela qual a última se tornou uma relíquia para demandas

sagradas. Sempre soubemos por que a Arca era importante: não porque continha os Dez Mandamentos (o que não é verdade), mas porque era a chave de um segredo para o qual o ouro era o principal catalisador. Esse segredo era simbolizado, na lenda grega, pelo enigmático Velo de Ouro, procurado por Jasão e os Argonautas — um conto épico que antecipou a compilação final do Antigo Testamento. Em seu New System of an Analysis of Ancient Mythology, o notório mitologista do século XVIII, Jacob Bryant, dirigiu sua atenção à similaridade nominal entre a definição Arca e o navio de Jasão, Argo. Supostamente, o navio recebeu o nome de seu construtor, Argus, cujo nome era a palavra usada na Grécia para denotar um vigilante ou Guardião. No curso de suas aventuras, os argonautas foram levados por Zeus à Ilha de Electris. Dessa ilha se obtinha âmbar no mar Valkiti; a palavra helênica para âmbar era electron. Sabia-se que, quando o âmbar era esfregado com um pano macio, atraía pedaços de papel e partículas por meio de uma carga invisível. O termo usado para descrever essa força friccional era electrikus, do qual se derivou a moderna palavra eletricidade.

Em 1598, um texto intitulado Aureum Vellus (Velo de Ouro) foi publicado na Alemanha pelo filósofo Salomon Trismosian. Ele cita que, contrariamente à noção romântica da lã de carneiro da mitologia conhecida, o Velo histórico era na verdade uma pele no sentido de pergaminho. Na verdade, a etimologia confirma-o, pois a palavra vem do alemão arcaico vlüs, que se referia simplesmente a uma pele de carneiro. O Velo de Ouro, afirma Trismosian, era um pergaminho que continha os segredos do ouro e da Pedra Filosofal dos "reis e sábios egípcios, árabes, caldeus e assírios". Assim também, muitos outros adeptos estavam convencidos de que os segredos da alquimia hermética estavam contidos no corpo textual da lenda de Jasão. Há pouco mais de um século, o filósofo francês Fulcanelli escreveu: "A fábula do Velo de Ouro é uma história críptica do trabalho hermético inteiro, cujo objetivo é produzir a Pedra Filosofal", e em época mais recente o psiquiatra analítico suíço Carl Gustav Jung fez uma associação similar em seu livro Psicologia e Alquimia.

Muito antes, no século II, Charax de Pérgamo escreveu a respeito da sublime arte de escrever em pergaminho com ouro — uma antiga ciência chamada chrysographia. Ela é aparente na mitologia grega de Nêfele (esposa do rei Athamas, c. 1200 a.C.), que deu a seus filhos Frixo e Hele o Rolo Dourado do Testemunho, escrito em ouro sobre pele de carneiro. Nos textos alquímicos, há um consenso geral de que o Rolo Dourado e o Velo de Ouro eram a mesma coisa, mas o hermeticista do século XVIII, Naxágoras, foi ainda mais longe, sugerindo que eles eram também sinônimos da Tábua de Esmeralda de Hermes.

Paralelamente, considerava-se Moisés como guardião primário (um argus) da sabedoria hermética, que viera do Egito. Registra-se que ele era um estudioso de Hermes na Turba Philosophorum (Assembléia dos Filósofos), um trabalho latino do século XII traduzido a partir de fontes hebraicas e árabes primitivas. A transmutação do ouro chegava a ser chamada de Arte Hermética Mosaica. Tais referências remontam a um tratado do século XIII intitulado The Domestic Chemistry of Moses, progredindo ao famoso Kitãb al-fihrist (Livro do Índice) árabe do século X, de Ibn al-Nadim. Tempos depois, seguiram-se os comentários acerca da Bíblia Mirqraot Cdolot do século XII, do judeu espanhol Abraão ibn Esram, e o Alchymica, do filósofo alemão do século XVII, Johann Kunckel, da Académie Royale.

Seja de fontes judaicas, muçulmanas, cristãs ou outras, Moisés era reverenciado por todos como um expoente fundamental da filosofia hermética. Com relação à ignição do bezerro de ouro para transformá-lo em pó, a mesma observação é consistentemente feita em textos antigos (ver "O Objetivo Principal", p. 23) — de que o aquecimento do ouro produz ouro derretido e a queima continuada simplesmente o deixa negro e imprestável. A interpretação comum do Êxodo 32:20 é, portanto, enganadora até que a pessoa entenda a física do pó de ouro monoatômico (átomo simples), obtido pelo fogo de arco voltaico do electrikus (eletricidade). De acordo com a doutrina cabalística, todo o mistério dos querubins repousa sobre uma compreensão dos princípios alquímicos como descritos no texto hermético de Jó 28:5-6.

Isso junta tudo o que já discutimos (fogo, pão, pedra, safira e ouro) em uma equação: "Da terra procede o pão, mas embaixo é revolvida como por fogo. Nas suas pedras se encontra safira e há pó que contém ouro".

A Tábua de Esmeralda

Até agora encontramos o antigo Quadro do Destino sumério, o Sappir do testemunho de Moisés e os pergaminhos do Velo de Ouro e o Rolo Dourado; todos eles, supostamente, contendo segredos de eras passadas. Se o Quadro do Destino e o Sappir eram, de algum modo, textuais, não sabemos, mas é muito provável que sim. Simplesmente se diz que eles "continham" muita sabedoria. O Velo de Ouro, porém, era supostamente um manuscrito alquímico.

Dentro do Antigo Testamento, temos ainda outro texto de sabedoria no Livro dos Provérbios. É uma série de ditados sábios atribuídos ao rei Salomão que poderiam bem ter sido usados por ele; mas eram, em primeira instância, egípcios. Na verdade, foram traduzidos quase ao pé da letra para o hebreu a partir dos escritos de um sábio egípcio chamado Amenemope; estão atualmente no Museu Britânico. Verso após verso, o Livro dos Provérbios pode ser atribuído a esse original egípcio. Além disso, ainda podemos certificar-nos de que os escritos de Amenemope haviam sido extraídos de um trabalho muito mais antigo chamado A Sabedoria de Ptah-hotep, que surgiu mais de dois mil anos antes do tempo de Salomão (ver Apêndice IV para uma comparação com Amenomope).

Os anais da antiga Maçonaria contêm um documento de 1450 que expõe algumas das Divisas do Ofício, atualmente no Museu Britânico. Foi publicado por Richard Spencer, de Londres, em 1861 e, em alusão a seu editor na época, é conhecido atualmente como Matthew Code Manuscript. No original do século XV, há uma versão em inglês arcaico de uma história que remonta aos tempos bíblicos. Conta como as ciências que formaram o alicerce da Maçonaria começaram com os filhos e a filha de Lameque, que eram Jabal, Jubal, Tubalcaim e

Naamá, como detalhado na Gênesis 4:19-22. Lameque era o quarto na sucessão de Enoque, o filho de Caim (Gênesis 4:17-18). Em relação a assuntos como a geometria e a metalurgia, o manuscrito explica que "havia duas espécies de pedra de tal virtude que uma delas nunca queimaria, e essa pedra é chamada marbyll, e a outra pedra não afundaria na água, e essa pedra é chamada latres. E assim eles planejaram escrever todas as ciências que haviam encontrado nessas duas pedras".

Em parte do texto, refere-se às pedras como "pylers"; em geral, considerou-se que isso tinha a ver com "pilares", como também aparece na tradução inglesa do século XIX do trabalho de Josefo, do século I, que conta uma versão da mesma história. A tradução de Josefo, porém, foi criticada por estudiosos por causa de suas muitas imprecisões, dentre as quais as soluções "tijolo" e "pedra" para as palavras hebréias equivalentes a marbyll e latres. Da mesma maneira, a palavra "pilar" era inteiramente enganadora e dava a ilusão de duas grandes colunas, que pareciam não ter localização geográfica. Dado que Lameque e seus filhos viviam antes do dilúvio bíblico, as pedras tornaram-se legendárias como os pilares antediluvianos.

O engano, aqui, é que há duas palavras muito distintas usadas em hebreu antigo e que foram traduzidas, ambas, como "pilar" no Antigo Testamento. Elas são ammud e mazzebah. A primeira denota um pilar que poderia ser tanto uma coluna arquitetônica quanto uma coluna de fumaça, porém a segunda tem uma conotação bastante diferente. Pode-se referir a uma estela ou uma pedra de altar, mas foi igualmente aplicada à pedra que Jacó usava como travesseiro e erigiu como um mazzebah em Betel (Gênesis 28:18). Como mazzebahs, porém, as pedras antediluvianas do manuscrito Cooke eram corretamente designadas antes do erro de tradução ("pedras" para marbyll e latres). A anterior talvez fosse mármore ou alguma rocha cristalina, enquanto a outra era corrompida, em alguns escritos, como laterus, e então definida como laterita, argila vermelha com base ferrosa utilizada para tijolos e superfícies de estradas. O fato é que a

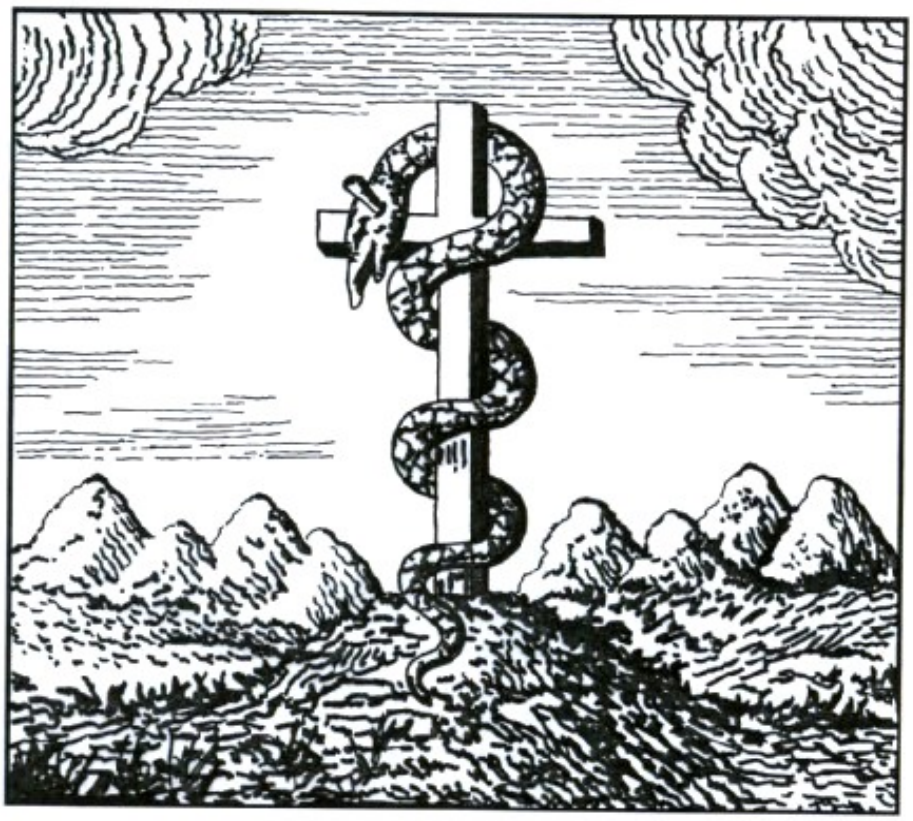
natureza do latres é tão obscura quanto a do sappir, embora a tradição maçônica primitiva presuma que fosse um tipo de metal.
Diz-se que, após o Dilúvio, o conteúdo das pedras foi transcrito em uma tábua de esmeralda por Hermes Trimegisto (Hermes, o Três Vezes Grande). Esse foi o nome dado pelos neoplatônicos gregos ao Deus escriba egípcio Toth, venerado como o iniciador da alquimia e da geometria. Em seguida aos ensinamentos de Platão (c. 429-347 a.C.), os neoplatônicos declaravam que o intelecto humano não tinha relação com o mundo material e que a espiritualidade individual aumentaria com o desprezo pelos valores terrenos. A relevância de Hermes reside em que seu conhecimento especial supostamente representava a Sabedoria Perdida de Lameque, como fora preservada nas pedras antediluvianas. A tradição diz que, na época, a Tábua de Esmeralda de Hermes foi herdada pelo filósofo grego Pitágoras (c. 570-500 a.C).
Embora Toth fosse venerado como uma divindade por si só no Egito, era principalmente escriba e mensageiro dos deuses superiores. Os gregos, portanto, associaram-no a seu próprio deus mensageiro, Hermes (conhecido pelos romanos como Mercúrio), que portava o caduceu e a serpente de Asclépio. Por causa dessa referência cultural cruzada, há algumas diferenças significativas no retrato desse personagem de muitos nomes, mas em todos os casos ele era associado à sabedoria, à alquimia e aos objetivos intelectuais. Um documento gnóstico, encontrado em Quenoboskion, no Egito, e conhecido como o Tratado de Hermes Trimegisto, afirma: "É, portanto, por graus que os adeptos entrarão no caminho da imortalidade e atingirão uma concepção do Ogdoad, que em troca revela o Ennead". O Ogdoad (óctuplo) corresponde ao céu das estrelas, fora dos céus individuais dos planetas; e o Ennead (nônuplo) se refere ao grande céu exterior do universo. O próprio céu individual da Terra era chamado Hebdomad (sétuplo). O centro de culto egípcio de Toth era em Khemenu (hoje el-Eshumunein). Era a cidade de Ogdoad, personificada por oito deuses (quatro casais). Eram eles Nun e Nunet, Heh e Hehet, Kek e Keket e Amon e Amonet.

Supõe-se que Toth tenha escrito 42 livros que contêm toda a sabedoria do mundo, muitos dos quais, arquivos de alta magia; na personificação de Hermes Trimegisto, atribuíam-lhe algo semelhante. Sua venerada Tábua de Esmeralda continha as mais antigas de todas as fórmulas alquímicas, as quais eram de grande significância nas primitivas escolas de mistério. Seu texto relacionava-se tanto à alquimia de metais como à divina alquimia da regeneração humana, junto a assuntos de ciência, astronomia e numerologia. Os adeptos rosa-cruzes a conhecem como Tabula Smaragdina Hermetis; a Tábua de Esmeralda era considerada "o mais antigo monumento dos Caldeus que trata da Pedra Filosofal". Isso é muito parecido com o que foi afirmado por Salomon Trismosian com relação ao Velo de Ouro.

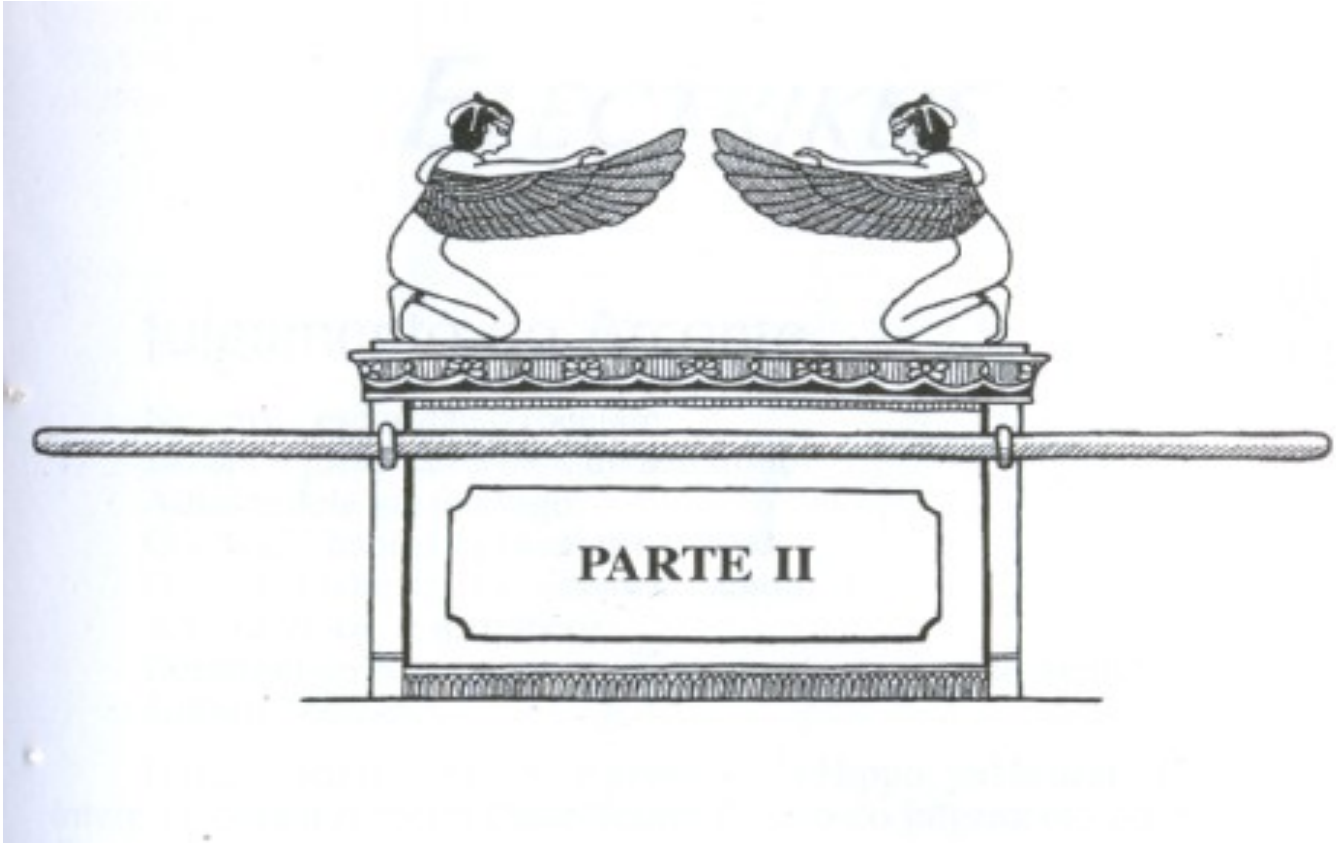
E por causa de Hermes Trimegisto que a alquimia é chamada arte "hermética". Da fusão hermética do vidro no Antigo Egito derivamos nosso termo atual "vidro hermeticamente fechado". O termo "alquimia" vem do árabe Al-khame (a escuridão) e é definido como uma ciência que triunfa sobre a escuridão, ou aquilo que ilumina pela percepção intuitiva. A alquimia possuía também uma associação com o misterioso Khem de Mendes, freqüentemente retratado como um bode e identificado com certo anjo Azazel de Capricórnio. O Livro de Enoch (escrito no século II a.C, mas excluído do Antigo Testamento) define Azazel como um vigilante; ou, em grego arcaico, um Argus, como no navio de Jasão, o Argo. Em Enoque, afirma-se que Azazel fez conhecer aos homens "todos os metais e a arte de os trabalhar".

As traduções existentes da Tábua de Esmeralda remontam ao século VIII, iniciando-se com a do filósofo islâmico Jabir Ibn Haiyan, que também escreveu a respeito da escola alquímica de Pitágoras (o Taífat Fthaghurus). Apolônio de Tiana (também conhecido como Balinus), do Templo de Asclépio, no Egeu, aparentemente descobriu a relíquia pitagórica no século I; desde então, muitos filósofos notáveis estudaram e fizeram uso do texto. Entre esses, destaca-se Isaac Newton, presidente da Sociedade Real Científica de Londres desde 1703.

O que está perdido para sempre, porém, é o Livro de Toth (designação aplicada, entretanto, ao tarô), que explicava os segredos da regeneração e da longevidade. Junto a outros textos herméticos e mais de meio milhão de documentos insubstituíveis da história, da ciência e da filosofia, ele foi destruído por uma mobilização cristã ardente em 391 d.C. Liderados pelo bispo Teófilo, designado pelos romanos, os cristãos marcharam sobre o Serapeum, onde era mantida a coleção da Grande Biblioteca de Alexandria, e arrasaram-no para limpar o caminho para as doutrinas da nova literatura aprovada pela Igreja. A esse respeito, disse-se que Roma crucificara a serpente da sabedoria, assim como Jesus (portador dessa sabedoria) foi crucificado pelo mesmo estabelecimento. Há diversas representações alegóricas desse ato; talvez a mais conhecida seja a que aparece no Livre des Figures Hyéroglyphiques do filósofo hermético Nicolau Flamel, do século XIV.



A serpente crucificada de Nicolau Flamel



PARTE II

7
ELECTRIKUS

Julgamento do Arconte

Nuvens e escuridão o rodeiam,
Justiça e juízo são a base do seu trono.
Adiante dele vai um fogo,
Que lhe consome os inimigos em redor.
Os seus relâmpagos alumiam o mundo;
A terra vê-os, e estremece.
Derretem-se como cera os montes, na presença do Senhor...
Salmos 97:2-5

Desde o tempo de Santo Agostinho de Hippo, publicaram-se muitas interpretações a respeito desse Salmo bíblico do julgamento do Arconte. Ele certamente forneceu invectivas adequadas para os pregadores da danação fervente e do Deus do ódio e da vingança. A mensagem, contudo, tem relação com a Arca e é remanescente da cena israelita no monte Horebe: "E todo o povo presenciou os trovões e os relâmpagos, e o clangor da trombeta, e o monte fumegante; e o povo, observando, estremeceu-se e ficou de longe. Disseram a Moisés: Fala-nos tu, e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos" (Êxodo 20:18-19).

Como mostrou, em 1977, o autor Jerry L. Ziegler, ao estudar a natureza fenomenal de YHVH: "Um texto sem um contexto é simplesmente um pretexto." É portanto necessário encontrar contextos para passagens da Bíblia como essas, pois elas estão bastante separadas da noção da Igreja de Deus como um terno Pai celestial. Na verdade, afirmações como "porém não fale Deus conosco, para que não morramos" estão muito mais próximas da visão científica de Deus como uma energia poderosa, não um personagem divino.

Em diversos estágios do Antigo Testamento (desde o momento de sua associação direta com o monte Horebe e a Arca), retrata-se Deus enviando setas de relâmpago. Dizia-se que ele existia entre os querubins e obtinha o máximo de seu poder ígneo na presença da penetrante pedra de relâmpago Urim-Schamir. Na sabedoria mística e maçônica, Deus foi chamado Arconte, Arquiteto e Arquétipo, vivendo em uma Casa de Julgamento chamada Archeion. A luz na Arca, acima do propiciatório, era reverenciada como a "presença" de Deus e imediatamente responsável pela transmutação do ouro no sagrado "pão da presença" (mfkzt). Isso leva a uma hipótese intrigante relacionada à Arca da Aliança, que talvez possa resolver o mistério dos querubins.

Sem nenhuma explicação no Êxodo, o Urim e o Tumim surgiram no monte Horebe como se Moisés, anteriormente, já fosse familiarizado com eles. A Bíblia conta-nos que Moisés era egípcio (Êxodo 2:19); segundo a Aegyptiaca, de Maneto (c. 300 a.C.), ele fora educado

como um sacerdote do Templo em Heliópolis. Além disso, Finéas, o Levita (filho de Eleazar), em quem o "sacerdócio perpétuo" fora confirmado (Números 25:11-13), trazia o mesmo nome de Panahesy, o governador egípcio do Sinai que fora servidor principal de Aten no Templo de Akhenaton, em Amarna. Embora a montanha do Sinai seja chamada monte Horebe (montanha Querub) na Bíblia, ela se tornou posteriormente conhecida como Serâbit el Khâdim - cuja tradução completa seria "Proeminência do Servidor".

Na margem do rio oposta a Amarna, fica a moderna cidade de Mallawi (Malleui) que significa, literalmente, Cidade dos Levitas; o sumo sacerdote do Templo de Akhenaton, em Amarna, era Meryre. Seu nome era equivalente ao hebreu Merari — um dos filhos de Levi (Gênesis 46:11) - e é evidente que a associação faraônica de Moisés com os israelitas fora estabelecida no Egito muito tempo antes que ele os liderasse ao Sinai.

Moisés era definido na tradição hermética como um mestre alquimista e, de acordo com o Êxodo, ele realmente realizou uma notável transmutação de ouro no misterioso pó de projeção por meio do fogo. Mas não era fogo comum; era o fogo da luz da Arca: a "presença" de Deus, que estourava e faiscava, lançando raios e faíscas de relâmpagos mortais. O ponto de interesse é que esse relâmpago, junto com o Sappir e outros itens de relevância, está associado ao monte Horebe antes que Bezalel houvesse construído a Arca da Aliança — não como resultado dessa construção.

Quando os israelitas chegaram à montanha, conta-se que o Senhor desceu sobre ela como o fogo de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente (Êxodo 19:18). Mesmo antes disso, Moisés vira a misteriosa sarça ardente e fora aconselhado a tirar seus calçados (Êxodo 3:1-5). Se a Arca de Ouro estivesse diretamente associada a esses fenômenos, como parece, torna-se óbvio que a Arca já estava no Templo da montanha antes da chegada dos israelitas. Realmente, como veremos, a Arca era necessária para produzir o pó de ouro mfkzt, e a oficina para esses fins operava no monte Horebe desde o

reinado do faraó Sneferu, mais de 1.300 anos antes do tempo de Moisés.
O contexto reconhecível que estamos buscando para todo esse relampejar divino e atividade ígnea arcana é, sem dúvida, a eletricidade — o poder do electrikus. A hipótese paralela é que Bezalel não construiu a arca, apesar de tudo. Talvez tenha construído os altares do Tabemáculo e outros equipamentos, mas a Arca (cuja história foi escrita por escribas muitos séculos após o ocorrido) poderia muito bem ter estado em Horebe durante todo o tempo. Se assim foi, a natureza dos querubins pode ser considerada sob uma luz inteiramente nova.
Arcas com o desenho e o estilo representados no Êxodo eram historicamente egípcias, não israelitas ou hebréias — um bom exemplo seria a Arca de Anúbis descoberta em 1922 por Howard Cartes na entrada do túmulo de Tutankhamon. Os querubins no relicário de ouro do filho de Akhenaton, Tutankhamon, não são diferentes daqueles da imaginação popular da Arca da Aliança — nem os de seu sarcófago, nem no de seu sucessor imediato, o faraó Aye. Embora negadas à arte israelita (por causa da lei contra imagens de formas de vida), essas figuras aladas eram bastante comuns no antigo mundo da Ásia e do Oriente Médio. Porém, é bem plausível que uma Arca egípcia pré-mosaica fosse encimada por querubs angelicais, da mesma forma que a Arca de Tutankhamon era guardada por Anúbis. A esse respeito, nosso guia inicial ao Sinai, Sir W. M. Flinders Petrie, chegou a uma conclusão muito semelhante, tendo afirmado: "Na mais sagrada de todas as coisas, a Arca de Javé dos hebreus, havia querubs, um em cada ponta do propiciatório, com asas que cobriam o propiciatório. Isso está de acordo com a descrição da arca egípcia dos deuses com figuras da deusa Ma'at com asas cobrindo a Arca".
Ma'at, a deusa da verdade e da lei, era filha de Rá e, estando na "presença" da Arca, também tinha relação com julgamento, embora de forma muito menos violenta. Quando pesava a "verdade na balança", utilizava uma pena; a verdade era identificada com ouro, o mais nobre dos metais. Quando as almas dos primeiros faraós entravam na Vida

após a Morte, eram testadas pelo deus funerário Anúbis contra a pena judicial de Ma'at.

Fogo de Santelmo

"O aspecto da glória do Senhor era como um fogo consumidor no cimo do monte, aos olhos dos filhos de Israel." (Êxodo 24:17)
Para localizar a montanha em seu próprio contexto individual, é preciso dizer que o fogo inicialmente visível e claramente espantoso no pico trovejante não era necessariamente devido à Arca. O planalto do Sinai é uma região tradicionalmente tempestuosa, cujo céu tem eletricidade em abundância, criando o fenômeno conhecido como Fogo de Santelmo. Esse é um tipo de faísca elétrica contínua chamada "descarga incandescente". Ocorre quando a eletricidade em alta tensão afeta um gás e pode ser visto quando o ar e o chão sob uma tempestade ficam eletricamente carregados. A tensão elétrica rompe as moléculas de ar e o gás adquire um brilho incandescente, necessitando de cerca de 30.000 volts por cm2. Pontas agudas ligadas ao chão, como mastros e antenas, podem, porém, dar início ao fenômeno em níveis menores, de até 1000 volts.
Essencialmente, o Fogo de Santelmo é plasma iluminado. Plasmas podem transportar correntes elétricas, gerar magnetismo e são a forma mais comum de matéria universal. O gás (incluindo o gás atmosférico: ar) é composto de moléculas. Estas são compostas de átomos, que por sua vez são compostos de elétrons e grupos de partículas de prótons. Quando a eletricidade em alta voltagem é aplicada ao gás, ela faz os elétrons e os prótons separarem-se uns dos outros, transformando o gás em uma mistura incandescente de grupos de prótons e elétrons separados. A cor exata do fogo de plasma resultante depende do tipo de gás envolvido, mas em geral é um violeta-azulado na atmosfera terrestre.
Diferentemente dos relâmpagos esféricos, que se podem mover, o Fogo de Santelmo está associado a objetos aos quais está atracado, e ele cospe, faísca e estala como o fogo, embora não seja quente nem

devorador. Esses objetos podem ser qualquer coisa, desde uma montanha alta até um arbusto, como no relato de Moisés e da sarça ardente: "Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia" (Êxodo 3:2). Objetos pontudos, como mastros de navio e campanários de igreja, são especialmente suscetíveis ao fenômeno. Muitos marinheiros ficaram tão espantados quanto Moisés ao descobrir que um mastro que eles indubitavelmente haviam visto em chamas permanecia intocado e intacto após o ocorrido. Por isso, o fogo misterioso recebeu seu nome: Santelmo (Santo Elmo, c. 300 d.C., que pregava durante as tempestades) era o santo padroeiro dos marinheiros.

Comparada à atmosfera, a terra é um bom condutor, tendo a capacidade de descarregar eletricidade com um brilho no topo de suas montanhas. Portanto, não surpreende que os deuses dos antigos fossem tão freqüentemente associados a montanhas. Na verdade, a Bíblia cita grande quantidade de adoração primitiva em "lugares altos". Também não surpreende que, em um ambiente tão eletricamente carregado, Moisés tenha sido aconselhado a se descalçar. Se o corpo de uma pessoa não estiver diretamente em contato com o chão ("aterrado"), receberá uma descarga, de acordo com a diferença de potencial entre o chão e a atmosfera na altura de sua cabeça. Solas secas de couro agiriam como uma resistência e impediriam o fluxo da carga pelo corpo. Isso não seria um problema em si, mas se a pessoa tocasse em algo que estivesse eletricamente carregado, poderia levar um choque. Pode-se experimentar uma descarga estática similar em menor escala ao tocar arquivos de metal e objetos semelhantes.

Antigas Baterias

A eletricidade em sua forma natural era inteiramente conhecida dos antigos, não importa o nome que dessem a ela. Na verdade, YHVH (aspirado sem as vogais adicionadas posteriormente) poderia ser uma explicação tão boa quanto qualquer descrição audível; dizia-se que os sacerdotes apenas poderiam proferir o nome impronunciável "com seu

hálito". De acordo com o papiro judeu-egípcio intitulado Zeus Tonante, Rei Adonai, Senhor Iaooue, a pronúncia aspirada não-vocalizada de YHVH era "iauooe" — como um "hi-wi" sussurrado. O mais relevante, porém, é que eles, de alguma forma, aprenderam como capturar o poder e a glória de YHVH, intensificá-lo e usá-lo com efeitos espantosos.

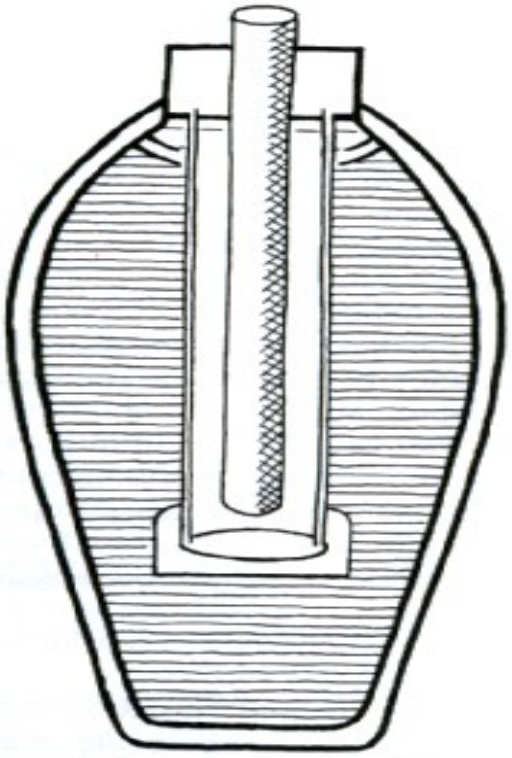
De um jeito ou de outro, a eletricidade era sempre percebida como manifestação de um deus associado com montanhas, fosse Zeus, Javé ou qualquer outro. Em seu trabalho acadêmico, The Shining Ones, o lingüista e geólogo Christian O'Brien relaciona a derivação e os derivativos da antiga palavra El, que definia um deus ou um ser poderoso (como em El Elyon e El Shaddai), mas que em todas as variantes denotava um ser brilhante ou resplandecente. Os termos eletricidade, elétron e electrikus derivam todos, portanto, de uma base original relativa à "substância brilhante de Deus".

Em 1938, o arqueólogo alemão Wilhelm Koenig fez o primeiro exame cuidadoso de um curioso jarro de argila (um dentre vários), que estava no Museu Nacional do Iraque, onde ainda pode ser visto. De cor amarelo-pálida, com cerca de 15 cm de altura e 7 cm de largura em sua parte superior, o pote bulboso tinha 2.240 anos e era atribuído aos partianos. Eles dominaram grande parte do Oriente Médio naquele tempo, quando Ptolomeu III era faraó do Egito. A abertura no alto da jarra abrigava um cilindro de cobre de 9 cm de altura, mantido na posição por uma rolha de piche; um bastão de ferro passava pelo centro do cilindro, que se projetava até um pouco acima da tampa, coberta de chumbo. O bastão de ferro terminava pouco antes do fim do tubo de cobre, que era selado com um disco de cobre ondulado coberto de piche.

Era evidente que a jarra não era nada menos que uma bateria, necessitando apenas de um líquido ácido como vinagre para ser ativada. A confirmação de que o artefato era uma célula elétrica foi obtida e ele ficou conhecido como Bateria de Bagdá. Então, em seguida à Segunda Guerra Mundial, Willard M. Gray, do General Electric Laboratory, em Pittsfield, Massachussets, construiu uma

réplica exata do dispositivo. Com a adição de ácido cítrico, obteve dois volts de eletricidade — uma façanha que não fora conseguida por esse método (ou ao menos assim se pensava) até o início do século XIX. Conseqüentemente, como confirmado em abril de 1957 no periódico Science Digest, o conde Alessandro Volta não inventara a bateria de volts em 1880; ele a reinventara.

O Dr. Koenig descobriu também, no Museu do Iraque, utensílios de cobre da antiga Sumária que haviam sido galvanizados com prata. Ele supôs que a galvanização indicava que essas baterias possuíam uso prático, embora esses artefatos tivessem muitos séculos a mais que a bateria examinada por ele. Ao todo, havia cinco jarras-baterias no museu; considerou-se que uma voltagem bem aumentada seria obtida conectando-se a parte de cima dos bastões. Posteriormente, o cientista alemão Dr. Arne Eggebrecht repetiu o processo de replicação, fazendo precisamente isso, e realizou uma galvanização bem-sucedida com ouro.



A Bateria de Bagdá

Ouro dos Deuses

Voltemos agora a Hathor (padroeira de Serâbít el Khâdim) e a seu outro Templo, com sua intrigante cripta subterrânea, em Dendera, a norte de Luxor. É um dos mais antigos locais sagrados do Egito; foi ali que, segundo se conta, Osíris foi enterrado. Lá, encontram-se inscrições hieroglíficas que ligam Hathor à Casa Real do Ouro. Traduzidos nos anos de 1980 pela egiptóloga Sylvie Cauville para o Institut Français d'Archeologie Orientale, a legenda diz: "Rá abriu seus olhos dentro do lótus quando este emergiu do Caos primordial e seus olhos começaram a lacrimejar, e gotículas caíram no chão. Elas foram transformadas em uma bela mulher, que foi chamada Ouro dos Deuses, Hathor, a grande, Senhora de Dendera". Hathor aparece nos mais antigos registros históricos já encontrados no Egito: a famosa ardósia verde Narmer Palette (de mais de 3000 a.C.) é a única deusa mostrada de rosto inteiro.

O primeiro Templo em Dendera fora construído durante o antigo reino, no governo do faraó Khufu, construtor de uma das grandes pirâmides. Ele era filho de Sneferu, o que data Dendera (originalmente Tentirys) do mesmo período do Templo de Serâbit e dos primeiros dias da produção do mfkzt, por volta de 4.500 anos atrás. O Templo acima do solo, atualmente no sítio de Dendera, é uma construção posterior, do século I a.C. da era dos Ptolomeus. Associado tanto com Hathor como com a Rainha Cleópatra VII, uma das características principais da construção era um mapa do céu projetado de maneira impressionante no teto. Conhecido como Zodíaco de Dendera, apenas nos resta uma cópia de gesso — o original está à mostra no Museu do Louvre, em Paris. O grande mistério de Dendera reside, porém, bem no fundo dessa antiga cripta subterrânea, perto da Casa do Ouro. Ali, as paredes da cripta sul são adornadas com grandes entalhes pictóricos que, por muito tempo, maravilharam os egiptólogos por seus retratos extraordinários. As imagens mostram sacerdotes segurando longos objetos semelhantes a balões com serpentes dentro, enquanto outros personagens representam papéis secundários (ver prancha 14). Os

tubos ostensivamente leves ou sem peso estão ligados por cabos de haste de lótus a uma caixa sobre a qual se senta Heh, o deus do espaço infinito, e seu tamanho extraordinário é simbólico de sua grande importância ou indicativo de sua realidade.
Em seu livro de 1961, Forvunen Teknik, o engenheiro sueco Henry Kjellson notou que o hieróglifo relativo a serpentes era traduzido como seref, referente a uma "incandescência" ou uma "chama"; ele especulou que talvez fosse um quadro de centro eletrificado. Depois, o cientista escocês Ivan T. Sanserson e outros técnicos investigativos chegaram a conclusões similares, e os dispositivos bulbosos foram comparados a tubos de elétrons na tecnologia de raios catódicos. (Em 1838 Michel Faraday descreveu pela primeira vez as características do "brilho" colorido que surge quando se aplica alta tensão elétrica a eletrodos em um tubo de vidro parcialmente esvaziado.)

Misterioso relevo no Templo de Hathor, em Dendera

O engenheiro de Estocolmo, Ivan Tröeng, também confirmou em seu Kulturer Före Istiden que os petróglifos de Dendera representavam aparatos elétricos com isoladores de alta tensão na forma de pilares djed. A palavra djed tem a ver com "suporte" ou "durabilidade"; tais pilares aparecem muito, assim como o ankh, na arte egípcia, freqüentemente utilizados como amuletos (talismãs). Semelhantes a velas de ignição ou um eletrodo isolado, o pilar djed simbolizava, na mitologia, a coluna vertebral de Osíris, que era retratado como um djed no Papiro de Hunefer de cerca de 1370 a.C. (atualmente no Museu Britânico). Como se pode ver em museus, amuletos djed são em geral bem pequenos, com apenas alguns centímetros de comprimento, mas são ainda chamados "pilares" ou "colunas". Com referência a nossa menção anterior dos Pilares Antediluvianos (ver "A Tábua de Esmeralda", p. 88), pode-se ver que a palavra "pilar" se relacionava à forma ou à função de sustentar, não ao tamanho.

Logo que se retirou toda a areia da cripta de Dendera no final do século XIX, os entalhes foram trazidos aos olhos do público pelas fotografias da egiptóloga francesa Emile Chassinat. Em 1934, ela publicou quatro volumes de seu trabalho, intitulado Le Temple de Dendera, pelo Instituto Francês de Arqueologia Oriental. Em seguida a essas publicações, Sylvie Cauville iniciou sua série de livros com as traduções dos hieróglifos de Dendera para o mesmo Instituto.

Quando vi pela primeira vez as representações de Dendera, minha mente foi imediatamente transportada de volta à década de 1960, época em que eu trabalhava com os tecnólogos do Scientific Department da Galeria Nacional de Londres no campo da restauração de belas-artes. Em particular, eu estudava a pesquisa do Dr. Carl Dame Clarke, que, a partir de sua base na Escola de Medicina da Universidade de Maryland, introduziu o uso de raios Röntgen (raios X) no exame de pinturas e na análise de pigmentos. Isso trouxe significativa contribuição à ciência da preservação da arte, que passava então por grande transição na Grã-Bretanha. Helmut Rhuemann, que havia sido restaurador-chefe das Galerias do Estado em Berlim a partir de 1929, viera a Londres para trabalhar junto com

Sir Kenneth Clarke, diretor da Galeria Nacional; foi Rhuemann quem estabeleceu o Departamento Científico da Galeria, junto com o Departamento de Tecnologia no Courtauld Institute.
O que me comoveu nos petróglifos de Dendera foi que as ampolas sacerdotais conectadas por cabos se pareciam muito com os tubos de raio X originais do Dr. Röntgen (século XIX), fazendo-me lembrar de sua descoberta, em 1969, de que "quando a radiação X passa através do ar, o ar se torna um condutor elétrico". Se realmente, como muitos especularam, a cripta de Dendera mostra quadros de natureza elétrica, as ampolas certamente são semelhantes aos tubos de Crooke originais usados por Röntgen no Instituto de Física da Universidade de Würzburg.
No curso de um contínuo debate a respeito de Dendera, cientistas argumentam em favor do legado de um antigo tubo de cátodos; alguns pesquisadores propuseram uma forma de lâmpada incandescente. Nesse ínterim, mitologistas preferem a idéia de um culto embrionário à serpente, teólogos vêem um ritual pagão de nascimento e esotéricos têm sugerido que Dendera retratava um épico subterrâneo da Criação. Mas, e quanto aos egiptólogos? O que os principais arqueólogos têm a dizer acerca do assunto? A resposta é: não muito. A um questionamento direto, o representante de um dos principais museus britânicos declarou: "Há muito pouco de extraordinário nessas cenas, mas seu significado preciso é difícil de resumir". Muito pouco de extraordinário! Elas são únicas, e é precisamente por isso que as achamos difíceis de resumir. Teria sido mais honesto dizer: "Não temos a menor idéia".
O que se sabe, sem dúvida, é que os petróglifos estão, de alguma maneira, ligados à deusa Hathor — e sabemos pelas inscrições naquela mesma cripta que Hathor, a Senhora de Dendera e de Serâbit el Khâdim, era chamada "Ouro dos Deuses". No final das contas, chegamos a um fascinante enredo relacionado às formas misteriosas e, quando perguntei a um físico nuclear o que ele pensava que elas poderiam ser, sua resposta foi imediata e intuitivamente relevante.

Voltaremos a essas representações posteriormente, após apresentar algumas provas.

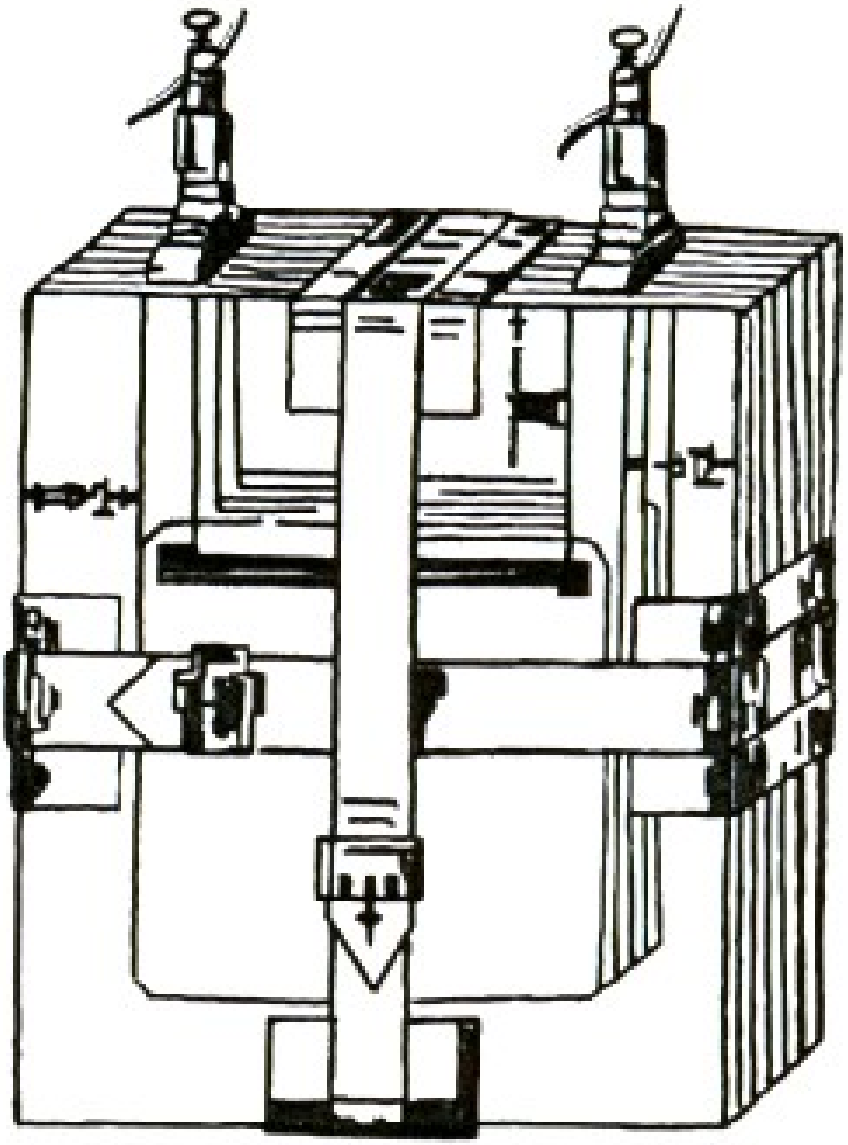
Chama da Arca-luz

Voltando à etimologia arquita, vimos que, na antiga França, o latim Arca (caixa ou baú) virou arch e em seguida arc, como a forma correta inglesa de arca atualmente; e também que uma associação medieval fora feita com um arco em "arquitetura", "arcada" e "arquitrave". A forma curva de um arco era a mesma da arma "arco" (Latim: arcus), de que se derivou "arqueiro", enquanto que em termos elétricos um arco é uma descarga luminosa entre dois eletrodos.

Por conseguinte, há uma relação lingüística e histórica direta entre arcos e arcas, definições que derivam do original grego ark e do latim arca. Conseqüentemente, Arca-luz e arco-luz são sinônimos. Em 1822, o químico britânico Sir Humphrey Davy colocou dois terminais de carbono separados por uma curta distância, conectou-os a um gerador de eletricidade e produziu um brilhante arco de luz; exatamente como o descrito entre os querubins bíblicos. Subseqüentemente, ele nomeou o jovem encadernador Michael Faraday como seu assistente de laboratório. O estudo de Faraday acerca do arco elétrico o levou ao campo dos tubos gasosos e também a confirmar que era necessária a mudança em um campo magnético para criar uma corrente.

Não demorou para que lâmpadas de arco se tornassem equipamento regular em edifícios públicos, salas de exposição, estações ferroviárias, etc.

Por volta de 1910, divulgou-se que mais de 20 mil arcos haviam sido instalados em cidades britânicas. E foi assim que, três milênios e um quarto após a época de Moisés, dispositivos irradiadores de luz foram novamente chamados "arcos".



Capacitor de arco do século XIX

Durante os primeiros anos do desenvolvimento desse serviço público, no final do século XIX, não havia um sistema elétrico nacional que produzisse um fluxo constante de eletricidade. Baterias e geradores tinham de ser usados em escala limitada; os capacitores (condensadores) foram desenvolvidos com o intuito de armazenar e distribuir a carga. O capacitor em que se basearam os modelos do século XIX fora inventado havia mais de cem anos por Pieter van Musschenbroek, professor de física na Universidade de Leiden, na Holanda. Seu dispositivo de 1745 era um jarro de vidro, parcialmente cheio de água, com um fio de bronze projetando-se através de seu

tampão de cortiça. Por fricção, a eletricidade estática era produzida e, por meio do fio, estocada na jarra. A parte importante do exercício surgiu quando um estudante recebeu um choque prodigioso do aparelho. Um círculo de voluntários então se deu as mãos, começando na jarra e voltando a ela, recebendo todos o choque conforme a corrente passava por eles. Isso provou que a eletricidade era transferível de um corpo a outro quando um tinha um excesso de eletricidade e o outro tinha capacidade sobrando. O princípio foi, mais tarde, aperfeiçoado, envolvendo-se a superfície exterior do jarro com folha de metal, para que o vidro servisse como isolante entre ela e a água condutiva. Outra camada de folha de metal no interior do jarro tornou dispensável o uso da água.

Os primeiros capacitores industriais do final do século XIX não eram muito diferentes dos atuais modelos de alta tensão. Seu princípio era chamado "dielétrico" e sua construção, muito simples. Consistiam em camadas paralelas de um metal condutivo, separadas por um material não-condutivo: um isolador chamado "meio dielétrico". Cada uma das chapas condutivas (efetivamente, a positiva e a negativa) era conectada a um eletrodo correspondente. A operação era, e ainda é, muito semelhante à de um tanque de gás; a quantidade de eletricidade que um capacitor suporta (sua capacitância) depende da pressão (voltagem) aplicada a ele.

De volta ao Antigo Testamento, parece que essa descrição de um capacitor elétrico é exatamente a mesma da Arca da Aliança. Explica Êxodo 37:1-2: "Fez também Bezalel a arca de madeira de acácia... de ouro puro a cobriu; por dentro e por fora a cobriu". Eis então os componentes necessários: duas chapas de ouro (um excelente condutor), envolvendo um isolador dielétrico não-condutivo de madeira de acácia. Êxodo 37:7 continua: "Fez também dois querubins de ouro", colocando um em cada extremidade do propiciatório (a tampa da caixa). Esses eram os eletrodos superiores, necessitando apenas ser conectados a sua camada de ouro respectiva. Mesmo com baixas potências elétricas, um dispositivo como esse ficaria carregado por

certo tempo, com um dispositivo de descarga por centelhamento (praticamente instantânea) nos querubins.
Como vimos anteriormente, a raiz semítica da palavra Arca era àron, que se referia especificamente ao ato de "reunir" (ficar carregado). Dada uma abundância adequada de eletricidade atmosférica, um capacitor do tamanho da Arca poderia armazenar carga de muitos milhares de volts. O poder de centelhamento resultante seria substancial — certamente o bastante para matar, como foi o caso de Uzá e dos filhos de Aarão. Mais importante, porém, o centelhamento de corrente contínua é precisamente o processo usado em laboratórios científicos para produzir ouro monoatômico de alto spin — antes chamado mfkzt ou shem-an-na: o pó branco místico da mui nobre Pedra de Fogo.

8
A ÓRBITA DA LUZ

Mestres da Pedra de Fogo

Ao discutir o Urim e o Tumim anteriormente (ver "Anel do Testemunho", p. 44), tocamos no assunto do cristal de irídio. Antes de passar à natureza da bem-guardada Pedra de Fogo, é necessário olhar um pouco mais atentamente para o irídio e outros metais do grupo da platina (MGP’s), pois eles são essenciais para se compreender o mfkzt. Junto à platina, os outros cinco MGP’s são o irídio, o paládio, o ródio, o ósmio e o rutênio. Por causa da resistência, esses metais são atualmente usados em instrumentos cirúrgicos, óticos e dentários, cadinhos e termopares, rolamentos de máquinas, interruptores elétricos e toda espécie de instrumentos de precisão, até pontas de agulha e bicos de pena.
Em geral, enciclopédias e livros de referência dizem que os MGP’s começaram a chamar a atenção apenas no século XIX; talvez o mais conhecido seja o paládio. Usado extensivamente por joalheiros, o

paládio freqüentemente é fundido com ouro para produzir o popularmente conhecido "ouro branco". Conta-se que o paládio foi descoberto primeiramente no Brasil, na Califórnia e nos Urais, em 1803, e recebeu esse nome por causa do asteróide Pallas, descoberto naquele ano. O irídio, o ósmio e o ródio têm a mesma data de recognição; o rutênio seguiu-se em 1843. Porém, as descobertas dos distantes anos antes de Cristo contam claramente que os antigos estavam completamente cientes desses metais do grupo da platina. O cristal de irídio (embora transmutado a partir de um metal do grupo da platina) brilha com uma cor transparente como qualquer pedra preciosa. O nome "irídio" foi aplicado em 1803 em razão dessa mesma iridescência (do latim iris: arco-íris). Trazido à Terra por meteoritos, o irídio é um metal extraterrestre que pode formar sua própria rocha com aparência de vidro, que os antigos chamavam sappir. Era a Schetiyâ, "pedra do céu", que supostamente estava presente no Templo de Jerusalém, como identificam os antigos princípios da Maçonaria do Real Arco. Aparentemente, estava também presente no monte Horebe, como detalhado no Êxodo 24:10, "sob cujos pés havia algo como pavimentação de pedra de safira que se parecia com o céu na sua claridade".

Em 1968, uma expedição que reunia as universidades de Cornell e Harvard desenterrou a refinaria de ouro do legendário rei Creso, que reinou na Lídia (oeste da Turquia) em meados do século VI a.C. Posteriormente, o diretor-assistente da expedição, o professor Andrew Ramage, colaborou com Paul Craddock, chefe da seção de metais do Museu Britânico, para documentar um relatório completo e recentemente publicado da descoberta em Sardis, intitulado O Ouro do Rei Creso. As revelações mostraram-se tão espantosas que teriam sido ridicularizadas se houvessem sido propostas hipoteticamente e, sem dúvida, teriam sido postas de lado se vindas de uma fonte não-acadêmica. Ao contrário, o peso da autoridade escolástica é tal que as revelações não podem ser ignoradas. Contrariamente a todos os livros e à compreensão científica até então, a refinaria de Sardis trouxe

provas suficientes de que os MGP’s eram conhecidos e compreendidos em tempos muito remotos.
Embora classificados como "grupo", os metais do grupo da platina têm qualidades diferentes — pelo menos a platina, o paládio e o ródio são solúveis em ouro fundido, ao contrário do irídio, do ósmio e do rutênio. Assim, a moderna manufatura do ouro branco não é um processo complexo, mas o irídio (com sua alta gravidade específica) naturalmente afundaria no ouro fundido. Visto que freqüentemente há vestígios desses metais, como inclusões prateadas em depósitos de ouro, atualmente é uma prática comum extraí-los para manter a pureza do ouro; é essencial extrair esses elementos de alta gravidade específica, pois, de outra forma, eles corromperiam quaisquer processos de manufatura. Essa extração é feita por um processo chamado "eletrólise", a decomposição de uma substância pela aplicação de uma corrente elétrica.
A eletrólise requer um eletrólito (solução ionizada ou sal metálico fundido) para completar um circuito elétrico entre dois eletrodos (o cátodo e o ânodo). Quando esses eletrodos são conectados a uma fonte de corrente elétrica direta, o cátodo fica negativamente carregado e o ânodo, positivamente. Durante a galvanização, o metal de chapeamento geralmente é o ânodo e o objeto a ser galvanizado é o cátodo. Como vimos (ver "Antigas Baterias", p. 99), muitas cópias da Bateria de Bagdá eram capazes de galvanizar em escala limitada, mas na refinaria de Sardis emergiu algo muito mais sofisticado. Ali havia não apenas um recurso para a galvanização em ampla escala, mas também provas de extrema habilidade para separar os elementos dos metais do grupo da platina e as impurezas do ouro. Ao discutir os antigos registros, Craddock declarou: "Dado o contexto das grandes dificuldades encontradas na remoção das impurezas do ouro no século XIX, poderia parecer um tanto incrível sugerir que os antigos sabiam como remover as inclusões".
Ainda mais notável é o fato de que não havia razão para que o rei Creso ou qualquer um de sua época visse o ouro desenterrado como impuro de algum modo, só porque tinha algum cobre, prata ou um

MGP dentro dele. Como os lídios poderiam saber? Por que se preocupariam?
Nossa moderna percepção de "ouro puro" como elemento precisamente definido é relativamente nova, como a Lei da Composição Constante aplicada. Portanto, concluiu-se que no passado ninguém poderia conhecer a composição de substâncias elementais completamente puras. Afinal de contas, a Tabela Periódica de Elementos não foi formulada até que o químico russo Smitri Mendeleyev publicasse a primeira organização de 63 elementos, baseada na massa atômica, em seu Princípios da Química de 1869. Todavia, o fato é que os antigos sabiam a respeito das impurezas elementais, e mesmo o Antigo Testamento tem sete nomes aplicáveis ao ouro: zahav, paz, ketem, harus, s'gor, ophir e baser. Por exemplo, zahar tahor refere-se a "ouro puro" como especificado para a tampa da Arca da Aliança.
Além do uso da eletrólise, elementos corruptivos podem ser removidos do ouro por um processo chamado "copelação", usado por alguns cunhadores de moedas para extrair metais do ouro. O metal impuro era derretido com chumbo e submetido a uma corrente de ar a 1.100 graus para oxidar o chumbo junto com os metais de base, separando-os do ouro. Se o metal a remover fosse a prata, usava-se um método chamado "separação", utilizando sais ácidos, como o cloreto de sódio, o salitre, o enxofre elemental e o sulfito de antimônio. Porém, tratava-se de aparatos de alquimistas medievais e, como apontaram os autores de Sardis, mesmo a copelação desenvolvida do século XIX não tinha nenhum efeito sobre elementos do grupo da platina. Eles eram também imunes à dissolução por ácido utilizada na separação. Foi necessária a introdução científica da eletrólise em tempos recentes para satisfatoriamente remover do ouro elementos do grupo da platina — e mesmo assim os lídios faziam isso há 2.500 anos!
Há diversos textos ainda mais antigos da Mesopotâmia e do Egito que se referem à análise e ao refinamento do ouro, mas são mais registros de pesos, medidas e quantidades, não descrições de tecnologia. A única menção específica a esse respeito é que era feito com fogo,

mas até agora essa observação foi convenientemente desconsiderada por ser uma noção errônea. A invenção da folha de ouro era impossível antes que se aperfeiçoassem os métodos para deixar o ouro livre de impurezas de forma que pudesse ser martelado até ter um mícron de espessura. Porém, descobriram-se folhas de ouro fino do terceiro milênio a.C. na Mesopotâmia. Mesmo naquele estágio primitivo, existia a habilidade de remover prata, cobre e MGP do ouro aluvial. Além disso, atualmente se estabeleceu que bons cinzéis daquela época (descobertos no túmulo real sumério em Ur, por Sir C. Leonard Wolley e a equipe reunida em 1923 do Museu Britânico e da Universidade da Pensilvânia) foram folheados a ouro sobre uma liga menos pura.

Fica evidente, por isso, que os MGP não foram descobertos no século XIX, mas redescobertos e renomeados. Além do mais, agora já se sabe que os escritores clássicos, como Platão e Plínio, escreveram a respeito de elementos metálicos do grupo da platina encontrados no ouro, chamando-os adamas. Anteriormente à descoberta da refinaria de Creso, essas referências não haviam sido compreendidas, porque nunca ocorrera a ninguém que os antigos estudiosos poderiam ter-se referido a uma suposta descoberta de nossa época moderna.

Na antiga Suméria, MGP’s (adamas) eram classificados como an-na (pedras de fogo). Por causa da brilhante cor prateada descrita nos antigos registros, o metal brilhante misteriosamente nomeado foi por muito tempo considerado estanho por adeptos mal-orientados da metalurgia na Idade Média, enquanto outros, que sabiam algo de copelação e de separação, empenhavam-se seriamente com sais, enxofres e soluções místicas, tentando extrair ouro do chumbo. Isso não nos deixa dúvida de que, embora os MGP’s fossem parte da antiga tecnologia, foram (assim como a eletricidade) perdidos por muitos séculos até que a pesquisa arqueológica e geológica os trouxesse novamente à luz.

O irídio é um elemento muito raro na Terra, mas os geólogos descobriram que existe em quantidades até 30 vezes acima da normal em camadas da crosta terrestre em que os meteoritos que continham

a substância aterrissaram no passado distante. Os sumérios e os antigos egípcios obviamente sabiam das propriedades do ouro e como fundi-lo com outros metais nobres. Os mestres artesãos eram também adeptos dos trabalhos com os MGP’s, que, assim como o ouro, podem ser elevados ao exótico estado "nobre" do shem-an-na (nobre Pedra de Fogo) ou mfkzt. Isso significa que não apenas eles conheciam e trabalhavam aqueles metais, como também foram pioneiros na ciência dos átomos e núcleos, pois o "nobre" estado do pó branco (ouro ou MGP) apenas é atingido por meio da experiência metalúrgica de alto spin.

Embora os nomes atuais dos metais do grupo da platina sejam relativamente novos para nós, os próprios metais estão longe de sê-lo. Porém, dada a natureza extraterrestre do irídio em particular, é intrigante descobrir que temos esse mesmo metal dentro de nossos corpos. Testes recentes demonstraram que, dos sólidos totais, mais de 5% do tecido cerebral é composto de irídio e ródio no estado de alto spin.

O Plano de Shar-On

Assim, qual seria precisamente a condição "superior" que converte ouro e outros metais nobres no impalpável pó branco, mfkzt, da Pedra do Paraíso? E qual exatamente era sua vantagem quando ingerido pelos antigos reis da casa de Ouro na Mesopotâmia, no Egito e, mais tarde, na Judéia?

Em termos científicos modernos, "superior" é identificado como "alto spin", ou seja, um elemento em um estado de alto spin. Um átomo normal tem em torno de si um potencial de blindagem — uma blindagem positiva produzida pelo núcleo. A maior parte dos elétrons que giram em torno do núcleo está contida nesse potencial de blindagem, exceto os elétrons muito afastados. O núcleo atinge o estado de alto spin quando o potencial positivo de blindagem se expande para pôr todos os elétrons sob o controle do núcleo.

Esses elétrons normalmente viajam ao redor do núcleo em pares: um elétron com spin horário e um elétron com spin anti-horário. Mas quando eles estão sob a influência de um núcleo de alto spin, todos os elétrons começam a girar na mesma direção. Quando perfeitamente correlacionados, os elétrons se convertem em pura luz branca e se torna impossível, para os átomos individuais na substância em alto spin, manter-se juntos. Por causa disso, eles não podem manter o estado metálico, e a substância se desfaz em um pó monoatômico branco.

Em termos simples, o pó branco é criado golpeando-se a amostra de metal, sob condições estritamente controladas, por um tempo pré-determinado, com um calor elétrico designado fornecido por um arco elétrico de corrente contínua: uma corrente em uma só direção entre dois eletrodos.

Mas o que realmente é extraordinário acerca do pó é que, por meio de contínuas seqüências de aquecimento e resfriamento, seu peso subirá e cairá a centenas de vezes acima de seu peso ideal, até menos do que absolutamente nada. Além disso, seu peso ideal é na verdade 56% do peso do metal do qual ele foi transmutado. Assim, para onde vão os outros 44%? Tornam-se pura luz branca e nada mais e se movem para uma dimensão além do plano físico — a dimensão da Órbita da Luz, que os antigos chamavam o Plano de Shar-On ou o Campo do Mfkzt. No estágio de peso zero, não apenas a substância fica invisível e pesa menos do que nada, como o prato em que está também registra menos que seu peso inicial. Isso está perfeitamente de acordo com o texto alexandrino (ver "Maná Sagrado", p. 33), que afirma que, quando posta em balanças, a Pedra do Paraíso pode exceder em peso a sua quantidade de ouro; mas, quando é convertida a pó, mesmo uma pena inclinará a balança contra ela.

Um experimento realizado nos Estados Unidos no final da década de 1970 demonstrou o efeito da luz branca mística em condições atmosféricas normais, sem os controles de vácuos e gases inertes necessários para os resultados controlados. Nesse teste, a substância monoatômica desapareceu completamente em um enorme brilho

luminoso equivalente a milhares de lâmpadas de flash. Foi, com efeito, uma explosão, mas não houve deslocamento de ar de forma nenhuma; um lápis sem apoio (que repousava em seu lado achatado durante a explosão) permaneceu no mesmo lugar. Lembrou muito a sarça ardente que Moisés viu no monte Horebe, aparentemente em chamas, mas que não era consumida pelo fogo (Êxodo 3:4).

Na edição de maio de 1995 da Scientific American, o efeito do rutênio, metal do grupo da platina, foi discutido em relação ao DNA humano. Observou-se que, quando átomos simples de rutênio são postos em cada extremidade de um cordão curto de DNA, este se torna mil vezes mais condutivo. Torna-se, com efeito, um supercondutor. Por algum tempo, os químicos suspeitaram que a dupla hélice poderia criar um caminho altamente condutivo pelo eixo da molécula, e essa foi a confirmação do fato. Da mesma maneira, a Platinum Metals Review publicou artigos regulares comentando o uso da platina, do irídio e do rutênio no tratamento de cânceres, causados pela divisão anormal e descontrolada de células corporais. Quando o estado do DNA é alterado, como no caso de um câncer, a aplicação de um composto de platina entrará em ressonância com a célula deformada, fazendo o DNA relaxar e se corrigir. Esse tratamento não envolve cirurgia; não destrói o tecido circundante com radiação nem mata o sistema imune, como a quimioterapia.

A profissão médica entrou no campo do alto spin quando a empresa de pesquisa biomédica Bristol-Myers Squib anunciou que átomos de rutênio interagem com o DNA, corrigindo a má-formação em células cancerígenas (o ouro monoatomico e os MGP’s são, realmente, "átomos invisíveis"; já foi confirmado que as células corporais se comunicam umas com as outras por meio de átomos invisíveis através de um sistema de ondas luminosas). A nova ciência determinou que o rutênio mono-atômico entra em ressonância com o DNA, desmancha a hélice curta e a reconstrói de forma correta — assim como se pode demolir e reconstruir um edifício danificado.

Sabe-se que tanto o irídio como o ródio têm propriedades rejuvenescedoras, enquanto compostos de rutênio e platina interagem

com o DNA e o corpo celular. Também se sabe que o ouro e os metais platínicos, em seu estado mono-atômico (átomo simples) de alto spin, podem ativar o sistema glandular endócrino de modo que eleva a percepção e a capacidade a níveis extraordinários. Dessa forma, considera-se que o pó de ouro de alto spin tem efeito distinto sobre a glândula pineal, aumentando a produção de melatonina. Da mesma maneira, o pó de irídio mono-atômico tem um efeito similar sobre a produção de serotonina da glândula pituitária e aparentemente reativaria o "lixo genético" do corpo, junto com partes do cérebro sub-utilizadas.

Apenas em tempos recentes os cientistas médicos identificaram a secreção hormonal da glândula pineal. Ela foi isolada em 1968 e ficou conhecida como melatonina, que significa "trabalhador noturno" (do grego meios: negro, e tosos: trabalho), porque pessoas com alta produção de melatonina reagem fortemente à luz do sol, que afeta sua capacidade mental. Por causa disso, eles são ativos à noite, e a melatonina é chamada "hormônio da escuridão", pois é produzida apenas à noite ou no escuro. (Cegos produzem quantidades acima da média de melatonina, que intensifica seus outros sentidos que não a visão.) A exposição a um excesso de luz natural deixa a glândula pineal menor e diminui a percepção espiritual, enquanto a escuridão e uma alta atividade pineal aumentam o conhecimento intuitivo aguçado da mente sutil, reduzindo também o fator de estresse.

A melatonina é produzida pela glândula pineal por meio de um mensageiro químico ativado chamado serotonina. Ela transmite impulsos nervosos pelos pares de cromossomos no momento (chamado de meiose) em que os núcleos das células e os cromossomos se dividem para combinar com outras metades quando da fertilização. A melatonina também melhora e auxilia o sistema imune do corpo; pessoas com secreções pineais altas têm menos probabilidade de desenvolver doenças cancerígenas. A alta produção de melatonina aumenta a energia, a estamina e os níveis de tolerância física, estando diretamente relacionada a padrões de sono, mantendo o corpo moderadamente regulado com propriedades que operam por

meio do sistema cardiovascular. É o antioxidante mais potente e efetivo do corpo e tem propriedades rejuvenescedoras mentais e físicas positivas.
É particularmente significante que, independentemente de toda a atual pesquisa cara e extensiva nessas áreas, os segredos das nobres pedras de fogo fossem conhecidos por nossos ancestrais muitos milhares de anos atrás. Eles sabiam haver supercondutores inerentes ao corpo humano; eram os elementos de consciência individual que eles chamavam "corpo leve" (o Ka). Sabiam que tanto o corpo físico quanto o corpo leve tinham de ser alimentados para aumentar a produção hormonal, e o alimento principal para o último era chamado shem-an-na. Ele era fabricado pelos mestres artesãos dos Templos (os guardiães da Casa do Ouro) com o propósito expresso de deificar os reis.

Reino dos Gênios

Na forma de uma pinha e com o tamanho de um grão de milho, a glândula pineal está em uma posição central no cérebro, embora fora dos ventrículos e sem fazer parte da matéria cerebral. O filósofo francês e cientista ótico René Descartes (1596-1650) pensou que ela fosse a "sede da alma" — o ponto em que a mente e o corpo se unem. Os antigos gregos pensavam da mesma maneira e, no século IV a.C, Herófilo descreveu a glândula pineal como um órgão que regulava o fluxo do pensamento.
Místicos gregos portavam varinhas simbólicas encimadas por pinhas, e, nos relevos da antiga Mesopotâmia, as figuras sacerdotais são representadas segurando pinhas para identificar o intelecto supremo. Em geral (e especialmente em relevos assírios), seus cones são estrategicamente apontados para as cabeças dos reis (ver prancha 15). Por vezes retratados com toucados de águia, grifo ou peixe, esses homens sábios eram chamados sábios Apkallu (termo acádio vindo do sumério ab-gal, que significa "grande diretor") e suas

habilidades transcendentais eram simbolizadas representando-os com quatro asas.
Além das pinhas ipinus brutia, representando o cone pineal, os Apkallu também portavam pequenas sítulas (recipientes semelhantes a baldes chamados banduddü) e, quando não atendiam a reis, eram normalmente retratados alimentando a Planta do Nascimento (a árvore Kiskanu). Essa planta sagrada representava a imortalidade do reinado que lhes era concedido. Na Babilônia, o guardião Apkallu era classificado como um Allad; em árabe, ele era um djinni (oujinni, "gênio"), de que se derivou a palavra francesa familiar génie. Essas palavras protetoras, alad e djinn (plural de djinni) formam a raiz do nome Aladim nas Mil e Uma Noites.
Muitos dos melhores relevos Apkallu (hoje exibidos em museus de todo o mundo) foram descobertos em meados do século XIX em Nimrod, no palácio do rei Ashurnasirpal II, que reinou na Assíria em 883-859 a.C., e o palácio de Sargão, o Grande (720-705 a.C.), em Korsabad. De acordo com a prática tradicional, os Apkallu (Ab-gal) dessa época eram semelhantes aos primitivos Grandes dos Templos egípcios, responsáveis por manter os corpos leves dos faraós.
Os arqueólogos e as autoridades dos museus continuam indecisos em relação ao que esses gênios carregavam em seus receptáculos sítula. A teoria mais comum é que talvez fosse pólen da Planta do Nascimento, figurativamente entregue, por meio das pinhas, aos reis, como um rito de fertilidade. Porém, não há registro de que os Apkallu estivessem de algum modo ligados à fertilidade; seu dever era servir aos reis como guardiães máximos da soberania. Além disso, a Planta do Nascimento era puramente simbólica (como a árvore da vida) da qual, de acordo com a Lista dos Reis Sumários (2000 a.C.), os reis supostamente foram alimentados. Sua representação estava diretamente relacionada com o Graal mesopotâmico: o "néctar da suprema excelência", chamado Ouro dos Deuses, designação da deusa Hathor no Egito. Por causa disso, e dado que os reis eram alimentados com a Pedra de Fogo superior do shem-an-na,

indubitavelmente se pode dizer que a substância carregada pelos gênios não era pólen, mas o pó mfkzt do ouro.
Nos escritos do século XV do alquimista francês Nicolau Flamel, tanto a "planta" quanto o "pó do ouro" são mencionados juntos, com a costumeira referência a serpentes, explicando a rota para a Pedra Filosofal ("Objetivo Principal", p. 23). A partir de 22 de novembro de 1416, e tão esotericamente obscuros quanto textos alquímicos semelhantes, vem a confirmação do mais famoso dos herméticos de que a Pedra Filosofal era o pó enigmático de ouro. Um trecho do último testamento de Nicolau Flamel, com essa data, diz: "Pois nesse argent vive, juntando-se com o Sol e a Lua, converteu-se primeiro, com eles, em uma erva... e depois, por corrupção, em serpentes que, após ser inteiramente secas e digeridas, reduzem-se a um fino pó de ouro, que é a Pedra".
Ao contrário de tantos adeptos alquímicos da Idade Média que fracassaram em sua empresa, a história de Flamel foi notavelmente diferente. Nascido de pais humildes, iniciou sua vida de trabalho como secretário de escrivão (copista de documentos); e certo dia chegou a suas mãos um extraordinário trabalho encadernado em cobre de um filósofo judeu chamado Abraão. Tendo-o comprado por dois florins, estudou o livro por mais de vinte anos antes de iniciar suas próprias práticas; o sucesso resultante transformou sua existência pobre em uma vida de considerável prosperidade. Durante a última parte de sua vida, fundou vários hospitais e capelas em Paris e em Bolonha, de onde surgiram muitos contos maravilhosos acerca de sua extrema benevolência.
Sendo o ouro o emblema tradicional da realeza, desde tempos remotos a resina do pinheiro era identificada com a secreção pineal (melatonina). Era freqüentemente usada, com seiva de boswellia, para fabricar o olíbano (o incenso do sacerdócio). Assim, ouro e olíbano eram as substâncias tradicionais dos reis-sacerdotes da linhagem do Graal, junto com a mirra (resina usada como sedativo médico), que simbolizava a morte. No mundo antigo, o conhecimento mais elevado era identificado como daat (de onde se derivou death, morte, em

inglês), e os termos "túmulo" e "útero" eram considerados intercambiáveis e mutuamente sustentáveis como caminhos para um conhecimento mais elevado. O Novo Testamento descreve como as três substâncias, ouro, olíbano e mirra, foram dadas a Jesus pelos Magos ascetas (Mateus 2:11), identificando-o, assim, positivamente como um rei-sacerdote dinástico da Casa do Ouro.

A glândula pineal é impregnada de idéias eternas e nos dá a possibilidade de formular nossos próprios conceitos. É um órgão de pensamento pelo qual adquirimos a percepção interior e podemos assim transformar idéias eternas em concepções terrenas. Mestres iogues associam a glândula pineal com o Ajna Chakra (Sânscrito: ajna: comando; chakra: roda). Chacras são centros de energia correspondentes a cada uma das glândulas do sistema endócrino. Os iogues acreditam que a glândula pineal seja um receptor e emissor de vibrações sutis que carregam pensamentos e fenômenos psíquicos (glândulas endócrinas, que receberam o nome a partir do verbo grego "estimular", são glândulas não ligadas a tubos que secretam diretamente na corrente sangüínea). A glândula pineal também é conhecida como o Olho da Sabedoria, o chacra da mente, da autoconsciência aumentada e da visão interior, representando a habilidade de ver as coisas claramente com conhecimento intuitivo. O início da puberdade é diretamente controlado pela glândula pineal e a secreção de melatonina está em seu maior nível durante os anos da infância e da adolescência. Provavelmente, essa substância extra produzida na infância, embora aumente a extensão do intelecto jovem, pode ser também um inibidor do desenvolvimento sexual precoce, uma vez que os dois aspectos estão em conflito físico durante os anos de crescimento.

O Olho Pineal (Terceiro Olho) é um olho metafórico, mas uma entidade física, visível entre o cérebro e a cavidade do crânio em muitos lagartos. Segundo o Hinduísmo, todos possuem um Terceiro Olho — um canal onisciente para poderes sagrados localizado em posição frontal atrás da testa. Na verdade, o Terceiro Olho é uma realidade anatômica, como a glândula pineal. O ensinamento iogue

sugere que o Olho Pineal é significativo no processo de conscientização, pois é a principal fonte para obter a luz e sair da escuridão. Uma pessoa espiritual perceberá automaticamente com o terceiro olho, o olho sutil do discernimento, em vez de ser enganada por olhos mundanos que apenas identificam presenças físicas. Tais presenças são definidas por sua localização no tempo, mas para o graduado pineal não há tempo para calcular, pois ele/ela vive em uma dimensão em que tempo e espaço pouco influenciam.

O caduceu de dupla serpente de Hermes

Estamos todos rodeados e bombardeados por campos de pensamento; os pensamentos que dizemos nossos são como uma radiodifusão universal contínua. Alguns pensamentos têm origem cósmica, enquanto outros são pequenas radiodifusões de estações locais. A glândula pituitária é o principal receptor de rádio, canalizando todos os comprimentos de onda e freqüências. Ela transmite

freqüências selecionadas (por meio de secreções) diretamente à glândula pineal, que amplifica certas faixas para transmiti-las pelo corpo. A glândula pineal tem total controle sobre o que se transmitirá ou não por meio de sua regulada produção e liberação de hormônio melatonina. Assim, a alta produção de melatonina aumenta a facilidade de transmitir e receber radiodifusões cósmicas e locais de alta freqüência — um estado de "sabedoria". A esse respeito, é interessante notar que se descobriu que o Olho Pineal contém partículas granulares muito finas, semelhantes a cristais em um equipamento receptor sem fio.

Vimos como a serpente enrodilhante da sabedoria era representada na insígnia das associações médicas americanas, australianas e britânicas (ver "A Curiosa Espiral", p. 40). Porém, outras instituições médicas importantes de todo o mundo utilizam duas serpentes enroscadas em torno do caduceu alado do mensageiro do deus Mercúrio (Hermes). Nesses exemplos, o bastão central e as serpentes representam a medula espinhal e o sistema nervoso sensorial e as duas asas significam as estruturas ventriculares laterais do cérebro. Entre essas asas, acima da coluna espinhal, mostra-se o pequeno nó central da glândula pineal. A combinação da pineal central e suas asas laterais são citadas em alguns círculos iogues como o Cisne, o que simboliza o ser totalmente iluminado. É o reino da extrema consciência do Graal realizado pelos Cavaleiros medievais do Cisne, epitomizados por figuras cavalheirescas, como Perceval e Lohengrin.

Na sabedoria hermética das antigas escolas de mistério egípcias, esse processo de atingir a consciência iluminada era de extrema importância, com a regeneração espiritual, ganhando importância pelas 33 vértebras da coluna espinhal até atingir a glândula pituitária, que invoca o corpo pineal. A ciência dessa regeneração é uma das chaves perdidas da sabedoria, e esta é a razão pela qual a verdadeira Maçonaria antiga foi fundada sobre 33 graus.

Abaixo de Zero

O poder da nobre Pedra de Fogo tanto é capaz de aumentar a consciência humana como também desafia a gravidade e é supercondutor. Um dos grandes pesquisadores da gravidade desde os anos de 1960, o físico russo Andrei Sakharov, publicou a matemática de sua teoria (baseada na gravidade zero) na Physical Review, por Hal Puthoff, no Instituto de Estudos Avançados. Puthoff sugeriu que, uma vez que a gravidade determina o espaço-tempo, o pó branco monoatômico é capaz de flexionar o espaço-tempo. É "matéria exótica", explicou ele, com uma atração gravitacional menor que zero. Além de se fazer a substância pesar menos que zero e desaparecer em uma dimensão desconhecida, o prato no qual é colocada também pode chegar a pesar menos que nada. Assim, sob as circunstâncias certas, o pó é capaz de transferir sua própria falta de peso a seu recipiente, que pode ser um prato ou que poderia muito bem ser um imenso bloco de pedra.

Talvez essa seja uma pista a respeito de como os egípcios construíram as pirâmides e erigiram outros grandes monumentos. Seriam os blocos de pedra maciços, pesando muitas toneladas cada um, elevados a grandes alturas, com tal acuidade, por centenas de milhares de escravos usando apenas cordas e rampas por um período indefinido de tempo, como é a especulação comum? Como tentativas recentes de repetir o processo já provaram, não foi assim. Para construir um plano inclinado até o topo da Grande Pirâmide, em um gradiente de 1:10, teria sido necessária uma rampa de aproximadamente 1.460 m de comprimento, com um volume três vezes maior que o da própria pirâmide. Na realidade, o processo de construção deve ter sido muito mais direto; muitos fatos apontam agora para a possibilidade de que essas construções tiveram a ajuda da tecnologia da Pedra de Fogo supercondutiva. Isso certamente explicaria o grande volume de sua fabricação no Templo de Hathor do Monte Serâbit. Na verdade, a própria palavra "pirâmide" deriva da palavra grega pyr, que significa "fogo" (de onde pyre e pyro),

denotando que as pirâmides foram, de um modo ou outro, "criadas pelo fogo".
As três pirâmides de Gizé são designadas como as tumbas faraônicas de Khufu, Khafre e Menkaure, embora não se tenham encontrado restos humanos em suas câmaras subterrâneas e passagens internas conhecidas, apesar de todas as investigações. Também não se encontraram os corpos desses faraós do Antigo Reino em qualquer outro lugar. A antiga tradição conta que, no túmulo secreto da Câmara do Rei, dentro da Grande Pirâmide, os construtores haviam posto "instrumentos de ferro e armas que não enferrujam, e vidro que podia ser curvado sem se quebrar, e estranhos feitiços". Mas o que encontraram os primeiros exploradores do século IX, enviados pelo califa Al-Ma'mun, após ter cavado até a câmara lacrada? Como hoje, o único mobiliário era um cofre de granito oco, sem alças, que não continha um corpo, mas uma camada de um pó misterioso. Determinou-se superficialmente que eram grãos de feldspato e mica, ambos minerais do grupo do alumínio e do silicato.
Durante a pesquisa referente ao pó branco recentemente encontrado, alumínio e sílica eram dois dos elementos constituintes revelados pela análise convencional de uma amostra granular que se pensava ser composta 100% por minerais do grupo da platina. Testes-padrão de laboratório são feitos batendo-se numa amostra com um arco de corrente contínua por 15 segundos em temperatura igual à da superfície do sol. Porém, uma continuação do tempo de queima muito além do procedimento normal de teste revelou os metais nobres nos quais a substância realmente consistia. Isso ocorre por causa das limitações da seqüência convencional do teste: considera-se que 5% do peso do tecido cerebral animal é composto de carbono, enquanto a análise mais rigorosa revela que são, na verdade, irídio e ródio, metais do grupo da platina, em estado de alto spin. Tendo isso em vista, a câmara lacrada do rei aparentemente fora elaborada como um supercondutor, capaz de transportar o faraó a outra dimensão do espaço-tempo através de sua aura polar magnética. Ali era administrado o rito de passagem do faraó para a Vida após a Morte,

de acordo com O Livro dos Mortos (ver "Maná Sagrado", p. 33) — uma passagem facilitada pela repetitiva questão: "O que é isto?" (Maná?).

9
O SEGREDO DO REI SALOMÃO

Geração Real

De volta à era mosaica e à história da Arca, devemos olhar primeiro para a ambígua cronologia bíblica. As freqüentes referências narrativas a medidas de tempo de "quarenta anos" estão entre as características mais repetitivas do Antigo Testamento. O período que supostamente os israelitas passaram no deserto do Sinai após sua estada no monte Horebe e antes de entrar em Canaã não é o menos importante. Esse período de quarenta anos de vagueação no deserto é importante o bastante para ser mencionado diversas vezes nos Livros Números e Deuteronômio, com confirmações posteriores em Salmos e no Livro dos Profetas.

Um aspecto fundamental desses anos é que os israelitas parecem ter passado grande parte do tempo "murmurando". Murmuravam contra Moisés, murmuravam contra Aarão, murmuravam contra seu novo Senhor e contra tudo e todos. Eles obviamente não estavam impressionados com a viagem de Moisés; queixavam-se do ambiente, da comida, da falta d'água, das cobras e de ter de enfrentar nativos hostis. Finalmente, o Senhor ficou tão enfastiado com seu murmurar incessante que os entregou nas mãos dos filisteus por outros quarenta anos!

Ao compreender a relevância disso tudo, é importante reconhecer dois fatos salientes. Primeiro, que quando os cinco livros do Pentateuco foram escritos, a língua hebraica não distinguia entre pretéritos verbais como fazemos hoje. Havia apenas um pretérito e ele se referia, com igual sentido, a fatos que "aconteceram", "tinham acontecido" e

"aconteciam". Lingüisticamente, não havia diferença entre o que ocorrera mil anos antes e o que ocorrera ontem. Além disso, as palavras para "dia" e "ano" eram usadas com total flexibilidade, o que torna muito difícil a tradução para línguas com idéias mais concretas sobre tempo.

Dito isso, fica evidente, nos Manuscritos do Mar Morto, que havia um significado particular para o termo "quarenta anos", uma vez que era a definição de um período de geração real. O atual padrão de geração (o período médio em que os filhos tomam o lugar de seus pais) é de cerca de trinta anos, mas o padrão dinástico nos tempos bíblicos (entre a maturidade de um pai e a maturidade de seu herdeiro) era determinado em quarenta anos.

A primeira menção bíblica ao reinado na linhagem da esposa de Abraão, Sara, é feita em Gênesis 17:19. Ao referir-se a Isaac, filho dela, o Senhor disse: "Estabelecerei com ele a minha aliança, aliança perpétua para sua descendência". O precedente masculino da geração é estabelecido no seguinte trecho: "Tinha Isaac 40 anos, quando tomou por esposa Rebeca... e Rebeca, sua mulher, concebeu". A respeito de seu filho Esaú é declarado: "Tendo Esaú 40 anos de idade, tomou por esposa Judite".

O irmão gêmeo de Esaú, Jacó (o segundo a nascer), é, tempos depois, citado como progenitor dos israelitas, tendo mudado seu nome para Israel, em Betel, antes de se mudar para o Egito, onde a descendência cresceu. Porém, isso ocorreu muitos séculos antes que a família chegasse a seu reinado em Jerusalém. O elo mais importante da corrente não foi Jacó, mas Esaú, de cuja linhagem surgiu a rainha Tiye, a segunda esposa do faraó Amenhotep III, pai de Akenathon, o Moisés (ver quadro: A Ligação Egípcia, pp. 261-262). Da filha da segunda esposa de Akenaton, Mery-khiba (também chamada Mery-Amon/Miriam), que era filha de seu pai com a princesa mesopotâmica Gilukhipa, a linhagem real saiu do Egito com o Êxodo e gerou a Casa Real davídica de Judá.

Assim, ao vermos essa linhagem real de Isaac e Esaú finalmente estabelecida no trono de Jerusalém, o padrão de "quarenta anos" é

trazido de volta à cena literária. 1 Reis 2:11 declara: "Foi o tempo que Davi reinou sobre Israel quarenta anos". Mais tarde, em relação a seu filho Salomão, 1 Reis 11:42 afirma: "Foi de quarenta anos o tempo que reinou Salomão em Jerusalém". Passando ao descendente de Salomão, o rei Joás, 2 Reis 12:1 continua: "e quarenta anos reinou em Jerusalém". Os verdadeiros períodos de seus reinados não parecem ter sido motivo de preocupação para os escribas do Antigo Testamento. O que eles sabiam, de acordo com os costumes reinantes em sua época, é que quarenta anos era o padrão geracional aceito entre a maturidade de uma dinastia e a próxima, e atribuíam esse prazo aos reinados de particular importância.

O mesmo foi feito pelo escritor do Evangelho de Mateus, no Novo Testamento. Ao detalhar a linha masculina que descendia do rei Davi até chegar a Jesus (entre Salomão e José; um período de cerca de mil anos), listou 25 gerações de quarenta anos cada. Porém, o compilador do Evangelho de Lucas preferiu a realidade à regra e deu uma lista mais completa de 40 gerações de vinte e cinco anos cada, de acordo com um registro mais lógico.

Isso significa que, quando se diz que os israelitas ficaram no deserto do Sinai por quarenta anos, a referência é, na verdade, ao fato de que eles ficaram ali até que nascesse o próximo rebento da linhagem real. Os pais em questão eram Khiba-tasherit (filha de Moisés e Miriam) e seu marido Rama, da família de Judá (ver "Amada de Khiba", p. 61; ver também quadro: Fora do Egito, pp. 263,264,265).

Conquista da Arca

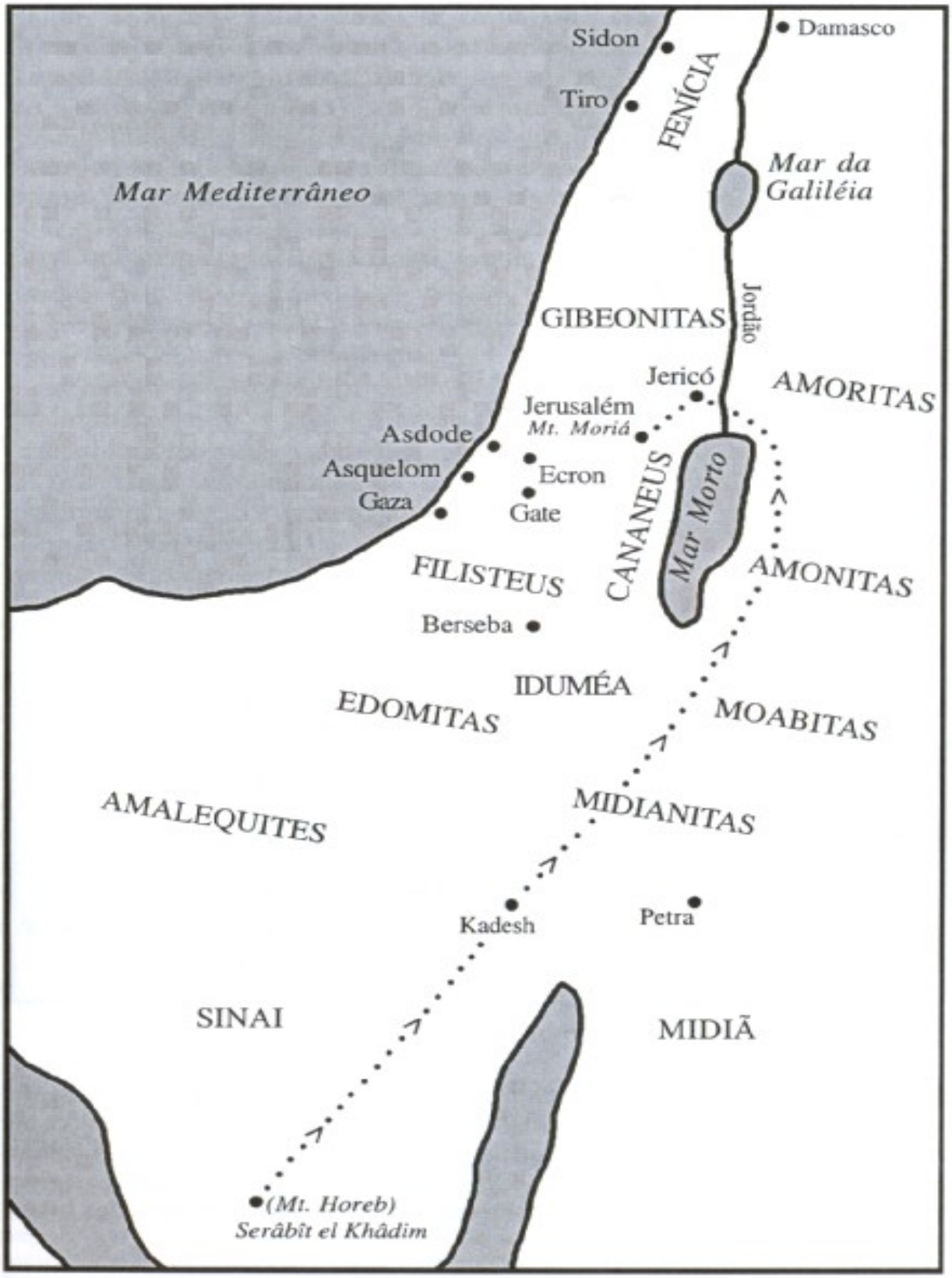
Determinou-se que a linhagem poderia apenas assumir seu papel real quando estabelecida em Jerusalém, no monte Moriá, onde Abraão oferecera seu filho Isaac em sacrifício a El Shaddai muitos séculos antes. O Senhor fizera seu pacto com as gerações de Isaac e, em respeito a sua mãe, Sara, também declarara que "ela se tornará nações; reis de povos procederão dela". No Sinai, os descendentes dos filhos de Isaac, Esaú e Jacó-Israel, vinham todos da linhagem

tribal de Judá. A missão mosaica era, portanto, atingir o monte Moriá, onde a Casa Real de Judá seria entronizada.
Claro, havia as tribos nativas a enfrentar no caminho: cananeus, amalequitas, edomitas e outras - de forma que, obviamente, não foi uma viagem de migração amigável. Segundo todos os padrões, foi uma invasão, e a principal ambição era a conquista. Isso é deixado explícito no início de Números 31:8-10, que conta a campanha contra os midianitas: "Mataram, além dos que já foram mortos, os reis dos midianitas... Porém os filhos de Israel levaram presas as mulheres dos midianitas, e as suas crianças; também levaram todos os seus animais, e todo o seu gado, e todos os seus bens. Queimaram-lhes a fogo todas as cidades em que habitavam, e todos os seus acampamentos". Depois, haveria adversários mais temíveis que os midianitas, mas os israelitas tinham a mais poderosa de todas as armas conhecidas, que os outros não possuíam: a Arca da Aliança.
Durante a viagem, a Arca era enviada adiante deles, e Moisés gritava: "Dissipados sejam os teus inimigos, e fujam diante de ti os que te odeiam". Sua experiência, porém, não deixou de ter alguns ferimentos auto-inflingidos; em certa ocasião, um acidente fez a Arca lançar fogo no meio deles, matando alguns israelitas. Logo após, a importância da Arca em batalha se tornou nítida quando, tendo-a deixado em um acampamento-base, uma companhia de israelitas foi desbaratada por guerreiros amalequitas.
O plano era mover-se em direção nordeste a partir do Sinai, com uma incursão na região cananéia a oeste do Mar Morto e do rio Jordão (moderna Israel). Mas havia cinco grandes fortalezas guardando a rota sul até Moriá, razão pela qual Moisés decidiu desviar a leste do Mar Morto, para depois atravessar o Jordão e entrar em Canaã pelo norte. Isso significava cruzar as fronteiras dos edomitas, amoritas, moabitas e amonitas, o que aparentemente eles fizeram sem grandes problemas. Logo, os israelitas eram os senhores da Transjordânia e se dirigiram ao norte para voltar, atravessando o rio acima do Mar Morto, em Jericó.

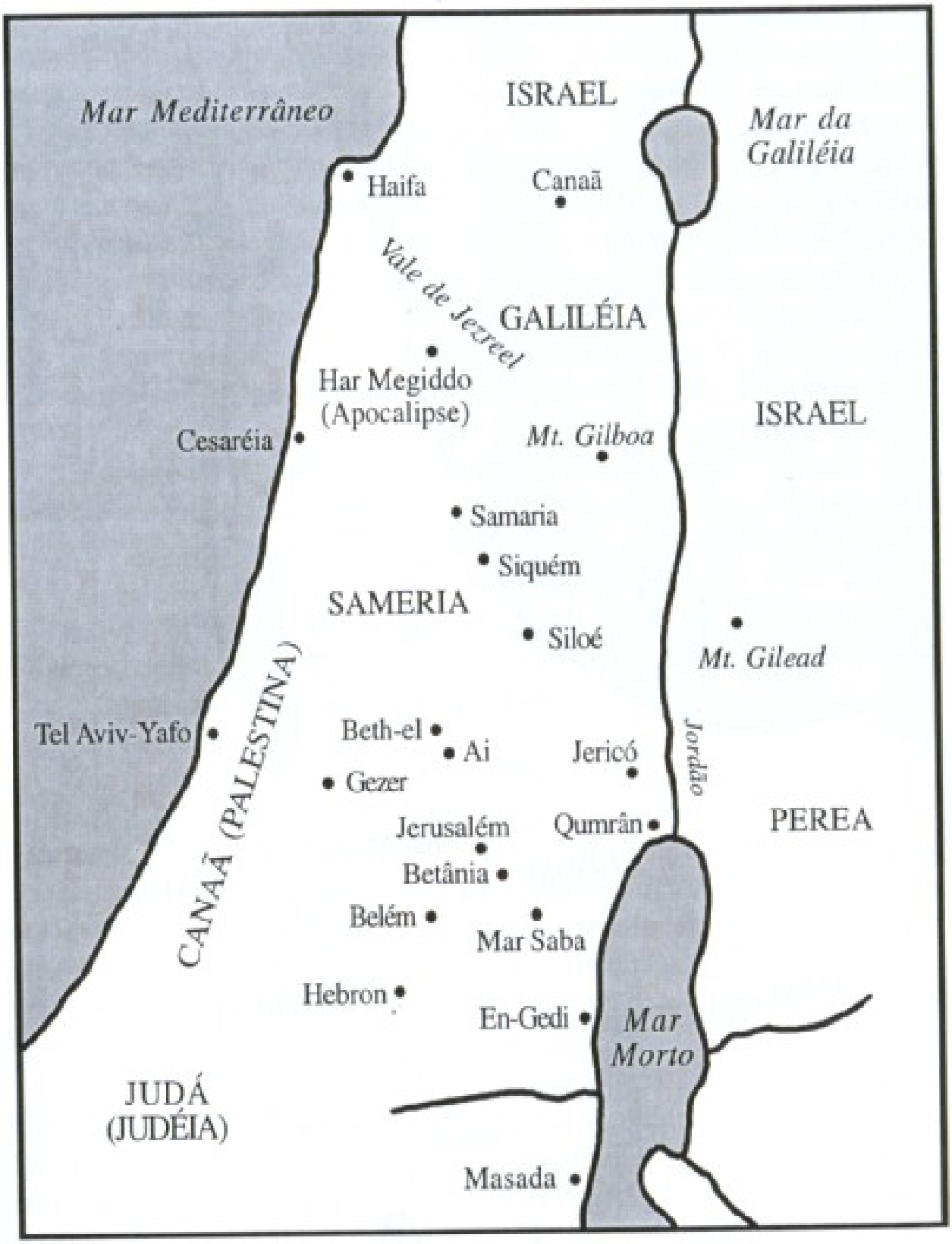
Nesse período, enquanto inspecionava Canaã da outra margem, de cima do monte Nebo, Moisés morreu e foi sucedido por seu filho Josué, seu primeiro-ministro. Ele liderou o ataque final a Canaã, que teve início com um dos incidentes mais conhecidos da história do Antigo Testamento: o cerco de Jericó. Com a Arca à frente de seu exército, Josué aconselhou a todos, exceto os carregadores levitas, que ficassem a uma distância de cerca de 1.000 jardas/metros. Então, em uma repetição bíblica da história da divisão do Mar Vermelho (para estabelecer a posição de Josué como líder meritório), conta-se que a Arca dividiu o rio Jordão para tornar possível a travessia (Josué 3:13-4:24). Em termos reais, o rio é bastante estreito naquele ponto e sempre foi muito vadeável em determinados lugares. Mesmo em períodos de cheia, o entulho forma diques. Crônicas dos últimos seis séculos registram que o trecho de Jericó chegava a ficar seco por até 24 horas de uma só vez.

Após atravessar, um contingente armado (junto com sete sacerdotes tocando trombetas de chifre de carneiro) precedia os carregadores da Arca, rodeando as muralhas de Jericó uma vez por dia durante seis dias. No sétimo dia, eles fizeram sete circuitos, quando um toque final das trombetas e um grito dos israelitas fizeram as muralhas da cidade ruírem (Josué 6:12-20). Com aparente facilidade, eles assaltaram então Jericó, matando cada homem, mulher e criança, exceto a família da prostituta Raabe, que ajudara seus batedores a avançar. Os israelitas estabeleceram-se então no solo de Canaã, que viam como sua "Terra Prometida".

Arqueologicamente, a destruição da fortaleza de Jericó foi datada entre 1400 e 125 a.C., o que coincide com nossa data do Êxodo egípcio, cerca de 1330 a.C. (ver "A Sarça Ardente", p. 51). Uma data mais precisa foi estabelecida em 1997, quando cereais da camada sedimentar de Jericó, logo antes de sua queda, foram datadas (com carbono) de cerca de 1315 a.C. Isso significa que o exército israelita de Josué, com 40 mil homens, chegou naquela época ou logo depois.



Jornada da Arca



Os Reinos de Judá e Israel

Obviamente, nenhum grito ou som de trombeta poderia realmente derrubar uma cidade tão robusta quanto Jericó. Escavações do século XX revelaram que havia duas construções paralelas de cerca de 8m de altura; a parede interna principal tinha 4m de largura. Devido à extensão dos danos na maciça fortaleza de tijolos de barro, sugeriu-se que um terremoto fora responsável, mas tal coisa teria afetado também os israelitas, não só os residentes de dentro das muralhas. Muito mais provável é que a Arca tenha causado a destruição; mas, se assim aconteceu, significaria que seu poder era consideravelmente maior que o de um capacitor convencional. Para realizar tal devastação, ela teria de ser capaz de enorme violência e, como veremos ao avaliar a ciência de sua construção em associação com a Pedra de Fogo mfkzt, ela certamente poderia ter tal potencial.
Com um pé seguro a oeste do Jordão, Josué formou uma Aliança com os gibeonitas expulsos e concentrou-se no assentamento cananeu de Ai, próximo a Bethel. Como Jericó, Ai era muito fortificada, mas essa batalha foi vencida com uma retirada fingida após o primeiro assalto. Isso levou a guarda militar de Ai a segui-los a uma emboscada estrategicamente preparada (Josué 8:15-20), enquanto, ao mesmo tempo, outros israelitas vinham das colinas para incendiar a cidade. Subseqüentemente, outros assentamentos principais foram tomados e, enquanto isso, os israelitas anexaram lugares de devoção cananeus tradicionais, como Hebron, Shechem e Beersheba, assim como os cristãos fizeram, posteriormente, com os antigos sítios druídicos na Europa.

O Cântico de Débora

Embora ainda não estivessem prontos para estabelecer um novo reino, os israelitas careciam de uma direção geral, pois suas tribos começavam a operar independentemente umas das outras. Estabeleceram então um conceito de juízes nomeados (magistrados com poderes militares), que vigoraria por cerca de duzentos e cinqüenta anos, até que a monarquia fosse constituída. Durante esse

período, porém, é visível que eles não eram, de forma alguma, unidos em matéria de religião. Em Shechem, eles haviam sido reunidos por Josué para jurar obediência a Jeová, mas, após a morte de seu líder, eles também começaram a adorar divindades cananéias, como Baal e Ashtoreth.

Não apenas os israelitas daquela época eram politeístas, assim como seus antepassados o eram no Egito, mas eram também bastante indóceis e violentos em seu comportamento social. O seqüestro das virgens de Siloé é um bom exemplo, assim como o sacrifício da filha de Jefté como agradecimento por sua vitória sobre os amonitas em Gileade. Lê-se em Juizes 17:6: "Cada qual fazia o que achava mais reto" — mas esse era um mau caminho para a construção de uma sociedade coesa e confederada!

Os principais juízes dos anos de colonização foram Otniel, Eúde, Débora, Gideão, Jefté, Sansão e Samuel. A profetisa Débora (a primeira líder feminina desde Miriam, e uma verdadeira figura ao estilo de Joana D'Arc) destaca-se entre eles; junto com Baraque, comandante de seu exército, instigou o maior assalto desde os dias de Josué. O resultado foi a derrota dos formidáveis cocheiros do rei Sísera em Har Megiddo (Armagedom), ganhando assim o vale de Jezreel para os israelitas, assim como seu terreno elevado, previamente ocupado, nas colinas da Galiléia. As descobertas arqueológicas determinam que o acontecimento se deu por volta de 1125 a.C.; sua história foi preservada no evocativo Cântico de Débora, que ela, segundo se conta, cantou para a multidão reunida após a batalha (Juízes 5).

O triunfo seguinte de Israel veio sob a liderança de Gideão, quando foram desafiados pelas hordas midianitas, montadas em camelos. Deve ter sido uma surpresa, já que camelos domesticados eram novidade para a antiga cultura, não havendo recebido menção nos registros egípcios, sírios ou mesopotâmicos até aquela data. (Tais referências, como Rebeca dando de beber aos camelos de seu pai, em Gênesis 24:10, são más traduções; provavelmente se tratava de burros.) Diante desses saqueadores indesejáveis, Gideão recorreu

novamente ao uso de trombetas — dessa vez 300 delas, tocadas em uníssono à noite, enquanto se quebravam moringas e se acendiam lâmpadas em torno do acampamento inimigo adormecido. Em essência, Gideão travou essa guerra-surpresa contra os camelos mais que contra os homens; os animais fugiram aterrorizados, com seus ginetes correndo atrás deles.

A história de Sansão (o temível gigante juiz) é bem conhecida, mas o aspecto importante de sua lenda é ser nossa primeira visão do mais intimidante de todos os inimigos de Israel: os filisteus. Fortemente armados, eles chegaram pelo mar, como vikings salteadores, em 1300 a.C, deixando um rastro de morte e destruição em Creta, Chipre, Ásia Menor e Fenícia. Eles haviam suprimido completamente o império hitita; os egípcios chamavam-nos Pelestia, que em hebreu era Peleshti. Em todos os seus anos de destruição pelo Mediterrâneo, apenas o faraó Ramsés III os derrotara tanto em terra quanto em mar. Reclamando uma faixa costeira no sul de Canaã, esses guerreiros marítimos estabeleceram as cinco cidades-reino de Asquelom, Asdode, Ecrom, Gaza e Gate, que juntas ficaram conhecidas como Palestina. Ao mesmo tempo, os invasores israelitas possuíam o norte de Canaã, e cada um deles tinha intenção de ocupar a terra inteira. Não obstante a contínua luta que persiste entre os israelitas e os palestinos hoje em dia, o fato é que, naquela época, eles eram ambos invasores indesejáveis em Canaã. Os israelitas haviam-se desenvolvido após cerca de quatro séculos no Egito, antes dos quais seu patriarca, Abraão, e seus antecessores eram originários de Ur, dos caldeus, na Mesopotâmia (atual Iraque). Nessa época, os hebreus (de eber, que significa "outro lado") eram o povo de eber han-nahor: o "outro lado do rio" (o Eufrates), como explicado em Josué 24:3. Eram os descendentes do ancestral de Abraão da sexta geração, Eber (Heber). Os egípcios chamavam-nos Apiru ou Habiru. Como descrito em Gênesis 11:28-32, o "outro lado do rio" era a terra de Harã, no reino de Mari, na Mesopotâmia.

Os recém-apelidados palestinos (filisteus) vinham de Caftor (chamada Kafto nas inscrições ramessidas), uma região costeira da Anatólia

meridional (moderna Turquia), cuja capital era Tarso. Essa era a terra dos luvianos, que haviam chegado por volta de 2000 a.C, trazendo a língua e a escrita acádia da Mesopotâmia. É bem provável que, em tempos mais distantes, os israelitas e os filisteus tenham origens mesopotâmicas relacionadas.
Famoso por manejar uma queixada de burro como arma e por matar um leão com as mãos, a força de Sansão emanava, supostamente, de seu cabelo comprido. Ao saber desse segredo, sua traiçoeira esposa Dalila cortou seu cabelo enquanto ele dormia e revelou seu paradeiro aos filisteus, que o capturaram e cegaram. Destemido, porém, Sansão miraculosamente recuperou sua força e empurrou os pilares de sustentação do Templo de seus captores, derrubando-o, o que o matou e a todos os que estavam lá dentro.
Depois de passar por esses contos de heróis populares israelitas (sem dúvida referindo-se a lendas populares de seu tempo), os escribas da Bíblia passam a tratar do último e maior dos juízes, Samuel. Ao mesmo tempo, esses contos nos lembram de que a Arca da Aliança ainda é muito relevante para a história (Juízes 20:27). Ela é então trazida novamente à linha de frente das operações, depois das histórias desses campeões individuais terem sido contadas e concluídas.

A Cidade Real de Davi

Em termos práticos, os filisteus estavam muito mais bem equipados do que os israelitas, com tecnologia militar moderna e armas trazidas de regiões mais desenvolvidas. Eles também introduziram o ferro e a fundição de ferro em Canaã, cujas técnicas aprenderam com os hititas, de forma que sua aparelhagem e armadura eram muito mais eficientes. Porém, o que não tinham era a Arca da Aliança e, apesar de todo seu potencial vitorioso, sabiam que teriam de capturá-la se quisessem derrotar os adversários israelitas.
A história de Samuel está ligada, desde o início, a um antigo santuário cananeu em Siloé, onde a Arca era ritualmente abrigada quando não

era levada em batalha. O problema é que, com os filisteus operando a partir de seus cinco centros estratégicos, as tropas israelitas necessariamente tinham de se dividir em unidades separadas para proteger suas fronteiras, e a Arca não podia estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Como resultado, as facções tribais tornaram-se autônomas e desunidas, enquanto os filisteus conseguiam lograr a unidade responsável e apanhar a Arca. Levaram-na para sua cidadela de Asdode, mas os residentes foram atingidos por suas emissões e foram vítimas das terríveis conseqüências. Assim, a Arca foi levada a Gate, em seguida a Ecron, porém os resultados eram os mesmos; havia "destruição mortal" nas cidades. Os que não eram mortos por seus raios sofriam ferimentos horrorosos, de forma que os filisteus decidiram que ela deveria ser devolvida aos levitas em Bete-Semes.

Como Samuel, mais que um guerreiro, era um sacerdote vidente, represálias contra os filisteus foram lideradas pelo maior e mais bravo dos israelitas, um benjamita chamado Saul, que se instalara como um rei no campo de batalha, contrariamente ao que Samuel aconselhara. Reunindo sua corte em Gibeá, Saul conseguiu unir as facções tribais contra o inimigo por algum tempo, mas não era um diplomata e logo indispôs seus próprios sacerdotes, dos quais passou muitos pelo fio da espada por não mostrarem total devoção a sua posição. Embora Saul visse a si mesmo como o rei escolhido a ser sucedido por seu filho Jônatas, a maioria encarava sua posição como puramente militar e temporária. Para eles, o verdadeiro rei eleito era Davi, da Casa de Judá, que por acaso era genro de Saul (casado com sua filha Mical). O que tornava a posição de Saul ainda mais desconfortável é que seu filho Jônatas era um grande amigo de Davi, muito admirado por ter matado em batalha o gigante campeão dos fílisteus, Golias de Gate.

Sabendo que Saul tinha a intenção de tirar a vida de Davi, Jônatas preveniu seu amigo, que devidamente levou seu exército para as colinas de En-gedi, à espera do assalto do rei. Saul veio com 3 mil homens, mas, separando-o de suas tropas, Davi perdoou o homem e o libertou. Pouco depois, Samuel morreu e, desejando conhecer seu próprio destino, Saul consultou a médium de Endor. Ela, porém,

conjurou a sombra de Samuel para avisá-lo de que eles e seus filhos logo cairiam em batalha contra os filisteus. De forma que, quando Jônatas foi morto no campo de batalha no monte Gilboa, Saul, que rejeitara a Arca do Senhor, soube que sua hora de humilhação chegara. Não querendo ser morto pelo inimigo, ele preferiu cair por sua própria espada; proclamou-se assim a Casa Real de Davi.

Com a Arca de volta à ação, Davi derrotou os filisteus em uma série de batalhas, movendo-se cada vez mais para o sul, em direção ao monte Moriá, com uma força de 30 mil homens. A Arca era transportada em uma carroça especialmente construída, de onde escorregou durante sua viagem; Uzá, o condutor, inadvertidamente a tocou e foi fulminado. Davi cuidava para que apenas os levitas, com sua vestimenta e treinamento especiais, pudessem manusear a relíquia sagrada, embora ele (mesmo sendo seu rei) não o pudesse. Ele vestiu um éfode sacerdotal e dançou diante da Arca, mas sabia que, apesar de tudo, nunca poderia tocá-la para garantir sua própria vida. Por fim, ele e os israelitas chegaram ao monte Moriá e Zadoque, o sumo sacerdote, levou a Arca para a antiga cidade jebusita, onde se estabeleceu a corte davídica e se entronizou o rei. Como resultado da liderança de Davi, a dominação filistéia teve fim no sul de Canaã, onde a terra foi renomeada como Judá e sua capital foi chamada Yuru-salem: cidade de paz.

Após subjugar as regiões de Edom, Amon e Moab, assim como os centros aramaicos fronteiriços, como Damasco e os conclaves cananeus de Megiddo e Beth-shean, Davi tornou-se mais um imperador do que um rei. Estabeleceu relações de comércio com os fenícios de Hamate, Tiro e Sidon, e construiu sua corte segundo o modelo egípcio tradicional de seus ancestrais. Era administrado por oficiais nomeados, com um comandante militar, um chanceler, um cronista, dois sumos sacerdotes (Zadoque e Abiatar) e um vizir, como era o uso dos faraós. Tinha também seu próprio harém, no estilo das outras monarquias orientais.

O reinado de Davi, porém, não deixou de ter seus distúrbios. Em certo momento, seu filho mais velho, Absalão, liderou uma revolta contra

seu pai, sendo morto no processo — o que resultou no famoso lamento: "Meu filho Absalão, meu filho". Uma luta pela sucessão estourou então, estando a facção de Judá do lado do segundo filho de Davi, Adonias, e a facção de Jerusalém do lado do caçula, Salomão (filho de Davi e Betsabá, a hitita). Quando Davi morreu, os partidários de Salomão eram muito mais poderosos, contando com o apoio de Zadoque, o sacerdote, Nata, o profeta, e Benaías, capitão da guarda do palácio. Mandaram executar Adonias e exilar seus partidários e fizeram de Salomão o novo rei de Jerusalém.

O Projeto da Pedra de Fogo

Finalmente, por volta de 968 a.C., após uma longa história de batalhas e viagens desde aqueles distantes dias no monte Horebe, a Arca encontrou seu desejado local de residência na Jerusalém do rei Salomão. Embora em geral chamado por seu apelido familiar (que significa "pacífico"), o nome legítimo de Salomão era Jededias. O verdadeiro nome de seu pai é incerto, uma vez que o título de Davi predominou (embora nunca registrado como nome pessoal até aquela época). Textos mesopotâmicos do palácio de Mari, porém, referem-se ao Dâvidum como uma espécie de "César" (Imperador); o título ficou com ele, como um nome, até hoje. Na realidade, Salomão e seus sucessores foram todos Davis (Dâvidums).
Rapidamente, com a instalação de Salomão, as antigas tradições reais da velha linhagem reergueram-se, entre as quais a ressurreição da cultura do ouro: "O peso do ouro que se trazia a Salomão a cada ano era de 666 talentos". "Todas as taças de que se servia o rei Salomão para beber eram de ouro... não havia nelas prata, porque nos dias de Salomão não se dava a ela estimação nenhuma. Fez o rei Salomão 200 paveses de ouro batido; 600 siclos de ouro mandou pesar para cada pavês... fez também 300 escudos de ouro batido; três arráteis de ouro mandou pesar para cada escudo... O rei fez também um grande trono de marfim e o cobriu de ouro puríssimo." A lista de artefatos de ouro é aparentemente infinita — e tudo isso era adicional

ao largo uso do ouro na construção e no mobiliário de seu famoso Templo.
Diferentemente de seu pai, um líder guerreiro, Salomão tinha a fama de um príncipe da paz. Não embarcou em campanhas expansionistas, embora tenha construído guarnições defensivas para seus carros e cavalaria, notadamente em Hazor, Megiddo e Gezer. Construiu também centros de armazenagem e nomeou 12 governadores regionais para seus distritos administrativos. Dado que os israelitas não tinham experiência marítima, Salomão travou boas relações com os mercadores fenícios, e o rei Hiram, de Tiro, ajudou-o a construir uma frota para operar no Mar Vermelho. A frota tinha base em Ezion-geber, o que capacitou Salomão a iniciar-se no lucrativo comércio de cavalos. Para isso, contava com 40 mil estábulos e 12 mil cavalariços. Mesmo o estábulo da cidade de Jerusalém era grande e, quando escavado pelos cavaleiros Templários cerca de dois mil anos depois, registrou-se que era "um estábulo de capacidade e extensão tão maravilhosas que podia suportar mais de dois mil cavalos".
Notório por sua sabedoria e escritos filosóficos, o ponto alto da fama de Salomão foi o Templo que construiu perto do palácio de Davi para abrigar a Arca da Aliança. Para sua construção, o rei Hiram, de Tiro, veio novamente à sua ajuda, trazendo projetistas, artesãos e materiais. O diretor das operações foi outro Hiram, também de Tiro, habilidoso artífice de metais. De acordo com a sabedoria maçônica, esse Hiram tinha o sobrenome Abiff, embora a Bíblia não o chame dessa forma. Longe de ser um lugar de devoção totalmente jeovístico, o Templo foi moldado segundo aspectos da tradição do Oriente Médio. Em sua entrada (de acordo com o uso dos Templos fenícios), havia dois pilares: Jaquim (denotando "estabelecimento") e Boaz (que significa "em força": o nome do bisavô de Davi). O ritual maçônico diz que esses pilares de bronze eram construções ocas que continham os rolos constitutivos do Ofício. As paredes e o teto do Templo foram forrados de cedro do Líbano e decorados com querubins, palmeiras, romãs e lírios. As portas e o piso eram feitos de oliveira e pinho — e tudo, do chão ao teto, era revestido de ouro. No centro do tema geral,

estava o chamado Santo dos Santos: o Sancto Sanctorum, que abrigava a Arca da Aliança, guardada por dois querubins gigantes (além daqueles da própria Arca). Mas havia outra característica dominante que causou grande desconcerto, porque sua função jamais foi explicada.

O livro 1 Reis 7:23-26 fala de um recipiente pesado que Hirão fez para o pátio do Templo. Porém, a descrição foge um pouco do contexto do texto grego original, de forma que é necessário concentrar-se no livro 3 Reis da Septuaginta para um relato mais autêntico. Ele conta que era um receptáculo circular de bronze de cerca de 3,8m de diâmetro e l,9m de altura, com uma espessura de um palmo antigo (cerca de 7,5cm). Sua borda tinha o feitio de uma flor de lótus aberta e ele ficava sobre as estátuas de 12 bois de bronze. Ao todo, comportava "três mil medidas" dos suportes que o acompanhavam, e havia dez deles. Eram feitos também de bronze, com a parte de cima aberta, ricamente decorados com leões e querubs, e colocados sobre rodas de carro de 68,5cm. Além disso, conta-se que Hirão fez os caldeirões e as pás.

As questões que surgem naturalmente são: o que estaria fazendo um tanque tão imenso em um Templo? O que seria guardado nele? E por que os suportes e as pás? Outra questão que naturalmente se segue é: sem contar todo o ouro usado para o próprio projeto do Templo, o que Salomão fazia com as vastas quantidades que recebia a cada ano?

Sugeriu-se que o grande recipiente era um lavatório para os sacerdotes, mas como a parte de cima ficava a cerca de 3,5m do chão, incluindo os bois que o apoiavam, isso é muito pouco provável. Na verdade, a menos que os sacerdotes tivessem mais de 2m de altura, eles precisariam nadar, e não se lavar! Além disso, os lavatórios do Templo são mencionados separadamente em 1 Reis 7:38. O estudioso hebreu e tradutor dos Manuscritos do Mar Morto, Yigael Yadin, apontou que as consoantes hebraicas traduzidas como "lavatório" nos antigos textos (o Pergaminho do Templo, por exemplo) compreendem a mesma seqüência consonantal que poderia ser traduzida como "plataforma", "pilar" ou outras construções.

Assim, o que poderia ser guardado no recipiente de bronze? Para responder a essa questão, podemos voltar ao início de nossa história, no Templo de Serâbit el Khâdim no monte Sinai, com Sir W. M. Flinders Petrie. Quando escreveu seu relatório a respeito da descoberta do misterioso pó branco nas câmaras do Templo, afirmou (pensando inicialmente, antes dos testes, que se tratava de cinzas finas) que havia aproximadamente 50 toneladas da substância estocada ali. Tudo aponta para o fato de que, com a Arca firmemente instalada e funcional, o rei Salomão finalmente ressuscitara a usina manufatureira do Sinai, em Jerusalém, e trocava a Pedra de Fogo mfkzt com os egípcios, os fenícios e outros por sua frota naval, proteção militar, cavalos, carros e outros serviços caros prestados durante seu reinado — para não mencionar todo o fornecimento de artigos de construção para seu Templo e palácio. 3 Reis 5:7 e 10:11 da Septuaginta confirmam o negócio, afirmando que o rei Hirão de Tiro fornecia o ouro cru das minas de Ofir, próximo a Sabá, pedindo em troca que Salomão "desse pão para meu lar".

10
NA ESCURIDÃO

Kebra Nagast

Já vimos (ver "Conflito do Deuteronômio", p. 67) como os cristãos da Igreja Ortodoxa Etíope do século XIV figurativamente seqüestraram a Arca como relíquia dos imperadores abissínios no Kebra Nagast (Glória de Reis). O livro sugere que o rei Salomão e a rainha de Sabá tiveram um filho secreto chamado Bayna-lekhem (Menieleque), o qual furtivamente removeu a Arca do Templo de Jerusalém, levando-a através da Arábia e do Mar Vermelho para a Etiópia. É difícil imaginar como alguém poderia "remover furtivamente" algo que pesava cerca de uma tonelada e meia sem ser notado, mas vale a pena dar uma olhada nessa lenda mais de perto para ver como ela contradiz a Bíblia

na história da Arca. Se houvesse algum fundamento no texto etíope, a Arca não apareceria nas escrituras hebraicas após a época de Salomão. Porém, o fato é que o Antigo Testamento registra que ela esteve em Jerusalém por muitas gerações dos sucessores de Salomão. Assim, por que um escriba etíope anônimo iria tão longe para forjar uma história imediatamente reprovável?

Em 330 d.C., o imperador Constantino, o Grande, dividira formalmente seu Império Romano em dois: o Oeste, governado de Roma, e o Leste, de Bizâncio (noroeste da Turquia), que renomeara como Constantinopla. Mas pouco depois, o Império Ocidental entrou em colapso, destruído pelos visigodos e os vândalos. O último imperador romano, Rômulo Augusto, foi deposto pelo comandante germânico Odoacer, que se tornou rei da Itália em 476 d.C. Na ausência do imperador, o arcebispo principal, Leão I, ganhou o título de Pontifex Maximus (Sumo Pontífice ou construtor de pontes), mais tarde conhecido como Papa (papa: pai). No Leste, a história foi diferente; o Império Bizantino estava destinado a prosperar por outros mil anos.

A partir do século V, a Igreja de Roma continuou no Oeste, enquanto a Igreja Bizantina emergia de seus centros em Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém. Cada uma das igrejas buscava a supremacia sobre a outra; um dos principais pontos de discussão era se Jesus era filho de Deus ou se era o Deus encarnado. Além disso, a natureza do Espírito Santo tornou-se assunto de discussão acalorada; o caso tornou-se conhecido como Debate da Trindade. Ele explodiu em uma agitação em 867, quando o patriarca Fócio de Constantinopla excomungou o papa Nicolau I de Roma porque ele representava uma fé inferior!

Os católicos do Cristianismo ocidental decidiram então ratificar o chamado Artigo Filioque. Ele fora introduzido no Conselho de Toledo em 598 e declarava que o Espírito Santo procedia "do Pai através do Filho" (grego: dia tou huioü). Era um ponto um tanto intangível e extraordinário de disputa teológica, mas suficiente para dividir o Cristianismo formal ao meio. Na realidade, era simplesmente uma desculpa trivial para perpetuar a disputa da administração política da

Igreja entre Roma e Constantinopla. O resultado foi a formação de duas igrejas bem distintas a partir do mesmo original. O diálogo mal-resolvido acabou causando uma rachadura entre as facções.
Nesse período, os crentes orientais começavam a planejar um legado religioso separado para o que consideravam a verdadeira fé. Para promovê-lo, olharam especificamente para as escrituras do Antigo Testamento, em vez dos ensinamentos de Pedro e Paulo usados pelos Católicos. Seu objetivo era provar que a cristandade ortodoxa viera mais diretamente dos preceitos da Lei Mosaica e tinha uma tradição realmente antiga. O problema é que todos sabiam que o Antigo Testamento constituía a base religiosa do Judaísmo, que era distinto do Cristianismo. Assim, determinaram-se a estabelecer a idéia de que, sem considerar o envolvimento pessoal de Jesus como "membro" do movimento, os cristãos na verdade haviam existido antes que houvesse hebreus! Encontrou-se uma solução para isso na reconfecção das histórias do Antigo Testamento, para dar-lhes uma nova mensagem bizantina para os cristãos de países como o Egito, a Síria e a Etiópia.
Entre as fábulas reescritas, havia um trabalho etíope chamado O Livro de Adão e Eva, com o subtítulo O Conflito de Adão e Eva com Satã, produzido por volta do século VI. Esse comprido livro mostra Satã como personagem central e chega a dizer que a cruz de Jesus foi erguida no mesmo ponto em que Adão foi enterrado! Um trabalho similar, intitulado O Livro da Caverna dos Tesouros (M'ãrath gaze), é um compêndio siríaco da história terrestre desde a Criação do Mundo até a crucifixão. Novamente, Satã aparece como constante protagonista do mal. Em um caso, Adão e Eva estão vivendo em uma caverna e Satã aparece 14 vezes para tentá-los, mas a cada vez um anjo de Deus põe o demônio em fuga. O livro afirma até que o Cristianismo ortodoxo existia antes do tempo de Adão e Eva! Outro volume na mesma linha é o Livro da Abelha — um texto siríaco de 1222, compilado pelo bispo Shelêmôn de Basra, Iraque. Seu título explica-se pelo fato de haver "recolhido o orvalho celestial dos botões dos dois Testamentos e das flores dos livros sagrados", aplicando

assim a doutrina cristã às escrituras judaicas tradicionais, que são estrategicamente reinterpretadas.
Se há algo que possa ser dito em favor desses livros, é que suas genealogias do Antigo Testamento estão bastante de acordo com os mais antigos trabalhos judaicos como o Livro dos Jubileus. Além disso, não passam de fábulas ficcionais, projetadas para solapar o registro histórico, e são contrárias a todos os arquivos originais sumérios, cananeus e hebraicos. O Kebra Nagast nasceu nessa tradição. Seu único propósito era conferir um legado judaico aos reis da Etiópia, pintando-os como descendentes do rei Salomão e herdeiros da Arca da Aliança. O livro não dá pormenores a respeito das gerações posteriores a Salomão, mas simplesmente aplica o legado de Judá a um certo imperador Yekuno Amlak, que iniciou a chamada dinastia salomônida na Etiópia em 1268.
A palavra do Kebra Nagast infiltrou-se na consciência européia em 1533, quando o enviado português Francisco Alvares voltou de uma visita à Etiópia. Logo antes disso, o químico espanhol Enrique Cornelio Agrippa traduzira o trabalho etíope em seu Historia de las cosas de Etiópia, de 1528. O padre jesuíta Manuel Almeida, que fora missionário na Etiópia, fez outra tradução no início do século XV. Mas foi apenas no final do século XVIII, quando o explorador escocês James Bruce de Kinnaird compilou suas Viagens em Busca da Nascente do Nilo, que o fabuloso conteúdo do Kebra Nagast foi mais amplamente conhecido no Ocidente.
Supostamente, a Arca etíope está sob os auspícios da Igreja de Santa Maria de Sião, em Axum (Aksum), supostamente mantida em um rude edifício da década de 1960 chamado Enda Tsallat (Capela da Tábua) embora ninguém tenha conseguido vê-la. Na verdade, suas únicas descrições conhecidas vêm do texto do século XIII de um armênio conhecido como Abu Salih — mas o item que ele descreveu tinha pouca semelhança com a Arca da Aliança bíblica. Salih escreveu que ela batia na altura dos joelhos, com cruzes de ouro e pedras preciosas na tampa, e em geral era mantida sobre o altar. Essa relíquia (fosse o que fosse) é similar em forma e tamanho à suposta Arca que é

carregada em procissão atualmente, mas sempre sob envoltórios que vetam qualquer espiadela. Chamada manbara tabot, é na verdade um esquife que contém uma laje de altar venerada chamada tabot. A verdade é que, embora o baú de Axum possa ter alguma significância cultural particular na região, há manbara tabotat (plural de tabot) em igrejas por toda a Etiópia. Os tabotat que eles contém são lajes de altar retangulares, feitas de madeira ou pedra. Certamente, o celebrado manbara tabot de Axum tem considerável interesse sagrado e, por definição lingüística, é de fato uma Arca, mas não é a Arca da Aliança bíblica, nem nada remotamente parecido.

A Rainha de Sabá

Como pulamos a lenda de Sabá em nossa discussão cronológica referente ao rei Salomão, esta é uma hora bastante apropriada para tecer considerações a respeito da ilustre e misteriosa Rainha do Sul. O Kebra Nagast diz que ela era Makeda, da Etiópia, mas seu nome não é revelado na Bíblia nem identificado em nenhum documento autêntico ou historicamente reconhecido. Apesar disso, e contrariamente a muitas declarações literárias de que a terra de Sabá (ou Sãba) é difícil de ser identificada, ela na verdade está especificada nas inscrições assírias do rei Tiglath-pileser III (c. 745-727 a.C.) e de Sargão II (c. 720-205 a.C). A inscrição posterior (de cerca de 707 a.C.) deixa perfeitamente claro que Sabá era a terra dos sabeanos (os Sãba'aa) e associa a importante rainha Samsé de Aribü com It'amara, rei de Sabá. Seu reino ficava no extremo sul da Palestina e da Jordânia, na Península Arábica, que atualmente inclui o Iêmen. Costeando o flanco oriental do mar Vermelho acima do Golfo de Aden, a interpretação semítica do nome Sãba foi Sheba (Sabá).
A rainha de Sabá faz sua breve aparição bíblica diante de Salomão em 1 Reis 10:1-13 (repetida em 2 Crônicas 9:1-12), onde se afirma, de forma algo ambígua, que ela "veio prová-lo com perguntas difíceis". O relato diz que ela chegou com uma grande caravana, trazendo especiarias, ouro e pedras preciosas para o rei de Judá, cuja

sabedoria sem par era conhecida naquelas plagas. Além dessas informações, pouco mais há na história. A rainha ficou satisfeita com as sábias respostas de Salomão e muito impressionada com sua corte real. Então, após uma troca mútua de ricos presentes, ela partiu. É muito provável, porém, que sua visita estivesse relacionada a negociações da Pedra de Fogo sagrada para sua pátria; 1 Reis 10:10 especifica que ela trouxera a Salomão 120 talentos (cerca de 5,5 toneladas) de ouro.

Em termos lingüísticos, a palavra sheba (sabá) definia um "juramento" e seu uso não era incomum. Assim, a rainha de Sabá era também chamada "Rainha do Juramento"; a mãe de Salomão, Betsabá, era a "Filha de um Juramento". Em suas formas variantes, o nome surge diversas vezes no Antigo Testamento, incluindo Sebá, filho de Cuxe, Sabá, filho de Joctã, e Seba, filho de Bicri, além do nome de lugar Berseba.

A introdução da rainha de Sabá na história de Salomão é um anti-clímax literário, ocupando apenas uma dúzia de versos curtos sem objetivo aparente. Porém, preparou a cena para a demonstração do prestígio de Salomão; talvez essa tenha sido a razão de sua inclusão na narrativa. Como melhor demonstrar a sabedoria e a riqueza do poderoso rei do que ter a rainha de uma nação comerciante historicamente grande a confidenciar-lhe: "Sobrepujas em sabedoria e prosperidade a fama que ouvi". (1 Reis 10:7)?

A terra de Sabá era certamente notória por suas especiarias e ouro, como está dito; mas, quanto à rainha, não há menção de sua idade, sua aparência nem nada. Mesmo assim, há uma romântica atração nessa mística da mulher com a caravana de camelos ricamente carregada, que levou artistas e escritores a desenvolver uma mitologia sobre ela ao longo dos séculos. A rainha de Sabá era uma candidata perfeita para o estrategicamente enganador, mas, apesar disso, aventuroso, Kebra nagast. Tão pouco se dizia a respeito dela na Bíblia que o enigma da rainha era propício a um embelezamento que de alguma maneira completaria seu retrato de um modo que satisfizesse a uma intriga compreensível.

Guardiães do Destino

Voltando à Arca bíblica, vemos que, em contraste com o Kebra Nagast, o Antigo Testamento realmente confirma que a Arca estava em Jerusalém muito após a época de Salomão (c. 986 a.C.). O rei Ezequias de Judá (12º. descendente linear de Salomão) supostamente orou diante da Arca (2 reis 19:15). Nos reinados subseqüentes dos reis Manasses e Amon, a Arca foi transferida para um santuário levita durante um certo distúrbio e conflitos sectários no Templo. Mais tarde, ao falar do reino do bisneto de Ezequias, o rei Josias de Judá, 2 Crônicas 35:3 conta como Josias decidiu que a Arca deveria ser devolvida a sua morada correta. Ele "disse aos levitas que ensinavam a todo Israel e estavam consagrados ao Senhor: Ponde a Arca sagrada na casa que edificou Salomão, filho de Davi, rei de Israel; já não tereis essa carga aos ombros". Isso ocorreu mais de 360 anos depois que Salomão construiu o Templo e pouco antes da primeira invasão de Jerusalém por Nabucodonosor da Babilônia por volta de 597 a.C.

Obedecida essa instrução, pareceria lógico que, quando as tropas de Nabucodonosor atacaram o Templo, houvessem levado a Arca como butim, mas aparentemente eles não o fizeram. Há inventários de alguns dos principais itens pilhados em 2 Reis 25:13-17 e Jeremias 52:17-23, mas a Arca não figura neles. Porém, diversos textos hebreus confirmam que, antes da invasão, ela fora oculta pelo profeta Jeremias. Portanto, não surpreende que haja uma profecia a esse respeito no Livro de Jeremias, no Antigo Testamento: "A Arca da Aliança do Senhor! Ela não lhes virá à mente, não lembrarão dela nem dela sentirão falta" (Jeremias 3:16).

Nos apócrifos do Antigo Testamento, há uma anotação complementar em 2 Macabeus 2:5, enquanto 2 Esdras 10:22 lamenta que os levitas foram capturados, continuando: "Nosso candelabro foi derrubado, a Arca da Aliança foi pilhada, o que nos era sagrado foi maculado". Diversos comentários no Talmude hebreu relembram que Jeremias escondeu a Arca sob o chão, próximo ao Santo dos Santos do

Templo, e tão forte era a tradição que sobreviveu aos séculos, mesmo após a Bíblia Hebraica Masorética ter sido escrita no século X.
Fica evidente que, desde a época do reinado de Salomão, a Arca não era usada e a cultura do ouro no Templo teve um fim abrupto quando surgiram as disputas pelo reinado entre o norte, de Israel, e o sul, de Judá. Embora o filho de Salomão, Reoboão, tenha sucedido naturalmente em Jerusalém como rei da Judéia, uma revolta contra os impostos trabalhistas no norte levou à instalação do efraimita Jeroboão como governante independente de Israel por volta de 928 a.C. O fato coincidiu com uma mudança dinástica no Egito, quando um comandante líbio chamado Sheshonq casou-se com uma herdeira egípcia e se tornou o novo faraó. Pouco familiarizado com a verdadeira cultura egípcia, este ex-comandante do Meshwesh (uma força policial líbia) decidiu reforçar a dominação egípcia sobre a Palestina, segundo a Estela de Israel (ver "Direito de Sucessão", p. 58). Sheshonq (chamado Shishak na Bíblia) iniciou um assalto contra Reoboão e cercou Jerusalém. Retirou diversos objetos valiosos de fácil transporte do Templo para provar sua supremacia sobre o rei de Judá e imediatamente voltou seus objetivos para o norte, contra o reino de Jeroboão, que fugiu pelo Jordão. Um registro compilado da campanha foi mais tarde inscrito nas paredes do Templo de Amon em Tebas.
A Arca da Aliança não constava na lista das pilhagens de Sheshonq, mas referências bíblicas a ela após o acontecimento relatam que era mais cerimonial do que funcional. Com a nação dividida, o fio principal da narrativa que se segue se concentra na contínua luta entre os reis de Judá e de Israel. De um modo ou outro, a Bíblia e outros registros judaicos são consistentes ao afirmar que a Arca fora escondida no reinado de Josias para não ser capturada pelos babilônicos. 2 Crônicas 6:1, escrito posteriormente, explica que o Senhor realmente habitava na caixinha escura. Bem no final da Bíblia, Apocalipse 11:19 (escrito no século 1 d.C.) confirma que a Arca, com seus trovões e relâmpagos, ainda residia no Templo do Céu. Em sua Mishneh Torah de 1180, o filósofo espanhol Moisés Maimonides conta que Salomão

construíra um esconderijo especial para a Arca sob profundos túneis escuros e ventosos — a mesma tática usada por seu filho Reoboão quando da invasão de Shishak do Egito. Depois, em 1648, o rabi Naftali Hertz explicou, em seu Emeq ha Melek (Vale do Rei) como a sagrada relíquia fora guardada em segurança antes que o Templo fosse destruído.

No centro de todos os relatos a respeito do esconderijo protetor da Arca está Jeremias, e devemos nos voltar para sua história pessoal para saber o restante. Embora seja em geral retratado, nos ensinamentos da Igreja, como profeta, Jeremias era um homem de grande influência. Como registrado em Jeremias 1:1, ele era filho de Hilquias, um sacerdote de Anath que se tornou o sumo sacerdote de Jerusalém e descobriu O Livro da Lei escondido no Templo (2 Reis 22:8 e 2 Crônicas 34:15). Além disso, Jeremias era o capitão da guarda do Templo de Hilquias. Antes da invasão de Nabucodonosor, mais sagrados tesouros do Templo nas galerias subterrâneas — incluindo a Arca da Aliança. Isso foi feito e a guarda formou uma Ordem do Templo para manter o registro dos objetos ocultos.

Assim, quando Nabucodonosor destruiu o Templo, objetos específicos, como a Arca e a pedra de ungir dos reis de Judá, não estavam na lista da pilhagem. A venerada Pedra da Aliança era o travesseiro em que Jacó descansara sua cabeça para ver a escada que levava ao céu em Gênesis 28:18-22. El Shaddai prometera a Jacó, naquela ocasião, que sua semente geraria uma linhagem de futuros reis — linhagem que, no devido tempo, tornou-se a dinastia de Davi e Salomão.

Com os tesouros seguros contra Nabucodonosor, Josias voltou-se contra outro inimigo e foi morto em batalha contra o faraó Nekau do Egito no campo de batalha palestino de Megiddo. Seu filho foi instaurado como seu sucessor, mas Nekau o destronou em favor de seu irmão mais novo, Eliaquim, que se tornou o rei Jeoaquim. Como as taxas de Jerusalém eram pagas ao faraó, a cidade estava enfraquecida, então Nabucodonosor iniciou o primeiro de seus assaltos babilônicos, manobrando para que o faraó Nekau ficasse de

fora do quadro. Jeoaquim morreu nesse tempo e foi sucedido por seu filho Jeconias, mas Nabucodonosor voltou a atacar com uma invasão muito mais rigorosa. O Templo foi arrasado e Jeconias foi levado como refém junto com cerca de 10 mil israelitas, dando início ao cativeiro babilônico de setenta anos (2 Reis 24:10-20).

Estando Jerusalém no caos, o tio de Jeconias, Matanias, sucedeu como rei Zedequias de Judá. Mas onze anos depois, Nabucodonosor retornou e Zedequias foi levado para a Babilônia e cegado. Naquela ocasião, o Templo foi totalmente destruído pelo capitão babilônico Nebuzaradan, que lhe tirou seus famosos pilares, Boaz e Jaquim, o grande recipiente de Salomão e outros elementos arquitetônicos. Os filhos de Ezequias foram assassinados, mas sua filha Tamar (Tea) foi resgatada por Jeremias, que a levou (via Egito e Espanha) em segurança para a Irlanda. Nesse ínterim, Jeremias recuperou a Pedra Sagrada da Aliança antes que o Templo fosse demolido, e também a levou para a Irlanda, onde se tornou conhecida como Lia Fáih a Pedra do Destino.

Ao todo, cerca de 50 mil cativos foram levados para a Babilônia nas deportações de Nabucodonosor. De acordo com Jeremias 29:5-7, eles viviam livremente em suas próprias casas, possuíam suas propriedades rurais e negócios, conduzindo suas vidas normalmente. Seus príncipes e governantes podem ter sido maltratados, mas o povo como um todo aparentemente passava bem; em nenhum lugar eles são mostrados como escravos ou servos. Então por que foram levados? A Bíblia conta que essa foi a vingança de Deus contra eles porque seu ex-rei Manasses erigira altares ao deus cananeu Baal. Não importava que o neto de Manasses, o rei Josias, houvesse destruído esses altares com a aprovação do povo. De qualquer modo, Jeová decidiu tomar sua vingança, dizendo: "Eliminarei Jerusalém como quem elimina a sujeira de um prato... entregá-la-ei na mão de seus inimigos... eles me provocaram a ira, desde o dia em que seus pais saíram do Egito". Então, explica-se que, "com efeito, isso sucedeu a Judá por mandado do Senhor que a removeu de sua presença, por causa de todos os pecados cometidos por Manasses".

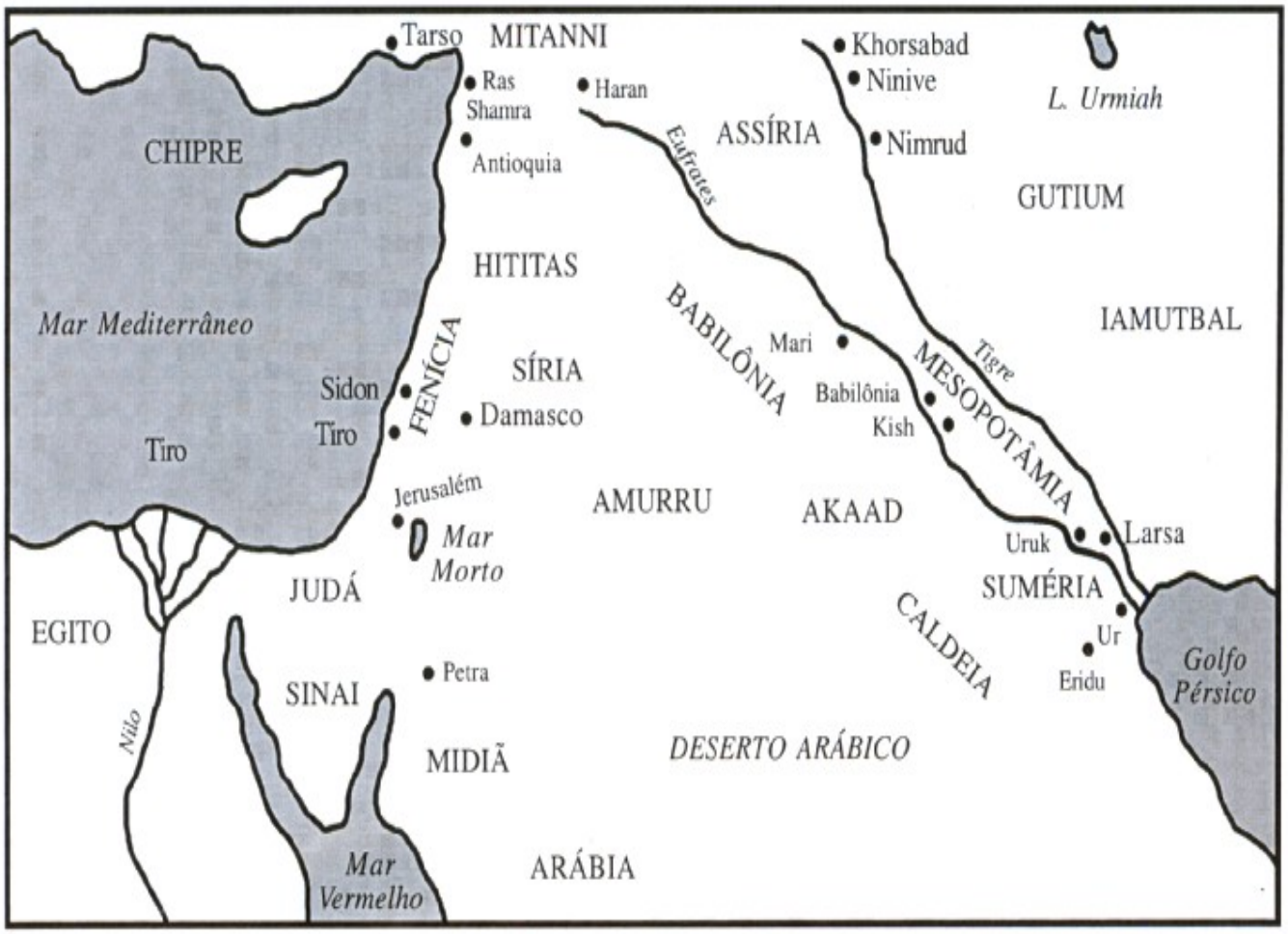
Essa explicação deve ser suficiente para satisfazer as exigências escriturais, mas em termos práticos faz pouco sentido. Nabucodonosor não era servo de Jeová e certamente não teria idealizado tal incursão para aplacar o Deus de uma nação estrangeira. Sua razão para tomar tantos reféns, portanto, deve ter sido substancialmente diferente do que se conta. Ele poderia facilmente ter destruído Jerusalém e tomado o controle da Judéia (como fizeram os romanos posteriormente) sem a inconveniência de levar um número tão grande de cativos. A longo prazo, eles podem ter contribuído para a economia babilônica, mas a curto prazo esse seria um exercício muito caro e desnecessário.

A verdade é que, entre 612 e 69 a.C, o poderoso estado assírio do rei Ashur-banipal entrou em colapso nas mãos dos vizinhos babilônicos e medos, que se tornaram os novos mestres da Mesopotâmia. O principal palácio de Nínive fora saqueado e arrasado; seguiu-se a isso um colossal programa de construção, e a Babilônia se tornou a maior e mais bela cidade do Oriente Médio. Em um espaço de tempo relativamente curto, a Babilônia tornou-se o centro mundial de uma grande renascença literária e arquitetônica. Sua insuperável coleção de livros era o ambiente perfeito para os escribas israelitas, os quais reviraram os arquivos buscando detalhes de sua própria história ancestral, o que resultou na primeira narrativa do Antigo Testamento. Entre as impressionantes características babilônicas, estavam os famosos Jardins Suspensos (uma das sete maravilhas do mundo) e o Portão Ishtar, maravilhosamente esmaltado — uma das oito entradas monumentais da nova cidade. A demanda imediata era de uma mão-de-obra substancial de muitos milhares — seja para servir diretamente nos extensivos projetos de construção, seja para suplementar os negócios e o comércio dos babilônios que auxiliavam neles. Para satisfazer essa necessidade, Nabucodonosor não teve de olhar muito longe e resolveu obter a força humana necessária na vizinha Judéia.

Algumas décadas depois, ao ocupar a Babilônia em 538 a.C., Ciro II da Pérsia permitiu aos descendentes dos exilados israelitas retornar à Judéia. A primeira onda de homens que decidiram deixar aquela que,

efetivamente, fora sua terra natal viajou para Jerusalém com o descendente de Jeconias, o príncipe Zerubabel, por volta de 536 a.C. Cerca de vinte anos depois, um novo Templo foi terminado no antigo lugar, mas não haveria mais reis da Casa de Judá. Seus chefes supremos foram Dario I e seus sucessores do Império Persa. Porém, das bibliotecas da Babilônia, os israelitas trouxeram os protótipos de uma história patriarcal que formaria a base estrutural dos livros de seu Antigo Testamento. Além disso, os tesouros arcanos que Jeremias escondera em Jerusalém ainda estavam enterrados, desconhecidos deles, sob a Pedra Fundamental do Segundo Templo. O Livro 2 Crônicas 5:9, compilado entre 300 e 250 a.C, muito depois de o segundo Templo ter sido construído, afirma, a respeito da Arca: "Aí estão até os dias de hoje".

Essa reserva sagrada e valiosa poderia ter ficado perdida para sempre não fossem os registros do guarda do Templo de Hilquias, que haviam sido levados para o oeste com Jeremias. As crônicas francesas Templárias da Idade Média confirmam que o tesouro catalogado (escondido por Jeremias e guardado pelos irmãos descendentes da Ordem de Jerusalém) se tornara responsabilidade específica dos grandes cavaleiros Templários de Santo André, formalmente instituídos pelo rei cruzado Balduíno II de Jerusalém em 1118. Eles eram chamados Príncipes Guardiães do Segredo Real: herdeiros de uma Ordem estabelecida por Hilquias, o sumo sacerdote, mais de 1700 anos antes. A tarefa desses cavaleiros era escavar o lugar do Templo e retirar os tesouros, na época em que os príncipes do Ocidente governaram Jerusalém por algum tempo, durante as Cruzadas. Como veremos, foi o que fizeram, e o resultado foi que eles se tornaram a mais influente e poderosa organização que o mundo jamais conheceu.



Terras bíblicas do Antigo Testamento

Após o Cativeiro

Estando sob controle persa e no final de sua própria dinastia reinante, os israelitas repatriados eram também sujeitos à língua imperial aramaica oficial. O sumo sacerdote do novo Templo tornou-se o líder de uma cultura que era, então, totalmente centrada na religião, e sua recentemente definida Lei de Deus se tornou a lei reconhecida da terra (Esdras 7:23-26). Como o governo persa durou dois séculos, nessa época o Antigo Testamento se interrompe por um período de mais de trezentos e cinqüenta anos, antes do início do Novo Testamento.

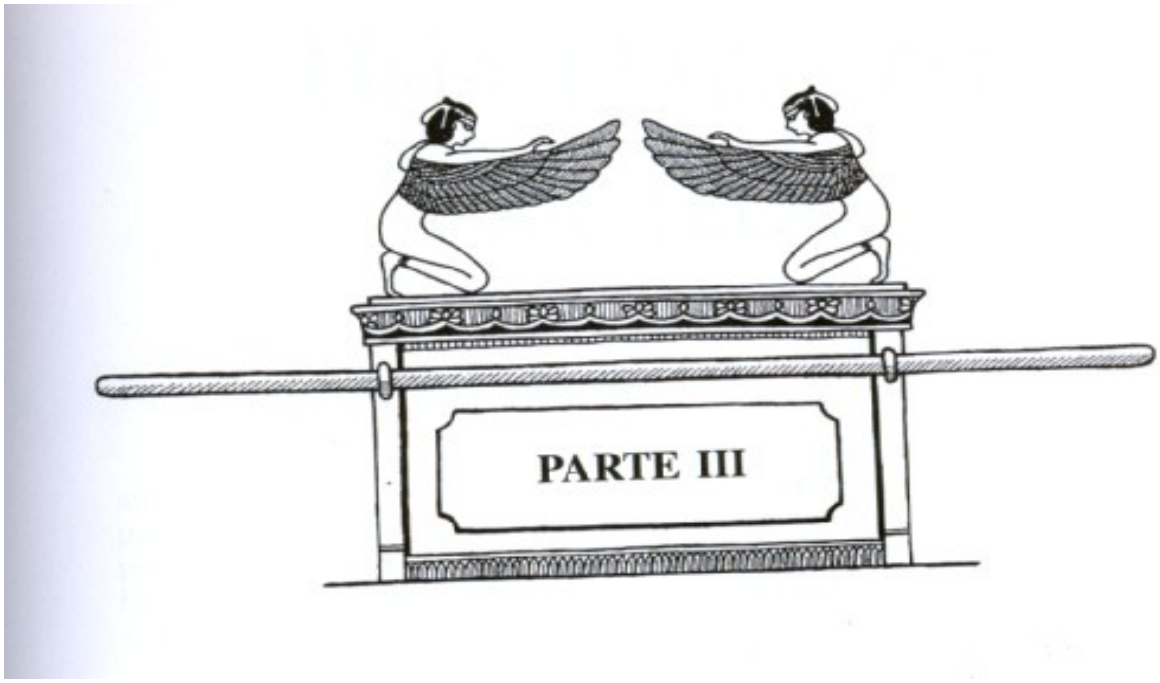
O intervalo começou quando Alexandre, o Grande, da Macedônia, que derrubou o imperador persa Dario III, em 333 a.C., subiu ao poder. Destruindo a cidade de Tiro, na Fenícia, ele passou para o Egito e construiu sua cidadela em Alexandria. Com pleno controle do que era então o império persa, Alexandre avançou pela Babilônia, movendo-se sempre para o leste, até finalmente conquistar o Punjab. Quando de sua morte prematura, em 323 a.C., seus generais tomaram o controle. Ptolomeu Soter tornou-se governador do Egito e Seleuco governou a Babilônia, enquanto Antígono governava a Macedônia e a Grécia. Na virada do século, a Palestina também estava sob o domínio alexandrino.

Nessa fase, uma nova força se reunia na Europa: a república de Roma. Em 264 a.C., os romanos expulsaram os governantes cartaginenses da Sicília — capturando também a Córsega e a Sardenha. O grande general carta-ginense Aníbal se vingou tomando Saguntum (na atual Espanha) e avançou com suas tropas através dos Alpes, mas foi detido pelos romanos em Zama. Nessa época, Antíoco III (descendente do general macedônico Seleuco) tornou-se rei da Síria. Por volta de 198 a.C. ele se livrara das influências egípcias e se tornara o senhor da Palestina. Seu filho, Antíoco IV Epifânio, ocupou Jerusalém, ação que imediatamente fez nascer uma revolta judaica sob a liderança do sacerdote hasmoneu Judas Macabeu. Ele foi morto em batalha, mas os Macabeus conseguiram a independência israelita em 142 a.C.

Na luta que se seguiu, os exércitos romanos destruíram Cartago e formaram a nova província da África do Norte romana. Outras campanhas puseram sob controle romano a Macedônia, a Grécia e a Ásia menor. Mas em Roma surgiram disputas, porque as guerras cartaginesas (ou púnicas) haviam arruinado os fazendeiros italianos, enquanto enriqueciam a aristocracia, que construía enormes propriedades com trabalho escravo. O líder democrata Tibério Graco fez propostas de reforma agrária em 133 a.C., mas foi assassinado pelo partido Senatorial. Seu irmão assumiu a causa dos fazendeiros e

foi também assassinado, e a liderança democrata passou para o comandante militar Caio Mário.
Por volta de 107 a.C. Caio Mário era cônsul de Roma. Mas o senado encontrou seu próprio campeão em Lúcio Cornélio Sulla, que acabou por depor Mário, tornando-se o ditador em 82 a.C. Um horripilante reino de terror se seguiu, até que o estadista democrata e general Caio Júlio César ganhou popularidade e foi devidamente eleito para o ofício principal em 63 a.C.
No mesmo ano, as legiões romanas marcharam para a Terra Santa, que já estava em estado de distúrbio sectário. Os fariseus, que observavam as estritas leis judaicas antigas, protestavam contra a cultura grega mais liberal. Fazendo isso, também se opunham à casta sacerdotal dos saduceus; o ambiente duvidoso deixava a região à mercê de invasores. Percebendo a oportunidade, os romanos, sob o comando de Gneu Pompeu Magno (Pompeu, o Grande), subjugou a Judéia e capturou Jerusalém, tendo anexado também a Síria e o resto da Palestina.
Enquanto isso, a hierarquia romana suportava suas próprias revoltas. Júlio César, Pompeu e Crasso formaram o primeiro triunvirato governante em Roma, mas sua administração conjunta sofreu quando César foi enviado à Gália e Graco foi supervisionar os assuntos em Jerusalém. Em sua ausência, Pompeu mudou de campo político, abandonando os democratas pelos aristocratas republicanos. César voltou e houve uma guerra civil. César venceu em Farsalo, na Grécia, e acabou por ganhar pleno controle das províncias imperiais, enquanto Pompeu fugia para o Egito.
Até então, a rainha Cleópatra IV governara o Egito com seu irmão, Ptolomeu XIII. Mas César visitou Alexandria e conspirou com Cleópatra, que assassinou seu irmão e começou a governar sozinha. César partiu para campanhas na Ásia menor e no norte da África, mas, ao voltar a Roma em 44 a.C. foi assassinado pelos republicanos. Seu sobrinho, Caio Otávio (Otaviano), formou um segundo triunvirato com o general Marco Antônio e o estadista Marco Lépido. Otaviano e Marco Antônio derrotaram os principais assassinos de César, Bruto e

Cássio, em Filipe, na Macedônia, mas Antônio, então, abandonou sua esposa Otávia (irmã de Otaviano) para se unir a Cleópatra. Diante disso, Otaviano declarou guerra ao Egito e venceu na batalha de Actium, em seguida à qual Antônio e Cleópatra cometeram suicídio.
A Palestina, naquele momento, era composta de três províncias distintas: a Galiléia ao norte, a Judéia (Judá) ao sul e Samaria entre elas. Júlio César havia instalado Antípatro, o Idumeu, como procurador da Judéia, e seu filho Herodes como governador da Galiléia; entretanto, Antípatro foi morto pouco depois e Herodes foi proclamado, por Roma, rei da Judéia.
Eis o rude ambiente em que Jesus nasceu: um clima de opressão controlado por uma monarquia de marionetes e uma força ocupacional militar altamente organizada. Os judeus estavam desesperados por um Messias (um Ungido, do verbo hebraico maisach: "ungir") — um redentor forte para assegurar sua libertação dos governantes romanos.



11
UMA DIMENSÃO PARALELA

Os Arquivos Hudson

Antes de continuar nossa seqüência cronológica de acontecimentos através da era dos Evangelhos e além, aproveitemos este momento, ideal para considerar o fenômeno da Pedra de Fogo em pormenores. Ao fazê-lo, podemos estabelecer sua relevância tecnológica hoje e compreender melhor suas surpreendentes funções quando ela é relacionada à Arca e ao electrikus dos tempos antigos.

Na antiga Mesopotâmia, o exótico pó branco de ouro e metais do grupo da platina era chamado shem-an-na. No antigo Egito era mfkzt. Em todos os casos era "a nobre Pedra de Fogo". Hoje em dia, é reconhecida como uma substância de alto spin, monoatômica, para a qual o termo científico era ORME — Orbitally Rearranged Monoatomic Element (elemento monoatômico orbitalmente rearranjado). Vamos dar uma olhada nos acontecimentos recentes e atuais a esse respeito, começando com a extraordinária história da descoberta do mfkzt e de seu subseqüente desenvolvimento nas últimas duas décadas. É uma história de ingenuidade, tenacidade, despesas e sucesso, mas com um traço negro de intervenção governamental.

Tudo começou em 1976, em um lugar que não podia ter um nome mais próprio para a descoberta da Pedra Filosofal. O lugar era Phoenix, Arizona, onde David Hudson era um fazendeiro de algodão próspero da terceira geração. Seu pai fora comissário da agricultura do Estado e sua propriedade no vale Yuma tinha cerca de 70 mil acres. David tinha uma casa de 4.572 m2 pés quadrados, 40 empregados, uma linha de crédito de 4 milhões no banco e se descrevia como "senhor materialista". Pouco sabia ele que sua rotina e sua existência baseada no lucro logo seriam consumidas por uma busca alquímica que superaria todos os instintos de conservação para lançar um dos empreendimentos pioneiros mais ousados de nossa era.

Uma natural dificuldade da agricultura no Arizona é que o solo possui alto teor de sódio, o que torna a superfície endurecida, escura e impermeável. Para combater isso, David usava grandes quantidades

de ácido sulfúrico altamente concentrado, injetando cerca de 30 toneladas por acre no solo. Seguindo-se a isso, os caminhões de irrigação, o ácido e água espumejavam, quebrando a crosta alcalina até uma consistência maleável, que (adicionando-se carbonato de cálcio para enfraquecer o ácido e preservar os nutrientes restantes) formava um programa de dois anos para tornar o solo adequado para as colheitas.

Durante a análise dos constituintes do solo que não haviam sido dissolvidos pelo ácido, um material em particular tinha qualidade pouco usual. Quando seco pelo sol do Arizona (cerca de 115° centígrados com umidade de 5%), após a precipitação, ele explodia em um grande brilho de luz branca e desaparecia totalmente. Seca mais lentamente fora da luz do sol, a substância foi testada (como num teste de teor), sendo misturada, em um cadinho, com chumbo. Partiu-se da premissa de que, quando fundidos, os metais mais leves que o chumbo flutuavam, enquanto aqueles com a gravidade específica maior não o faziam. Nesse teste em particular, a misteriosa substância provou ser um metal denso e pesado, que se precipitou (como fariam o ouro e a prata) no fundo do chumbo. O estranho é que metais como o ouro e prata são macios e podem ser martelados até virarem folhas finíssimas, mas esse material era diferente: quando golpeado com um martelo, despedaçava-se como vidro! Ao ser analisado em um laboratório comercial, disseram que se tratava de ferro, sílica e alumínio. Mas certamente não era o caso; ele não se dissolvia em ácido sulfúrico, ácido nítrico ou ácido clorídrico, enquanto o ferro, a sílica e o alumínio teriam sido destruídos por tais procedimentos.

O próximo passo foi telegrafar para um Ph.D. da Cornell University, especialista em elementos preciosos. Ele explicou que Cornell tinha uma máquina que poderia analisar até 3-5 partes por bilhão. Assim, a misteriosa substância (que se sabia ser um elemento precioso) foi submetida à dispendiosa tecnologia e, novamente, o resultado revelou que se tratava de ferro, sílica e alumínio! Era notório que havia algumas impurezas menores afetando a análise, de forma que elas

foram completamente removidas, deixando ainda 98% da amostra original, que foi novamente testada. O resultado foi surpreendente. A massa branca brilhante estava lá para quem quisesse ver, mas o equipamento registrou que era "puro nada"!

Um especialista em espectroscopia entrou em cena. Instruído na Alemanha Ocidental, no Instituto de Espectroscopia, ele fora técnico-chefe de uma companhia de Los Angeles que fabricava equipamento espectroscópico. Ele projetava os equipamentos, desenhava os planos, construía-os, testava e utilizava. Ele certamente era um homem feito para a tarefa.

A Espectroscopia por Arco Voltaico é conduzida colocando-se a amostra em um recipiente carbônico — além de recipiente, é um dos eletrodos. Outro eletrodo é aproximado da abertura do recipiente, logo acima da amostra sob teste, para provocar um arco. Quando a corrente passa por eles, os elementos da amostra se ionizam, liberando suas freqüências luminosas específicas, que são lidas para determinar a análise. Após cerca de 15 segundos, a 5.500 graus centígrados, o eletrodo de carbono é incinerado, de forma que os laboratórios têm de limitar seus testes a este tempo de queima. O problema é que a análise identifica elementos na ordem de suas temperaturas de ebulição; as mais baixas são lidas primeiro. Portanto, uma exposição limitada dá um resultado limitado.

Por causa da limitação do tempo de queima, o espectroscopista foi incapaz de ajudar com seu equipamento padrão. Certamente, 15 segundos não eram suficientes para levar o material à sua temperatura de ebulição, nem mesmo com um calor equivalente ao da superfície do Sol. Uma amostra foi mandada então aos laboratórios Harwell de Tecnologia AEA, na Inglaterra, em Oxfordshire, para a análise de ativação de nêutrons — mas eles também não puderam obter uma leitura apropriada. Porém, a Academia Soviética de Ciências tinha a resposta. Para ter resultados satisfatórios, o tempo de queima do espectroscópio deveria ser de 300 segundos (20 vezes maior do que seria possível em qualquer lugar do Ocidente). Para conseguir isso, o processo é revestido por um gás inerte, como o hélio

ou o argônio; eles retêm o oxigênio em torno do eletrodo de carbono e evitam que ele se incinere. Era apenas preciso obter os detalhes e construir o equipamento necessário segundo as especificações russas. Então, utilizando uma amostra original crua, os testes foram feitos novamente.

Como esperado, durante os primeiros 15 segundos ele leu: ferro, sílica e alumínio, com pequenos traços de cálcio, sódio e um pouco de titânio. Evaporando-se esses itens, as leituras interromperam-se e, assim como ocorrera em Cornell, 98% da amostra foi registrada como absolutamente nada; passaram-se 20 segundos, 25, 30, 35, 40 — até 70 segundos: ainda nada. Então, repentinamente, a substância tornou-se real novamente, sendo registrada como paládio. Após outros 20 segundos, foi registrada como platina — e depois disso (conforme se atingiam as sucessivas temperaturas de ebulição) vinham o rutênio, o ródio, o irídio e o ósmio, em 220 segundos. Ficou óbvio que a fina substância branca era composta inteiramente de metais do grupo da platina que, pelos testes padrões ocidentais, haviam sido anteriormente registrados como nada.

Com Siegfried, o espectroscopista alemão, ainda encarregado do caso, os testes (com diversas variações analíticas) continuaram durante dois anos e meio e não havia dúvidas de que cerca de 98% do produto anteriormente não identificável consistia em metais nobres em um estado não reconhecível normalmente. Os mais ricos depósitos de metais platínicos conhecidos no mundo estão a meia milha debaixo da terra, no Complexo Igneo Bushveld, na África do Sul, onde uma estreita camada contém um terço de onça por tonelada de metais platínicos. Descobriu-se que (em forma obviamente não metálica) o solo da fazenda de Phoenix continha 7.500 vezes essa quantidade, espantosas 2.400 onças por tonelada!

Até essa fase, a pesquisa fora feita de maneira discreta e relativamente particular —, mas era claro que os olhos e ouvidos oficiais logo apontariam nessa direção. No mercado mundial, metais platínicos eram vendidos por preços tradicionalmente altos, sendo o ródio (de que o depósito da fazenda era constituído, na maior parte)

vendido por cerca de 3 mil dólares a onça. Obviamente, algo muito importante emergia do Arizona, e nem mesmo David Hudson tinha qualquer idéia de onde isso iria parar.

Desafio à Gravidade

Entrou então em cena um novo participante — um Ph.D. em sistemas de separação de metais do Departamento Americano de Energia da Escola de Metalurgia da Universidade do Estado de Iowa. Ele era consultor da Motorola e da Sperry e trabalhara com terras raras e a maior parte dos elementos da tabela periódica. Após coletar suas próprias amostras do solo e trabalhar no projeto por três anos, ele finalmente anunciou que a substância realmente registrava os elementos dos metais preciosos em uma forma completamente desconhecida da ciência. Confirmou também a mesma porcentagem revelada pela análise anterior do espectroscópio russo.

Desde 1983 até 1989, a pesquisa continuou com um químico Ph.D. três mestres em Química e dois técnicos trabalhando em tempo integral. Com assistência da Academia Soviética de Ciências e com a informação do Departamento Americano de Pesos e Medidas como base, eles aprenderam a fazer separações qualitativas e quantitativas de cada um dos elementos enigmáticos. Eles compraram metais preciosos puros (ouro, ródio, ósmio, irídio e rutênio) de Johnson Matthey, estudaram a química de clusters e, com o mais sofisticado equipamento informatizado da Dow Chemical, definiram o modo de quebrar todos os laços elementais.

David Hudson soube então que cientistas da General Electric Company (GEC) estavam em busca de uma nova tecnologia de combustível utilizando ródio e irídio. Assim, entrou em contato com eles e encontrou-se com o químico catalítico principal e a equipe em Massachusetts. Eles confirmaram haver também experienciado as explosões de luz branca e que estavam tendo problemas com material derivado de ródio triclorídrico, que simplesmente não reagia à análise. Pediram amostras comparativas da pesquisa de Phoenix e decidiram

que não tinham de fabricar seu combustível com ródio e irídio comprado, afinal de contas, podiam obtê-lo em forma monoatômica pronta. Um acordo experimental foi feito entre as partes, e os homens da GEC em seguida estabeleceram uma companhia separada para fabricar as células em Waltham, MA. Nesse tempo, David Hudson foi aconselhado a patentear suas descobertas; assim, em 1987 e 1988 ele preencheu patentes nos Estados Unidos e em todo o mundo (22 ao todo) para os recém-designados Orbitally Rearranged Monoatomic Elements (ORME) — elementos monoatômicos orbitalmente rearranjados.

Para cumprir as especificações das patentes, eram necessários mais testes para conseguir dados específicos relacionados a pesos e medidas. Adquiriu-se uma máquina de análise termogravimétrica para facilitar o absoluto controle atmosférico das amostras, pesando-as continuamente durante o processo. A substância foi aquecida a 1,2° C por minuto e resfriada a 2° C por minuto. Descobriram que, quando o material era oxidado, aumentava 102% de seu peso inicial e, quando hidroreduzido, pesava 103%. Mas a grande surpresa veio quando a substância mudou de sua fosquidão original para a familiar brancura de sua massa branca e do pó subseqüente. Naquele momento, o peso da amostra caiu dramaticamente para 56% de seu peso inicial. Para onde, pensaram eles, foram os outros 44%? O aquecimento extra a 1160° C no vácuo transformou então a preciosa substância em um vidro maravilhosamente claro e, nesse ponto, o material retornou a seu peso original de 100%. Era aparentemente impossível, mas aconteceu de novo e de novo!

Totalmente confusos, os cientistas continuaram suas investigações. Quando repetidamente aquecida e resfriada sob gases inertes, os processos de resfriamento levaram a amostra a impressionantes 400% de seu peso inicial. Mas quando aquecida novamente, passou a pesar menos que nada — muito abaixo de zero. Quando removida de seu recipiente, este na verdade pesava mais do que com material dentro dele; perceberam que a amostra branca tinha a capacidade de

transferir seu peso negativo para o prato que a continha. Mesmo o recipiente levitava!
Os fabricantes do equipamento foram consultados e seus exames confirmaram que o maquinário era totalmente eficiente com todas as substâncias que testavam. A única exceção a qualquer regra era o pó branco de Phoenix. Ele sempre caía a 56% de seu peso original e aumentava então para 300 a 400% quando resfriado ou para muito abaixo de zero quando reaquecido. Consultando técnicos da Varian Corporation, na Califórnia, eles confidenciaram que, se a perda de peso ocorresse no resfriamento, eles imaginariam que o pó branco estava superconduzindo, mas, disseram eles, "uma vez que vocês estão aquecendo o material, não sabemos o que vocês têm, nem o que está acontecendo". Porém ignoravam completamente que supercondutores de alta temperatura haviam sido descobertos em 1986 no Laboratório de Pesquisas da IBM, em Zurique. Antes disso, pensava-se que eles apenas eram estáveis em temperaturas extremamente baixas, atingidas com o uso de hélio líquido.
Com um voltímetro e ativa eletrodos tocados nas extremidades de uma amostra de um pó branco, checou-se sua condutividade elétrica, o que revelou não haver nenhuma condutividade; daria na mesma se fosse um monte de talco. Um supercondutor trabalha de forma bastante diferente de um condutor, no sentido de que não permite que qualquer diferença de potencial (tensão elétrica) ou qualquer campo magnético exista em si mesmo; é um perfeito isolante ao superconduzir, mas é notavelmente sensível a campos magnéticos de proporções infinitamente miúdas e responde a forças magnéticas incalculavelmente pequenas (que chegam a quase nada).

Supercondutores

Aparentemente, dentro dos supercondutores, uma luz polarizada flutua (como luz líquida) à velocidade do som, mais lenta que a da luz. Tem campo magnético nulo, que repele igualmente os pólos magnéticos norte e sul, mas possui a capacidade de absorver energia

magnética elevada para produzir mais luz. Na verdade, o campo magnético terrestre pode fornecer energia suficiente para que um supercondutor levite — e foi precisamente o que aconteceu com os 44% de peso que faltavam; o material estava começando a levitar e, portanto, não era registrado propriamente pelas balanças. Quando o peso foi registrado como zero ou menos, o material supercondutor estava em pleno estado de levitação. Além disso, a amostra era um refletor de luz que também produzia luz e, por isso, era de um branco brilhante. Quando a luz flutua dentro de um supercondutor, produz em torno dele um campo que exclui todos os campos magnéticos externos. Isso é chamado Efeito Meissner, por causa do físico alemão Walter Meissner, que publicou a descoberta em 1973, e exclui todos os campos magnéticos externos da amostra. Os magnetos, por serem repelidos, na verdade levitariam acima de um supercondutor.
Um supercondutor não conduz por meio de condutividade normal, mas por meio da freqüência de sua luz inerente. Quando elétrons externos estão sintonizados na mesma freqüência, ele os conduz. Quando dois supercondutores estão ligados por seus campos Meissner, a qualquer distância, os dois podem agir como um em um processo chamado "coerência quântica". A eletricidade (em contraste) tem de flutuar através de contatos físicos. Mesmo a própria luz pode ser transmitida entre supercondutores. O interessante em relação à luz é que, como a maior parte da realidade percebida, ela não existe em nenhum campo particular do espaço. A luz pode ser vista como se enchesse um espaço, mas muito mais luz (na verdade, uma quantidade ilimitada) pode ser acrescentada àquele mesmo espaço, tornando-o cada vez mais brilhante. Da mesma maneira, qualquer quantidade de energia pode ser guardada em um supercondutor e transferida a qualquer distância em uma onda quântica que não conhece limites de espaço nem de tempo. Como afirmou David Hudson em uma de suas palestras a respeito do assunto: "Você literalmente inicia a corrente supercondutora com a aplicação de um campo magnético. Ele responde a isso flutuando a luz e construindo um Efeito Meissner maior em torno dele. Você pode largar o seu magneto e ir embora.

Volte cem anos depois e ele ainda estará flutuando exatamente como quando você o deixou. Ele nunca descerá. Não há nenhuma resistência, absolutamente; é motoperpétuo e funcionará para sempre".

Exatamente como os ex-cientistas da General Electric deduziram, um supercondutor monoatômico (átomo simples) poderia permitir a existência de células de combustível perfeitamente amigas do ambiente; Hudson firmou o acordo de fornecer o material pronto para sua companhia independente recentemente estabelecida, Giner Inc. Não é difícil imaginar a perturbação que se seguiria, uma vez que as notícias se espalhassem. Células de combustível supercondutoras seriam a perfeita alternativa para a poluição das máquinas de combustão em terra, mar e ar. É algo que todos nós receberíamos de braços abertos, é a solução para o futuro. Mas, a curto prazo, o que seria da poderosa indústria petrolífera que sustenta a economia mundial? Obviamente, entraria em colapso, e há interesses poderosos envolvidos em demasia, para permitir que isso acontecesse tão rapidamente. Em 1989, no auge da animação e do entusiasmo, David Hudson fez planos de construir uma grande fábrica para o empreendimento dos ORME’s. Mas, ao mesmo tempo, mexiam-se pauzinhos nos corredores do poder industrial para frustrar seus interesses, junto com os interesses ambientais e de saúde de todos nós.

Foi nesse estágio que um misterioso patrocinador entrou em contato. Posando como um benfeitor da empresa que desejava apoiar financeiramente o projeto, detalhou certos aspectos da pesquisa que ninguém, além da equipe imediatamente envolvida (que assinara um acordo de confidencialidade) poderia saber. Ninguém, exceto o Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Ao preencher suas patentes, Hudson fora obrigado a dar informações ao departamento, porque disseram que sua tecnologia de supercondutividade tinha "importância estratégica para este país". Hudson contratou um detetive particular, que descobriu que o homem era um oficial militar que operava na Base Aérea de Langley, na Virgínia. Outras

investigações revelaram que ele fora contratado para investir dinheiro do governo a partir de uma certa conta num banco suíço, para que o Departamento de Defesa se tornasse um parceiro estrategicamente secreto em certos empreendimentos. Nem é preciso dizer que Hudson declinou da oferta, mas então foi avisado que nunca teria a permissão para completar seu empreendimento de supercondutividade!

Átomos Invisíveis e Espaço-Tempo

A esse ponto, com a assistência de uma agência de empregos canadense, os 2,5 milhões de dólares necessários para iniciar a fábrica do Arizona foram garantidos pelo Legal & General Assurance Group (L & G). O negócio não era duvidoso e seu consultor para metais preciosos passara dez dias avaliando os relatórios em Phoenix e na General Electric. Mas, repentinamente, o quadro mudou. O L & G agora exigia muito mais informações referentes às pesquisas, incluindo as que eram protegidas pelo acordo de confidencialidade da equipe. Ao mesmo tempo, David foi informado por fontes do governo que os estudos da difração do nêutron (necessários para provar a supercondutividade de suas amostras) seriam taticamente adiados por até três anos! A partir daquele momento, estava claro que suas patentes seriam afetadas e que ele teria de continuar com o projeto sozinho, particularmente porque de outra maneira não podia ter certeza de que os prováveis investidores não fossem pessoas do governo buscando acessar informações de pesquisa confidenciais. Adicionalmente, ficou evidente que o modo de proteger suas patentes seria publicar abertamente certas informações e dar uma série de palestras gravadas.

Anteriormente, falamos um pouco a respeito do envolvimento de Hal Puthoff, diretor do Instituto de Estudos Avançados em Austin, Texas (ver " Abaixo de Zero", p. 122). Podemos agora aumentar a história, uma vez que foi depois desse estágio de desenvolvimento que ele encontrou David Hudson. Em seus estudos relacionados ao ponto de energia zero e à gravidade como uma força de flutuação de ponto

zero, Puthoff determinou que, quando a matéria começa a reagir em duas dimensões (como as amostras de Hudson estavam fazendo), teoricamente ela perderia cerca de 4/9 de seu peso gravitacional. Isso é cerca de 44%; precisamente o que se descobrira nos experimentos do pó branco. Hudson foi assim capaz de confirmar a teoria de Puthoff na prática, explicando que, quando entra em estado supercondutivo, o pó monoatômico registra apenas 50% de seu peso anterior e, quando aquecido, pode atingir uma atração gravitacional menor que zero, em que o prato de pesagem também pesa menos do que pesaria se estivesse vazio. Uma vez que a gravidade determina o espaço-tempo, Puthoff concluiu que o pó era "matéria exótica" capaz de curvar o espaço-tempo. Porém, ele continuou, o pó mfkzt ressoaria então em uma dimensão diferente, circunstâncias sob as quais ele se tornaria totalmente invisível. Novamente, Hudson confirmou que esse era exatamente o caso; a mostra certamente desaparecia de vista quando seu peso desaparecesse.

O que diziam não era, simplesmente, que a substância poderia ser movida para além da visão perceptível, mas que era literalmente transportada para o plano paralelo alternativo — uma quinta dimensão do espaço-tempo. A prova foi conseguida ao tentar-se remexer e escavar a substância com espátulas, enquanto estava invisível, para que ela estivesse numa posição diferente quando retornasse ao estado visível. Mas isso não aconteceu; a substância retornou precisamente para as mesmas posição e forma do que quando fora vista pela última vez. Nada se movera ou alterara no ínterim invisível, simplesmente porque ela não estava ali. Em suma, não estava invisível: na verdade, alterara seu estado físico e se transportara para outra dimensão. Puthoff explicou que era como a diferença entre um "avião invisível" convencional, que não pode ser detectado por radar, e um outro que pudesse literalmente desaparecer para outra dimensão. Esta é a dimensão supercondutiva da órbita da luz — o plano de Shar-on ou, como os registros nos túmulos egípcios o chamavam, o Campo de Mfkzt.

No início da década de 1990, aparentemente à-toa, começaram a surgir artigos que tratavam de "átomos invisíveis" e supercondutividade com grande regularidade na imprensa científica. O Instituto Niels Bohr, da Universidade de Copenhague, os Laboratórios Nacionais de Argonne, do Departamento de Energia dos Estados Unidos, em Chicago, e seu Laboratório Nacional Oak Ridge no Tenessee confirmaram que os elementos que haviam sido arquivados nas patentes de Hudson existiam no estado monoatômico de alto spin. A terminologia científica para descrever o fenômeno é Núcleos de Alto Spin Assimétricos Deformados. Eles são supercondutores porque átomos de alto spin podem passar energia de um para outro sem perda de energia.

A manipulação do espaço-tempo também se tornou assunto de interesse especial, levando ao espantoso anúncio, em maio de 1994, no jornal Classical and Quantum Gravity. Escrito pelo cientista matemático mexicano Miguel Alcubierre, afirmava: "Atualmente se sabe que é possível modificar o espaço-tempo de modo que permita que uma nave espacial viaje em uma velocidade arbitrariamente grande por uma expansão puramente local do espaço-tempo por trás da nave espacial e uma contração oposta na frente dela — uma trajetória com velocidade maior que a da luz, reminiscência das teorias [improváveis] de dobras espaciais (warp drive), obras de ficção científica".

Alguns meses mais tarde, seguiu-se um artigo relacionado na American Scientist. Nesse estudo, Michael Szpir mostrou como o conceito de Alcubierre não violava a teoria de Einstein de que nenhum objeto pode viajar mais rápido que a luz. Explicou que, ao viajar em dobras espaciais, a nave não estaria viajando, na verdade. A aceleração teórica seria enorme, mas a verdadeira taxa de aceleração seria zero. Eis uma forma de viagem na velocidade da luz que requer tempo mínimo e combustível mínimo. Apenas a porção necessária de espaço-tempo teria ostensivamente se movido na frente da nave para ser reposicionada atrás dela, respectivamente através de contração e expansão. Mas qual seria o dispositivo necessário para tornar isso

possível? O artigo de Alcubierre explicava que: "É preciso matéria exótica para gerar uma distorção no espaço-tempo". O editor de ciência da BBC News britânica, Dr. David Whitehouse, posteriormente relatou que "a idéia se baseia no conceito de que, para os físicos, o espaço não é vazio... o espaço tem uma forma que pode ser distorcida pela matéria... a nave espacial repousaria em uma bolha curva entre as duas distorções do espaço-tempo".

Assim, o que seria a "matéria exótica" à qual Alcubierre se referiu? É uma matéria com atração gravitacional menor que zero. Szpir descreveu-a como "matéria com a curiosa propriedade de ter uma densidade de energia negativa, diferente da matéria normal (o material que constrói pessoas, planetas e estrelas), que tem uma energia positiva". O dispositivo exótico necessário é um supercondutor operativo, e Hal Puthoff já explicara que, a esse respeito, o mfkzt de Phoenix era "matéria exótica" com a capacidade de curvar o espaço-tempo. Não é de espantar que os olhos governamentais estivessem voltados para David Hudson e seu acordo para fornecer aos cientistas da célula de combustível. Se eles não fossem capazes de ganhar certo controle por meio de um investimento, estavam determinados, de um modo ou de outro, a reduzir ou derrubar seu empreendimento privado.

Além das patentes de Hudson relativas a MGP’s em geral, havia suas patentes sobre o espantoso fenômeno do ouro de alto spin. Como os testes espectroscópicos padrão dos Estados Unidos não foram suficientes para determinar o metal a partir de seu estado monoatômico, pediu-se aos laboratórios nacionais de Argonne que comprovassem o procedimento, fabricando o pó branco a partir de uma base de ouro amarelo pura em estado metálico (o escritório de patentes havia requerido uma declaração assinada). Para esse fim, o chefe de cerâmica e supercondutividade de Argonne mandou David falar com um químico metalúrgico que, de acordo com a especificação de Hudson, produziu o pó branco de alto spin a partir de ouro puro. Ao analisar o material resultante, porém, o equipamento registrou-o como ferro, sílica e alumínio, exatamente como avisaram que seria! Ao

assinar a declaração pedida, o químico fez menção específica ao fato de que (independentemente de quaisquer testes posteriores que pudessem ser realizados) ele positivamente garantia que o material era 100% ouro, uma vez que fora transformado a partir de ouro puro em seu próprio laboratório.

Em seguida, pediram que Hudson revertesse o processo completamente, transformando o pó novamente em uma peça de ouro metálico. Era como pedir para alguém refazer uma maçã a partir de uma lata de purê de maçã — aparentemente impossível! Tentativas anteriores levaram a alguns resultados desastrosos, eletrodos caríssimos calcinados em menos de um segundo. Pior ainda, produziu-se radiação gama de ondas curtas, o que fragmentou o equipamento do laboratório. No final de 1995, as dificuldades haviam sido superadas e a maçã figurativa foi reconstruída a partir do purê de maçã. A partir disso, não havia mais dúvida de que era possível (exatamente como na antiga sabedoria metalúrgica) manufaturar ouro a partir de um produto de base aparentemente não-aurífera. A partir de uma amostra registrada como ferro, sílica e alumínio, saiu um lingote de ouro puro. Após séculos de tentativa, erro, frustração e falha, a Pedra Filosofal dos tempos antigos havia sido descoberta.

Dia do Julgamento

Desde o início de sua pesquisa até 1995, os gastos pessoais de David Hudson para as investigações dos ORME's chegaram a cerca de 8,7 milhões de dólares, e agora a fábrica de processamento tinha de ser construída. ORMES L.L.C. foi estabelecida como a companhia que desenvolveria o projeto, com atualizações regulares acerca do progresso em sua Newsletter, lançada pela afiliada Fundação Science of the Spirit (SOSF) para membros inscritos.

Tendo adquirido um lugar adequado e obtido devidamente as necessárias permissões para construir, os trabalhos de construção e adaptação começaram. Nesse ínterim, com os 2,5 milhões de dólares de auxílio à construção levantados por meio das inscrições na

fundação Science of the Spirit, tudo ia bem na fábrica. O interesse pelos produtos ampliara-se e, em novembro de 1996, anunciou-se que os interesses da ORMES L.L.C. seriam expandidos para catalisadores metálicos, metalo-cerâmica e com o fornecimento de metais preciosos para aplicação comercial.

O primeiro grande problema surgiu quando eles estavam prontos para finalizar a instalação elétrica da fábrica. O inspetor do distrito anunciou que, embora houvessem conseguido aprovação formal para fornecimento elétrico, havia um problema de "zona" que levaria muitos meses para ser resolvido. Novamente, parecia um caso de classificação; recebeu-se uma nota que dizia: "Ninguém está produzindo nada similar ao que esta fábrica produzirá, e ela não caberá em nenhuma das categorias do governo". Destemido, e não desejando ser pressionado a chamar seus produtos "drogas", "combustíveis" ou qualquer outra coisa, Hudson decidiu esperar os meses antes da conexão na rede elétrica usando um gerador instalado independentemente. Infelizmente, um acidente ocorreu logo depois, em junho de 1998, quando 4.500 galões de ácido nítrico vazaram em um recipiente secundário. Quando a equipe de emergência chegou, jogaram espuma em cima do ácido em vez de dilui-lo simplesmente em água e o resultado foi uma nuvem de gás vermelho que cobriu o céu. Chegara o momento de prestar contas — e assim o fizeram os homens do Departamento da Qualidade Ambiental (DQA). Logo atrás deles vieram os homens da Administração da Segurança Ocupacional e Saúde (ASOS) e da Agência de Proteção Ambiental (APA).

Apesar de o derramamento ter sido interno, contido e não haver nenhum resíduo tóxico determinado pelos testes subseqüentes do DQA, o APA exigiu que todo o equipamento químico fosse recolhido e removido imediatamente da fábrica. Além de tudo, uma multa punitiva de seis dígitos foi imposta. David Hudson, que passara por um período de saúde fraca no ano anterior, foi hospitalizado para uma cirurgia de ponte de safena após um ataque cardíaco. Nesse ínterim, e apesar da regularidade de sua construção, concederam-se diversas permissões

para construções residenciais muito próximas à fábrica dos ORME’s. Dez anos antes, quando encontrou as primeiras dificuldades com o Departamento de Defesa, Hudson fora avisado de que nunca teria a permissão para completar seu empreendimento de supercondutividade (ver "Supercondutores", p. 163); este era claramente o momento do julgamento final. Agora não havia modo de o lugar se tornar operativo e, embora as ilegalidades tenham sido arrastadas de um lado para outro por muitos meses, David foi finalmente obrigado a escrever, em novembro de 2000, que estivera "legalmente inexistente".

Foi um fim trágico de uma grande era pioneira, mas a ciência permanece. O problema é que agora ela está sendo perseguida por pessoas motivadas por interesses muito menos sociais. Destina-se a tornar-se uma ciência para os integrantes dos grandes times em níveis governamentais e corporativos. Conseqüentemente, os riscos são grandes e o mercado dos metais preciosos se moveu para uma nova plataforma de operação estratégica. Como o petróleo começa a decair, tornando-se o combustível do passado, os futuros mestres do mundo serão aqueles que controlarem os suprimentos de ouro e dos MGP’s. São materiais da indústria do futuro em um mundo de tecnologia supercondutora — um reino antigravitacional de levitação, teletransporte, dimensões paralelas e manipulação do espaço-tempo. Porém, não esqueçamos, nos anais do tempo, que tudo começou com a tenacidade entusiasta de um homem e uma fazenda familiar em Phoenix, Arizona. (Ver apêndice V "Até o Evanescimento", para informações adicionais a respeito dos ORME’s e pesquisas acerca do câncer.)

12
O PROTOCOLO QUÂNTICO

Elementos de Transição

Enquanto progredimos para o fim de nossa jornada com a Arca da Aliança, veremos, além de assuntos ligados à emissão de elétrons e transmutação de ORME's, coisas como supercondutores e dimensões paralelas.

Apesar de o Antigo Testamento não mencionar especificamente que o pó do manna fora posto na Arca, a tradição prevaleceu por causa da referência no Novo Testamento em Hebreus 9:4. Conta-se ali que "a Arca da Aliança estava totalmente coberta de ouro, na qual estava uma urna de ouro contendo o maná". Disso se poderia deduzir (dados os atributos supercondutivos do pó ORME) que a própria Arca seria um supercondutor autogerador extremamente eficiente. Conseqüentemente, não há razão para duvidar de qualquer uma das declarações bíblicas a respeito da capacidade da Arca de levitar e emitir forças violentamente destrutivas fossem emissões luminosas diretas ou raios danosos.

No centro da Tabela Periódica, há um grupo conhecido como Elementos de Transição. Entre eles está a prata e um grupo leve da platina: paládio, ródio e rutênio, além do ouro e do grupo pesado da platina: platina, irídio e ósmio. Também estão incluídos os elementos não preciosos: cobre, cobalto e níquel. Os Elementos de Transição são capazes de transmutar para o estado monoatômico da nobre Pedra de Fogo.

O estado monoatômico ocorre quando os elétrons de spin horário e de spin anti-horário ficam em correlação em torno do núcleo de uma substância, de forma que seus átomos individuais não se podem ligar com um sólido (ver "O Plano de Shar-On", p. 113). Em vez disso, torna-se um pó de átomos simples.

Dentro do corpo de um átomo, os elétrons viajam em torno do núcleo dentro e fora de um potencial de blindagem. Em essência, são mantidos dentro de cascas interiores e exteriores. Elementos com menos elétrons nas cascas exteriores do que nas interiores tendem a ser eletropositivos; aqueles com menos nas cascas interiores tendem a ser eletronegativos. O que torna os Elementos de Transição diferentes da norma é que eles têm uma incerteza singular em seu estado eletrônico. Sob condições específicas, os elétrons, nas órbitas exteriores, podem ter fronteiras comuns com aqueles das órbitas internas.

Na maior parte dos elementos, os átomos agrupam-se em dois ou mais, mas os átomos dos Elementos de Transição não são capazes de se ligar quimicamente por estarem muito afastados. Isso encoraja o estado monoatômico no qual os átomos interagem em duas dimensões. Apenas quando a força repulsiva é superada, os átomos podem agregar-se para se tornar metal.

Em sua condição monoatômica, os átomos dos Elementos de Transição perdem sua reatividade química, mudando a configuração e a forma de seus núcleos. Núcleos não são redondos; normalmente têm sua forma na proporção de 1,3:1. Porém, o núcleo de um átomo monoatômico é mais longo, a uma razão de 2:1 (duas vezes mais comprido que largo), ou mais que isso, em uma forma de cigarro, que é chamada "superdeformada". Essa superdeformação se relaciona diretamente ao "estado de spin", quando passa de baixo spin para alto spin. Na década de 1960, pesquisadores do campo magnético descobriram que átomos de alto spin eram capazes de transmitir energia um ao outro sem perdas de energia. Isso é "supercondutividade". Tudo que é necessário para iniciar um movimento do fluxo de energia é a aplicação de um campo magnético externo.

David Pines, professor de Física no Centro de Estudos Avançados na Universidade de Illinois, afirmou que "a supercondutividade é talvez a mais notável propriedade física no universo". Da mesma maneira, o físico nuclear Dr. Daniel Seweíl Ward explica que "a

supercondutividade é infinitamente mais do que um fenômeno físico de primeira ordem. É provavelmente um dos mecanismos de ligação fundamental de um universo ilimitado e conectado".

Levitação e Teletransporte

No mundo dos supercondutores há dois tipos principais. Um supercondutor perfeito com uma fase de vibração simples que repele qualquer invasão magnética é chamado Tipo 1. Entre esses estão o ouro monoatômico e os metais do grupo da platina. Supercondutores dos Tipo 2 (compostos metálicos, incluindo o cobre, o chumbo, o nióbio e o nióbio-titânio) têm um comportamento misto, que permite alguma penetração magnética externa.
Supercondutores do Tipo 1 funcionam perfeitamente porque seus elétrons de spin positivo e negativo se emparelham como imagens de espelho sem destruir um ao outro. Eles se tornam fótons de freqüência simples — não mais partículas, ondas portadoras de luz. Essas ondas são a chave para o protocolo quântico porque, em essência, os fótons representam os Quanta — quantidades de energia proporcionais à freqüência da radiação que elas representam (do latim quantus: "quanto")- Esses fótons espelhados, que flutuam na onda quântica de um supercondutor, são chamados Pares de Cooper e criam o Efeito Meissner — um campo magnético único sem polaridade norte ou sul. Quando ativado, ele resiste a todos os outros campos magnéticos, de forma que o supercondutor se torna diamagnético — estado em que ele repele e é repelido por campos magnéticos fortes. Isso oferece possibilidades levitacionais imediatas.
Ao discutir elétrons espelhados em um estado no qual eles destroem um ao outro, o professor Stephen Hawking refere-se ao elétron duplicado como um "antielétron" que pode aniquilar. Para demonstrar a aniquilação, ele diz: "Se você se encontrar com seu antieu, não aperte a mão dele; ambos desapareceriam em uma grande explosão luminosa!" Claro, isso é precisamente o que David Hudson e a equipe da General Electric descobriram em seus testes. Porém, nem

Hawking, nem Hudson, nem ninguém, jamais descreveu essa aniquilação do elétron de uma forma que se destrua deixando resíduos — simplesmente como um ato de evanescimento, no qual a substância envolvida desaparece. Como apontado por Hal Puthoff, não seria um estado de invisibilidade, mas de transporte para outra dimensão de espaço-tempo (ver "Átomos Invisíveis e Espaço-Tempo", p. 165).

Um bom exemplo funcional de levitação magnética é dado pelos trens de Maglev, um dos quais operou comercialmente em Birmingham, Inglaterra, como meio de transporte experimental na década de 1990. Esses trens literalmente flutuam por meio de um forte magnetismo supercondutivo, eliminando assim a fricção entre os veículos e seus trilhos. O protótipo foi testado em 1990 no Japão, seguido pela nacional Linha de Teste Yamanashi Maglev, que iniciou as atividades em 3 de abril de 1997. Dois anos depois, o veículo MLX01 atingia uma velocidade, em levitação plena, de 552 Km/hora. O governo dos Estados Unidos destinou cerca de um bilhão de dólares para o aperfeiçoamento do Maglev; o serviço de trem comercial Maglev, na Alemanha, deve ser iniciado em 2006.

Uma vez disparado magneticamente, o Efeito Meissner de um supercondutor do Tipo 1 continuará a funcionar ad infinitum. Além disso, quando dois campos Meissner se tocam, a onda quântica entre eles é, da mesma maneira, perpétua. Um disparador supercondutivo pode ser minúsculo em potencial (uma fagulha, por exemplo), e pode-se chegar a obter uma energia contínua a partir do vácuo do ponto zero universal.

Em suma, um supercondutor é uma substância capaz de transportar a energia dos elétrons sem resistência e sem dissipação dessa energia. Sem nenhum contato físico, os supercondutores conduzem a energia (como a luz e a eletricidade) a qualquer distância, por qualquer período. São também a chave para o teletransporte a distância da matéria física — e mesmo o teletransporte de formas de vida. Eis o trecho de uma declaração do Departamento de Energia dos Estados Unidos, do Newton Bulletin Board System Division no Laboratório de

Argonne: "A técnica é preparar um par de sistemas quânticos acoplados". Após explicar que um deles seria posto em algum lugar longe, continua: "É então possível tomar as medidas do sistema local, transmitir o resultado das medidas locais e reconstituir um novo quantum do outro lado... em princípio, pessoas poderiam (por esse método) ser transportadas enviando-se informações clássicas suficientes".

A Nasa e os cientistas do laboratório de Argonne confirmam que também será possível duplicar a matéria em vez de transportá-la, uma vez que as bizarras regras da luz e da matéria são determinadas em escalas atômicas. Nessa área, o Gabinete de Pesquisa Biológica e Física da Nasa confirma que "a matéria pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Os objetos podem ser partículas e ondas ao mesmo tempo". Na mecânica quântica, nada é certo, apenas provável ou improvável. O feito improvável de "parar" a luz já foi conseguido por duas equipes — uma comandada por Ron Walsworth, físico no Centro de Astrofísica Harvard-Smithsonian e a outra por Lene Hau, do Departamento de Física da Universidade de Harvard. Não apenas a luz pode ser parada em seu caminho, guardada e solta novamente à vontade como sua imensa velocidade (a velocidade da luz) pode, hoje em dia, ser freada até a velocidade de uma bicicleta. As possibilidades são fantásticas; mesmo a informação textual (codificada em átomos) pode ser transportada em uma onda de luz.

O emaranhamento de quantum permite que duas partículas se comportem como uma, não importa o quão separadas estejam. Sougato Bose, da Universidade de Oxford, e Dipanker Home, do Instituto Bose, em Calcutá, demonstraram um simples mecanismo que poderia ser usado para emaranhar átomos ou moléculas separados por anos-luz. Anton Zielinger, físico quântico da Universidade de Viena, demonstrou que isso é possível com moléculas grandes. Nuvens de trilhões de átomos foram ligadas por meio de emaranhamento quântico pela equipe de Eugene Polzik na Universidade de Aarhus, na Dinamarca. Segundo os cientistas da Nasa, esse é o teletransporte de matéria de Jornada nas Estrelas por

meio de um facho de luz, através do qual o padrão molecular de um corpo é atomicamente rearranjado e mandado para outro destino.

Ciência Sagrada

É importante adquirir um conhecimento básico dos princípios que discutimos, uma vez que não pertencem ao campo da informação divulgada ao público em geral. Apenas reconhecendo a novíssima ciência dos supercondutores e seus atributos fenomenais podemos atingir uma compreensão do que realmente aconteceu à Arca da Aliança.

Cientistas eminentes modernos não apenas confirmam a existência de dimensões paralelas, teletransporte e coisas assim, mas também exprimem sua preocupação particular com o fato de o público ser mantido na ignorância acerca de tais assuntos. Para demonstrar o dilema que enfrentamos, eis alguns trechos de uma palestra do físico nuclear Daniel Seweíl Ward, Ph.D., no Fórum da Associação Internacional da Nova Ciência em Fort Collins, Colorado, em outubro de 1999:

Uma grande quantidade de indícios sugere existir uma ciência básica e profundamente importante, capaz de explicar uma vasta gama de observações que parecem anômalas... são de particular importância os assuntos da ciência sagrada (incluindo matemática, física e saúde/longevidade) e o grau em que tais assuntos foram tratados pelos pesquisadores e cientistas.

Um truísmo amplamente admitido é que "conhecimento é poder". O conhecimento secreto ou os ensinamentos mantidos por uma elite limitada constituem o potencial para um poder ainda maior. Aparentemente, é por essa razão que a história do mundo nos últimos muitos milhares de anos tinha, em toda a sua extensão, o tema subjacente da luta pelo controle e o poder baseada em conhecimento esotérico, compreensão e sabedoria.

Desde as escolas de mistério do antigo Egito e da Grécia até os tijolos de Jerusalém descobertos pelos Cavaleiros Templários... até os

segredos guardados, em nossos dias, da Comissão Trilateral e de diversas outras organizações secretas, os maiores legados da raça humana foram cuidadosa e estudadamente mantidos longe da maior parte da sociedade. Conhecimentos e técnicas que permitiram o potencial para a imensa iluminação e a evolução do indivíduo foram historicamente guardados para o uso exclusivo dos que tinham o poder... o fato de que houve muitas forças (particularmente religiões) que fizeram todos os esforços para atacar a verdade como meio de preservar sua própria visão do universo é talvez o principal caso em questão. Curiosamente, o empenho pela destruição direta (como no caso do incêndio da Biblioteca de Alexandria) ou pela colocação de severas limitações à disseminação do conhecimento também se baseia em questões de controle e poder. Dentro dos confins dessa luta mundial pelo poder, muito conhecimento e sabedoria esotérica foram mantidos longe das vistas do público, tanto como meio de proteger as verdades subjacentes como para usá-las (ou eliminá-las) para se tirar proveito de alguma maneira.

Repentinamente (em termos históricos) a caixa de Pandora foi revirada e indivíduos de fora dos grupos da elite... começaram a olhar, estudar e compreender os tais segredos do conhecimento esotérico. E com a disseminação de tais conhecimentos para o público, o controle de um humano sobre outro está ficando menor... para um indivíduo que busca a verdade e a iluminação, repentinamente a história da conspiração para negar a existência dessa sabedoria se torna menos importante do que a compreensão de como aplicar esses ensinamentos fundamentais.

Obviamente, muito do que se sabe hoje deriva do processo normalmente aberto de aprendizado e descoberta através das eras. Historicamente, temos a disseminação do conhecimento pela da aprendizagem, quando o portador do conhecimento (um mestre) compartilha seu saber com alguém (o aprendiz) que ganhou os direitos para tal conhecimento pela demonstração de seu merecimento... também existiram escolas para disseminar a sabedoria

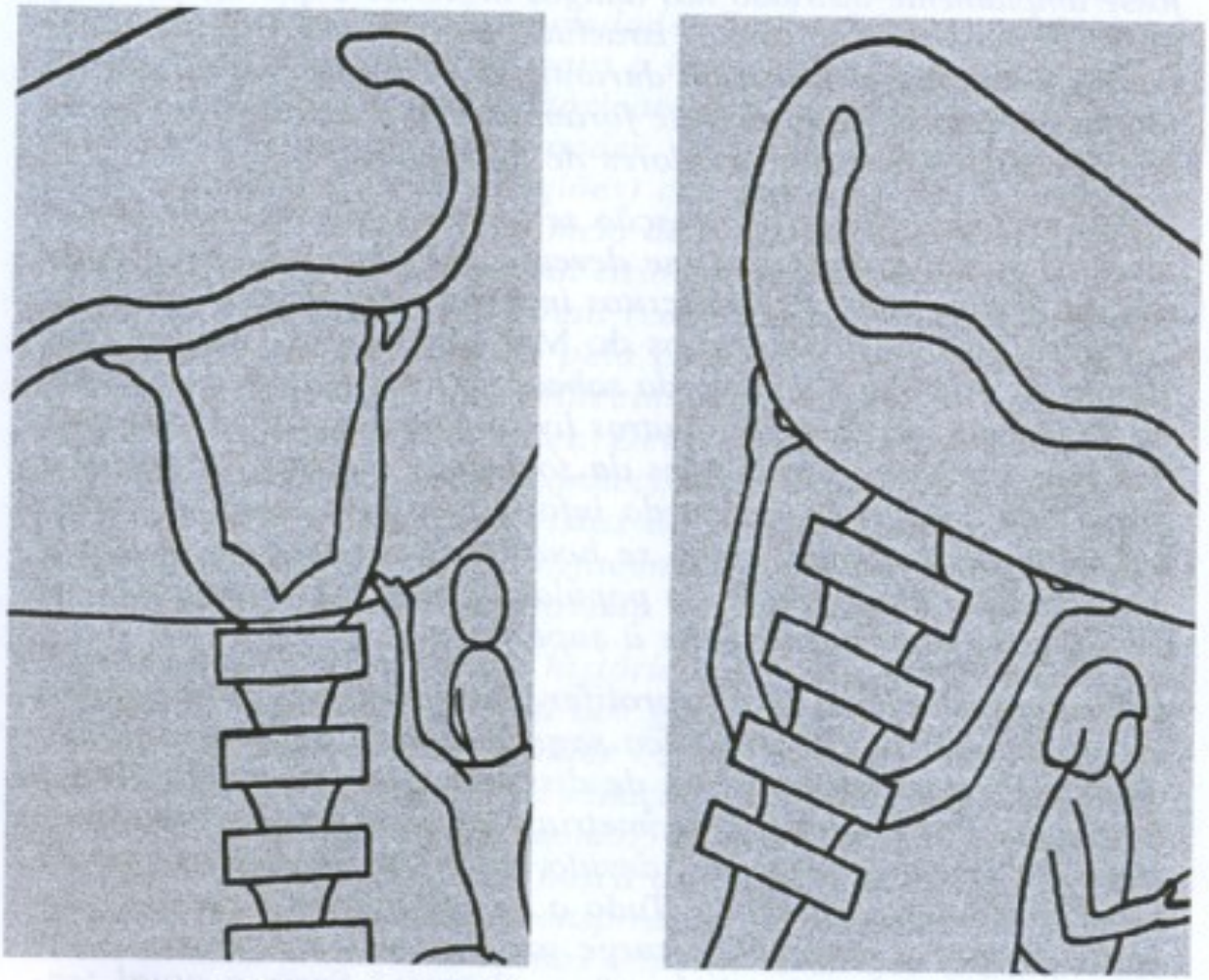
e o conhecimento; essas iam desde escolas de mistério extremamente exclusivas até escolas para uma elite maior, até a educação pública...
A civilização suméria constitui o mais antigo registro de sociedade humana, amplamente sustentado por indícios físicos em forma de escritos e artefatos. É particularmente notável o fato aparente de que a civilização floresceu no vale do Tigre e do Eufrates com todas as inovações e aspectos, até então ausentes, de uma civilização. Repentinamente, havia escrita, criação de animais, irrigação para a agricultura, Templos para devoção e assim por diante...
Parece evidente, por exemplo, que Moisés, como príncipe do Egito, fosse amplamente instruído nos antigos mistérios e que dividiu uma parte de sua educação com os israelitas na forma da Arca da Aliança. Os Templários nasceram durante as Cruzadas, na virada do último milênio, e supostamente foram eles que descobriram informações abundantes nos arredores de Jerusalém...
A boa notícia é que a informação se tornou cada vez mais disponível... isso em grande parte se deveu à descoberta e à decifração dos antigos escritos. Esses escritos incluem itens como O Livro do Antigo Egito, os Manuscritos do Mar Morto e os Códices Nag Hammadi. Além disso, muito da sabedoria mais esotérica na forma da ha Qabala, do Taro e de outros livros foram repassados através das eras para fora dos confins da sociedade secretas. Há também provas de que grande parte da informação está sendo intencionalmente disseminada, como se houvesse uma decisão de trazer um segmento muito maior da população para a compreensão... a Verdade inevitavelmente sobe à superfície...
Uma questão-chave é se a proliferação de nossos conhecimentos de geometria e matemática sagradas seria ou não resultado de descobertas acidentais ou de disseminação intencional de informação. Por um lado, a geometria e os números são muito passíveis de serem descobertos, devido, em parte, à simplicidade do processo lógico empregado. Tudo o que se precisa é fazer a pergunta certa e a matemática surge sozinha, bela e formosa... Mas haveria mais que nós ainda não saibamos? Seria a atual tendência da física — energias

de ponto zero e múltiplas dimensões além de nosso continuum espacial de quatro dimensões — uma corrida aos mistérios ancestrais ou meramente o avanço do conhecimento na realidade do universo?
Na análise final, parece haver excesso de questões carecendo de respostas, e que tentativas impetuosas e entusiastas serão recompensadas... Segundo esse ponto de vista, não se trata mais de saber se alguém é ou não merecedor de reconhecer os segredos, mas de um encorajamento para que a pessoa tente descobrir as maravilhas do universo por si só. Na verdade, ainda há espaço no alto da curva de aprendizado, para qualquer um que esteja interessado em prolongar o assunto.

De Volta a Dendera

À luz dessa inspirada perspectiva, ocorreu-me que eu deveria buscar a opinião do Dr. Daniel com relação aos misteriosos petróglifos de Hathor em Dendera. São os estranhos objetos bulbosos que adornam as paredes do Templo, sobre os quais já falamos anteriormente (ver "Ouro dos Deuses", p. 101). Ali estava um físico qualificado na vanguarda da ciência moderna com uma aptidão extra para a história antiga. Observou que havia certas diferenças importantes entre os relevos individuais do Templo. Por exemplo, enquanto algumas das imagens mostram braços aparentemente apoiando as ampolas por baixo, há também versões em que os braços do pilar djed se estendem para dentro dos limites das bolhas, onde as serpentes estão suspensas. E isso sugere que as bolhas/tubos/ampolas não são objetos físicos, mas representam uma área ou aura significativa — semelhante aos balões de fala nos quadrinhos, em que as palavras são o fator relevante, não o desenho do balão.
Os braços do djed mais próximos da serpentes são mais musculosos que os braços dos outros djeds ou personagens que tocam apenas os perímetros. Quando as mãos dos djeds estão para dentro, as serpentes têm cinco ou seis ondulações, mas quando limitados às

bordas e aos exteriores, as serpentes têm menos ondas. Isso sugere um processo definido de revigoração ocorrendo dentro dos limites.



Braços djed *em Dendera. Dentro e fora dos campos.*

Outra característica dessas representações é a presença do falcão de Hórus. em alguns dos relevos. A influência de Hórus é fator importante do enredo do mfkzt (pó branco); "a lágrima dourada" no olho de Hórus estava diretamente associada a seus atributos divinos. No texto do Papiro da Pirâmide de Ani, o faraó em busca de iluminação no Campo de Mfkzt (ver "Campo dos Abençoados", p. 19) afirma: "Estou purificado de todas as imperfeições. O que é isto? [Maná?]. Elevo-me como o falcão dourado de Hórus. O que é isto? Chego junto aos

imortais sem morrer. O que é isto? Chego diante do trono de meu pai. O que é isto?"
De acordo com as inscrições acerca do assunto em Dendera, o personagem sacerdotal encarregado do ritual é identificado como Ka, um tipo de alma física — da mesma maneira que o "corpo leve" faraônico, chamado Ka, que era alimentado com o mfkzt regenerador da iluminação. Além disso, todas as formas tubulares se estendem, como éter encapsulado, dos talos e sépalas das plantas de lótus, enquanto as inscrições identificam as serpentes como Harsomtus, o filho divino de Hórus e Hathor. Formas de flores de lótus também predominavam entre os vasos descobertos no Templo de Horebe no Sinai; a borda do grande recipiente de bronze do rei Salomão também tinha a forma de uma flor de lótus aberta (ver "O Projeto da Pedra de Fogo", p.137). Desde os mais antigos registros sumérios, o Lótus (lírio) representava a "essência divina": o néctar da suprema excelência chamado (assim como Hathor) Ouro dos Deuses.
Toda essa discussão ocorreu após minha questão inicial. O que meu colega físico na verdade disse, antes de entrar em tantos detalhes, é que as extrusões bulbosas eram muito semelhantes a representações de "tubos de fluxo" — ou seja, Campos de Meissner supercondutivos. Quando dois Campos de Meissner se tocam (ver "Levitação e Teletransporte", p. 174), produzem uma onda quântica perpétua e, em todos os exemplos dos relevos de Dendera, os pares de campos (com suas ondas-serpente inerentes) estão a ponto de se tocar. Portanto, pode ser que as representações demonstrassem a preparação do tubo de fluxo de Hathor, o portão para o Campo de Mfkzt hiperdimensional.

Rito de Passagem

Ao tentar compreender um pouco da surpreendente ciência encontrada durante a realização deste livro, um astrofísico aconselhou-me a não tentar compreendê-la. "Você nem mesmo tem de acreditar nela", disse ele, "porque não se trata de crença. Você

simplesmente tem de reconhecer que, além dos limites de qualquer crença ou entendimento convencional, ela simplesmente está aí. É ciência e existe." E citou o professor Stephen Hawking: "Pouquíssimas pessoas podem acompanhar o rápido avanço das fronteiras do conhecimento, e têm de devotar todo seu tempo para isso e especializar-se em uma pequena área. O resto da população pouco sabe sobre a respeito dos avanços realizados ou da agitação que eles causam".

Com esses pensamentos, ocorreu-me que, se esses fenômenos estão aqui agora, eles devem ter existido desde sempre. A única diferença é que, como acontece com todas as coisas subitamente explicadas à luz do dia, simplesmente redescobrimos alguns dos seus modos de operação e os chamamos com novos nomes científicos. Se há supercondutividade agora, havia supercondutividade no período medieval. Além disso, havia supercondutividade nos dias de Moisés e nas épocas anteriores; mas em vez dos Laboratórios Nacionais de Argonne, Universidade Cornell e Instituto de Estudos Avançados, havia os Templos de Carnac, Horebe e Dendera. Havia também ondas magnéticas e Campos de Meissner naquele tempo, como fenômenos naturais. As pessoas da época talvez nada soubessem acerca do mecanismo deles, do modo como nossos cientistas modernos o compreendem, mas, operacionalmente, certamente sabiam o bastante de sua existência para descrever o Campo de Mfkzt e seu rito de passagem.

Com freqüência, nas primeiras fases deste trabalho, ocorreu-me que meus estudos a resposta do mundo fantástico da física quântica apresentavam revelações que exigiam enormes saltos no escuro. Porém, logo descobri que apenas dando esses saltos eu poderia encontrar os próximos estágios e seus próprios saltos resultantes. Esse é precisamente o mundo da teoria quântica. E por isso que (apesar de todas as descobertas positivas e aprovadas) ela ainda é classificada como "teoria", porque há sempre outro obstáculo mais além; assim, o problema principal nunca acaba de ser resolvido. Não demorou muito para perceber que mesmo os saltos no escuro

perceptíveis eram apenas ilusões. Na verdade, não havia saltos a dar e nada tinha a ver com fé. A zona quântica de conforto é encontrada no momento em que se removem as máscaras da limitação condicionada. A partir daquele momento, tudo flui naturalmente em uma onda quântica, de forma que a resposta instintiva a cada nova revelação é a aceitação intuitiva. Como disse o físico, "é ciência, e está aí" — e como se atribui à sabedoria do rei Salomão no Antigo Testamento bíblico:

O que foi, é o que há de ser;
E o que se fez, isso se tornará a fazer:
Nada há, pois, novo debaixo do sol.
Eclesiastes 1:9

13
FOGO NO DESERTO

Enigma do Graal

Vimos como a Pedra Filosofal era apresentada nas lendas do Santo Graal da Idade Média (ver "Maná Sagrado", p. 33) e como estava ligada à mitologia alquímica da phoenix que surge das cinzas da iluminação. Casos como esses por muito tempo confundiram aqueles que buscavam encarar a tradição do Graal como uma prerrogativa cristã, uma vez que a phoenix e a Pedra Filosofal são freqüentemente vistas como assuntos de ocultismo. De fato, há um estranho enigma aqui, porque, mesmo que em geral se considere o Graal uma relíquia cristã, a Igreja na verdade declarou, no Concilio de Trento (norte da Itália), em 1547, que a sabedoria do Graal era heresia não-oficial. Nesse mesmo concílio, a escolha dos livros para o Novo Testamento aprovado foi finalmente confirmada a partir de uma seleção original feita muito antes, no Concilio de Cartago, no ano de 397.

Quando olhamos o legado do Graal da antiga Mesopotâmia (ver "Reino dos Gênios", p. 116), fica óbvio que o simbolismo do Cálice e do Pão era parte da cultura semítica nos dias de Abraão e Melquidezeque (como mostrado em Gênesis 14:18), por volta de 1960 a.C. A maior anomalia é que a Igreja se volte oficialmente contra o Graal, usurpando ao mesmo tempo, como seu, o mais pertinente símbolo do legado. O sacramento da Eucaristia (ou Sagrada Comunhão) é ostensivo no uso do cálice de vinho, representando o sangue messiânico, junto com obréias de pão que representam o corpo. Apologistas desse costume se agarram à idéia de que a cerimônia deriva do ocorrido na Última Ceia, quando Jesus ofereceu vinho e pão a seus apóstolos, sem considerar que ele próprio realizava um ritual antiqüíssimo.

Como mostra a Norma Comunitária, um dos Manuscritos do Mar Morto, a Ultima Ceia corresponde ao Banquete Messiânico realizado em Qumrân. Os principais anfitriões do banquete eram o sumo sacerdote e o Messias de Israel — ou seja, o Messias do momento (O Ungido), não necessariamente Jesus em particular. De acordo com o pergaminho, a comunidade nazarena era representada por oficiais nomeados que formavam o Conselho de Apóstolos Delegados. Escrito cerca de cinqüenta anos antes do nascimento de Jesus, a Norma Comunitária declara a ordem correta de precedência para sentar no banquete e detalha o ritual a ser observado na refeição, concluindo: "E quando eles se reúnem na mesa comunitária... e misturam o vinho para beber, que nenhum homem estenda sua mão primeiro para o pão ou o vinho antes do sacerdote, pois ele abençoará os primeiros frutos do pão e do vinho... e depois, o Messias de Israel estenderá suas mãos sobre o pão, e em seguida toda a congregação da comunidade dará bênçãos, cada qual de acordo com sua classe".

Outro aspecto das lendas do Graal, que confunde muitas pessoas, é que elas contêm diversas referências venerativas a personagens proeminentes da história judaica. Há também uma consistência de nomes judaicos e outros de origem judaica — nomes como Josefes,

Lot, Elinant, Galahade, Bron, Urien, Hebron, Pelles, Joseus, Jonas e Ban.
O campeão Galahade, identificado em textos anteriores como Gileade, é considerado especificamente o mais cristão dentre os cavaleiros. O Gileade original, porém, era o filho hebreu de Miguel, trineto de Nahor, irmão de Abraão (1 Crônicas 5:14). Gileade significa "montão do testemunho"; a montanha chamada Gileade era o Monte do Testemunho (Gênesis 31:21-25). Galeed também era o nome dado à lápide de Jacó, o montão do testemunho em Gênesis 31:46-48.
Outro personagem importante nas histórias do Graal, que surgiu em um ambiente francês Templário no século XII, era José de Arimatéia; há, porém, outro tido na mais alta estima e que pertence a tempos ainda mais antigos. É o sacerdote hasmoneu Judas Macabeu, que morreu em 161 a.C. Eis uma conversa entre Sir Gawain e Joseus, da família do Graal, tirada da Elevada História do Santo Graal (compilada por volta de 1220):
"Sir cavaleiro", disse ele a Messire Gawain, "peço que justes... e conquistes este escudo, de outra forma deverei conquistar o teu... pois ele pertenceu ao melhor cavaleiro desta fé que já existiu... e o mais sábio."
"Quem era ele?", disse Messire Gawain.
"Judas Macabeu era ele."
"Dizes a verdade", disse Messire Gawain. "E qual é o teu nome?" "Sir, meu nome é Joseus, e sou da linhagem de José de Abarimacie."
Por que Judas Macabeu? Ele não figura na Bíblia autorizada. Há, porém, um vazio histórico entre o Antigo e o Novo Testamentos e é dentro desse período que encontramos a história de Judas e dos macabeus hasmoneus (ver "Após o Cativeiro", p. 151). Felizmente, sua história é contada em detalhes nos escritos do século I de Flávio Josefo (que tinha também origem hasmoneana) e também nos Livros dos Macabeus apócrifos, que foram acrescentados à Bíblia Septuaginta antes que o cânone final fosse estabelecido sem eles. Aparentemente, a razão para eles não terem sido selecionados foi que

esse livro só tratava dos assuntos do homem, e não dos assuntos de Deus!
É por causa desse aspecto ausente no cânone autorizado que as histórias evangélicas de Jesus emergem em um ambiente romano completamente distinto das escrituras do Antigo Testamento. Assim, a perspectiva evangélica é limitada, no sentido de que Jesus é apresentado em um papel confusamente único, em vez de ser visto como parte de uma seqüência contínua de acontecimentos históricos. Isso também facilitou a retirada dos registros principais de uma segunda Casa Real de Judá que, no ponto culminante da era herodiana, estava na mesma posição da Casa de Davi, à qual Jesus pertencia. Também dentro desse período oculto estava a continuação da história da cultura do ouro tradicional e do estabelecimento de Qumrân junto ao Mar Morto.

A Casa de Hasmon

Judas, conhecido como "o Martelo" (Maqqaba), era filho do sacerdote Matatias de Modin, perto de Jerusalém, e seu escudo (ao qual se alude na história do Graal) era uma lenda em seu próprio tempo. Havia uma questão retórica escrita nele: "Quem é como tu entre os deuses?" Por causa do sobrenome de Judas, seus sucessores ficaram conhecidos como Macabeus e receberam o sobrenome Macabeu. Em termos gerais, eram conhecidos como hasmoneus por causa de seu ancestral Hasmon (Asmoneu), bisavô de Matatias.
Como seu pai, Judas pegou em armas contra os reis selêucidas da Síria, que haviam devastado Jerusalém. Eram sucessores do general Macedônico de Alexandre, o Grande, Seleuco, e conseqüentemente impunham a tradição e a religião gregas ao povo da Judéia. O principal antagonista selêucida da época era o rei Antíoco IV, que se aliara com irmãos do sumo sacerdote aaronita de Jerusalém. Eles faltaram com o legado de sua família para se alinhar com o invasor, introduzindo deuses gregos no Templo. Os rolos da Torá foram

queimados com gordura de porco, a circuncisão foi proibida e a linguagem grega se tornou obrigatória, sob pena de morte.

Vendo os inconstantes sacerdotes de Jerusalém apoiando a insurreição contra sua própria cultura judaica, Matadas de Modin inicialmente aceitou o desafio com uma força de guerrilha que, mais tarde, foi herdada por seu filho Judas. Por muitos anos, Judas derrotou diversos exércitos sírios em grandes batalhas, com muitos milhares de homens de cada lado. Nesse meio tempo, Jerusalém foi arrasada, mas em 25 Kisev (novembro) de 165 a.C. Judas finalmente desalojou a enorme imagem de Zeus e voltou a dedicar o Templo à fé judaica. O menorá da cidade foi aceso, no início de um festival de celebração que durou oito dias; nascia a festa anual do Hanukkah.
Não foi o fim da revolta hasmoneana, pois ainda havia sírios a derrotar nas montanhas e nas regiões vizinhas. Porém, esse incidente levou a um novo reinado em Jerusalém sob o irmão de Judas, Jônatas. Para acelerar o processo, os hasmoneus ganharam o apoio militar de Roma (o novo poder ascendente no mundo mediterrâneo), tendo conseguido a completa independência judeana a partir de 142 a.C. Porém, poucas décadas depois, os próprios romanos se tornaram os novos governantes da Judéia.
Embora os macabeus tivessem obtido vitória sobre Antíoco da Síria e seu sucessor, Demétrio I, houve muitos danos sociais, porque a árdua campanha os obrigara a lutar durante o sabá. Um núcleo de devotos judeus conhecidos como Hasidim não apenas expôs sua oposição como marchou em massa para fora da cidade. Posteriormente, estabeleceram sua própria comunidade no deserto próximo a Qumrân, a algumas milhas a leste de Jerusalém, no Mar Morto. De acordo com o Manuscrito de Cobre, a antiga Qumrân era chamada Sekhakha.
O Livro dos Macabeus conta como Hircano, sobrinho de Judas, tornou-se ao mesmo tempo rei e sumo sacerdote em Jerusalém; sucedido por seus filhos Aristóbulo e Alexandre, em seguida pelos filhos de Alexandre, Hircano II e Aristóbulo II, seguido pelo filho de Aristóbulo II, Antígono. Por fim, após muitos séculos desde o cativeiro

na Babilônia, havia uma dinastia real novamente na Judéia, mas a Casa de Hasmon teve um fim abrupto quando sua princesa Mariame se casou com Herodes, um comandante idumeu árabe. A atribulada história desse casamento e da intriga romano-egípcia contemporânea, de Antônio e Cleópatra, é contada em detalhes por Flávio Josefo em seu Guerras Judaicas e Antigüidades Judaicas; o resultado foi que, após a morte de Antígono, em 37 a.C. a única herdeira hasmoneana era sua sobrinha (esposa de Herodes) Mariame. Com a aprovação romana, Herodes tornou-se o novo rei residente em Jerusalém.

O período de ocupação formal em Qumrân aparentemente começou em 130 a.C. havendo os terapeutas e essênios consolidado o assentamento por volta de 100 a.C. Os essênios eram uma comunidade curandeira fílosófica, com uma cultura mais greco-egípcia do que israelita. As crônicas judaicas descrevem um violento terremoto judeano cerca de setenta anos depois, em 31 a.C., que causou uma evacuação do assentamento. Em Qumrân, isso é confirmado por uma pausa entre dois períodos distintos de habitação. Nas Guerras Judaicas, Josefo explica que os essênios eram hábeis na arte da cura e que haviam recebido seu conhecimento medicinal acerca de raízes e pedras dos antigos. De fato, o termo essênio deve referir-se a essa habilidade, pois a palavra aramaica asayya significa médico e corresponde à palavra grega essenoi.

O segundo período residencial começou durante o reinado de Herodes, o Grande. Além dos indícios trazidos pelos Manuscritos do Mar Morto (revelados em 1947), uma coleção de moedas também foi retirada do assentamento de Qumrân. Elas pertencem a uma faixa de tempo que vai desde o governante hasmoneu João Hircano (135-104 a.C.) até a revolta judaica contra os romanos de 66-70 d.C. Mais relíquias da época foram descobertas desde então e, durante a década de 1950, mais de mil túmulos foram desenterrados em Qumrân. Um vasto complexo monástico da segunda habitação também foi revelado, com salas de reunião, bancos de gesso, enormes cisternas de água e um labirinto de canos de água. Na sala dos escribas havia reservatório de tintas e os restos das mesas nas

quais os rolos eram colocados; algumas tinham mais de 5m de comprimento. Arqueólogos e estudiosos confirmaram que o assentamento original fora danificado no terremoto e reconstruído pelos essênios posteriormente, na época de Herodes. Os essênios vestidos de branco eram uma das três principais seitas filosóficas judaicas (as outras duas eram os fariseus e os saduceus). Eles eram aliados aos terapeutas egípcios, curandeiros místicos, assim como a família nazarena de Jesus, que residia em Qumrân. Em princípio, os essênios eram os antigos aristocratas, que esperavam uma volta aos grandes dias de Israel e da Casa Real de Davi.

Defensores da Aliança

Durante o reinado de Herodes, o Grande (37 a 4 a.C.), grandes somas de dinheiro foram gastas em Jerusalém, mas esta foi a véspera de um desastre maciço que atingiu o reino em 25 a.C. Nesse ano, a chuva não veio e não houve colheita na Palestina ou na Síria. Não havia semente nem milho e todos os bodes e carneiros morreram. Josefo comentou que, para alimentar o povo enfrentando essa adversidade, Herodes arrancou todo o ouro e a prata de seu palácio, enviando-os a Petrônio, o prefeito do Egito, pedindo suprimentos dos armazéns faraônicos. Junto com roupas e outros produtos de primeira necessidade, o alimento era distribuído gratuitamente por todo o reino em quantidade excepcional. Após dois longos anos, a crise terminou, mas os cofres de Jerusalém estavam completamente vazios. Herodes (em sua maior majestade) salvara a nação da completa catástrofe, mas ele e sua corte estavam completamente falidos.
Dentro de um curto espaço de tempo, porém, Herodes já conduzia sua economia em escala espantosamente pródiga. Suas doações e legados eram enormes; muito maiores que os lucros dos impostos. Além disso, ampliou e reconstruiu o Templo de Jerusalém de forma que, dentro de um novo complexo de mais de 35 acres, era maior que a Acrópole de Atenas e a mais magnífica construção da época. Milhares de pedreiros trabalharam no projeto colossal por muitos

anos; mas de onde vinha o dinheiro para isso? Além disso, alinhada à questão com relação às pirâmides e outros monumentos gigantescos do Egito (ver "Abaixo de Zero", p. 122), como eles moveram e ergueram os milhões de pedras maciças, das quais muitas pesavam mais de 50 toneladas? De fato, na estrutura da parede que nos resta, ainda há pedras de canto que pesam mais de 80 toneladas, a mais de 30m acima dos alicerces.

Conta a história que, a partir da falência, Herodes acumulou a nova riqueza de Jerusalém com o comércio de exportação, especialmente para a magnífica cidade de sua mãe Kufra, Petra, talhada nas rochas no sul da Jordânia abaixo do Mar Morto. Petra, com seu valioso comércio de especiarias e de mármore, era um centro extremamente rico, governado por um árabe nabateu, o rei Abud. Os engenheiros de Petra eram renomados especialistas em sistemas hidráulicos; essa especialidade única era outro dos famosos produtos de exportação da cidade. Na verdade, a economia de Petra era essencialmente baseada na exportação; compravam muito pouco de fora. Importavam apenas coisas luxuosas, como seda da China, marfim da África e pedras e madeiras raras da Índia. Assim, o que o rei Herodes vendia aos governadores de Petra para obter recompensas tão fabulosas, estando naquela Judéia tão pobre que aparentemente tinha pouco a oferecer? A resposta é que ele repetia o que o rei Salomão fizera muito tempo antes: vendia o mais apreciado e valioso de todos os produtos conhecidos: a nobre Pedra de Fogo.

Como já mencionado, os essênios de Qumrân eram ligados aos terapeutas egípcios — os artesãos da Irmandade Branca do Templo de Carnac. Nos Manuscritos do Mar Morto, eles se referem a si mesmos como a Nova Aliança (Berith Hadashad). Os árabes chamavam-nos Nazrie ha-Brit (Os Guardiães da Aliança), de onde deriva a designação "Nazareno" (ao contrário da opinião comum, a seita nazarena de Jesus nada tinha a ver com Nazaré. Eram os guardiães do Mar Morto dos segredos arcanos da aliança nas tradições de Moisés e Salomão).

Nas diversas escavações em Qumrân desde a década de 1950, a característica mais marcante das impressionantes construções monásticas é o número e o tamanho das cisternas de água e a extraordinária complexidade dos condutos e canais. Um aqueduto no lado oeste vinha das colinas judeanas trazer um suprimento de água fresca, mas outros cursos de água vinham diretamente do salgado Mar Morto. Um dos mais importantes era o canal Mazin, de 95m, um pouco abaixo de Qumrân. Essa água, com seu alto conteúdo mineral, é imprópria para consumo ou lavagem. Mas, como agora, continha uma quantidade notavelmente alta de ouro ORME — mfkzt natural. Experimentos recentes revelam que o precipitado do Mar Morto contém 70% de ouro em estado monoatômico e 30% de magnésio. A aplicação de ácido hidroclorídrico no precipitado seco dissolve o magnésio, deixando o pó branco do shem-an-na. Ao contrário de Salomão, que manufaturava a Pedra Filosofal a partir de ouro extraído da maneira convencional, o método dos essênios parecia-se mais com o de David Hudson, pois o material monoatômico era refinado e aperfeiçoado a partir de uma fonte disponível. Para adequar-se aos fins propostos por Herodes, era muito fácil conduzir as operações em segredo num monastério deserto a algumas milhas de Jerusalém.

Josefo conta que, em se tratando de negócios, os essênios apenas venderiam por dinheiro àqueles de fora de sua própria comunidade, mas dariam e receberiam um do outro trocas simples, em vez de vender e comprar. Portanto, quaisquer bens ou lucros e derivados do estabelecimento herodiano por serviços prestados beneficiavam a todos em Qumrân, mas os lucros que o rei obtinha dos nabateus e outros eram claramente maiores do que qualquer coisa repassada aos essênios.

Apesar da marca negra contra Herodes, na Bíblia, por seu suposto assassinato de crianças quando do nascimento de Jesus, a história retrata-o como um rei competente e estimado. Chegou a converter-se a uma forma de Judaísmo para ser mais bem aceito pelo povo, embora tivesse dez esposas e mantivesse outros costumes de sua origem árabe. Apesar disso, havia um problema governamental no

fato de que a autoridade de Herodes estava sujeita ao governo superior do procurador romano na Judéia, baseado em Cesaréia. O regime romano era rígido ao extremo; mais de 3 mil crucifixões sumárias foram realizadas para coagir a população à submissão. Exigiam-se impostos injustos, a tortura era comum e a taxa de suicídio entre judeus cresceu de maneira alarmante. Herodes não podia fazer muito a esse respeito e o povo nunca o culpou pessoalmente, mas seu filho, o rei Herodes II Antipas, tinha uma natureza diferente. Ele fazia parte da máquina romana e, como ela, era cruel — notório, nos Evangelhos, como o Herodes que decapitou João Batista.

Durante o reinado de Herodes Antipas, toda a ligação comercial com os essênios cessou. Depois, o agressivo movimento Zelote contra os senhores romanos emergiu, a partir de sua base em Qumrân, liderado por Judas, o Galileu. Nascendo da linhagem Hasmoneana de João Hircano, Judas tomou o mesmo caminho de guerrilhas que seu homônimo ancestral Judas Macabeu. Os Zelotes deram início a uma inflamada campanha contra o novo governador de Jerusalém, Pôncio Pilatos, o que levou a uma enorme revolta judaica contra os romanos em 66 d.C.

É impossível saber exatamente como e quando se descobriram os ORME’s no precipitado do Mar Morto. Pode até ter sido uma revelação muito anterior, da época da Gênesis. Sabemos, a partir de recentes experimentos de laboratório, que essas substâncias supercondutivas podem produzir raios gama letais e são altamente perigosas se mal manipuladas. É possível, portanto, que os centros de Sodoma e Gomorra, no Mar Morto, tenham caído vítimas de uma catástrofe radioativa da Pedra de Fogo, quando foram destruídas por fogo e enxofre cerca de dois milênios antes de Qumrân ser estabelecida na região.

1. Israelitas com a Arca da Aliança nas Muralhas de Jericó, *por Jacques J. Tissot (1836-1902).*

Desde a época de Abraão e do rei Justo, Melquidezeque, o "pão" de Pedra de Fogo da Aliança sempre esteve associado com "honradez". Durante a era da Casa Davídica, sua provisão foi supervisionada pelos sacerdotes Zadoque (tsedeq/zaddik: justo), modelo dinástico que foi mantido na estrutura comunitária essênia. O Livro de Ezequiel, no Antigo Testamento, define que o santuário da Aliança permaneceria com os filhos de Zadoque. No Documento de Damasco dos Manuscritos do Mar Morto, o Zadoque principal era reverenciado como um mestre da honradez. Seu principal adversário é chamado sacerdote Mau e, a esse respeito a imagem de Sodoma e Gomorra é vista como o justo e o mau postos na balança (como descrito em

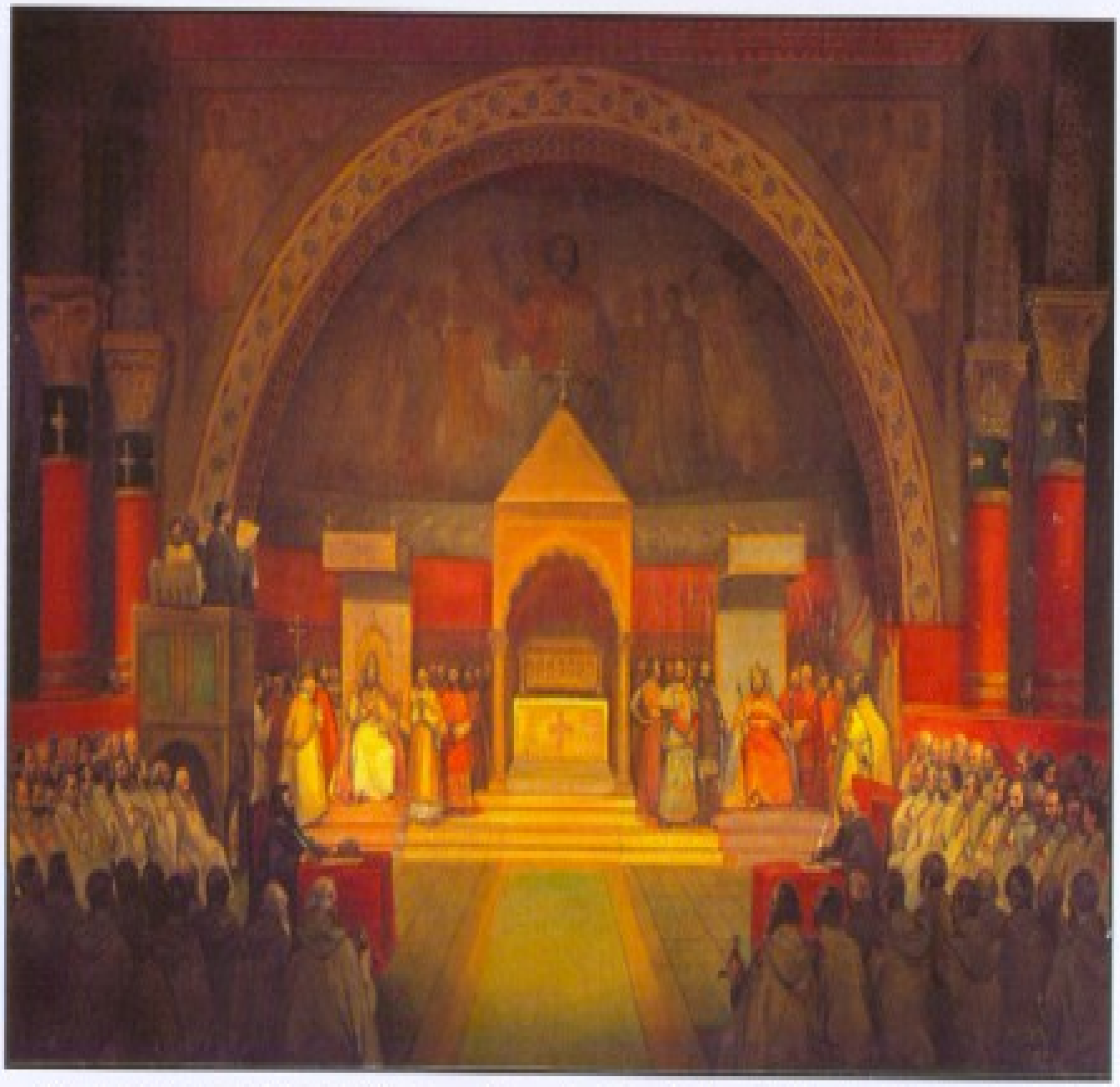
Gênesis 18:23 - 33). Então, o "pão da presença" era visto como o alimento do "justo", que o "mau" desejava devorar.

2. O Bezerro de Ouro Adorado pelos Israelitas no Sinai, *por Jacques J. Tissot (1836-1902).*

Nenhum dos manuscritos é mais cheio de alegorias e alusões do que o Habakkuk Pesher, que utiliza códigos de escrita essênios e metáforas em toda a sua extensão. Ao contar como a elaboração do mfkzt zadoquita foi apropriado pelo sacerdote oficiante do estabelecimento herodiano, ele trata o Mestre Justo como se representasse o próprio pão, afirmando que fora confrontado pelo sacerdote Mau, que o queria engolir. Podemos, porém, estar certos de que a Arca da Aliança não estava disponível ou em uso durante as eras hasmoneanas ou de Qumrân. A única menção nos Manuscritos

do Mar Morto está no Documento de Damasco (de cerca de 100 a.C.), que explica que ela fora escondida muito tempo antes.

24. A Execução de Jacques de Molay, *Paris, 18 de março de 1314.*



25. Cavaleiros Templários na Casa do Capítulo de Paris, 22 de abril de 1147, *por François-Marius Granet, 1844, Castelo de Versalhes.*

14
OS DESPOSYNI

Paradoxo da Natividade

Chegando ao tempo dos Evangelhos do Novo Testamento, atingimos a época do assunto de A Linhagem do Santo Graal. Uma vez que aquele livro trata da vida, do ministério e do casamento de Jesus, não entraremos novamente nesses assuntos agora. Porém, é uma boa oportunidade para abordar alguns aspectos que trouxeram questões específicas ao longo dos anos. Ao fazê-lo, podemos nos mover de maneira mais conveniente, através do legado de Jesus, no período medieval que leva ao encontro, em Jerusalém, da Arca da Aliança.

Uma pergunta feita muitas vezes é: como a figura mortal de Jesus (filho de Maria e José) pode reconciliar-se com a imagem cristã do filho de Deus? Para responder a isso, o melhor lugar para verificar é o próprio Novo Testamento. Ao mesmo tempo, podemos esclarecer algumas das outras discrepâncias escriturais relativas ao nascimento e aos ancestrais de Jesus.

Há uma diferença significativa entre o que os cristãos aprendem a respeito da natividade e o que a Bíblia realmente conta. Por exemplo, acredita-se normalmente que Jesus nasceu em um estábulo; porém, não há nenhuma referência a estábulo no Evangelho autorizado. Certamente, não se menciona nenhum boi, nenhum asno, nem mesmo uma das criaturas que classicamente aparecem na cena. Surpreendentemente, apenas dois dos quatro Evangelhos (Mateus e Lucas) discutem o nascimento de Jesus, enquanto Marcos e João ignoram completamente o acontecimento.

O Evangelho de Mateus abre o Novo Testamento com a frase: "O livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão". Segue então uma detalhada descendência linear em Mateus 1:2-16, culminando com o resumo de que ela abrange 42 gerações na linha masculina desde a época de Abraão. Depois disso, o Evangelho conta

a natividade em Belém, afirmando apenas, em Mateus 2:11, que Jesus nasceu em uma "casa".
O Evangelho de Lucas começa com a chegada de João Batista e, ao chegar na época do nascimento de Jesus, fornece outra lista de gerações, começando ao inverso com o pai de Jesus, José, e voltando (passando por Abraão) até Adão, que é chamado "o filho de Deus" (Lucas 3:38). Comparando-se as seqüências paralelas dos quatro evangelhos, esta é, cronologicamente, a primeira menção no Novo Testamento ao termo "filho de Deus", e não diz respeito a Jesus, mas a seu mais distante ancestral.
A palavra "estábulo", tão comumente usada ao se tratar do local de nascimento de Jesus, é especificamente a definição de um lugar para criar e guardar cavalos; ou seja, cavalos de um estábulo particular. Não se relaciona, e nunca se relacionou, com qualquer outra espécie de animal, nem é sinônimo de uma dependência de fazenda, como pintado nos cartões de Natal da natividade em Belém. A idéia de um celeiro como o local de nascimento de Jesus veio de uma simples frase em Lucas: ele foi "deitado em uma manjedoura"; mas uma manjedoura não é uma construção, é uma caixa para a alimentação dos animais. Lucas 2:7 relata que assim foi feito porque "não havia lugar para eles na hospedaria". O conceito de um abrigo de animais como alternativa à hospedaria foi, portanto, conjecturado com base apenas nesse único comentário, ignorando o fato de que Mateus especifica o local como uma "casa".
É fato histórico que não havia hospedarias na região e que a palavra "hospedaria" foi uma má tradução. Como confirmado no Smith's Bible Dictionary, "hospedarias, no sentido moderno, eram desconhecidas no antigo Oriente Médio, onde era comum convidar viajantes para ficar em casa, o que era visto como um dever piedoso". Além disso, o resto do verso de Lucas com relação a "hospedaria" também foi muito mal traduzido. O texto grego original afirma, na verdade, que não havia "topos na kataluma", ou seja, não havia "lugar no quarto". Na prática, era muito comum que manjedouras fossem usadas como berços substitutos em casos de emergência, por conveniência (berços,

manjedouras e caixões eram todos feitos nas mesmas oficinas). Uma tradução melhor para o verso de Lucas que causou confusão seria: "O menino Jesus foi posto em uma manjedoura porque não havia berço no quarto".

Ao relatar a linhagem de Jesus, Mateus e Lucas não concordam na genealogia a partir do rei Davi. Mateus fornece a linhagem real a partir do filho de Davi, Salomão, enquanto Lucas detalha uma descendência segundo outro dos filhos de Davi, Nata. Porém (após 22 gerações subseqüentes em Mateus e 20 em Lucas), ambas as listas acabam por coincidir em Zerubabel. Nesse ponto, concordam que ele era o herdeiro de Salatiel (Sealtiel) após o cativeiro na Babilônia, de acordo com os livros do Antigo Testamento de Esdras 3:2 e Ageu 1:1. Ao discutir as genealogias ostensivamente diferentes de Salomão e Nata, Eusébio, bispo de Cesaréia no século IV, referiu-se a uma carta escrita havia cem anos pelo historiador Júlio Africano. Segundo ele, a carta esclarecia que um pai natural não é necessariamente o pai em termos de lei. Era apenas o caso da tutela de criação, mas que "a memória de ambos era preservada — do pai real e do nominal".

Essa explicação apologética não faz muito sentido, porque a genealogia trata de parentesco natural (mesmo se ilegítimo). Ela apenas se relaciona a assuntos legais quando alguma herança com títulos específicos está envolvida. Uma razão mais honesta para a discrepância seria que mulheres importantes da linhagem não foram incluídas nas listas. O Livro de 1 Crônicas 3:10-17 confirma a descendência patrilinear de Zerubabel a partir do rei Salomão (como diz Mateus), enquanto a mãe de Zerubabel descendia de Nata, que é citado em Lucas (ver quadro: "A Casa Real de Judá", p. 268).

Após convergir em Zerubabel, as listas de Mateus e Lucas divergem novamente. Mateus retraça a descendência de Jesus a partir de um filho chamado Abiúde, enquanto Lucas parte de um filho chamado Resa. Essa discrepância ocorre precisamente pela mesma razão de antes. Ambos os genitores de Jesus descendiam de Zerubabel, mas a linhagem de Maria vinha de Abiúde, enquanto a linhagem de José vinha de Resa (ver quadro: "A Família de Jesus", p. 304).

O avô paterno de Jesus é chamado Jacob, de acordo com Mateus 1:16, mas, em Lucas 3:23, ele é chamado de Heli. Novamente, ambas as versões estão corretas. O pai de José, Heli, mantém a distinção tradicional de "Jacó" em sua capacidade patriarcal na comunidade nazarena.

A lista genealógica em Mateus, de Davi até Jacó-Heli (estendendo-se por cerca de mil anos), contém 25 gerações de 40 anos cada para seguir o padrão real de gerações (ver "Geração Real", p. 125). Lucas, por outro lado, fala de 40 gerações com, cada uma, 25 anos, o que é mais compreensível. Assim, Lucas localiza Jesus na 20ª. geração após Zerubabel (536 a.C.), enquanto Mateus o localiza na 11ª. geração.

Ao relatar a história da natividade, Mateus e Lucas discordam quanto à data do evento. Mateus 2:3 afirma que foi durante o reinado de Herodes na Judéia. Então, ao dizer que o filho do rei era Arquelau (Mateus 2:22), o Herodes em questão é historicamente determinado como Herodes I, o Grande, que morreu no ano que atualmente classificamos como 4 a.C. Lucas 2:1-2 mostra um período alternativo, dizendo que Jesus nasceu no ano do censo judeano do imperador Augusto, quando Cirênio era governador da Síria. Basta olhar Antigüidades Judaicas, de Flávio Josefo, escrito no século I, para determinar que realmente houve um censo na Judéia realizado pelo senador romano Cirênio (Quirino) por ordem de César Augusto. Ele ocorreu no último ano de reinado do filho de Herodes, Arquelau, que foi deposto no ano 6.

O quadro bíblico geral é o seguinte: nem Marcos, nem João fazem qualquer referência à natividade ou à descendência genealógica de Jesus, enquanto Mateus e Lucas falam dos ancestrais da linha masculina até o pai de Jesus, José. Mateus afirma que Jesus nasceu em uma casa, enquanto Lucas não especifica o lugar; esses dois Evangelhos discordam em relação à data do acontecimento por, pelo menos, dez anos!

Essa discrepância de datas se explica pelo fato de que, de acordo com a tradição essênia, havia dois nascimentos relevantes a

considerar: o nascimento físico de um menino e seu nascimento comunal. Um filho, com efeito, "renascia" aos 12 anos quando, vestido com um manto simples, passaria por uma reinterpretação ritual do nascimento. Assim, simbolicamente, ele renasceria de novo e se instalaria, como iniciado, em sua posição na comunidade. Depois, a realeza merovíngia da Gália (França) seguiu uma prática similar, na qual o filho do rei tinha direito hereditário à realeza dinástica por meio de uma iniciação no seu 12º. aniversário. O costume essênio de nascimento comunal fica claramente evidente no Evangelho de Lucas 2:1-12, embora tenha sido completamente deturpado na tradução do século XVII. Conseqüentemente, a própria iniciação ritualística de Jesus foi cronologicamente confundida com seu nascimento físico.

Esse erro de tradução foi, por sua vez, responsável pela confusão cronológica que rodeia a história de como Jesus se atrasou no Templo quando foi a Jerusalém com seus pais (Lucas 2:41-50). Conta-se que na época Jesus tinha 12 anos, mas isso se deve relacionar ao chamado "12º. ano". Não são 12 anos após seu nascimento para o mundo, mas 12 anos após seu nascimento na comunidade. Na Páscoa daquele ano, Jesus devia ter 24 anos. Ele teria então passado de iniciado à vida adulta comunal plena, mas, em vez de acompanhar seus pais às celebrações relacionadas, ficou para trás, discutindo os negócios de seu pai, quer dizer, seu pai espiritual (o Pai da Comunidade), que naquela época era o sacerdote Eleazar Anás.

O cálculo que se segue é bem direto. Jesus tinha 12 anos em 6 d.C. Assim, o ano de seu nascimento seria 7 a.C, durante o final do reinado de Herodes, o Grande. Freqüentemente se diz que o ano do nascimento de Jesus foi 5 a.C. (por exemplo, na Oxford Concordance Bible). A primeira seqüência publicada de datas bíblicas apareceu no ano 526, calculada pelo monge Dionísio Exíguo. Segundo ele, Jesus nasceu no ano romano de 754 AUC (Anno Urbis Conditae, "anos após a fundação da cidade [de Roma]"). Essa era equivalente à data atribuída a 1 d.C. (em latim, Anno Domini — Ano de Nosso Senhor). Depois, decidiu-se que, uma vez que Jesus nasceu durante o reinado do rei Herodes, deve ter nascido antes da morte de Herodes, em 750

AUC, equivalente a 4 a.C. Portanto, o ano de nascimento de Jesus foi corrigido, nos registros, para 5 a.C, confundindo completamente as classificações já consagradas de a.C. e d.C. Porém, a data que Flávio Josefo atribui, em primeira mão, à natividade é mais precisa: 7 a.C.
Por causa disso, as recentes festividades do milênio em todo o mundo podem ter celebrado dois mil anos de um calendário romano arbitrariamente introduzido, mas estavam sete anos atrasadas para ter qualquer relação com o nascimento de Jesus.

Filho de Deus — Filho do Homem

Apesar do fato de o Evangelho de João não detalhar a natividade, João 7:42 apresenta uma importante revelação retrospectiva a respeito dos ancestrais de Jesus: "Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Davi e da aldeia de Belém, donde era Davi?" Além disso, a Epístola de São Paulo aos Romanos 1:3-4 se refere a "Jesus Cristo, nosso Senhor, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi; e foi designado filho de Deus". Novamente, em Marcos 10:47 e Mateus 22:42, Jesus é chamado "filho de Davi". Em Atos 2:30, Pedro (referindo-se ao rei Davi) chama Jesus "fruto de seus quadris, de acordo com a carne". Dessas anotações, junto com as listas genealógicas segundo a linhagem masculina que aparecem em Mateus e Lucas, fica bem claro que Jesus era de descendência humana direta do rei Davi. Além disso, São Paulo escreve que Jesus fora "designado" filho de Deus; enquanto na seqüência da anunciação, em Lucas 1:35, afirma-se da mesma maneira que Jesus seria "chamado" filho de Deus.
A descendência paterna davídica de Jesus fica ainda mais aparente em Hebreus 7:14, que conta sua nomeação para a ordem sacerdotal de Melquidezeque. Desde a época de Moisés e Aarão, apenas a tribo de Levi tinha o direito automático ao sacerdócio israelita. A tribo de Judá, que incluía Davi e sua dinastia até José, tinha o privilégio da realeza, mas não do sacerdócio. Ao escrever sua Epístola aos Hebreus, São Paulo esclarece o caso do novo estado sacerdotal de

Jesus da seguinte forma: "pois é evidente que Nosso Senhor procedeu de Judá, tribo à qual Moisés nunca atribuiu sacerdotes". (Hebreus 7:14). Logo antes disso, em Hebreus 7:12, observa-se que, para adaptar essa divergência aos costumes, "necessariamente há também mudança de lei". Ninguém diz nada acerca de Jesus ser capaz de fazer tudo o que quisesse por ser filho de Deus; apenas que a lei teve de ser corrigida por ele ter nascido na linhagem Davídica de Judá.

Ao ser questionado pelos outros a respeito de ser ou não filho de Deus, Jesus em geral evitava o problema. Em Mateus 26:63-64, quando o sumo sacerdote perguntou se ele era realmente o filho de Deus, Jesus replicou: "Tu o disseste" — insinuando que os sacerdotes o haviam dito, e não ele. Em Lucas 22:70, Jesus respondeu em termos virtualmente idênticos: "Então disseram todos: logo tu és o filho de Deus? E ele lhes respondeu: vós dizeis que eu sou". Em outras ocasiões, Jesus respondeu que era o filho do homem (como em Mateus 26:63-64).

A percepção de Jesus como filho físico de Deus vem do que outras pessoas dizem em relação a ele no texto. Por exemplo, João 20:31 afirma: "Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o filho de Deus". Algo parecido ocorre em Atos 9:20, quando se diz que Paulo pregou que Cristo era o filho de Deus. Há 45 observações semelhantes no Novo Testamento, que afirmam que Jesus era "designado", "denominado", "tido como", "era chamado" o filho de Deus. Alternativamente, há 90 menções a ele como "filho do homem", das quais a maioria foi feita pelo próprio Jesus.

Como já vimos, Adão foi o primeiro da linhagem a ser chamado "filho de Deus". O mais importante, no quadro geral, é que a Bíblia fala de certas pessoas merecedoras como "filhos de Deus", começando no Novo Testamento com as próprias palavras de Jesus em Mateus 5:9: "Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus". Novamente, como no caso de Jesus, a palavra principal é "chamados".

Considerando tudo, o termo "filho de Deus", como aplicado a Jesus, era uma descrição simbólica e figurativa, uma vez que sua linhagem física vinda do rei Davi é dada, em diversas ocasiões, como a realidade humana de sua posição. O mais importante é que toda a linhagem real de Davi era especialmente considerada como nascida de Deus, não Jesus individualmente. Essa premissa é apresentada em 2 Samuel 7:13-14, onde se diz que Deus proclamou a respeito do rei Davi: "Este edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino. Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho".

A Virgem e o Carpinteiro

É um bom momento para recapitular (ver "Doadora de Vida", p. 27) algumas coisas a respeito do pai de Jesus, José, identificado erroneamente na tradução como carpinteiro. Os textos gregos originais referem-se a ele pelo nome de ho tekton, derivado do termo aramaico naggar. Este termo não deve ser traduzido como "carpinteiro", mas como "artesão". Como observado pelo estudioso semita Dr. Geza Vermes, a palavra, descritiva, descreveria mais provavelmente um estudioso ou um mestre; certamente, não identifica José como um trabalhador da madeira — mais precisamente, define-o como um homem culto, com grandes habilidades em sua ocupação. Na prática, segundo as definições, no Antigo Testamento, de Tubal-Caim, Bezalel e Hirão da Fenícia, José pode ter sido um mestre artífice em metais na refinaria da Pedra de Fogo de Qumrân.
Um erro similar foi cometido com relação à mãe de Jesus, Maria, que os evangelhos modernos dizem que era virgem. Porém, a palavra semítica traduzida como "virgem" é almah que, na verdade, significa apenas "moça". A palavra comparativa que denotava a virgindade física era bethulah. Em latim, a palavra virgo significava, simplesmente, "solteira" e, para que tivesse a moderna conotação de "virgem", o nome latino precisaria ser qualificado com o adjetivo intacta (virgo intacta), denotando a ausência de experiência sexual.

A virgindade física atribuída a Maria fica ainda menos crível em relação à afirmação católica dogmática de que é "virgem eternamente", como estabelecido no Concilio de Trullo em 692. Não é segredo que Maria tinha outros filhos, como confirmado por todos os Evangelhos: "Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas?" (Mateus 13:55). Tanto em Lucas 2:7 como em Mateus 1:25, Jesus é citado como "filho primogênito" de Maria. Além disso, a citação de Mateus descreve Jesus como o "filho do carpinteiro" (ou seja, filho de José); Lucas 2:27 claramente se refere a José e Maria como "pais" de Jesus. Mateus 13:56 e Marcos 6:3 também indicam que Jesus tinha irmãs. Elas são nomeadas no Panarion e no Ancoratus, de Epifânio, como Maria, Salomé e Ana (Joana). Também se mencionam irmãs de Jesus no Protevangelion de Tiago, no Evangelho de Felipe e nas Constituições Apostólicas da Igreja. Nos Evangelhos do Novo Testamento, elas aparecem na cruz e no túmulo de Jesus, junto com Maria Madalena. Maria e Salomé aparecem, por exemplo, em Marcos 15:47, enquanto Joana e Maria aparecem em Lucas 24:10. Nessas e em outras listas evangélicas (seis ao todo), Maria Madalena é sempre a primeira nomeada, figurando como a "primeira-dama": a rainha messiânica.

A irmã de Jesus, Maria (conhecida como Maria de Tiago ou, mais popularmente, Maria Jacó) acompanhou Maria Madalena à Gália no ano 44, como o detalhado em Os Atos de Madalena e no antigo manuscrito História da Inglaterra nos arquivos do Vaticano. Santa Maria Jacó foi uma sacerdotisa nazarena, que ficou mais conhecida na Europa como Maria, a Egípcia. Na Inglaterra, seu culto era difundido na época medieval; é retratada como uma sereia ao lado de Maria Madalena em uma janela na igreja de Santa Maria, em Paris.

Queimando as Provas

Além de contar o casamento, em Betânia, de Jesus e Maria Madalena, A Linhagem do Santo Graal oferece pormenores a respeito dos nascimentos subseqüentes de seus filhos e da história da família do Graal daí em diante. Vale a pena detalhar aqui uma seqüência relativa a essa família: a perseguição oficial que assolou as gerações dos herdeiros da família messiânica. Este assunto trouxe particular interesse aos leitores por não ser divulgado nos ensinamentos estabelecidos da história romana imperial.

Em seguida à revolta judeana no século I e à pilhagem de Jerusalém pelo general Tito no ano 70, conta-se que os senhores romanos destruíram todos os registros a respeito do legado davídico da família de Jesus. A destruição, porém, não foi completa; documentos relevantes foram guardados pelos herdeiros messiânicos, que trouxeram a herança da terra sagrada para a Europa ocidental.

Escrevendo por volta de 200 d.C, o cronista Júlio Africano de Edessa relembra como ondas de refugiados haviam saído de Jerusalém e da Judéia para perpetuar sua tradição nas fronteiras norte da Mesopotâmia, da Síria e do sul da Turquia. Conhecido como "pai da cronografia cristã", Africanus construiu sua reputação traduzindo para o latim uma série de trabalhos em aramaico do discípulo do século I, Abdias, o representante nazareno na Babilônia. Os Livros de Abdias somavam dez volumes de história apostólica narrada em primeira mão. Porém, como tantos testemunhos oculares importantes da época, seu conteúdo foi rejeitado pelo Concilio de Cartago, em 397 d.C. para a inclusão no cânone cristão.

Em sua História Eclesiástica, Eusébio de Cesaréia confirmou, a partir dos escritos de Africanus, que os herdeiros messiânicos eram chamados Desposyni — grego antigo para "herdeiros do [ou pertencentes ao] Senhor [ou ao Mestre]". Esta era uma denominação consagrada, reservada exclusivamente para aqueles da mesma descendência de Jesus. A palavra não é encontrada em nenhum outro contexto; Africanus chegou a ter dificuldades para explicá-la em seu

relato. O termo Desposyni, aparentemente, era limitado aos parentes imediatos de Jesus e de seus herdeiros, assim como, em nossos dias, poderíamos determinar o ponto central de uma família real dinástica.
Os anais explicam que, no tempo do rei Herodes Antipas, documentos de registros genealógicos relacionados à família de Jesus foram queimados por ordem do rei. Depois, quando as legiões destruíram Jerusalém, os governadores romanos mandaram queimar todos os registros messiânicos para evitar futuro acesso aos detalhes da árvore genealógica da família. Por tudo isso, Africanus confirmou que "algumas pessoas cuidadosas mantêm registros particulares consigo... e têm orgulho de preservar a memória de sua origem aristocrática". Entre esses estão os Desposyni da família do Salvador.
O historiador palestino do século II, Hegesipo, relata, em suas Hypomnenata (Memórias), que o imperador Vespasiano (69-79 d.C.) chegou a ordenar que nenhum membro da Casa Messiânica deveria ser deixado vivo e que "todos os descendentes do rei Davi deviam ser caçados".
Eusébio confirma que, apesar dessa perseguição, os líderes Desposyni tornaram-se os chefes de suas seitas por meio de uma estrita progressão dinástica. Mas, sempre que possível, eram perseguidos até a morte, caçados como foras-da-lei e passados a fio de espada por ordem imperial. Hegesipo escreveu também que, após Vespasiano, durante o reinado do imperador Domiciano (81-96 d.C.), a execução de todos os Desposyni foi ordenada por decreto imperial. Entre os capturados estavam Zoker e Tiago, filhos do irmão de Jesus, Judas. O mesmo é contado por Hegesipo durante o reinado subseqüente do imperador Trajano (110 d.C.), quando o Desposynos Simeão foi crucificado por pertencer à família do Senhor!
O Irmão Malachi Martin (professor jesuíta que posteriormente serviu em Roma com o cardeal Augustine Bea e o papa João XXIII) conta que, em 318 d.C. uma delegação Desposyni viajou a Roma onde, no recém-consagrado Palácio Laterano, o bispo Silvester recebeu-os em audiência. Por intermédio de seu porta-voz principal, Joses, os delegados declararam que a Igreja deveria, por direito, estar

centralizada em Jerusalém, não em Roma. Alegaram que o bispo de Jerusalém deveria ser um Desposynos hereditário da família do Salvador, e que os bispos de outros centros principais — como Alexandria, Antioquia e Éfeso — também deveriam ter algum parentesco com eles. Seus pedidos, naturalmente, foram em vão, pois Silvester não estava em posição de desmandar os decretos do imperador Constantino. Os homens foram devidamente avisados de que os ensinamentos de Jesus haviam sido substituídos por uma doutrina mais submissa às exigências imperiais e que o poder de salvação não estava mais em Jesus, mas no próprio imperador!

Jornada de Madalena

Ao estabelecer a nova Igreja Romana em uma forma híbrida, distintamente diferente do Cristianismo primitivo, os bispos do imperador Constantino introduziram regras específicas de operação. Uma delas foi a regra do celibato, nascida no século IV, que se tornou uma lei canônica em 1138 e que persiste até hoje. Contradizia diretamente a declaração de São Paulo, em 2 Timóteo 3:2-5, de que um bispo deveria ter uma esposa e filhos, pois um homem que tem sua própria família está mais qualificado para cuidar da Igreja. Embora os bispos tenham escolhido preservar os ensinamentos de Paulo em termos gerais, preferiram ignorar essa instrução explícita para que o estado marital do próprio Jesus pudesse ser ignorado.
Ao mesmo tempo, no exame do Novo Testamento em 367 d.C. diversos textos do Evangelho não foram selecionados porque defendiam a posição da mulher na Igreja e na sociedade comunal. Conseqüentemente, dentre dúzias de textos da seleção original, apenas quatro Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João) foram reconhecidos pela nova Igreja. Os títulos de cerca de 50 dos Evangelhos originais são conhecidos e existem ainda textos de 20 deles. Entre os mais conhecidos estão os Evangelhos de Felipe, Tomé e Maria Madalena, descobertos em Nag Hammadi, Egito, em 1945.

A mais destacada entre as companheiras femininas de Jesus era Maria Madalena. Textos cristãos primitivos descrevem-na como "a mulher que conhecia tudo em Jesus". A ela, "Cristo amou mais do que a todos os discípulos"; era ela o apóstolo "dotado de conhecimento, visão e discernimento, muito mais do que Pedro", e era a noiva amada que ungiu Jesus no Casamento Sagrado (o Hieros Gamos) em Betânia. Nascida da importante família hasmoneana, Maria era a chamada Magdal-eder — a torre de vigia do rebanho — que era sempre associada à sabedoria (Sophia), simbolizada pelo sol, a lua e um halo de estrelas. Acreditava-se que a gnose feminina da deusa Sofia era representada na Terra pela Madalena, que se exilou na Provença, França, trazendo o filho de Jesus. Em Apocalipse 12:1-17, São João fala de Maria e seu filho, descrevendo sua perseguição, sua fuga e a caça contínua ao "restante da sua descendência", que estava entre os Desposyni.

Por causa dos herdeiros de Maria Madalena, que se opuseram à sucessão apostólica da Igreja papal de Roma, dominada pelos homens, as mulheres foram vetadas na ordenação católica. As mulheres, excetuando-se a mãe de Jesus, foram relegadas a uma posição de insignificância, e mesmo à Maria mãe (embora reverenciada) negou-se qualquer posição eclesiástica, sendo ao mesmo tempo designada como virgem. Por essa estratégia, os herdeiros de Jesus eram eclipsados e os bispos eram capacitados a reforçar a sua pretensão à autoridade sagrada por meio de um legado forçado vindo de São Pedro.

A Vida de Maria Madalena, de Raban Maar (776-856), arcebispo de Mayence (Mainz) e abade de Fuld, incorpora muitas tradições acerca de Maria vindas de tempos remotos. Uma cópia do manuscrito de Maar foi revelada na Universidade de Oxford, no início do século XIII, e seu trabalho foi citado na Chronica Majora, de Matthew Paris, por volta de 1190. Está também listado na Scriptorum Ecclesiasticorum Historia Literária Basilae, em Oxford. Santa Maria Madalena, do frade dominicano Père Lacordaire (publicado após a Revolução Francesa), é um trabalho particularmente informativo, como La Legende de

Sainte Marie Madeleine de Jacobus de Voragine, arcebispo de Gênova (n. 1228). Tanto de Voragine quanto Maar afirmam que a mãe de Maria, Eucária, vinha da Casa Real Hasmoneana de Israel.
Outro trabalho importante de Jacobus de Voragine é o famoso Legenda Áurea, um dos primeiros livros impressos em Westminster, Londres, por William Caxton, em 1483. Anteriormente publicado em francês e latim, William persuadiu Caxton, conde de Arundel, a produzir uma versão inglesa dos manuscritos europeus. É uma coleção de crônicas eclesiásticas que detalham as vidas de algumas figuras sagradas. Altamente venerado, o trabalho teve leituras públicas, em bases regulares, enunonastérios e igrejas medievais. Uma narrativa particular da Legenda conta a jornada de Maria Madalena à Gália, junto com Lázaro, São Máximo, Maria Jacó e outros, tendo desembarcado próximo a Marselha. O mais ativo dos cultos à Madalena era baseado em Rennes-le-Château, na região de Languedoc. Em toda a França havia muitos santuários de Sainte Marie de Madeleine. Entre eles, o lugar do seu sepultamento em St. Maximus, onde seu sepulcro e um túmulo de alabastro eram guardados por monges cassianitas.
Em dezembro de 2001, o oratório gnóstico As Bodas de Canaã (que conta a história da vida de Maria Madalena) teve sua estréia mundial na Ópera Real de Londres, em Covent Garden; tive a oportunidade de escrever esse libreto, baseado em A Linhagem do Santo Graal, acerca da música composta por Jaz Coleman, compositor contratado da Orquestra Sinfônica de Praga. Nesse evento da Ópera, foi exibida uma pintura de Andrew Jones, especialmente elaborada, retratando a chegada histórica de Maria Madalena na costa da Provença. Intitulada La Dompna dei Aquae (A Grande Dama das Águas), esse belo trabalho pode ser visto na prancha 23.

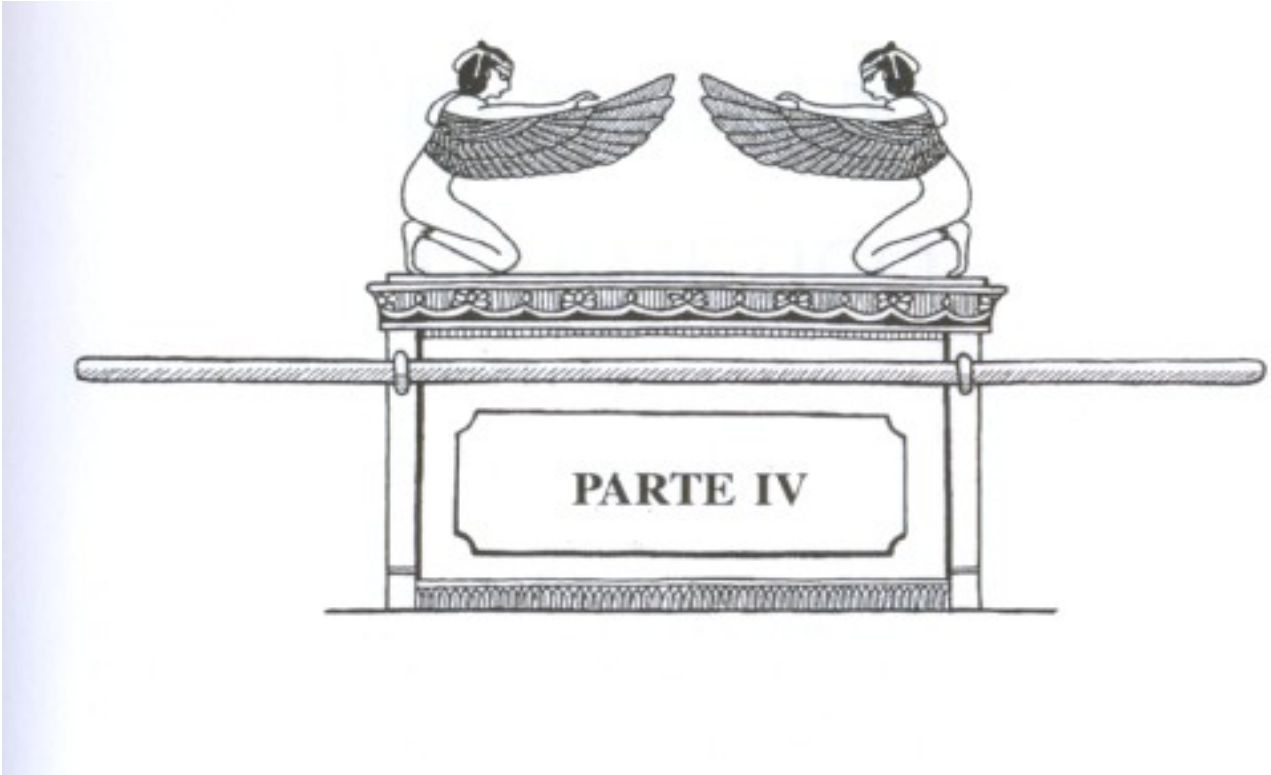
Um Nobre Artífice

Se Jesus tivesse sido julgado e punido por seu suposto crime contra o estado da Judéia, por que seus parentes e herdeiros de gerações posteriores teriam sido perseguidos e oprimidos por todo o Império?
Em certos círculos, a família era extremamente influente e oferecia uma ameaça significativa à estrutura imperial — mas havia mais coisas. O irmão de Jesus, Tiago, fora o bispo nazareno de Jerusalém e, sendo o segundo filho, recebera a distinção comunal de "José", sendo Jesus identificado como o "Davi". Todos os principais dinastas da linhagem eram individualmente classificados como Dâvidum da Casa do Pão (Beth-le-hem). (Ver "O Projeto da Pedra de Fogo", p. 137.) Tiago herdou a distinção de "José", tornando-se a Alteza Divina (o equivalente atual do príncipe coroado: Alteza Real). Como tal, ele era, nos termos da comunidade nazarena, o José ha Rama-Theo, tornando-se mais conhecido na transliteração fonética como José (de) Arimatéia.
Fora da Bíblia, era conhecido como artífice de metais — um ho tekton: "mestre artesão", como seu pai e como Bezalel, Hirão e outros da tradição da Pedra de Fogo. Registra-se que era um noblis decurion (nobre decurião) e, enquanto os centros de Maria Madalena eram estabelecidos no sul da França, José/Tiago conseguia um bom pedaço de terra isenta de impostos em Glastonbury, Inglaterra. Decurião era o guardião das propriedades mineiras; sua terra lhe foi concedida pelo rei Arviragus, irmão de Caractacus, Pendragon da Ilha (Pen Draco Insularis). Sua dinastia era chamada Casa de Camu-lôt ("luz curva" — mais tarde, romanticamente adulterado como Camelot).
A filha de José, Ana, casou-se na dinastia de Camu-lôt, cujo emblema da luz curva era um arco-íris, e deles veio uma grande linhagem de reis celtas. Nesse período, na Gália, a Casa Sacerdotal de Jesus e Maria Madalena se tornou conhecida como Reis Pescadores — e acabou por encontrar a monarquia francesa. Foi a partir desse enredo que veio a mais romântica das tradições, pois se conta que Maria e

José haviam trazido consigo o maior de todos os tesouros: o Santo Graal.
O Graal era muitas coisas (físicas e espirituais), mas, em uma forma ou outra, sempre representava o Sangue Real: o Sangréal messiânico de Judá. Por essa mesma razão, o conceito do Santo Graal permaneceu além do alcance da compreensão, porque a raiz de seu significado dinástico não era de conhecimento comum, uma vez que fora suprimida pela Igreja no início da Idade Média. Em geral, refere-se a esse período como Idade das Trevas; uma era sobre a qual pouco se conhece historicamente, especialmente nos domínios célticos. Isso não significa que não houvesse ninguém escrevendo história, mas que a maior parte dos registros genuínos daquele período foi confiscada e destruída, sendo suplantada pelas composições com tendências religiosas de monges com interesses predeterminados. Seu dever era apoiar e promover os recém-estabelecidos dogmas da Igreja, sem levar em conta a verdade. Felizmente, muitas crônicas anteriores à Igreja, do século I ao IV, sobreviveram, enquanto alguns bravos clérigos de tempos posteriores preferiam manter o romance tradicional dos registros anteriores, em desafio à doutrina oficial.
O termo Graal derivou do Grã-al da antiga Mesopotâmia, chamado "o néctar da suprema excelência" e Ouro dos Deuses (ver "Reino dos Gênios", p. 116). Os corpos leves (os Ka) dos antigos reis sumérios haviam sido alimentados com o Graal, que era substituído, no Egito, na Babilônia e na Assíria pela Pedra de Fogo superior, o shem-an-na, o mfkzt: o pó branco de ouro.
Essa era, então, a grande ameaça apresentada à Roma imperial e à Igreja Romana pelos Desposyni. Apesar de todo o poder militar dos imperadores e da subseqüente autoridade dos papas, eles ainda não tinham o grande segredo de Camu-lôt; e sua principal demanda era a mesma que sempre havia sido: obter a Arca da Aliança. Nessa época, a antiga Ordem de Jerusalém dos Guardas do Templo de Jeremias havia dado à luz reis irlandeses e escoceses, descendentes de Tamar (filha do rei Zedequias), que ele levara em segurança para a Irlanda

(ver "Guardiães do Destino", p. 146). Por fim, com seus primos merovíngios reinando na França, o grande rei Artur mac Aedàn, de Dalriada (as Highlands Ocidentais), constituiu a Ordem Sangréal da Távola Redonda como os guardiães figurativos da Relíquia Sagrada em 574 d.C.

Por volta de 751, o papa Zacarias expulsara os Reis Pescadores merovíngios para instalar uma dinastia de sua própria escolha na França. Mas isso não foi de grande utilidade e, em 807, o rei Eocaide IV dos Scot (sexta geração descendente do irmão de Artur) concluía um tratado de aliança com o novo imperador, Carlos Magno dos francos. Naquela época, a Pedra de Unção de Betel (a Pedra do Destino) já estava na Escócia havia muito tempo, junto com o registro arcano, feito por Jeremias, das catacumbas do Templo (muito provavelmente trazido pela missão irlandesa-escocesa de São Columba). Esse teria sido o momento perfeito para recuperar a Arca, já que o Império Romano entrara em colapso e a aliança Desposynica franco-escocesa era forte. Jerusalém estava, porém, sob controle muçulmano (já havia algum tempo) e uma maravilhosa mesquita havia sido construída no lugar do antigo Templo — ele estava, portanto, inacessível.



PARTE IV

15
RENASCIMENTO HERMÉTICO
Cavaleiros do Templo

Em seguida à destruição de Jerusalém e do Templo pelo general Romano Tito em 70 d.C. os habitantes espalharam-se, deixando a cidade em ruínas por mais de seis décadas. Em 132, o imperador Adriano iniciou um plano de reconstrução, destinando o antigo Monte do Templo a um Templo dedicado a Júpiter. Isso deu início a uma malsucedida revolta judaica sob a liderança do guerrilheiro Shimon Bar-Kockba, no fim da qual os judeus sobreviventes foram banidos ou vendidos como escravos. Daí em diante, estudos e devoção judaica foram declarados ofensas capitais e Jerusalém foi renomeada como Aelia Capitolina pelos romanos.

Após o colapso, no século V, da Roma imperial, Jerusalém caiu sob pleno controle das autoridades bizantinas. Foi posteriormente conquistada pelos persas e em seguida pelas forças do recém-estabelecido islã, sob o califa Omar ibn Al-Khattab, em 638. Ele construiu uma mesquita (depois chamada mesquita El-Aqsa) no lugar do antigo Templo e, em seguida, o santuário Domo da Rocha (atualmente o principal ponto de referência israelense) foi construído na Rocha de Davi, no Monte Moriá. Terremotos subseqüentes danificaram ambas as construções, que necessitaram de restaurações e melhorias. Nesse tempo, os cristãos tiveram permissão de continuar a usar suas igrejas, em particular a Igreja do Santo Sepulcro, do século IV. Os judeus também foram readmitidos e puderam construir sinagogas. Haviam perdido o seu Monte do Templo e a Rocha Moriá para instituições muçulmanas, mas viviam em razoável harmonia com seus vizinhos. Talvez tenham sido humilhados pelo Islã, mas os muçulmanos não os perseguiam ou assassinavam como haviam feito os romanos imperiais e os cristãos bizantinos.

Quando turcos Seljúcidas invadiram Jerusalém, em 1077, representando ao mesmo tempo uma severa ameaça ao imperador bizantino Aléssio I, houve uma mudança importante. Essas tribos do Turquestão haviam entrado na Ásia Menor e adotado a fé islâmica, mas seu sultão, Malik Shah, desafiou a supremacia muçulmana dos califas (sucessores de Maomé). Isso causou grande consternação nos muçulmanos do Califado, assim como para judeus e cristãos. Como resultado, os príncipes da Europa ocidental decidiram tomar Jerusalém sob seu controle.

Sua cruzada militar foi iniciada em 1095, quando o papa Urbano II reuniu um formidável exército, liderado pelos melhores cavaleiros da Europa. Eram coordenados por Ademar, bispo de Le Puy. Na vanguarda estava Roberto, duque da Normandia, com Estêvão, conde de Blois, e Hugo, conde de Vermandois. O contingente flamengo era comandado por Roberto, conde de Flandres, e incluía Eustácio, conde de Boulogne, com seus irmãos Godofredo de Bulhões e Balduíno. O

sul da França era representado por Raimundo de St. Gilles, conde de Toulouse.
Godofredo de Bulhões era o duque da Baixa Lorena. Chegara ao título por intermédio de sua famosa mãe, Santa Ida, de quem ganhara o castelo e as terras de Bulhões, propriedades que hipotecou ao bispo de Liège para iniciar sua campanha na Terra Santa. Na época da organização da primeira cruzada, Godofredo tornara-se seu principal comandante; após seu sucesso contra os Seljúcidas, em 1099, foi proclamado rei de Jerusalém. Apesar disso, preferiu não usar a dignidade de rei, assumindo em vez disso a distinção alternativa de Defensor do Sagrado Sepulcro.
De todas as oito Cruzadas, que continuaram até 1291 no Egito, na Síria e na Palestina, apenas a primeira, a de Godofredo, foi de alguma utilidade; mas, mesmo essa, foi desfigurada pelos excessos das tropas responsáveis, que usaram sua vitória como desculpa para o massacre de muçulmanos nas ruas de Jerusalém. Não apenas Jerusalém era importante para os judeus e cristãos, porém se tornara a terceira Cidade Santa do Islã, após Meca e Medina. Como tal, a cidade até hoje está no cerne de contínuas disputas.
A segunda cruzada para Odessa, liderada por Luiz VII da França e pelo imperador alemão Conrado III, fracassou miseravelmente. Então, cerca de cem anos após o sucesso inicial de Godofredo, Jerusalém caiu sob o poder de Saladino do Egito, em 1187. Foi o que engatilhou a terceira cruzada de Felipe Augusto, da França, e Ricardo Coração de Leão, da Inglaterra, que, entretanto, não conseguiram recuperar a Cidade Santa. A quarta e a quinta Cruzadas concentraram-se em Constantinopla e Damieta. Jerusalém foi retomada brevemente dos sarracenos após a sexta cruzada do imperador Frederico II, mas finalmente concedida ao sucessor de Saladino em 1244. Luiz IX liderou então a sétima e a oitava Cruzadas, mas ficou longe de reverter a situação. Por volta de 1291, a Palestina e a Síria estava firmemente sob controle muçulmano e as Cruzadas haviam terminado.
Durante essa era das Cruzadas, diversas ordens cavalheirescas emergiram, incluindo a Ordem de Sião, fundada por Godofredo de

Bulhões em 1099. Havia também os Cavaleiros Protetores do Santo Sepulcro e os Cavaleiros Templários. Logo depois de seu triunfo em Jerusalém, Godofredo de Bulhões morreu, em 1100, tendo sido sucedido por seu irmão caçula, Balduíno de Boulogne. Após dezoito anos, Balduíno foi seguido, em 1118, por seu primo, Balduíno II do Bourg. De acordo com relatos ortodoxos, os Cavaleiros Templários foram fundados naquele ano como Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão. Conta-se que os fundadores foram um grupo de nove franceses que fizeram voto de pobreza, castidade e obediência e juraram proteger a Terra Santa. O historiador franco Guillaume de Tyre escreveu na época das Cruzadas (c.1180) que a função dos Templários era proteger as estradas para os peregrinos. Mas, dada a grandiosidade de tal obrigação, é inconcebível que os nove pobres homens tivessem sucesso sem alistar novos recrutas até sua volta à Europa, em 1127. Na verdade, havia muito mais na Ordem do que Guillaume contou.

Os Cavaleiros, na verdade, já existiam havia alguns anos antes de sua suposta fundação por Hugo de Payens, primo e vassalo do conde de Champagne. Sua função certamente não era patrulhar estradas; o cronista do rei, Fulk de Chartres, não os retrata dessa maneira. Eles eram diplomatas da linha de frente de Godofredo em um ambiente muçulmano; em 1114, o bispo de Chartres os chamou Milice du Christi (soldados de Cristo). Em 1118, os Grandes Cavaleiros Templários de Santo André (príncipes guardiães do segredo real), especialmente delegados, foram instalados no palácio de Balduíno II, que ficava na mesquita de El-Aqsa, no lugar do antigo Templo de Jerusalém. Quando Balduíno moveu seu quartel-general para a cidadela abobadada na Rocha de Davi (que na época era um santuário cristão chamado Templum Domini), a mesquita foi deixada inteiramente para os Cavaleiros. Sua missão era escavar o sítio para encontrar o tesouro que fora escondido por Jeremias e os guardas do Templo de Hilquias havia mais de 1.700 anos. No fundo da mesquita, estava o complexo original das catacumbas, que permanecera lacrado e intocado desde os tempos bíblicos e que São Bernardo sabia conter a

riqueza da Jerusalém do Antigo Testamento, incluindo a Arca da Aliança.
Hugo de Payens foi designado comandante do projeto, com o cavaleiro flamengo Godofredo Saint Omer como seu segundo encarregado. Outro recruta era André de Montbard, parente do conde da Burgundia. Em 1120, Fulk, conde de Anjou (pai de Geoffrey Plantagenet, progenitor dos reis Plantagenetas da Inglaterra), também se juntou à Ordem, seguido em 1124 pelo suserano de De Payen, Hugo, conde de Champagne. O padroeiro e protetor dos Templários era o abade cisterciense São Bernardo de Clairvaux, parente do conde de Champagne. Na verdade, foi nas terras doadas pelo conde que Bernardo construiu o monastério cisterciense de Clairvaux em 1115. Ao contrário da crença popular, os Cavaleiros não eram nada pobres e certamente não há registro de que esses ilustres nobres defendessem as estradas infestadas de beduínos para benefício dos peregrinos. A tarefa de atender aos viandantes era na verdade realizada pelos Cavaleiros Hospitalários de São João de Jerusalém. Enquanto a cruz Templária era vermelha sobre fundo branco, os Hospitalários usavam um esquema de cores diferentes (prata sobre preto) e o mesmo desenho octogonal. Seu hospital para peregrinos em Jerusalém fora fundado antes das Cruzadas, por volta de 1050.

Concílio da Arca

Por volta de 1127, a busca dos Templários terminara. Haviam encontrado não apenas a Arca, mas uma quantidade inimaginável de ouro em barras e tesouros ocultos, dos quais grande parte havia sido estocada em segurança, no subterrâneo, muito depois do tempo de Hilquias, antes da invasão romana no século I. Em As Histórias (da Roma imperial), o senador Cornélio Tácito relembra a surpresa de Pompeu, o Grande, dizendo que, quando ele entrou no Templo em 63 a.C. "o santuário estava vazio e o Santo dos Santos desocupado".
À luz do sucesso esmagador dos Templários, Hugo de Payens recebeu uma intimação de São Bernardo para reunir um conselho em

Troyes. Ele seria presidido pelo embaixador papal, o cardeal legado da França. Hugo e uma companhia de Cavaleiros deixaram devidamente a Terra Santa com sua auspiciosa descoberta, e São Bernardo anunciou que a missão de Jerusalém fora completada. Temendo que as autoridades do Vaticano tivessem a intenção de confiscar o que eles haviam encontrado, escreveu: "O trabalho foi cumprido com nossa ajuda e os Cavaleiros foram enviados em uma jornada através da França e da Burgundia, sob a proteção do conde de Champagne, onde todas as precauções podem ser tomadas contra quaisquer interferências de autoridades públicas ou eclesiásticas".
A Corte de Champagne, em Troyes, estava bem preparada para o trabalho de tradução críptica que se seguiria e, prontamente, financiara uma influente escola de estudos judaicos. O grande conselho reuniu-se em 1128, quando os Templários receberam o status internacional de Ordem soberana, enquanto seus quartéis-generais de Jerusalém se tornaram o gabinete de governo da cidade. Por causa de São Bernardo, os Cavaleiros foram devidamente estabelecidos como uma Ordem Cisterciense e Hugo de Payens foi formalmente instaurado como Grão-Mestre. São Bernardo posteriormente pregou a segunda cruzada em Vézelay para o rei Luís VII e uma congregação de cem mil pessoas; seu juramento constitucional dos Cavaleiros Templários requeria a "Obediência de Betânia: o castelo de Maria e Marta”. Em devido acordo, a grande basílica de Santa Maria Madalena foi construída em Vézelay.
Em seguida ao Concilio de Troyes, a notoriedade dos Templários cresceu rapidamente, pois eles se envolveram em política e diplomacia de alto nível na Europa e no Oriente Médio. Apenas onze anos depois, em 1139, o papa Inocêncio II (outro cisterciense) concedeu aos Cavaleiros independência internacional quanto a obrigações a quaisquer autoridades, exceto ele próprio. Sem levar em consideração reis, cardeais ou governos, o único superior da Ordem era o papa; eles receberam os vastos territórios e muitas propriedades, da Bretanha à Palestina. A Crônica Anglo-Saxã declara que, quando Hugo de Payens visitou Henrique I da Inglaterra, "o rei

recebeu-o com muita honra e lhe deu ricos presentes". O rei espanhol, Alfonso de Aragão, repassou um terço de seu reino para a Ordem e toda a cristandade estava a seus pés.

Notre Dame

Quando se espalharam as notícias da incrível descoberta dos Templários, os Cavaleiros foram reverenciados por todos e, além de toda a sua riqueza trazida de Jerusalém, receberam grandes doações de muitos lugares. Nenhum preço era alto demais para assegurar a filiação. Após uma década de seu retorno, eram o corpo mais influente que o mundo já conheceu. Porém, apesar das prodigiosas propriedades da Ordem, os Cavaleiros individuais eram amarrados a um voto de renúncia. Não importava a sua situação, o Templário era obrigado a renunciar a suas posses — mesmo assim, os filhos da nobreza concorriam para se juntar à Ordem. Com tantas reservas, os Templários estabeleceram a primeira rede internacional de bancos, tornando-se financistas no Levante e de praticamente todos os tronos na Europa.

Conforme a Ordem ascendia, a fortuna dos cistercienses crescia em paralelo e, após 25 anos do Concilio de Troyes, eles podiam gabar-se de possuir mais de 300 abadias. Mas não parou por aí, pois o povo da França testemunhou o mais surpreendente dos resultados da tecnologia encontrada pelos Templários. Silhuetas de cidades começaram a mudar dramaticamente, quando suas grandes catedrais de Notre-Dame, com arcos góticos majestosos, emergiram da terra. A arquitetura era fenomenal — impossível, dizem alguns, e ainda desconcertantes para arquitetos de hoje em dia. As ogivas pontudas atingiam alturas incríveis, alcançando espaços até então insuperáveis, com contrafortes voadores e abóbadas com suportes muito finos. Tudo se dirigia para cima e, apesar dos milhares de toneladas de pedra ricamente decorada, a impressão geral era de mágica ausência de peso. Utilizando geometria hirâmica e técnicas levitacionais de

tempos muito distantes, os pedreiros construíram os mais belos monumentos sagrados para agraciar o mundo cristão.
As catedrais eram principalmente trabalho dos Filhos de Salomão — uma guilda de pedreiros especializados, instruídos no conhecimento arcano recentemente adquirido da Ordem Cisterciense de São Bernardo. Como explicado pelo hermético francês do século XIX, Fulcanelli, o desenho era chamado gótico (Art Gothique ou Argot) por causa da langue argotique: a linguagem dos guardiães do Velo de Ouro, que se dedicavam à alquimia de transmutação. São Bernardo traduzira a geometria secreta dos pedreiros do rei Salomão, que haviam sido iniciados em graus de conhecimento e competência por seu próprio mestre, Hirão (artesão fenício de Tiro). Por causa disso, Hirão estava destinado a tornar-se uma figura-chave simbólica na maçonaria, Hirão Abiff, que significa Pai Excelente.
As catedrais, construídas sobre locais em que as forças telúricas eram ampliadas por profundas cavernas ou poços subterrâneos, foram todas iniciadas ao mesmo tempo, embora algumas tenham levado mais de um século para serem terminadas. Notre-Dame de Paris foi iniciada em 1163, Chartres em 1194, Reims em 1211 e Amiens em 1221. Havia outras da mesma época em Bayeux, Abbeville, Rouen, Laon, Evreux e Etampes. De acordo com o princípio hermético "em cima como embaixo", a planta baixa combinada das catedrais de Notre-Dame reproduzem a constelação de Virgem.
Entre as autoridades da história de Chartres, destaca-se Louis Charpentier, cuja pesquisa e escritos ajudaram a compreender a arquitetura gótica. Ele conta que, em Chartres, as correntes telúricas terrestres estão em seu ponto mais alto e o sítio foi reconhecido por sua atmosfera divina, mesmo na época druídica. O local de Chartres é tão venerado que é a única catedral a não ter nenhum rei, bispo, cardeal, cânone ou qualquer um enterrado embaixo dela. Originalmente, era um sítio pagão, dedicado à deusa-mãe — um lugar para onde peregrinos viajavam, muito antes do tempo de Jesus. Seu altar era estrategicamente erigido acima da Grotte des Druides, que

abrigava um dólmen sagrado, que supostamente assinalava o Útero da Terra.
Um dos maiores mistérios da arquitetura gótica é o vitral usado nas janelas de catedrais. Esse tipo particular de vidro surgiu pela primeira vez no início do século XII, mas desapareceu repentinamente cem anos depois. Nunca se vira nada assim e, desde então, nunca mais se viu algo parecido. Não apenas a luminosidade do vidro gótico é maior que nos das outras escolas, mas suas qualidades de intensificação da luz são muito mais efetivas. Mesmo ao crepúsculo, esse vidro mantém seu brilho, muito mais do que qualquer outro. O verdadeiro vidro gótico tem também o poder de transformar raios ultravioleta danosos em luz benéfica, mas o segredo de sua manufatura nunca foi revelado, embora se diga que era produto da alquimia hermética. Para aperfeiçoar o vidro, chamaram-se matemáticos filosóficos persas da escola de Ornar Khayyãm. Eles diziam que seu método incorporava o Spiritus Mundi: a respiração cósmica do universo. Atualmente se sabe que essa era a luz branca da Pedra Filosofal, pois seu vidro era feito de metais de alto spin (muitas das janelas vistas nas catedrais de Notre Dame, hoje, não são do verdadeiro vidro gótico; são substituições e doações de outras igrejas após os grandes danos da Segunda Guerra Mundial). Semelhante ao pavimento de cristal de Moisés em Êxodo 24:10, uma referência a esse respeito pode ser encontrada no livro do Apocalipse 21:18, 21, que afirma, em relação à Jerusalém cósmica: "Também a cidade é de ouro puro, semelhante ao vidro límpido... a praça da cidade é de ouro puro, como vidro transparente".
Como já mencionado (ver "O plano de Shar-On", p. 113), o peso ideal do pó de mfkzt (a Pedra Filosofal) é de 56% do peso do metal a partir do qual ele foi transmutado, sendo que os outros 44% se tornam pura luz branca. Quando o pó branco de um metal nobre (ouro ou um PMG) é sujeito a um aquecimento específico, transforma-se imediatamente em vidro; o metal utilizado determinará a cor e as qualidades individuais do vidro. Não apenas um vidro maravilhosamente claro é produzido por esse método, como os 44% de luz que faltam (o Spiritus

Mundi) podem ser recolocados no vidro, que volta a ter seu peso metálico ideal de 100%. Isso demonstra que os 44% nunca desaparecem realmente: simplesmente passam para o estado de ausência de peso além do plano mortal: a dimensão conhecida pelos antigos como o Plano de Shar-On (o Reino das Orbitas da Luz).

Em 1989, Antoine Faivre, professor da Ecole Practique des Hautes Etudes na Universidade de Sorbonne, Paris, falou do Spiritus Mundi na conferência holandesa de alquimia em Groningen. Ele citou o hermético alemão Hermann Fictuld que, em sua publicação de 1749, Aureum Vellus, descreveu o Spiritus Mundi como o ambiente natural do "ouro astral", como representado na lenda do Velo de Ouro.

Além do tesouro de Jerusalém, os Templários também encontraram uma grande fonte de antigos manuscritos hebraicos e aramaicos, trazendo relatos em primeira mão que não haviam sido editados ou adulterados por nenhuma autoridade eclesiástica. Suas descobertas documentais foram substanciais, incluindo diversos livros da Pérsia e do Oriente. Havia antigos trabalhos essênios anteriores a Jesus Cristo e volumes de filósofos árabes e gregos — todos destinados a serem condenados pela Igreja. Havia também volumes acerca de numerologia, geometria, arquitetura e música, além de manuscritos que tratavam de metais e ligas. Ao todo, os Templários voltaram à Europa com o conhecimento combinado de milhares de anos de estudo, todos escritos para a posteridade.

Sabendo disso, além do fato de que os Cavaleiros subseqüentemente se recusaram a carregar a cruz latina (que viam como instrumento de tortura), pensava-se que eles possuíam uma percepção que ofuscava o Cristianismo convencional — uma percepção que permitia a eles a certeza de que a Igreja interpretou mal tanto o nascimento da virgem quanto a ressurreição de Jesus. Mesmo assim, eram vistos como homens santos e estavam firmemente ligados aos papas cistercienses da época. Em tempos posteriores, porém, o anteriormente venerado conhecimento dos Templários levou à sua perseguição pelos papas de outras Ordens e pelos selvagens frades dominicanos da Inquisição.

As autoridades do Vaticano estavam plenamente conscientes de que os Templários haviam voltado de Jerusalém com mais do que documentos e ouro. Eles sabiam que em meio à reserva do Templo havia um tesouro particularmente grande e sagrado. Naquela fase, eles não tinham meios de saber o que fosse, mas sua inteligência revelou que era tão surpreendente que valia muito mais do que qualquer riqueza material.

Inquisição

De volta ao século VIII, o rei Pepino, o Curto, dos francos carolíngios, concordara em estabelecer um reino judeu dentro do território da Burgundia; um reino que teria em seu comando um descendente reconhecido da Casa Real de Davi. Era o pagamento pela ajuda dos judeus de Narbonne ao expulsar os mouros islâmicos da cidade. Conseqüentemente, o reino judaico da Septimânia (o Midi) foi estabelecido em 768, desde Nímes até a fronteira com a Espanha, com Narbonne como capital. O filho e sucessor de Pepino, o imperador Carlos Magno, o Grande, do ano 800, confirmou, de boa vontade, a independência da Septimânia sob os potentados de Judá. A decisão também foi apoiada pelo califa de Bagdá e, de forma relutante, pelo papa Estevão, em Roma. Todos reconheciam o príncipe Guilherme da Casa de Judá como verdadeiro sucessor da linhagem do rei Davi; em 791, ele instituiu a sua famosa Academia Judaica de São Guilherme, em Gellone.
Mais de 300 anos depois, a sucessão davídica ainda existia, desde o Midi espanhol até o sul do Burgundia, embora o reino tenha deixado de funcionar como Estado totalmente independente. Em 1144, o monge inglês Theobald de Cambridge confirmou (ao iniciar uma acusação de assassinato ritual contra os judeus de Norwich): "Os comandantes e rabinos dos judeus que vivem na Espanha se reúnem em Narbonne, onde reside a Semente Real e onde são tidos na mais alta estima". Em 1166, o cronista Benjamim de Tudela relatou que ainda havia propriedades significativas pertencentes ao herdeiros de

Davi: "Narbonne é uma antiga cidade da Torá. Ali há sábios, magnatas e príncipes, e acima de todos há Kalonymos, filho do grande príncipe Trodos de saudosa memória, descendente da Casa de Davi, como diz sua árvore genealógica. Ele ocupa heranças e outras propriedades dos governantes do país e ninguém pode desapossá-lo".

São Bernardo e seus Cistercienses fizeram bom uso da restabelecida Academia Judaica em Gellone ao compilar suas traduções dos antigos manuscritos de Jerusalém, após o Concilio de Troyes. Porém, isso causou grande preocupação entre os bispos católicos, que não podiam descobrir nada do que estava acontecendo. Eles sabiam que Gellone fora, por muito tempo, uma base cultural de Maria Madalena e que os Templários faziam seu juramento à Betânia e à Madalena. Além disso, a catedral de Notre Dame era originalmente dedicada a ela, como "Nossa Dama". Além disso, a sul de Gellone, perto de Narbonne, estava Rennes-le-Château, onde a igreja fora consagrada à Maria Madalena em 1059. Essa região (oeste e noroeste de Marselha, no Golfe du Lion) era conhecida então como Languedoc — nome derivado do dialeto daquele povo: a langue d'oc.

Os bispos estavam convencidos de que, qualquer que fosse a natureza do tesouro secreto dos Templários, ela residia em alguma parte do Languedoc ao sul da França e, assim, em 1209, o papa Inocêncio III decidiu enviar suas tropas. Um exército papal de cerca de 30 mil soldados entrou na região, sob o comando de Simão de Montfort. Eram enganosamente adornados com a cruz dos Cruzados da Terra Santa, mas seu propósito era absolutamente diferente. Haviam sido mandados para exterminar a herética seita Cátara (Os Puros); o papa e o rei Felipe II da França desconfiavam que eles guardavam o misterioso tesouro e estavam conluiados com os Cavaleiros Templários contra a Igreja de Roma.

O massacre continuou por 35 anos, ceifando dezenas de milhares de vidas e culminando com uma medonha carnificina no seminário de Montségur, onde mais de 200 reféns foram empalados e queimados vivos em 1244. Em termos religiosos, a doutrina dos cátaros era essencialmente gnóstica; eram pessoas notavelmente espirituais, que

acreditavam que o espírito era puro, mas que a matéria física era maculada.
A região do Languedoc formava a maior parte do reino judaico da Septimânia no século VIII e, como os Templários, os cátaros eram extremamente tolerantes com as culturas muçulmanas e judaicas. Também defendiam a igualdade dos sexos, mas, por tudo isso, foram condenados e violentamente suprimidos pela Inquisição católica (formalmente instituída em 1233) e acusados de todas as espécies de blasfêmias e desvios sexuais. Contrárias às acusações, as testemunhas trazidas falaram apenas da Igreja de amor dos cátaros e de sua devoção sem limites ao ministério de Jesus. Acreditavam em Deus e no Espírito Santo, recitavam o Pai-Nosso e mantinham uma sociedade exemplar, com seu próprio sistema social de escolas e hospitais de caridade.
Em termos práticos, os cátaros eram simplesmente não-conformistas que pregavam sem licença e não tinham requerimentos para nomear sacerdotes, nem as igrejas ricamente adornadas de seus vizinhos católicos. São Bernardo dissera que "não há sermões mais cristãos que os deles e suas morais são puras"; mesmo assim, os exércitos papais vieram, disfarçados em missão santa, para erradicar sua comunidade da face da Terra.
O édito de aniquilação aplicava-se não apenas aos próprios cátaros místicos, mas a todos os que os apoiavam, o que incluía a maior parte da população do Languedoc. Naquela época, embora geograficamente parte da França, a região era um estado semi-autônomo. Politicamente, estava mais associada à fronteira norte espanhola, sendo seu suserano o conde de Toulouse. Ensinavam-se ali línguas clássicas, além de Literatura, Filosofia e Matemática. A região era bastante próspera e comercialmente estável, mas isso mudaria em 1209, quando da chegada das tropas papais ao pé dos Pirineus. Em alusão ao centro de Languedoc, Albi, a campanha foi chamada Cruzada Albigense — ao menos é o que se diz. Porém, o nome tem uma implicação muito mais importante. "Albi" era, na verdade, uma variante da antiga palavra provençal yilbi (uma elfa); os

cátaros referiam-se à sucessão messiânica de Maria Madalena (o Sangréal: Santo Graal) como os Albi-gens: a linhagem dos elfos.
De todos os cultos religiosos que prosperaram no período medieval, o catarismo era o menos ameaçador; o fato de os cátaros estarem associados a uma antiga sabedoria em particular não era nenhuma revelação; Guilherme de Toulouse de Gellone estabelecera sua Academia Judaica na região havia mais de quatro séculos. Porém, esse mesmo fato (junto com a idéia de que os cátaros tinham um tesouro incomparável mais significativo, historicamente, do que a raiz do Cristianismo) levou Roma a apenas uma conclusão: a Arca da Aliança, o Testemunho de Judá e os manuscritos de Jerusalém deviam estar escondidos no Languedoc. Isso era suficiente para fazer estourar o conceito fundamental da Igreja romana, e havia apenas uma solução para esse regime desesperado e fanático. Conseqüentemente, uma instrução foi dada ao exército papal: "Matem-nos a todos!"

16
O MANUSCRITO OCULTO

Castigo dos Templários

A Cruzada Albigense no Languedoc terminou em 1244, mas seriam precisos 62 anos antes que o rei Felipe IV da França e o papa Clemente V estivessem em posição de acossar os Cavaleiros Templários em sua busca pelo tesouro arcano. Por volta de 1306, a Ordem de Jerusalém era tão poderosa que Felipe IV os via com grande temor. Felipe devia muito dinheiro aos Cavaleiros e estava praticamente falido. Temia também seu poder político e esotérico, que sabia ser muito maior do que o seu.
Até aquela época, os Templários haviam operado sem interferência papal direta, mas o rei Felipe conseguiu mudar isso. Em seguida a um edito do Vaticano que o proibia de taxar o clero, o rei francês

providenciou a captura e o assassinato do papa Bonifácio VIII. Seu sucessor, Benedito XI, também encontrou seu fim em misteriosas circunstâncias, sendo substituído, em 1305, pelo candidato do próprio Felipe, Bertrand de Got, arcebispo de Bordeaux, que se tornou o papa Clemente V Tendo esse novo papa francês sob seu controle, Felipe preparou sua lista de acusações contra os Cavaleiros Templários. A mais fácil das acusações era de heresia, pois bem se sabia que os Cavaleiros não aceitavam as doutrinas estabelecidas do nascimento da Virgem e da crucificação. Também se sabia que seus negócios diplomáticos os envolviam com judeus, gnósticos e muçulmanos. Ao conseguir o apoio papal, o rei Felipe perseguiu os Templários na França e se empenhou em eliminar a Ordem nos outros países (a palavra "heresia" é definida como uma crença ou prática contrária à doutrina ortodoxa, mas na verdade deriva do grego hairesis, que significa "escolha". Assim, a acusação de heresia era uma negação do direito de escolha).

Na sexta-feira, 13 de outubro de 1307, os seguidores de Felipe tiveram êxito em sua vingança e os Templários foram capturados em toda a França. Foram aprisionados, interrogados, torturados e queimados. Chamaram-se testemunhas compradas para depor contra a Ordem, obtendo-se algumas declarações realmente bizarras. Os Templários foram acusados de uma porção de práticas consideradas indecentes, incluindo a necromancia, a homossexualidade, o aborto, a blasfêmia e as artes negras. Após o depoimento, sob quaisquer circunstâncias de suborno ou coação, as testemunhas desapareceram sem deixar traços. Mas, apesar disso tudo, o rei não conseguiu atingir seu objetivo principal, já que o tesouro Templário permanecia longe de seu alcance. Seus subordinados haviam esquadrinhado Champagne e Languedoc, mas, nesse período, a maior parte da reserva fora escondida nas catacumbas da Casa do Capítulo da Ordem, em Paris.

Na França e na Flandres do século XIV, a maior parte das famílias aristocráticas tinha filhos na igreja — se não bispos, abades de ordens aliadas. O capelão do solar de La Buzadière era um desses nobres e, pouco antes do edito Papal contra os Templários, havia sete hóspedes

Templários no castelo do senhor do Solar. Nessa reunião, os Cavaleiros foram alertados a respeito da iminente Inquisição e correram a Paris, onde informaram seus superiores do plano do rei Felipe. Então, com um contingente auxiliar, viajaram a St. Maio, divulgando a notícia. Os sete Cavaleiros eram Gaston de Ia Pièrre Phoebus, Guidon de Montanor, Gentilis de Foligno, Henri de Montfort, Louis de Grimoard, Pièrre Yorick de Rivault e Cesare Minvielle.

Naquele tempo, o Grão-Mestre da Ordem era Jacques de Molay. Sabendo que o papa Clemente V era um títere do rei Felipe, Molay conseguiu que a reserva de Paris fosse removida em uma frota de 18 galeras de La Rochelle para a costa britânica. A maioria desses navios navegou para a Escócia e alguns para Portugal, mas Felipe não sabia disso e fez os Templários serem perseguidos em toda a Europa. Havendo despachado em segurança a maior parte do tesouro, Molay e alguns oficiais principais permaneceram na França para continuar seu trabalho — do qual o aspecto principal era avisar os Cavaleiros que não sabiam do iminente massacre. Mandaram-se correios para todos os lados com a mensagem de advertência, mas em muitos casos chegaram tarde demais e seus colegas já haviam sido apanhados.

Prenderam-se cavaleiros na Inglaterra, mas, na fronteira da Escócia, as bulas papais não tinham efeito. Isso porque o rei Robert, o Bruce e toda a nação escocesa já haviam sido excomungados por erguer armas contra o rei católico Eduardo II da Inglaterra. Eduardo inicialmente relutara em se voltar contra os Cavaleiros, mas, como genro do rei Felipe, estava em posição difícil e foi obrigado a concordar com a regra da Inquisição. Muitos Templários foram presos na Inglaterra, enquanto suas terras e preceptorias foram confiscadas e posteriormente repassadas aos Cavaleiros Hospitalários de São João.

Na Escócia, porém, a história foi muito diferente, uma vez que eles tinham uma aliança com os Templários desde 1128. Hugo de Payens encontrara pela primeira vez o rei Davi dos Scot logo após o Concilio de Troyes, época em que São Bernardo de Clairvaux integrara a igreja ascética escocesa em sua próspera Ordem Cisterciense. O rei Davi

dera a Hugo e a seus Cavaleiros as terras de Ballantradoch, próximas ao Estuário de Forth (atualmente a cidade de Temple); eles estabeleceram sua sede principal em South Esk. De fato, tanto Davi quanto sua irmã se haviam casado na Casa flamenga de Boulogne, de Godofredo de Bulhões, e por meio desses casamentos tinham laços de família diretos entre o rei Davi, Hugo de Payens e os reis cruzados de Jerusalém.

É importante reconhecer que não havia barreiras na linguagem franco-escocesa, já que a França e a Escócia haviam estado formalmente ligadas com fins militares e comerciais por muitas centenas de anos por meio da Auld Alliance. Esse pacto, formalmente chamado "a liga ofensiva e defensiva", fora travado entre o imperador Carlos Magno dos francos e o rei Eocaide IV dos Scot em 807. Foi por causa dele que a guarda escocesa (a Garde Ecossaisè) se tornou o corpo de guarda oficial da Casa Real francesa de Valois, que se seguiu à dinastia Capetina de Felipe IV. A esse respeito, a guarda escocesa destacava-se na cavalaria de Joana D'Arc no famoso cerco de Orleans contra os ingleses em 1429.

Em seguida à viagem da frota Templária que saiu da Bretanha, cerca de 50 Cavaleiros franceses se instalaram em Mull of Kintyre, na Escócia. Depois, em 24 de junho de 1313 (percebendo que seu Grão-Mestre, Jacques de Molay, poderia logo ser executado na Europa), aplicaram as cláusulas da constituição revisada da Ordem de 1307 e nomearam um cavaleiro chamado Pierre d'Aumont como seu Grão-Mestre escocês. Na ilha próxima de Islay e em Kilmartin, há numerosos túmulos Templários; algumas de suas lápides distintivas retratam os ocupantes como Oficiais Cavaleiros da frota original Templária.

Sob os auspícios do rei Robert, o Bruce e seu clero excomungado, a Ordem foi reestruturada como uma igreja, com uma hierarquia independente de Roma. A Igreja Templária tinha abades, padres e mesmo bispos, mas não tinha cardeais e certamente nenhum papa. Na preparação para uma guerra contra os ingleses, começaram a treinar as tropas escocesas nas táticas guerreiras "bata-e-corra"

usadas nas Cruzadas. O ouro Templário foi usado para fabricar armas na Irlanda (a partir de 1314, o irmão de Roberto, Eduardo Bruce, foi o rei da Irlanda até sua morte, em 1318).

Se por acaso a Casa inglesa de Plantagenet via com maus olhos o rei escocês, essas opiniões foram dramaticamente aumentadas pela chegada dos Templários e o resultado foi a batalha de Bannockburn, em 1314. Essa batalha foi travada apenas três meses depois que o Grão-Mestre Templário, Jacques de Molay, foi queimado na fogueira, na França, por se recusar a revelar os segredos da Ordem aos inquisidores do rei Felipe IV.

Depois de Bannockburn, os Cavaleiros tornaram-se parte do governo escocês como o corpo de guarda real nomeado e foram estabelecidos como guardiães oficiais do rei dos Scot. A Ordem foi promovida e apoiada pelos reis Stewart que sucederam. Fatias consideráveis de terra foram repassados à Ordem (especialmente perto de Lothians e Aberdeen) e os Cavaleiros também tomaram posse de propriedades nas regiões ocidentais de Ayr, Lorne e Argyll.

O ano de 1317 viu uma mudança na administração dos Templários. Muitos haviam morrido em Bannockburn e, com as fileiras desfalcadas, era aconselhável convidar Cavaleiros escoceses para ingressar na Ordem. O rei dos Scot foi nomeado Soberano Grão-Mestre hereditário e, a partir daí, quem possuísse o ofício da chancelaria era conhecido como príncipe (ou conde) St. Germain. Bruce tomou esse título original e constituiu uma nova Ordem, chamando-a Ordem dos Antigos Irmãos da Rosa-Cruz. Muitos dos Cavaleiros da Rosa-Cruz viajaram para a França para um encontro com o papa João XXII, em Avignon.

Apesar do abandono dos Templários a qualquer afiliação papal, essa nova Ordem não era aparentemente uma instituição Templária e, como o papa segurava as rédeas das ordens cavalheirescas, um encontro era necessário para registrá-la. Gaston de Ia Pierre Phoebus foi o principal representante da missão e o papa João concordou em publicar um estatuto desde que seu próprio sobrinho, Jacques De Via, tornasse-se o Grão-Mestre operativo. Porém, De Via morreu em 6 de

maio de 1317 e a posição imediatamente ficou vaga, tendo os Cavaleiros elegido Guidon de Montanor (que estava na Escócia); voltaram assim com o necessário Estatuto de Incorporação, que apresentaram ao rei Roberto.
O edito papal para a excomunhão dos Scot não durou indefinidamente, tendo sido cancelado em 1323, quando o papa João XXII reconheceu Robert, o Bruce como o verdadeiro rei dos Scot. Por causa desse reconhecimento, muitos historiadores presumiram que os Cavaleiros Templários haviam sido dispersados na Escócia, mas não foi o caso: simplesmente, Bruce obrigara a Ordem Secreta a tornar-se ainda mais secreta. Ao constituir a Ordem Rosa-Cruz para Templários que haviam mostrado valentia em Bannockburn, Bruce conseguira uma cobertura muito eficiente.
Durante esses tempos influenciados pelos Templários, o sistema bancário nacional escocês evoluiu, graças à experiência financeira da Ordem na Europa e no Oriente Médio. O solo da Escócia tinha reservas significativas de ouro e os Cavaleiros não tardaram em colocar esses recursos em uso. Essa riqueza subterrânea foi uma das razões pelas quais os ingleses Plantagenetas tinham tanta vontade de ganhar o poder na Escócia. Em um banquete em Paris, oferecido pelo rei Jaime V dos Scot (1513-1542) e sua esposa, Madalena da França, mais de 300 hóspedes franceses levaram de presente uma taça cheia até a boca com ouro escocês. A coroa da Escócia (com suas magníficas gemas e pérolas do rio Tay) é feita de ouro escocês e, mesmo hoje, como relatado recentemente na imprensa nacional britânica, há duas minas de ouro sendo exploradas em Perthshire.

O Terceiro Grau

Junto com os Filhos de Salomão, outras irmandades maçônicas da França Medieval eram os Filhos do Pai Soubise e os Filhos do Mestre Jacques. Quando a Inquisição do século XIV contra os Templários estava em plena atividade, essas guildas também corriam risco. Praticantes do Ofício Hermético, mantinham informação privilegiada a

respeito dos trabalhos da geometria sagrada, de acordo com seus graus. Havia três graus: Companheiro Aprendiz, Companheiro e Mestre Companheiro — assim como hoje há três graus principais na Maçonaria especulativa moderna. É por isso que, em seguida à Inquisição dos Templários, um severo interrogatório para extrair informação vital ou secreta sob coação é chamado Terceiro Grau.

Embora se diga que a Maçonaria moderna derive das guildas medievais da Europa, suas origens são muito mais distantes, dos dias dos antigos mestres artesãos. Entalhes no obelisco egípcio do Central Park, em Nova Iorque, foram identificados como símbolos maçônicos do tempo do faraó Tutmoses III (c. 1468 - 1436 a.C.). Ele era trisavô de Moisés e fundador de uma influente sociedade de estudantes e filósofos, cujo propósito era preservar os mistérios sagrados. Posteriormente, os Magi samaritanos foram membros da Ordem, sendo ligados aos terapeutas ascetas egípcios em Qumrân, na Judéia. Baseado no costume egípcio, Akhenaton, o Moisés, continuou com o conceito de ritual do Templo quando criou o Tabernáculo no Sinai, em seguida a tradição foi levada para Canaã. Antes disso, os cananeus e primeiros hebreus utilizavam pedras de altar simples como lugares de reverência e sacrifício, como aquelas erigidas por Noé e Abraão (Gênesis 8:20 e 22:9).

Um segundo obelisco egípcio do Templo do Sol — conhecido como agulha de Cleópatra (por causa da rainha Cleópatra VII, embora ela tenha vivido mais de mil anos depois), fica na margem do Tâmisa, em Londres. Tem 68 pés e 6 polegadas de altura (20,88 m) e pesa 186 toneladas. Esses dois obeliscos de granito eram originalmente os pilares da entrada do Templo egípcio em Heliópolis, mas foram removidos para Alexandria, em XII a.C. e depois para Londres e Nova Iorque, em 1878 e 1881 respectivamente. Em 1926, Eugene Canseliet, aluno do alquimista francês Fulcanelli, examinou as notas de seu mestre para um trabalho publicado sob o nome de Les mystères des cathedrales. Aqui, ele inscreveu especificamente uma citação à Irmandade de Heliópolis (La Fraternité d'Heliópolis).

Alinhado com a prática egípcia de pôr pilares altos à entrada dos Templos, o arquiteto fenício Hirão introduzira o mesmo tema no pórtico do Templo de Salomão em Jerusalém. Os pilares, com seus capiteis arredondados, eram semelhantes aos símbolos de devoção à deusa em Tiro, sendo também similares aos símbolos de fertilidade dedicados a Astartéia em Canaã. Os pilares de bronze de Jerusalém eram chamados Jaquim e Boaz (1 Reis 7:21 e 2 Crônicas 3:17), e os maçons acreditam que eram ocos, para servir de depósito aos Rolos Constitucionais da Maçonaria. Além disso, embora os escribas do Antigo Testamento considerassem que o Templo fora dedicado a Jeová e projetado principalmente para abrigar a Arca da Aliança, sua construção não se limitava ao princípio masculino de Deus. Ele foi construído de acordo com os costumes tradicionais e incorporava ambas as energias geométricas masculina e feminina.

A tradição maçônica conta que o Templo foi terminado em sete anos, no fim dos quais Hirão foi assassinado e posto em uma cova rasa. Dizem que sua morte foi causada pela recusa em revelar segredos de Mestre Maçom aos trabalhadores menos iniciados. Hoje, a representação do assassinato de Hirão Abiff tem muita importância na cerimônia do terceiro Grau da Maçonaria, quando o candidato é descido e reerguido da escuridão de seu túmulo com o uso de uma tenaz específica (chamada Pata de Leão) e uma atitude corporal particular. A Maçonaria moderna é mais especulativa que operativa, mas, mesmo no tempo de Hirão, a sociedade de Artífices Dionisíacos à qual ele pertencia tinha suas próprias Lojas, símbolos e palavras de passe. Um dos símbolos era a ascia (colher de pedreiro), emblema usado também pelos pitagóricos e essênios, tempos depois. É também encontrado nas catacumbas de Roma, onde representações da iniciação maçônica foram pintadas nos túmulos dos Innocenti perseguidos.

A Chama da Inocência

Enquanto compilava este capítulo, recebi uma ligação de Adriano Forgione, editor da revista italiana Hera, em Roma. "Você ouviu falar da recente descoberta nos arquivos do Vaticano?", perguntou ele, com animação. Tive de admitir que não, mas em pouco tempo um artigo de seis páginas, com fotografias, foi publicado em Hera. Ele deu origem a um longo artigo no principal jornal britânico, The Times, intitulado "Arquivo do Vaticano mostra que papa perdoou Cavaleiros massacrados".

Enquanto o atual papa busca o perdão muçulmano pelas Cruzadas, o correspondente do The Times, em Roma, sugeria que talvez ele devesse também pedir desculpas pela Inquisição aos Cavaleiros Templários no século XIV. Apesar de tudo o que já se sabia a respeito da ligação entre o papa Clemente V e o rei Felipe IV da França para derrubar a Ordem e executar seu Grão-Mestre, Jacques de Molay, transpira agora que o papa Clemente na verdade exonerara os Cavaleiros antes que Felipe liberasse seus partidários para o massacre!

Essa proclamação fora feita recentemente pela Dra. Barbara Frale, pesquisadora da Escola Vaticana de Paleontologia que, em 13 de setembro de 2001, descobriu um pergaminho até então desconhecido, assinado por Clemente V, escondido no Arquivo Secreto do Vaticano. Nomeado Pergaminho Chinon, o documento fala de um interrogatório, em 1308, de De Molay e dos Templários na Casa do Capítulo pelos embaixadores papais no Castelo Chinon, no Loire. Em seguida a esse inquérito acerca da validade das acusações do rei Felipe contra os Templários, o pergaminho do papa Clemente traz esta conclusão: "Decretamos assim que eles estão absolvidos pela Igreja, que são restaurados à comunhão e que podem receber os santos sacramentos".

Além disso, aparentemente Clemente criticara com severidade o rei Felipe, escrevendo: "Enquanto estávamos ausente, vós vos voltastes em direção aos Templários e sua propriedade. Chegastes até o ponto

de encarcerá-los, e o que nos fere mais é que não os soltastes. Pelo contrário, ouvimos que fizestes mais, inflingindo a eles, além de sua prisão, outros sofrimentos". Esse protesto foi formalizado na Bula Subit Assidue de 5 de julho de 1308, na qual Clemente acusava o inquisidor francês, Guilherme de Paris, de não ter avisado a autoridade papal sobre as prisões.

Infelizmente para os Templários, as palavras do papa foram completamente ignoradas pelo rei da França. Clemente, com sua nova sede papal em Avignon, não estava em posição de reforçar os termos de seu decreto, e seus cardeais de Roma estavam, da mesma maneira, impotentes contra o despótico monarca francês. Conseqüentemente, algum tempo depois, no Concilio de Viena, em 1312, o papa Clemente tentou outra estratégia, anulando formalmente a posição cavalheiresca dos Templários, tentando trazer de Molay e os outros prisioneiros para a tutela da Cúria Papal para lhes dar uma prisão mais confortável. Por esse meio, ele imaginou que um julgamento oficial poderia ser conduzido sob sua jurisdição e que os Cavaleiros seriam devidamente perdoados. Mas isso foi inútil e o debate ficou tão prolongado que, nesse ínterim, Clemente V estava próximo de sua morte. Assim, Felipe IV não perdeu nenhum momento. Sem um papa ativo por perto, mandou remover de Molay e seus companheiros para uma ilha no Sena. Daí, sem julgamento, eles foram queimados na fogueira em 18 de março de 1318. Clemente morreu um mês depois, em Roquemaure, em 20 de abril, e pouco depois o rei Felipe também faleceu. Em seguida, não houve papa eleito por dois anos, até que João XXII assumiu em 1316.

É interessante notar que a recente descoberta do Pergaminho Chinon deixou claro que o documento não era um segredo para os oficiais do Vaticano, mesmo eles pensando que estava perdido. Não obstante o empenho de Clemente por justiça, o conteúdo desse rolo era conhecido, mas fora mantido em segredo pelos últimos 900 anos. Ao ser questionado a respeito da descoberta pelo jornal católico L’Awenire, um porta-voz do Vaticano disse que, até onde se sabia, o

pergaminho fora perdido no início do século XIX, no tempo de Napoleão.
Embora não haja dúvidas em relação à autenticidade do conteúdo do rolo, ainda há um elemento de inverdade manipulativa que emana de sua tinta ostensivamente benigna. Na verdade, por muitas razões, significa uma conspiração no estilo "mocinho e bandido" entre Clemente e Felipe. As únicas pessoas (além do rei Felipe e de seus inquisidores) para as quais aquilo foi publicado na época, por seu comprimento e hábil linguajar, eram de Molay e seus Cavaleiros Companheiros na prisão. Parece razoável conjeturar que talvez Clemente e os cardeais não tenham sido capazes de forçar o rei Felipe a cumprir o decreto, mas havia outros monarcas que certamente teriam sido mais obedientes. Os reis de Portugal e da Espanha, por exemplo, sem dúvida teriam recebido bem essa absolvição papal para os Cavaleiros, enquanto o rei Eduardo II da Inglaterra teria ficado muito aliviado em ter uma razão legítima para permanecer firme contra o seu ditatorial sogro francês. Fora da França, porém, não há nenhum registro de que qualquer monarca soubesse algo do Pergaminho Chinon naquela época. Parece mais que Clemente e Felipe estavam manejando ambas as extremidades contra o centro. Enquanto Felipe caçava e torturava os Templários na esperança de submissão, o papa Clemente representava sua parte tentando ganhar a confiança dos Cavaleiros, como se estivesse de seu lado. Não é segredo que, no final das contas, ambos estavam atrás exatamente da mesma coisa. Queriam desesperadamente saber o paradeiro do tesouro Templário e ganhar acesso particular àquele item formidável que tornou os Cavaleiros tão temidos e reverenciados desde que voltaram de Jerusalém em 1127: a Arca da Aliança.

17
ASCENSÃO DA PHOENIX

Sob o Monte do Templo

Não há dúvida de que a Arca foi escondida no tempo do rei Josias (c. 597 a.C.) (ver: "Guardiães do Destino", p. 146). Não apenas o Antigo Testamento confirma que ela fora abrigada no Templo de Jerusalém por 15 gerações depois da era do rei Salomão (c. 375 anos) antes de ser escondida, como isso também é mencionado fora da Bíblia. Escrito por volta de 100 a.C. o Documento de Damasco dos Manuscritos do Mar Morto de Qumrân confirma que a Arca fora escondida.

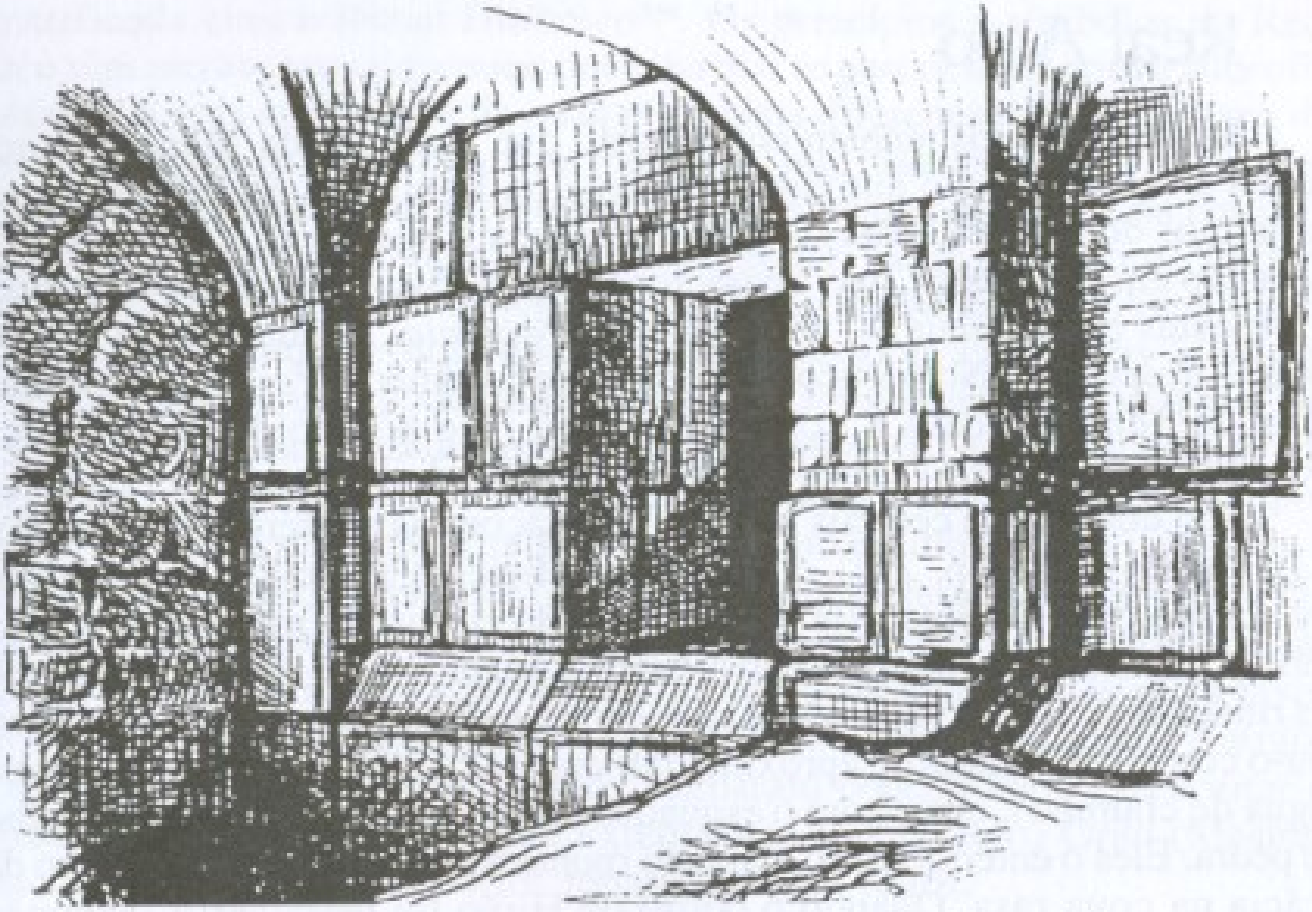
Da mesma maneira, não há dúvida de que a Arca estava no Santo dos Santos, em Jerusalém, antes de ser ocultada de Nabucodonosor da Babilônia. Sua localização no Templo é fisicamente estabelecida, em completo acordo com a Bíblia, por sua posição ainda visível no chão do Sanctum Sanctorum — uma depressão de 1,30m x 38cm de frente para a entrada. Como diz o rei Salomão em Reis 8:21: "E nela constituí um lugar para a Arca".

É interessante notar que essa marca retangular no chão mostra que a Arca fora posta com o lado mais estreito de frente para entrada, e não no sentido de largura, como sempre se imagina. O Santo dos Santos tinha apenas 9m2 e, como afirmado no Talmude, as alças de carregamento da Arca tinham 4,5m2 de largura, de forma que precisariam do espaço da entrada para serem recolhidas logo que a Arca fosse baixada na posição certa.

Também não há dúvida em relação à história dos estágios de construção do primeiro e do segundo Templo na plataforma quadrada original do projeto de Salomão e na plataforma adaptada do edifício substituto de Zerubabel, supervisionado pelo profeta Neemias. A extensão subseqüente da plataforma feita pelos reis selêucidas da Síria (para abrigar uma fortaleza, em 186 a.C.) foi positivamente

identificada, além da extensão hasmoneana de 141 a.C. e a extensão posterior do rei Herodes, o Grande (37-4 a.C).
O complexo como um todo é atualmente conhecido como Haram el Sharif (Nobre Santuário); desde os dias de Salomão até os tempos de Herodes, os alicerces aumentaram dramaticamente de tamanho, fazendo dele a maior plataforma de construção feita pelo homem do mundo clássico. A construção final de Herodes ocupava espaços de cerca de 144 mil m2, comparados com 30 mil da Acrópole de Atenas. Possuía um muro exterior com quase 4,9m de largura e muitas de suas pedras chegavam a pesar 80 toneladas. Em sua descrição em primeira mão do edifício, Flávio Josefo usou palavras como "incrível", "imenso" e "espantoso". O senador romano Tácito registrou em The Histories que o recinto recebia água por meio de uma nascente perene, com tanques adicionais para coletar água da chuva. Além disso, o tratado Middoth da Mishnah (a mais antiga codificação rabínica da lei, de cerca de 200 d.C.) conta que havia um grande poço que puxava água da cisterna subterrânea de Golã.
Na década de 1860, o explorador britânico Sir Charles Warren realizou extensas escavações sob o Monte do Templo para o Palestine Exploration Fund; a coleção de fotografias dessa expedição (atualmente pertencentes ao Fundo) é muito reveladora. Para começar, sua equipe cavou diversos poços verticais até atingir o leito de rocha; em seguida, abriu túneis laterais entre eles para identificar as paredes do alicerce quadrado original e suas subseqüentes extensões. Depois disso, foram ainda mais fundo, até atingir o calcário, onde descobriram uma expansão dos labirintos subterrâneos de corredores e passagens ventosos. Entre eles, havia grandes espaços de armazenamento e um reino virtual de cavernas e cisternas de água habilmente planejadas. Felizmente, além das fotos em preto e branco, algumas das imagens foram feitas em cores pelo artista vitoriano William Simpson, famoso por suas pinturas da guerra da Criméia apenas alguns anos antes (ele fora enviado a Jerusalém para registrar a expedição de Warren para o London Illustrated News).

Foi durante essas escavações do Palestine Exploration Fund que se encontrou o alicerce quadrado original do primeiro Templo do rei Salomão. Suas paredes mais baixas de sustentação ainda estavam intactas e suas técnicas de alvenaria eram bem distintas daquelas do segundo Templo e das construções posteriores. Foi obra do acaso que essas escavações tenham ocorrido naquela data, pois nunca se repetiram, exceto por um mapeamento feito por engenheiros militares britânicos pouco depois, em 1894. A partir dessa época, toda a área subterrânea ficou inacessível por causa da suscetibilidade política e religiosa muçulmana. Uma das recompensas pelo projeto de 1894 foi a descoberta de uma cruz Templária, uma espada Templária quebrada e outros itens relacionados nos túneis.



Câmara subterrânea sob o Templo de Jerusalém

Real Arco

Embora muitos tenham confirmado que a origem da Maçonaria remonta a tempos muito antigos no Egito e na Babilônia, é notório que os princípios do Ofício moderno estão firmemente ligados ao Templo do rei Salomão em Jerusalém. Isso é caracterizado no Ritual em certas perguntas e respostas cerimoniais — por exemplo, Pergunta: "Onde era a primeira Loja?" Resposta: "No pórtico do Templo de Salomão". Pergunta "Em que parte do Templo ficava a Loja?" Resposta: "No pórtico de Salomão, na extremidade oeste do Templo, onde estavam os dois pilares".

Um dos pontos centrais no tema da Maçonaria do Terceiro Grau (ver "O Terceiro Grau", p. 227), é o pedreiro-chefe de Salomão, Hirão Abiff. De acordo com o Ritual, ele foi assassinado pelos três maçons menores, Jubela, Jubelo e Jubelum, por não revelar os segredos dos Artesãos Mestres. Os rituais individuais variam levemente mas, em essência, um homem acertou-o com uma medida de aproximadamente 60cm (alternativamente, uma régua de chumbo), outro com o esquadro (ou nível) e outro com um malho de pedra. Eles o enterraram no cume do monte Moriá e puseram um ramo de acácia na cova rasa. Quando o corpo de Hirão foi descoberto, Salomão mandou que alguns dos companheiros (Segundo Grau) o desenterrassem, mas ele não podia ser reerguido nem com a tenaz do Aprendiz, nem com a do Companheiro (os dois primeiros cumprimentos maçônicos). Apenas segurando firmemente o seu punho e usando alavancas corporais favoráveis (chamadas os "cinco pontos do companheirismo") ele pode ser erguido. Foi então enterrado com dignidade em um epitáfio adequado, próximo ao Sanctum Sanctorum.

O que interessa especialmente nessa seqüência é que se conta que os Companheiros participantes foram instruídos por Salomão a usar aventais (éfodes), assim como os guardiães Levitas da Arca. E, além disso, tiveram de vestir luvas e se despir de todos os objetos de metal que carregassem consigo em seus bolsos. O mesmo se faz hoje em

dia, quando iniciados maçônicos são despojados de todas as moedas e objetos metálicos. Atualmente, acredita-se que o gesto simboliza a vulnerabilidade, porém esse não teria sido um requisito necessário para os coveiros de Salomão — de forma que, talvez, algo mais científico tenha motivado a tradição original.

A Maçonaria do Real Arco, que surgiu no século XVIII a partir de um legado arcano, é geralmente trabalhada em adição ao Terceiro Grau. Comumente, afirma-se que a Maçonaria "Especulativa" moderna veio da Maçonaria "Operativa" do passado, mas, seja ou não o caso, a Maçonaria do Real Arco parece ter uma raiz totalmente diferente, apesar de ter sido identificada com o Ritual Hirâmico. Os princípios e símbolos do Real Arco têm um aspecto alquímico positivo que se parece mais com a filosofia metafísica rosa-cruz. Uma de suas principais diferenças é que, em vez de tratar da retirada de um mestre morto de um túmulo infame, tem uma legenda críptica distinta como tema. É parcialmente enraizada na tradição do Antigo Testamento, mas possui também um sabor paralelo da Europa Templária em tempos muito posteriores. A Maçonaria do Real Arco possui também elementos de uma tradição escocesa sobre cavaleiros cruzados que descobriram um subterrâneo secreto em Jerusalém. Além disso, o Ritual trata da importância de uma "pedra fundamental" em particular, graficamente representada em separado de seu arco (ver prancha 20 por Laurence Dermott, secretário do Real Arco no século XVIII).

Inicialmente, a hierarquia da Grande Loja inglesa era completamente oposta à integração da Maçonaria do Real Arco dentro da estrutura projetada. Mas partidários do aspecto mais antigo levantaram seu brado a favor de sua autenticidade e isso levou a uma disputa entre os chamados Antigos e os Modernos. Porém, os últimos acabaram concordando em aceitar o Ritual do Real Arco como uma extensão de seu Terceiro Grau (Mestres Maçons), mas apenas se certos reparos fossem feitos.

A Maçonaria não surgiu na Inglaterra até meados do século XVII; na Escócia, a Loja de Aberdeen foi registrada em 1541. De fato, de acordo com o Rito da Estrita Observância, maçons especulativos das

guildas operativas francesas já estavam em Aberdeen desde 1361. Além disso, diz-se que a Loja em Stirling já tinha um Capítulo maçônico em 1590 — época em que diversos Altos Graus eram trabalhados, incluindo Rosa-Cruz, Cavaleiro Templário e Real Arco.
Naquela época, os Templários escoceses estavam sob a liderança de David Seton (parente de Lorde George Seton e sua irmã Mary Seton, uma das legendárias "quatro Marias" que acompanharam Mary Stuart à França, em 1548, e voltaram com ela como Mary, rainha dos Scot, em 1561). Seton reconstituiu a Ordem Stuart sob uma nova identidade, como os cavaleiros Templários de Santo Antônio e, em 1590, o rei James VI fez grandes doações de terra à Ordem, pedindo que fundassem hospitais operativos. Outra doação, de 1593, era especificamente para a fundação de um monastério e hospital em Leith. O último foi fundado em 1614 e se tornaria o King James's Hospital, trazendo o brasão real.
As primeiras introduções na Maçonaria inglesa são registradas a partir de 1641, quando se formalizaram rituais durante o reinado de Charles I Stuart. Todavia, seu pai, o rei James VI dos Scot (James I da Inglaterra), já estabelecera informalmente o conceito fraternal ao sul da fronteira.
O estadista escocês Sir Robert Moray, diplomata do cardeal Richelieu (França) em Londres, está registrado como o primeiro maçom na Inglaterra; tinha enorme influência em círculos da corte e do governo. Posteriormente, instalou-se o hermético Elias Ashmole (fundador do Museu Ashmolean da Universidade de Oxford) e William, visconde de Brouncker, presidente do London's Gresham College no tempo do rei Charles II. Interesses mútuos em alquimia hermética e ciência sagrada levaram esses homens, em 1660, a formar a Sociedade Real de Londres, junto com outros adeptos da Rosa-Cruz, como Robert Boyle, William Petty e Christopher Wren. Tendo recebido a patente real de seu patrono, o rei Charles II, em 1662, sua divisa era Nullis in Verba, que pode ser traduzido grosseiramente como "não confie na palavra de ninguém", lema anteriormente usado pelo filósofo rosacruciano Sir Francis Bacon. Na verdade, a pintura da inauguração da sociedade,

publicada em 1667, mostra um busto do rei Charles, junto com o visconde Brounckner e Sir Francis Bacon, que morrera muitos anos antes. Na gravura, aparece também o Anjo da Fama da Fama Fraternitatis dos Manifestos Rosacrucianos de 1614.

Uma Nova Filosofia

O interesse da Sociedade Real em alquimia e ouro era notavelmente estimulado pelo platonista de Cambridge, Henry More, e sua aluna Anne, viscondessa Conway de Ragley Hall, que criaram um grupo de intelectuais chamado Círculo Hartlib, ao qual pertenciam Robert Boyle e o médico William Petty. Eles reconheciam que a alquimia medieval, do modo como é geralmente retratada (a fabricação de ouro a partir de um metal básico), era uma ilusão espalhada no mundo por propagandistas e adeptos fracassados. Eles sabiam que a alquimia era uma combinação de artes práticas e espirituais, com raízes na antiga metalurgia, e que também tratava do estado iluminado do ser (o estado dourado), que podia ser atingido pela pessoa comum (simbolizada pelo chumbo).

No centro de tudo isso estava o próprio Gresham College, estabelecido em 1597 (no local em que fica a NatWest Tower atualmente, em Cheapside, Londres) como um memorial a Sir Thomas Gresham, que concebera e fundara o projeto. Thomas Gresham, o agente real Tudor na Antuérpia, era Mestre Provincial da Ordem Rosacruciana e cunhado do heráldico rosacruciano Sir John Thynne de Longleat. O tratado deste último, Homo Animal Sociale, é um longo discurso acerca de assuntos relacionados a hieróglifos egípcios e escritos druídicos, compilados muito antes dos dias da descoberta arqueológica.

Durante a Commonwealth e o protetorado Cromwelliano que começou em 1649 (em seguida à guerra civil entre monarquistas e parlamentaristas), era difícil obter textos alquímicos da época Tudor. Se não haviam sido confiscados pelos puritanos parlamentaristas, estavam escondidos para frustrar sua descoberta. Mas com a

restauração, em 1660, de Charles II Stuart, iniciou-se uma nova iluminação de iniciados. Essa iluminação tornou evidente que a Pedra Filosofal (apesar de toda a retórica puritana) nada tinha a ver com a fabricação de ouro, pois era, ela própria, feita de ouro, que era de fato o "pó de ouro" mágico, assim como escreveram Nicolau Flamel e Irineu Filaleto (ver "O Objetivo Principal", p. 23 e "O Reino dos Gênios", p. 116).

A nova filosofia desses pioneiros científicos, com sua percepção extraordinária, era realmente como a phoenix emergindo de suas cinzas; essa época de descobertas espantosas foi única na história ocidental. O que intrigava especialmente a fraternidade era que a Pedra Filosofal estava tradicionalmente associada à antigravidade. Esse atraente assunto era um dos principais focos de seu estudo, levando às famosas descobertas acerca da gravidade de Robert Hooke e Isaac Newton. Além disso, eles sabiam que a pedra se relacionava diretamente a graus superiores de consciência e percepção, sendo representada pela legendária phoenix que surge da destruição em uma chama de renascimento e nova luz (ver "Maná Sagrado", p. 33).

Robert Boyle era um grande mistério para seus amigos de fora da sociedade. Seu pai, o conde de Cork, era o homem mais rico da Grã-Bretanha, embora poucos homens trabalhassem tão duro e por tanto tempo sem necessidade de lucro pessoal. Por chamar tanto a atenção, Robert sofreu consideravelmente o assédio clerical e era visto como altamente suspeito pela Igreja por causa de suas determinadas pesquisas em assuntos ocultos. Os bispos, alertados de que ele tinha sua própria oficina alquímica, vigiavam-no bem de perto. Porém, Boyle recusava-se a se ordenar padre (como os cientistas deveriam fazer naquele tempo), e escreveu detalhadamente a respeito da magia e da Pedra Filosofal. Sendo ostensivamente um homem escrupuloso, fica evidente que Boyle enfrentou um dilema real em seu trabalho. Ele declarou que grande parte dos escritos alquímicos tradicionais era demasiado obscura para ter qualquer valor real, mas,

apesar disso, estudou tudo o que pôde para prosseguir em sua pesquisa.
Não sabemos (e aparentemente é improvável) se Boyle realmente conseguiu fabricar a Pedra Filosofal, mas não há dúvida de que a viu em operação depois que um frade vienense encontrou uma quantidade do pó misterioso escondido em um cofrezinho dentro de um pilar em seu monastério. Em seu relatório à Sociedade Real, Boyle fez menção particular à capacidade do pó de manipular a gravidade específica; algo que atualmente foi comprovado pelas pesquisas de laboratório. O que ele nunca imaginou, é claro, é que mais de três séculos depois, descobrir-se-ia que ela manipulava o espaço-tempo, tornando-se assim uma substância de enorme interesse para uma indústria espacial internacional.
O relato de Viena é reminescente de uma caixa similar de pó químico que o mago elizabetano John Dee obtivera a partir dos restos da abadia de Glastonbury após a Dissolução. O que é mais importante é que Boyle conseguiu descobrir uma fonte oriental de Pedra Filosofal em estado natural, sem precisar ter o trabalho de fabricá-la. Novamente, a descoberta recente provou que isso é possível.
Em um artigo posterior para a Sociedade Real, Philosophical Transactions, Boyle notou que seu objetivo não era fazer ouro, mas "produzir bons medicamentos para uso geral". Mesmo assim admitiu, com espantosa presciência, que era uma pesquisa perigosa, uma vez que a pedra, se mal utilizada, poderia "desordenar os negócios da humanidade, favorecer a tirania e causar uma confusão geral, colocando o mundo de pernas para o ar".
Por causa de um programa posterior para limpar a antiga imagem oculta da Sociedade Real na era hanoveriana, as pesquisas alquímicas de Robert Boyle foram estrategicamente perdidas para a Academia até os tempos modernos. Hoje em dia, ele é mais lembrado pela Lei de Boyle, que trata do volume dos gases, além de sua pesquisa a respeito da elasticidade do ar, mas poucos reconhecem que seu trabalho incansável, e suas descobertas tinham como estopim

um desejo imenso de compreender a natureza do grande segredo alquímico.
Outro companheiro da Sociedade Real com enorme talento era Sir Isaac Newton, também fervoroso alquimista. Empenhou-se em uma tradução da Tábua de Esmeralda e do Corpus Hermeticum de Hermes Trimegisto, e ele se interessava especialmente pela prisca sapienta (teoria unificada da lei do universo), à qual se referia como estrutura da natureza. Esse processo de pensamento estava diretamente ligado à máxima fundamental de Hermes: o "em cima como embaixo". Ela denota que a harmonia da proporção terrestre representa seu equivalente universal; em outras palavras, que a proporção terrestre é a imagem mundana da estrutura cosmológica. Desde a menor célula até a maior das galáxias, uma lei geométrica repetitiva prevalece. Compreendeu-se isso desde os tempos mais remotos.
A inclinação religiosa de Newton era indistintamente ariana, uma forma de Cristianismo que negava a divindade de Jesus e rejeitava qualquer conceito de Santa Trindade. Embora fosse um homem profundamente espiritual, tivesse uma autoridade e religião primitiva, ele constantemente defendia que o Novo Testamento fora estrategicamente distorcido pela Igreja antes de sua publicação. Um de seus principais estudos tratava da estrutura dos antigos reinos; ele defendeu a preeminência do legado judaico como um arquivo de conhecimento e numerologia divinos. Na verdade, Newton estava tão imerso na tradição hermética dos tempos antigos que, em uma palestra de 1942 (durante a guerra), na Sociedade Real, o renomado economista e comentarista político John Maynard Keynes se referiu a ele como o "o último dos sumérios".

Segredos Negados

Portanto, esses foram alguns dos grandes homens que estavam envolvidos nos primeiros trabalhos da ciência metafísica rosacruciana original. Eram realmente maçons da antiga escola. Pelo estudo dos segredos dos antigos Arcontes e a aplicação dos princípios arcanos e

de filosofia hermética, eles e seus colegas figuram entre os maiores cientistas de todos os tempos. Porém, em seguida à deposição, em 1688, da Casa Real de Stuart pelos aristocratas Whig do parlamento londrino de Westminster, a Maçonaria escocesa e a filosofia rosacruciana calcada nos Templários exilou-se na Europa com eles. No início do século XVIII, Milton e outros foram obrigados a adotar uma imagem mais clínica, uma vez que sua antiga cultura saíra da costa britânica e fora sombreada por um novo e austero regime. A esse respeito, a Casa de Hanover (uma dinastia germânica de 1714), que reinou depois, introduziu suas próprias Lojas maçônicas e a Grande Loja da Inglaterra foi constituída em 1717 (depois, conforme aumentavam as afiliações, ela se tornaria a Grande Loja Unida). O problema é que sua nova forma de Maçonaria (que ficou conhecida como Rito de York) baseava-se em informações muito restritas e, como seus fundadores não eram iniciados de altos graus, justificavam sua posição afirmando que o verdadeiro segredo do Ofício havia sido perdido em eras passadas.

Para fortalecer mais sua fraca posição nessa frente, o governo hanoveriano do rei George III chegou a introduzir um Ato de Sociedade Secreta em 1799. Ele proscrevia o trabalho de quaisquer graus maçônicos mais elevados que os de York, proibindo especialmente ensinamentos e rituais baseados nos Templários. Este foi o último prego no caixão da antiga Maçonaria na Grã-Bretanha. Mesmo a antiga Loja Kilwinning, na Escócia, que remontava a dias anteriores a Robert, o Bruce (possivelmente até ao século XII), foi compelida a sujeitar-se ao regulamento sob ameaça de perder sua patente. Daí por diante, segredos substitutos de natureza bastante despropositada e ritualística foram introduzidos, "até a época em que se redescobrissem os antigos segredos", dizia-se. Como resultado, por quase três séculos, maçons dessa nova escola não recolheram nada de real conseqüência. Não é de espantar que tentem com tanto afinco preservar uma fachada, como se conhecessem importantes segredos que não pudessem revelar, pois o maior de todos os

segredos é que eles nunca aprenderam quais são os verdadeiros segredos!
Para muitos, pode ser surpreendente saber que o Templo de Salomão nem sempre teve a mesma posição de destaque na Maçonaria de que gozou a partir do século XVIII. No antigo documento dos chamados Antigos Cargos — o Manuscrito Regius, de por volta de 1399 —, declara-se que o Primeiro Excelente Grão-Mestre não foi Salomão, mas Nimrod, o poderoso caçador da Babilônia, que aparece em Gênesis 10:8-10. Nesse contexto, ele é erroneamente identificado com a construção da Torre de Babel, que na verdade foi construída pelo rei Ur Baba muito depois do tempo de Nimrod, por volta de 2000 a.C. Apesar da discrepância cronológica, o MS Regius relata que Nimrod ensinou todos os signos e símbolos maçônicos para distinguir seus construtores e seu ofício do resto da humanidade.
Apesar das restrições britânicas, o antigo movimento científico continuou em algumas partes da Europa; nessa arena rosa-cruz, destaca-se o influente marquês de Montferrat, o famoso conde de St. Germain, morto em 1784. Como já mencionado (ver "Castigo dos Templários", p. 223), o título de St. Germain era concedido aos Mestres dos Antigos Irmãos da Rosa-Cruz desde sua fundação por Robert, o Bruce em 1317.

A Arte de Hermes

Embora o Ritual da Maçonaria do Real Arco seja ostensivamente delineado em torno de uma descoberta subterrânea, parece provável que, em tempos mais antigos, sua origem fosse arquita e tivesse base hermética. De fato, as Constituições pré-Inglaterra de 1723 especificam por 23 vezes que se trata do cultivo de uma "Arte Real" — escrito sempre em maiúsculas ou em itálico. Também no Ritual de 1723 vem a Pergunta: "De onde vem o padrão de um arco?", à qual se dá a Resposta cerimonial correta: "De um arco-íris". Esta é uma interessante reminiscência do emblema da "luz curvada" da Casa alquímica de Camu-lôt (ver "Um Nobre Artífice", p. 206).

Não há dúvida de que muitas das gravuras no jornal rosacruciano de Robert Fludd, Clavis Philosophiae et Alchymiae Fluddianae, publicado na década de 1630, são protótipos de dispositivos maçônicos posteriores. Alguns Quadros de Loja nas Lojas no século XVIII são construídos da mesma maneira. Além disso, uma jóia de diácono muito usada na época tinha uma representação do próprio Hermes. Portanto, o que aconteceu aos aspectos rosacrucianos e herméticos da Maçonaria primitiva? Como os segredos reais dos tempos elizabetanos e dos Stuart foram esquecidos, sendo substituídos por estranhos rituais, os quais estão além da compreensão até para os participantes modernos? E óbvio que um vestígio alquímico persistiu no século XVIII georgiano, especialmente porque os colegas mais jovens de pessoas como Isaac Newton e Christopher Wren ainda estavam vivos; porém, no século XIX, todos os traços de qualquer coisa cientificamente válida desapareceram.

A mudança de ênfase final ocorreu em 1809, quando uma acalorada disputa surgiu entre os filhos do rei George III, Eduardo e Augusto (irmãos mais jovens de Jorge Augusto, que se tornou o rei Jorge IV). O príncipe Eduardo, duque de Kent, era maçom do novo Rito de York da Casa de Hanover, mas seu irmão, o príncipe Augusto Frederico, Duque de Sussex, era um Cavaleiro Templário do Rito Escocês e (apesar da posição de seu pai) era aliado da exilada Casa dos Stuart. Eduardo tentou abalar a posição de seu irmão, mas falhou e se comprometeu ao criar um ramo pseudotemplário dentro da estrutura maçônica inglesa. Este ficou sob seu próprio protetorado de Kent e dura até hoje, embora praticamente desligado do Templarismo legítimo.

Um gravador chamado Alexander Deuchar aproximou-se então de Eduardo de Kent para criar um estatuto que estabeleceria uma autoridade Templária anti-Stuart na Escócia. O duque concordou e, em 1811, a nova fundação ficou conhecida como Conclave Escocês, tendo Deuchar como Grão-Mestre e Eduardo como Grande Patrono Real.

A partir de 1826, o Grão-Mestre dos Templários originais da Escócia era Robert Martin, do Grande Acampamento Irlandês. Denunciou o estabelecimento de Deuchar em 28 de dezembro de 1827, proclamando que nem o duque de Kent, nem Deuchar tinham o direito de fingir serem Cavaleiros do Templo. O duque, porém, era filho do rei, e pouco havia que Martin pudesse fazer contra seu falso estabelecimento. Conseqüentemente, os acampamentos irlandeses e escoceses originais se aliaram aos Templários Stuart e a seu Rito Escocês na França — especialmente ao Chapitre Primordian de Rose Croix, que fora constituído em Arras por Bonnie Prince Charlie e pelo conde de St. Germain em 1747. O duque de Kent não tinha meios de infiltrar essa atividade fora da Grã-Bretanha; assim, forjou uma série de graus espúrios adicionais e introduziu aquilo que ainda se chama Rito Escocês na Grã-Bretanha e na América do Norte. Assim, o que aconteceu com os segredos perdidos das fraternidades científicas originais? Nada. Eles ainda existem, mas certamente estão perdidos para as instituições maçônicas sob a jurisdição do Protetorado de Kent.

O Senhor da Luz

Às vezes, diz-se que o pavimento axadrezado em preto e branco nas Lojas maçônicas tem relação com o chão do Templo de Salomão, mas essa não é uma representação bíblica e nada disso é mencionado no Antigo Testamento ou em qualquer texto relacionado. Na verdade, 1 Reis 6:15 e 30 afirma especificamente que o chão do Templo era feito de tábuas de abeto cobertas de ouro. Por causa disso, o pavimento da Loja é um assunto freqüente de discussão em círculos maçônicos, com muitos pontos de vista que se impuseram ao longo dos anos. Qualquer que seja sua origem, reflete a bandeira de guerra xadrez dos Cavaleiros Templários. Chamada Beaucéant (alternativamente, Baussant), a bandeira representava — exatamente como o pavimento maçônico — a relação inconstante entre a repressão e a liberdade, entre a ignorância e a iluminação, entre Escuridão e Luz.

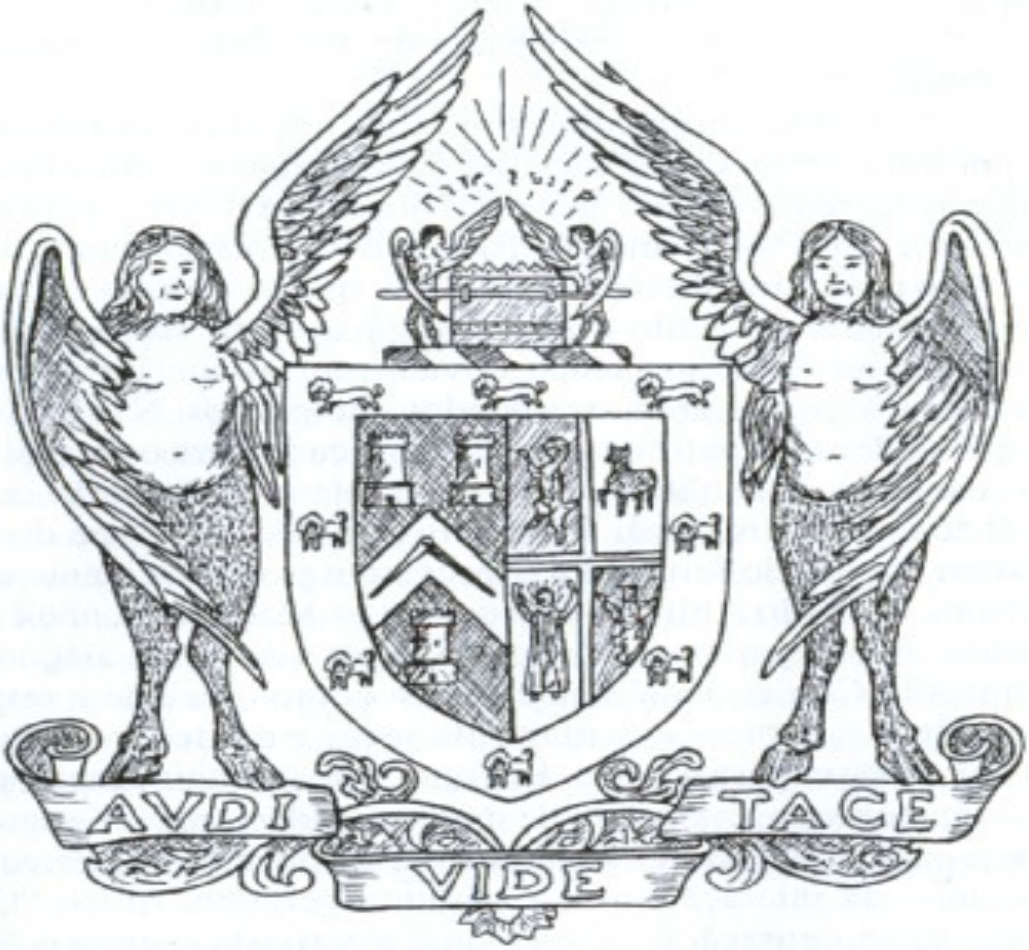
Uma das palavras simbólicas no Ritual do Real Arco, que supostamente foi descoberta em uma catacumba do primeiro Templo, quando o alicerce do segundo Templo de Zerubabel estava sendo preparado, é Jah-Bul-On. Supõe-se que esta seja uma combinação de palavras hebréias, mesopotâmicas e egípcias, que significa "Eu sou o Senhor, Pai de todos" (ou palavras semelhantes, dependendo do ritual particular utilizado). Às vezes é aumentada como "Eu sou e serei; Senhor no Céu; o Pai de todos" — ou mesmo imensamente estendida como "Eu sou o que sou, o Alfa e o Ômega, o início e o fim, o primeiro e último, que foi e é, e o que virá, o Todo-Poderoso".

Qualquer que seja o caso, Jah-Bul-On é um princípio divino triuno, vindo de diferentes culturas e relacionado aos três aspectos do Grande Arquiteto da Maçonaria, Javé — chamado simplesmente de Jah no Salmo 68:4 (hebreu), Bul (alternativamente Baal ou Bel: cananeu) e On (egípcio), o que se traduz como "eu sou/o senhor/On". Porém, a última palavra, On (como citada em Gênesis 41:45) define o Deus-Sol egípcio e era um nome alternativo de Heliópolis, a cidade-Templo egípcia de Anu e Rá, chamada casa do sol. Dessa forma, o termo On relacionava-se especificamente à "luz". Uma tradução mais exata de Jah-Bul-On seria, portanto: "Eu sou o Senhor da Luz".

Como a Luz predomina como requisito, em suas formas maiores e menores, por todo o ritual maçônico, há de fato alguns indicadores-chave para os antigos segredos dentro da cerimônia do Real Arco. Esta chegou à Inglaterra do século XVIII, vinda da Irlanda e da Escócia, como um vestígio de um ramo mais filosófico da Maçonaria, que havia sido exilado. Uma vez que a Maçonaria do estilo escocês original viera diretamente de um legado Templário no território gaélico, obviamente possuía uma importância Templária e seus segredos eram os segredos Templários. Não há dúvida de que o Templo de Jerusalém tinha grande significado para os primitivos Cavaleiros Templários, mas não porque era o projeto de Salomão ou porque Hirão Abiff fora assassinado ali. Ele era importante por causa do que eles desenterraram no sítio de Jerusalém e trouxeram para o Ocidente em 1127.

A história de Hirão Abiff, como contada na Maçonaria, não é mencionada na Bíblia ou em qualquer outra crônica por que é uma alegoria em si, não uma história. Conseqüentemente, assim como o debate a respeito do pavimento xadrez, isso provocou muita discussão e muitos livros buscavam encontrar uma origem para a lenda. Em seu contexto mais amplo, porém, é a história da importante exumação de uma escuridão ignóbil, seguida pela transferência auspiciosa ao Reino da Luz. Esse conceito é esclarecido desde o comecinho da iniciação com a seguinte pergunta ritual: "Qual é o maior desejo de seu coração?", para a qual a resposta correta é "Luz".

A lenda hirâmica (com o desenterro ritualístico e a transferência do Mestre) podia ser nada menos que um relato alegórico do desenterro e da transferência da Arca da Aliança, que aparece não apenas nas imagens do Real Arco, mas (mesmo se não diretamente mostrada nos rituais de graus) encima soberbamente o brasão da Grande Loja Unida em seu timbre. Além disso, o atual Ritual do Real Arco explica que, por volta do final do século XVIII, houve uma disputa sobre um aspecto da Jóia do Capítulo, que resultou na reinterpretação de parte do Ritual. Antes disso, uma combinação de palavras descritivas na explicação da Loja para a jóia diz o seguinte: "Nil nisi clavis deest... Templum Hierosolyma... clavis ad thesaurum... theca ubi res pretiosa deponitur", que se traduz como: "Nada se quer, senão a chave... o Templo de Jerusalém... a chave do tesouro... um lugar onde uma coisa preciosa está escondida".



Brasão da Grande Loja Unida da Inglaterra, encimado pela Arca da Aliança

18
O LOCAL DE DESCANSO

Rosário dos Filósofos

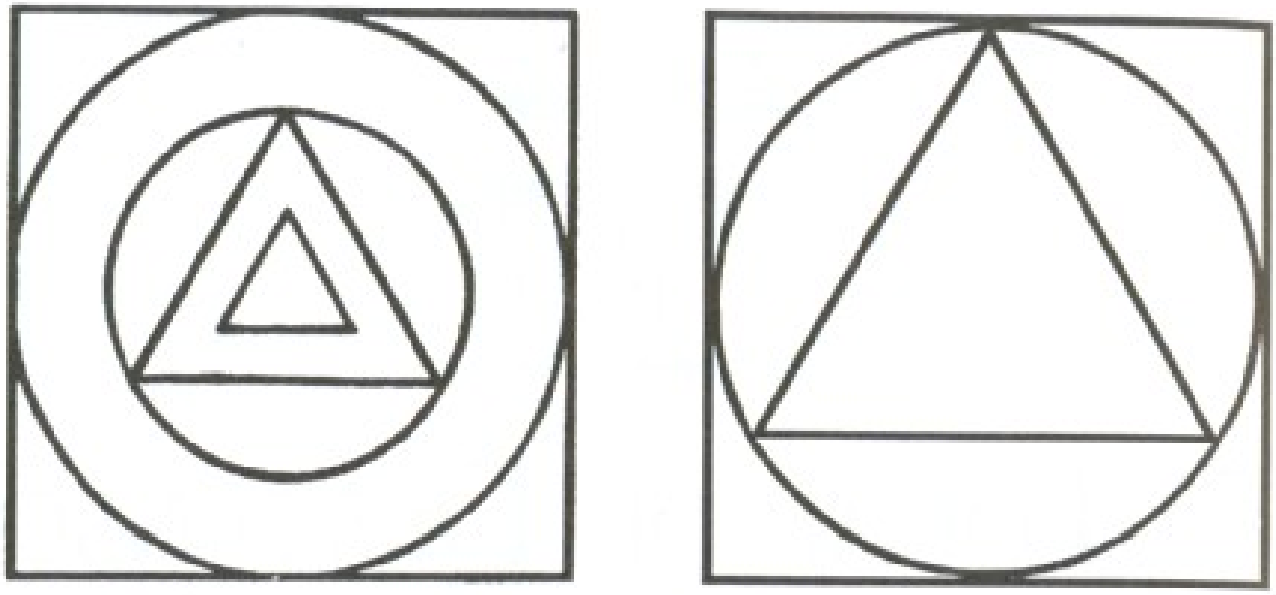
Ao determinar o lugar e o método da transferência da Arca pelos Templários, há certos elementos fundamentais para se levar em conta. É de primária importância o envolvimento da "luz". A seguir, é preciso que uma "pedra fundamental" (ou pedra de cumeeira) esteja na posição certa. Além disso, o relato do Real Arco acerca das catacumbas do Templo de Jerusalém (onde os pedreiros encontraram

a inscrição secreta Jah-Bul-On e um misterioso pergaminho) faz referência particular a um "prato de ouro" gravado, que supostamente foi descoberto em um pedestal de mármore.

Em vez de se referir à "Primeira Loja" de Hirão Abiff no Templo de Salomão (como feito no Terceiro Grau), o Ritual do Real Arco refere-se a um acontecimento anterior. Nesse caso, conta-se que a primeira Loja ficava "aos pés do monte Horebe, no deserto do Sinai", onde Moisés, Aoliabe (filho de Aarão) e Bezalel presidiam. Afirma-se então que a segunda Loja ficava no Templo de Jerusalém — não no pórtico, mas no "centro do sagrado monte Moriá", presidida pelo rei Salomão, por Hirão de Tiro e Hirão Abiff.

O que estava gravado no prato de ouro? De acordo com o ensinamento maçônico, havia (além do inefável nome de Deus) duas formas geométricas integradas: um triângulo equilátero dentro de um círculo. Graficamente, elas são representadas em documentos do Real Arco como um par de formas concêntricas dentro de um quadrado — essencialmente, três formas ao todo: um círculo, um quadrado e um triângulo.

O que simboliza esse gráfico? O Ritual conta que o segredo é "mais precioso do que pérolas, e tudo o que podes desejar não é comparável à ele... é árvore de vida para os que o alcançam..." (essa declaração vem do Livro dos Provérbios do Antigo Testamento 3:15-18).



Símbolos gráficos do Royal Arch Plate (de acordo com o Aldersgate Ritual*) e da Pedra Filosofal (segundo o* Rosarium Philosophorum*)*

Vamos dar uma olhada no trabalho hermético conhecido como Rosarium Philosophorum (o Rosário dos Filósofos), publicado em 1550 dentro do volume alquímico De Alchemia opuscula complura veterum philosophorum. Relativamente à Pedra Filosofal, ele afirma que seu emblema é desenhado como um círculo redondo, um quadrângulo (quadrado) e um triângulo. O símbolo gráfico da Pedra Filosofal, como determinado pelo Rosarium Philosophorum, é, portanto, muito parecido com o gráfico do Real Arco, que por sua vez se relaciona ao prato dourado descoberto na catacumba do Templo de Jerusalém.

Outro ponto de considerável interesse vem da representação do Real Arco feita no século XVIII por Laurence Dermott (ver prancha 20). Ele era secretário da antiga Grande Loja da Inglaterra a partir de 1751, antes que os antigos e os modernos se juntassem, formando a Grande Loja Unida da Inglaterra em 1813. A esse respeito, Dermott era o principal protagonista para a aceitação do Real Arco dentro da estrutura maçônica moderna. Sua pintura identifica a câmara abobadada de Jerusalém por meio de um marco arquitetural moderno

sem a sua pedra angular. Abaixo, em um pavimento axadrezado, está o pedestal de mármore. Mas onde está o prato de ouro que supostamente foi descoberto sobre ele? Em seu lugar temos a própria Arca da Aliança, que forma a peça central da pintura.

Essa imagem poderia ser comparada à gravura filosófica da Sociedade Real, feita um século antes (prancha 19). Novamente, temos uma câmara com arco, o mesmo piso xadrez e um pedestal central. A diferença é que o rei Charles II toma o lugar da Arca na forma de um busto de pedra. Como Grão-Mestre descendente das ordens familiares da antiga Escócia, o rei Charles (Cavaleiro Templário nomeado desde o nascimento) era o patrono real do interesse da sociedade rosacruciana na Pedra Filosofal. Na representação de 1667, o dedo do visconde Brounckner, apontando, não deixa dúvida em relação à importância de Charles na pintura. Sua tia, a princesa Elizabeth (filha do rei James I), casara-se com Frederico V, Eleitor Palatino, em 1613. Seu filho (primo de Charles I) Rupert, Príncipe Paladino do Reno, era Mestre Rosa-Cruz de Heidelberg. Além disso, o rev. John Wolkins (autor do controverso livro hermético Mathematicall Magick, e Vigilante do Wadham College na Universidade de Oxford) não era apenas o capelão do príncipe Rupert, mas também fundador e principal instigador do antigo Invisible College baconiano, que acabou por se tornar a Sociedade Real científica de filósofos naturais.

Como mencionado anteriormente (ver "Castigo dos Templários", p. 223), Eduardo Bruce (irmão de Robert, o Bruce dos Scot) foi rei da Irlanda após o exílio dos Templários da Europa, em 1307. O Grande Priorado Templário da Irlanda conseguiu armas para o Cavaleiro Hugo de Crecy, que comandou o contingente Templário em Bannockburn, em 1314; as Lojas irlandesas emergentes eram chamadas "acampamentos". No século XVIII, Laurence Dermott estava ligado ao Grande Acampamento Irlandês antes de introduzir o Real Arco na Inglaterra. O legado do Capítulo era, certamente, baseado nos Templários; parece provável que o Ritual atual seja um legado das escavações Templárias no século XII em Jerusalém. Embora o Ritual

do Real Arco e suas imagens se relacionem emblematicamente à descoberta da Arca e da Pedra Filosofal nas catacumbas por pedreiros da época do segundo Templo de Zerubabel (c. 536-520 a.C), elas se baseiam mais provavelmente na descoberta dos Cavaleiros Templários no início do século XII.
Enquanto a Arca era um pré-requisito para se fabricar a Pedra Sagrada do pó branco de ouro (o mfkzt ou shem-an-na) na época mosaica e salomônica, era também um receptáculo de armazenamento para a substância, que a tornava supercondutiva, donde seus poderes levitativos e outros relacionados. A Arca e a Pedra Filosofal, embora não sinônimas, são inextricavelmente ligadas e, enquanto o gráfico do Real Arco representa a pedra (de acordo com o Rosariam Philosophorum), a representação original do próprio Dermott é muito mais explícita ao retratar a própria Arca.

Entrega da Arca

Como uma confirmação adicional de que a Arca foi realmente enterrada por instrução do rei Josias antes do assalto de Nabucodonosor em 597 a.C. podemos dar uma olhada nos escritos talmúdicos (ver "Guardiães do Destino", p. 146). No Mishnah hebreu (Yoma 52b), está especificamente declarado: "Antes da destruição do primeiro Templo sagrado, o rei Josias ordenou que a Arca fosse escondida para evitar sua captura". Na continuação, conta-se que o Shemen ha Mishchah também foi escondido com a Arca, o que fez com que os sumos sacerdotes não pudessem ser ungidos dali em diante. A palavra mishchah refere-se à "unção" (de onde vem Messiah: o ungido); tradicionalmente, supõe-se que o Shemen ha Mishchah era o "óleo de unção" dos Messias. Lingüisticamente, isso é precisamente o que o termo significa agora, mas, etimologicamente, Shemen ha tem uma semelhança notável com o termo mesopotâmico shem-an-na, a nobre Pedra de Fogo do pó branco de ouro, a Pedra Filosofal do legado messiânico.

Ao falar dos antigos gênios Apkallu (ver "Reino dos Gênios", p. 116), vimos como uma função primordial desses sacerdotes da Mesopotâmia era santificar os reis. Seu instrumento simbólico de santificação era uma pinha, chamada de mullilü, que significa "purificador", e sua substância de purificação era o pó shem-an-na, que eles levavam em suas sítulas. Esse "pó de projeção" mágico se relacionava diretamente, nos relevos assírios, à Árvore da Vida (a planta do nascimento); no ritual maçônico, afirma-se a respeito do segredo do Templo: "É árvore de vida para os que a alcançam". O conceito da purificação é mais encorpado pelo Pergaminho do Templo dos Manuscritos do Mar Morto, quando tratam do grande recipiente de bronze do rei Salomão (ver "O Projeto da Pedra de Fogo", p. 137). Ele ficava, segundo o manuscrito, na Câmara de purificação. É provável que, embora o Shemen ha Mishchah seja normalmente associado com o óleo de unção e signifique exatamente isso na linhagem hebraica, fosse originalmente uma referência ao shem-an-na da purificação da Pedra Filosofal, que estava guardado dentro da Arca quando esta foi escondida por Josias e Jeremias.

Para reconstruir a cena reveladora sobre o paradeiro atual da Arca sagrada, vale a pena estabelecer e confirmar alguns dos princípios da tradição Templária da forma como existem atualmente. Para isso, podemos ver o trecho retirado do discurso cerimonial de um Cavaleiro Grande Comandante da Ordem Cavalheiresca no Templo de Jerusalém para um Capítulo maçônico Templário da Grande Loja da Escócia, em 1990. Ele foi feito na capela cisterciense do século XII na abadia de Newbattle em Lothians. A Loja reunira-se especialmente para celebrar a festa do padroeiro e protetor original dos Templários, St. Bernard de Clairvaux, em 20 de Agosto. Eis o trecho relevante:

Em 1127, Hugo de Payens recebeu ordens de voltar à sua França natal para tomar parte nos procedimentos do Concilio de Troyes, liderado por ninguém menos que o Cardeal Legado da França: o representante pessoal do papa Honório II. Porém, o poder por trás do Cardeal, cuja palavra era lei e total obediência, era o abade Bernard de Clairvaux, da Ordem Cisterciense. Hugo de Payens era parente de

Bernard e do conde de Champagne, mas não voltou para seus primos de mãos vazias; longe disso. St. Bernard recebeu baús cheios de antigos livros, junto com o maior prêmio de todos, a Arca da Aliança.
O registro do próprio São Bernardo referente ao retorno dos Templários em 1127 (ver "Concilio da Arca", p. 214) é inequívoco ao confirmar que os Cavaleiros e seu carregamento haviam sido postos "sob a proteção do conde de Champagne, com quem todas as precauções poderiam ser tomadas contra quaisquer interferências por autoridades públicas ou eclesiásticas". Desde o início, Bernard sabia que o interesse da Igreja seria despertado por sua descoberta, uma vez que a valiosa carga fora posta sob guarda militar para sua viagem pela França e a Burgundia. Esse interesse fanático da Igreja pelo tesouro sagrado continuou por séculos à custa de incontáveis vidas. Levou à Cruzada Albigense, às perseguições templárias e à Inquisição católica em geral.
Em nosso estudo dos Templários antes de sua perseguição e exílio (ver "Notre Dame", p. 216), testemunhamos como as espantosas catedrais góticas da França foram o maior fruto arquitetônico de seus esforços. É dessa maneira que descobrimos a última referência histórica à Arca da Aliança no domínio público. Em Chartres, a mais sagrada de todas as catedrais, a Arca é representada durante seu transporte em um pequeno relevo de pedra. Esse entalhe, em uma coluna do Portão dos Iniciados, é acompanhado por uma inscrição em uma forma arcana de latim. A tradução foi dificultada, ao longo dos anos, por áreas de incrustração e erosão, além de alguns danos trazidos pela revolução francesa, mas a moderna limpeza a laser ajudou consideravelmente. Pode-se ler: "Hic Amittitur Archa Federis", que se pode traduzir como: "Eis que daqui se vai a Arca da Aliança", "Eis daqui enviada a Arca da Aliança", ou "Eis que daqui se entrega a Arca da Aliança". Não importa o modo como a sentença é traduzida, não se refere de forma alguma à perda ou ocultamento da Arca pelos Templários; simplesmente que ela "foi", "foi enviada" ou "entregue", "daqui", de Chartres.

A Proeza Final

Uma das características mais curiosas e freqüentemente discutidas da catedral de Chartres é seu labirinto. Ele é curioso porque, embora labirintos sejam antigos e multiculturais, em tempo nenhum foram associados ao Cristianismo. E isso fez o clero católico destruir os labirintos franceses em Auxerre, em 1690; Sens, em 1768; Reims, em 1778; e Arras, em 1795. Jean-Baptiste Souchet, cânone de Chartres, que morreu em 1654; escreveu que considerava o labirinto da catedral "uma brincadeira sem sentido, uma perda de tempo". Porém, diferente de seus colegas, ele nunca ousou a profanação em Chartres e, hoje, ele é o maior, mais preservado e, tradicionalmente, o mais sagrado de todos os labirintos da época medieval.

Desenhado no pavimento da nave, o esquema de Chartres replica com precisão o labirinto de um manuscrito grego do século II. Durante a década de 1220, ele foi copiado no Álbum de Croquis (caderno de esboços) do escrivão consultivo Vilars Dehoncort da Picardia (ver prancha 16), e se tornou uma realidade maçônica em Chartres na época em que o primeiro andar da catedral foi completado, em 1260. Os esboços de Dehoncort, em folhas de pergaminho encadernadas com couro de porco, estavam guardados, no final da Idade Média, no monastério parisiense de St. Germain, tendo sido passados para a biblioteca nacional em 1795. Acompanhando desenhos arquitetônicos e de janelas, o portfólio inclui muitos esboçou de animais, técnicas de carpintaria e alvenaria, além de mecanismos hidráulicos e mecânicos, que tornaram Dehoncort famoso como o Leonardo gótico (após uma modernização de seu nome no século XIX, ele é atualmente chamado Villard de Honnecourt).

O labirinto de Chartres

O caminho tortuoso do labirinto de Chartres tem comprimento de mais de 261,5m. Dizia-se que era a "jornada a Jerusalém" e era chamado "o labirinto de Salomão", representando em particular o recipiente de bronze de seu Templo. De fato, o Dictionnaire des Symboles aponta que seu propósito era cumprir uma função mágica, que The Encyclopedia of Religion esclarece ser um decensus ad inferos — uma descida à escuridão e o retorno à luz.

Um registro do labirinto de Chartres na catedral de Luca, Itália (onde o desenho aparece, em miniatura, em um pilar) afirma: "Este é o labirinto construído pelo cretense Dédalo. Ninguém jamais conseguiu sair, exceto Teseu, graças ao fio de Ariadne" (ver "Teseu e o Minotauro" no Apêndice VI, p. 329). O que soa estranho aqui é que é

perfeitamente fácil encontrar o caminho de volta em Chartres, uma vez que não há devios ou becos sem saída, e o caminho de entrada e de saída é o mesmo. O mistério reside no fato de que o labirinto é alquimicamente planejado para a única proposta do decensus ad inferos. Portanto, quando propriamente operativo, é o caminho para um campo de luz envolvente, o mesmo antigo Campo de Mfkzt (ver "Campo dos Abençoados", p. 19). A distância entre o centro do labirinto e a porta oeste é praticamente a mesma que entre a porta oeste e a janela rosácea oeste sobre ela. A base do triângulo é a distância do centro do labirinto até o centro da janela. A janela retrata o Juízo Final e, se a fachada oeste fosse dobrada sobre o piso da nave, o labirinto e a rosácea oeste corresponderiam.

Voltando por um momento ao Ritual da Maçonaria, há uma conversa cerimonial que ocorre entre o Venerável Mestre e seus Vigilantes a respeito do Oeste e dos Segredos Perdidos. O Mestre pergunta: "Como você espera encontrá-los?" Resposta: "Pelo centro". Pergunta: "O que é um centro?" Resposta: "O ponto dentro de um círculo do qual cada parte da circunferência é eqüidistante". Nesse sentido, é pertinente notar que o símbolo do "ponto dentro de um círculo", tão familiar aos maçons, é idêntico ao hieróglifo de Luz que aparece no Santuário dos Reis no Templo de Hathor em Serâbit el Khâdim, onde começou a nossa jornada (ver "O Grande", pag. 21).

Se relacionarmos tudo isso à descoberta dos objetos nas catacumbas do Templo que representavam certos segredos maçônicos, e se o labirinto de Chartres constitui o caminho para a luz de acordo com a tradição rosacruciana, deveríamos razoavelmente esperar encontrar um prato dourado em seu centro. Porém, esse prato não está no chão da nave.

Apesar disso, o que encontramos no centro despido e ostensivamente inacabado do labirinto é um certo número de tachas de metal, cortadas na altura do chão. A esse respeito podemos consultar os escritos de Sire Charles Challine, senhor de Messalain, que morreu em 1678. Seu diário registra que um prato dourado brilhante ocupava realmente a rosácea central do labirinto. Outras investigações revelam

que, em 1792, quando os sinos de ferro da catedral foram derretidos para fazer canhões durante as guerras napoleônicas, o pesado prato também foi removido. Ele tinha mais de 140 cm de diâmetro e era na verdade feito de cobre brilhante. Os escritos de Challine e outros contam que, de acordo com a referência italiana em Lucca, ele tinha gravada a cena de Teseu e o Minotauro, com Ariadne e sua bola de fio da lenda cretense.

Considerando-se que o cobre, metal mole, seria pouco útil para fabricar canhões ou armaduras, é possível que o prato de Chartres tenha sido removido com algum propósito bem diferente naquela época. Pode ter sido simplesmente roubado por revolucionários ou talvez sua remoção tenha ocorrido para mantê-lo seguro; talvez pelos próprios Templários. Se esse foi o caso, há uma chance de que ele ainda exista, embora eu não tenha encontrado nenhum registro de sua armazenagem. Em The Hiram Key, Christopher Knight e Robert Lomas apresentam uma sugestão bem fundamentada de que o pergaminho do Real Arco do Templo de Jerusalém foi escondido pelos Templários na capela Rosslyn, perto de Edimburgo. Em seu livro, Rosslyn, Tim Wallace-Murphy e Marilyn Hopkins concluem também que há muita probabilidade de os pergaminhos de Jerusalém descobertos pelos Templários estarem na capela. Se eles estiverem corretos, então Rosslyn também poderia ser uma residência provável do prato de Chartres, que está imerso em uma replicação na mesma tradição do Real Arco.

O cobre (ver "Levitação e Teletransporte", p. 174) é um poderoso supercondutor do Tipo 2, que superconduz na presença de grandes campos e correntes magnéticas. Ao fazê-lo (como explicado no Chemical and Engineering News), o cobre expele o campo magnético até o ponto de seu nível crítico mais baixo, criando assim um "tubo de fluxo" entre ele e a fonte magnética. O campo magnético num tubo de fluxo é gerado por supercorrentes que circulam em torno do tubo e reconstroem o campo expelido de Tipo 2 através da corrente em torno de sua periferia. Assim, o tubo de fluxo torna-se um vórtice. De certo modo, tais vórtices não são (de acordo com a antiga interpretação)

diferentes da pedra-de-raio de Jacó, que constituía a escada para o céu em Betel, pela qual os anjos subiam e desciam. Na mesma maneira, há a história do redemoinho que carregou Elias ao Céu.
Para facilitar esse processo do tubo de fluxo, um gerador magnético ou supercondutor do Tipo 1 será necessário para focalizar sua energia sobre o prato de cobre que, sendo um expulsivo magnético, terá sua energia não-penetrativa drenada pelo vórtice do tubo. O físico nuclear Daniel Seweíl Ward, Ph.D., explica que o gerador magnético seria como um almirante dirigindo operações de sua nau capitania em alto-mar, enquanto seu encouraçado (o prato de cobre) cuida do que está próximo. A distância entre eles é inteiramente irrelevante, pois os supercondutores, uma vez em ressonância, operam sobre qualquer extensão de espaço e tempo.
Nossa jornada labiríntica, portanto, é em direção ao centro, ao prato brilhante do juízo final. Porém, se a alquimia do recipiente de Salomão tiver de ser ativada, uma força magnética sobrecarregada vinda de cima é necessária — em essência, precisamos da "pedra angular" vórtica do Real Arco. Há algo assim em Chartres? Na verdade, não — um incêndio em 1836 engoliu e destruiu completamente o forro de madeira da catedral, que depois foi reconstruído. Mas, e antes disso?
O metrologista e mineralogista Dr. Martin Lister foi um dos companheiros fundadores originais da Sociedade Real de Londres em 1662. Associado a Elias Ashmole e ao círculo rosacruciano, Lister era também renomado naturalista e Companheiro do Real Colégio de Médicos. Lister visitou a França em 1698 para se encontrar com colegas da Academia Francesa e comparar notas de façanhas científicas. Ficou especialmente intrigado quando soube de uma nova caneta de metal, naquele tempo em que se usavam penas de aves, e escreveu também em seu diário a respeito de Chartres. "No alto da catedral", explica ele, "costumava haver uma grande magnetita de forte virtude magnética".
Magnetitas tão poderosas em geral têm origem meteórica, como as pedras-de-raio das lendas. São ricas em ferro magnético e enriquecidas com irídio, poderoso supercondutor do Tipo 1. Com

freqüência, esses meteoritos de pedras-de-raio são pequenos como bolas de tênis, mas por vezes são bem grandes. No século XVIII, uma magnetita de 726 kg foi descoberta na Rússia e, em 476 a.C, uma pedra-de-raio "grande como uma carroça" caiu na Trácia.
Os artesãos do antigo Egito certamente conheciam propriedades dessas pedras, referindo-se a elas como res mehit ba, que significa "ferro norte-sul". Mas também conheciam as supremas qualidades de outro material muito precioso, que eles chamavam tchãm. A natureza precisa dessa substância atualmente é desconhecida, mas pelas inscrições parece que era usada especificamente para as coroas de obeliscos e pirâmides — a pedra do ápice. A pesquisa de David Hudson acerca da natureza do tchãm o levou à conclusão de que era um vidro ORME brilhante, à base de ouro ou platina, e, em vista de sua associação com o Campo de Mfkzt, era sem dúvida supercondutivo. Ao escrever a respeito do misterioso tchãm, em 1924, E. A. Wallis Budge, curador de antigüidades egípcias no Museu Britânico, afirmou que certamente aquilo possuía valor considerável, porém ainda não se encontrou nenhuma amostra. Suas investigações revelaram que o tchãm e os piramidais provavelmente desapareceram no tempo do faraó Akenaton, o que é muito interessante.
Assim, nos períodos templários medievais, o palco perfeito para criar um vórtice cônico no tubo de fluxo, com uma área de base de cerca de 1,3 m de diâmetro, estava montado na catedral de Chartres. Acima, havia a pedra-de-raio supercondutiva Tipo 1 e, abaixo, o prato supercondutivo Tipo 2. Faltaria apenas a tensão elétrica para iniciar o fluxo de freqüência e excitar a energia desse ambiente mágico. Nesse palco, o dispositivo capacitivo de centelhamento — a Arca da Aliança — aguarda sob a pedra angular para desempenhar seu papel.

O Portal

Ao colocar a Arca dentro da arena para ativar o vórtice, surge uma extensão da cena, pois, como vimos, a Arca de Ouro que continha a Pedra de Fogo mfkzt era ela própria um supercondutor, com seu

próprio Campo de Meissner. Sob tais circunstâncias, o resultado podia ser espantoso.
Não apenas a Arca levitaria, como começaria a desafiar todos os parâmetros conhecidos da gravidade e do espaço-tempo, pois a supercondutividade não tem a ver com partículas e matéria, tem a ver com luz e existe em um mundo próprio. Citando David Hudson novamente: "Em supercondutividade, todos os átomos de um material agem como um único átomo, no qual o tempo é atemporal. Eles são coerentes; ressoam em um uníssono com a energia de ponto zero (precisamente como fora confirmado pelo Dr. Hal Puthoff do Instituto de Estudos Avançados).
No domínio quântico da teoria das supercordas, assumem-se dez dimensões no espaço-tempo — uma de tempo, três do espaço como o conhecemos e seis dimensões espaciais que colapsaram em uma diferente escala de percepção (parecido com a compressão digital em um computador). Em uma recente radiodifusão da BBC, o astrônomo real britânico, Sir Martin Rees, fala de pesquisa de dimensões paralelas não como empresa teórica recente, mas como ciência "arcana". "O espaço é a natureza fundamental da realidade", explicou ele, "mas tudo o que pensamos ser material e, portanto, composto de partículas, é na verdade feito de vibrações." Assim, não é difícil compreender que, se a freqüência de vibração mudar, a natureza da realidade também muda. Não há limites para a realidade — apenas a percepção do nocional que dela temos é limitada por ser baseada na experiência de nosso próprio espaço-tempo. Sabemos, por exemplo, que dois objetos materiais não podem ocupar o mesmo espaço, mas que coisas e materiais como luz, cheiro e o som parecem fazer exatamente isso. Portanto, o que a análise quântica tenta questionar é nossa perspectiva da realidade material.
Continuamos com a explicação de Sir Martin Rees: "A teoria das supercordas baseia-se no conceito de espaço em uma escala minúscula. Não é apenas em cima e embaixo, à esquerda e à direita, na frente e atrás, mas amarfanhado em uma série de harmônicos e movimentos". Da mesma maneira que a corda de um instrumento é

afinada pela tensão, a nota musical produzida é alterada por uma mudança nessa tensão. As partículas são também afetadas pela tensão (por seu modo de estímulo). Estamos acostumados a ver nossa realidade em um nível particular de tensão, mas quando a tensão muda e as partículas tomam uma forma diferente, elas estão em um estado vibratório diferente de nossa afirmação pessoal. Assim, não mais as vemos como um objeto composto. Isso não significa que elas não estejam ali, mas que passaram para outra região da existência. Como Hal Puthoff explicou acerca dos experimentos com o pó branco (ver "Átomos Invisíveis e Espaço-Tempo", p. 165), o objeto teria se tornado sem peso em nossa gravidade e teria se movido para além da percepção visual de nosso espaço-tempo familiar.

Baseados em todos os indícios históricos disponíveis, alguns estudiosos e escritores, como Louis Charpentier, afirmaram sua crença em que a Arca da Aliança teria como lar final a catedral de Chartres. Outros, como o Trevor Ravenscroft e Tim Wallace-Murphy, foram muito mais explícitos ao afirmar que isso é uma certeza. Nisso tudo, porém, é muito fácil que sejamos enganados por nosso próprio conceito familiar de realidade vibratória. Isso nos leva a fazer perguntas como: ela está enterrada em uma cripta, ou talvez emparedada? Precisamos enxergar o quadro através da alegoria do arquivo rosacruciano e aplicar o nosso conhecimento científico moderno sobre supercondutores e estados hiperdimensionais. O simbolismo do Real Arco inspirado nos Templários é muito direto ao anunciar onde a Arca está alojada e como os segredos perdidos podem ser encontrados.

A seguir, outra citação do Dr. Daniel Ward, explicando a partir de seu ponto de vista como físico praticante:

No nível das supercordas, a matéria cintila dentro e fora da existência; dentro e fora de nosso universo tridimensional. Mas há um horizonte de eventos (onde tudo o que entra não pode mais enviar mensagens de luz porque a própria luz fica presa pela gravidade) no qual a luz de um objeto se toma efetivamente invisível ou, simplesmente, não em três dimensões. Ao mesmo tempo, no fenômeno da

sonoluminescência [emissão de luz com comprimento de ondas curto a partir de um estímulo sonoro de baixa densidade], as extremas acelerações resultam em um clarão de luz, semelhante talvez à Enterprise, de Jornada nas Estrelas, quando entra nas dobras espaciais (warp drive). A idéia é que um objeto supercondutor implode, seja nas outras seis dimensões colapsadas ou através de um portal para dimensões totalmente expandidas.

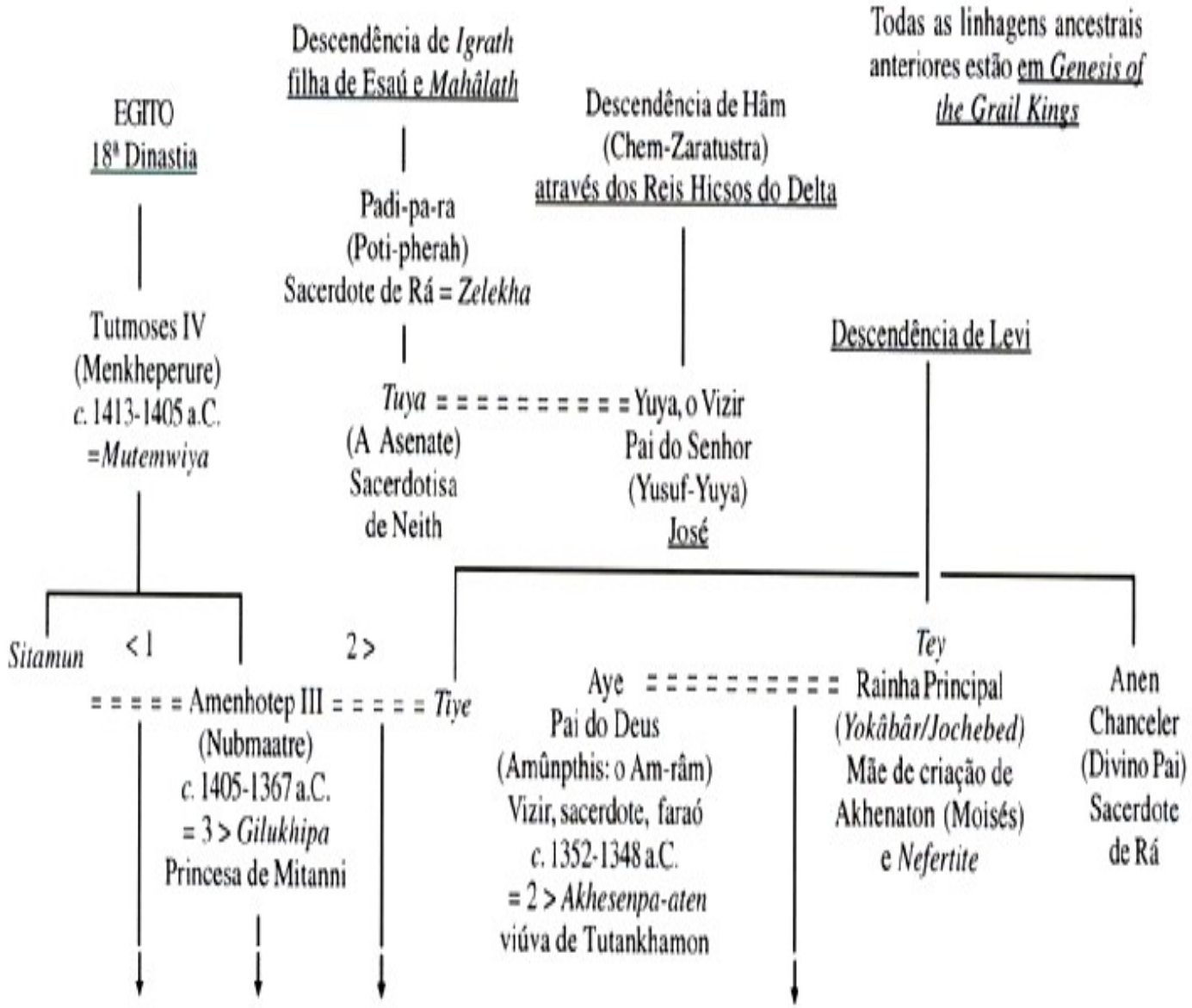
Este, portanto, é o Reino da Orbita da Luz: o Plano de Shar-on, o Campo de Mfkzt que os mestres artesãos, em tempos antigos, já conheciam (mesmo que não os compreendessem cientificamente). Dessa forma, progredindo no quadro de Chartres através da lógica conclusão do tubo de fluxo, a Arca da Aliança está sem dúvida exatamente no mesmo lugar em que esteve desde antes de 1307. No cenário científico resultante, ela reside majestosamente dentro da aura do labirinto na catedral de Chartres, tendo-se movido através do portal vórtico supercondutor de outra dimensão paralela do espaço-tempo.

Hic Amittitur Archa Federis: "Eis que aqui é entregue a Arca da Aliança".

QUADROS GENEALÓGICOS

A LIGAÇÃO EGÍPCIA

Descendência de Moisés, Miriam e Aarão



Descendência de Reuel
Filho de Esaú e *Bashemath*

Jetrô, sumo sacerdote de Midiã
Senhor da Montanha

Nefertite = = = = = = = = < 1 Amenhotep IV = = = = = = 2 > = = = = = = = = = *Kiya*
Akhenaton
1367-1361 a.C.
Moisés
= 3 > *Zípora*
(Mery-khiba/Mery-amon)
Miriam

Gérson
Eliezer

Mutnogjme
= Horemeb
General e Faraó
c. 1348-1335 a.C.

Meki-taten

Merytaten = = = = = = = = = = < 1 Smenkhkare
Zadoque e Faraó *c.* 1361 a.C.
(Akenkhkares/Cinciris/Smenkh-ka-ra-on)
Aarão

Akhensepa-aten = = = Tutankhaten
Tutankhamon
(Nebkheperure)
c. 1361-1352 a.C.)

Khiba-Tasherit

Thehara
(Princesa Scota)
= Niul da Cítia

FORA DO EGITO

Descendência de Miriam até o rei Davi

Jacó (Israel) = = = = = = = = *Lia*
c. 1790 a.C.

Levi
= *Melc*

Rubem
= *Ada*

Simeão
= *Adiba*

Diná = = = = Siquém
A Tehâma
filho de Hamor,
o Hivita

Issacar
(Jesacor/Hezka)

Zebulom
= *Niiman*

(Esposa)
Sua = = = = = = = = Judá = = = = = = = = *Tamar* ◆
(Betasuel)
(Judas)
de Kadesh
(viúva de Er)
(concubina)

Er
= *Tamar* ◆

Onã

Perez = = = = = = = = = = = = = *Baraiá*

Selá

Hezrôn = = = = = = = = = = = = = = = = = = = *Kanita*
(Ezrom)

Gerações que faltam na Bíblia
século XVIII a XIV a.C.

Rainha Khiba do Egito
(*Mery-amon/Miriam*)
= Amenhotep IV (Moisés)
Faraó Akhenaton

Khiba-tasherit = = = = = = = Rama = = = = = *Fozibe*
(Aram)

Ver quadro:
A Ligação Egípcia

Aminadabe = = = = = *Thehara*
(Amenhotep) (*Tara*)

Smenkhkare do Egito = = = *Eliseba*
(Aarão)
Faraó por um curto
período c.1361 a.C.
Ver quadro:
A Ligação Egípcia

Nassom
(Naassom Putiel)
=*Simar*
filha de Yuhannas

Azuba = = = = = Calebe = = = = = *Efrate*

Hur

Jasher
Comandante Real dos
Operários de Moisés
(Akhenaton)

Acsa = = = = = Otniel
Primeiro Juiz
de Canaã

Uri
Ben Hur

Bezalel
O Mestre Artesão

Quenaz

Eleazar = = = = = = = = (*Filha*)
[Descendência dos sacerdotes aaronitas]

Salma = = = = = = = = = = = Rachabe
(Salmon) (*Rahabe/Saphila*)

Mais quatro gerações bíblicas faltantes

Elimeleque
= *Naomi* (*Mara*)

Quiliom
= *Orpa*

Malom = = = = = = = = = = = *Rute* = = = = = = = = = = Boaz
d.s.p. A Moabita (Booz)

Descendência de Ló

Obede
= *Abalite*
filha de Sonas

Jessé
= *Habliar*
filha de Abrias

Davi
Rei de Judá *c.* 1008 a.C. — Rei de Israel *c.* 1001 a.C.

Canaã foi governada por juízes regionais até a introdução da monarquia — primeiramente sob o rei eleito Saul; em seguida, pela linhagem real de *Miriam* do Egito com o rei Davi de Judá e Israel.

A CASA REAL DE JUDÁ

Betsabá = = = = = = = = = = = = = = = Davi = = = = = = = = = = = = = *Mical*
viúva de Urias, o Hitita
Rei de Judá 1008 a.C.
Rei de Israel 1001 a.C.
Filha do rei Talmai de Gesur

Lista do Evangelho de Mateus

Lista do Evangelho de Lucas

Salomão (Jededias)
Rei de Israel 968-926 a.C.
= *Naamá (Nîn-mah)*
descendência amonita de Ló

Absalão
(Abishalom)

Natã

Matatá

Uriel de Gibeá = = = = = = = = = = = = = = =

Amazias
Rei de Judá 799-785 a.C.
= *Jecolias (Ikhalya)* de Jerusalém

Uzias (Oziah)
Rei de Judá 785-742 a.C.
= *Jerusa (Irusha)*, filha de Sadoque, o sumo sacerdote

Jotão (Joatham)
Rei de Judá 742-735 a.C.
= *Hadaste*, filha de Elcana

Acaz (Achaz)
Rei de Judá 735-715 a.C
= *Abias (Abhi)*, filha de Zacarias

Ezequias (Hezkias)
Rei de Judá 715-687 a.C.
= *Hepzibá (Bazyar)*, filha de Bartenas

Levi

Matã

Jorim

Eliezer

Josué

Manassés
Rei de Judá 687-642 a.C.
= *Mesulemete (Mashlemath)*, filha de Haruz de Jotbá

Amom (Amots)
Rei de Judá 642-640 a.C.
= *Jedidá (Jedida)*, filha de Adaías de Boscate

<1 | 2>

Zebudá (Zebhidha) = = = = = = filha de Pedaías de Rumá

Josias
Rei de Judá
640-609 a.C.

= = = = = = = *Hamutal (Hamtal)* Filha de Jeremias de Libná

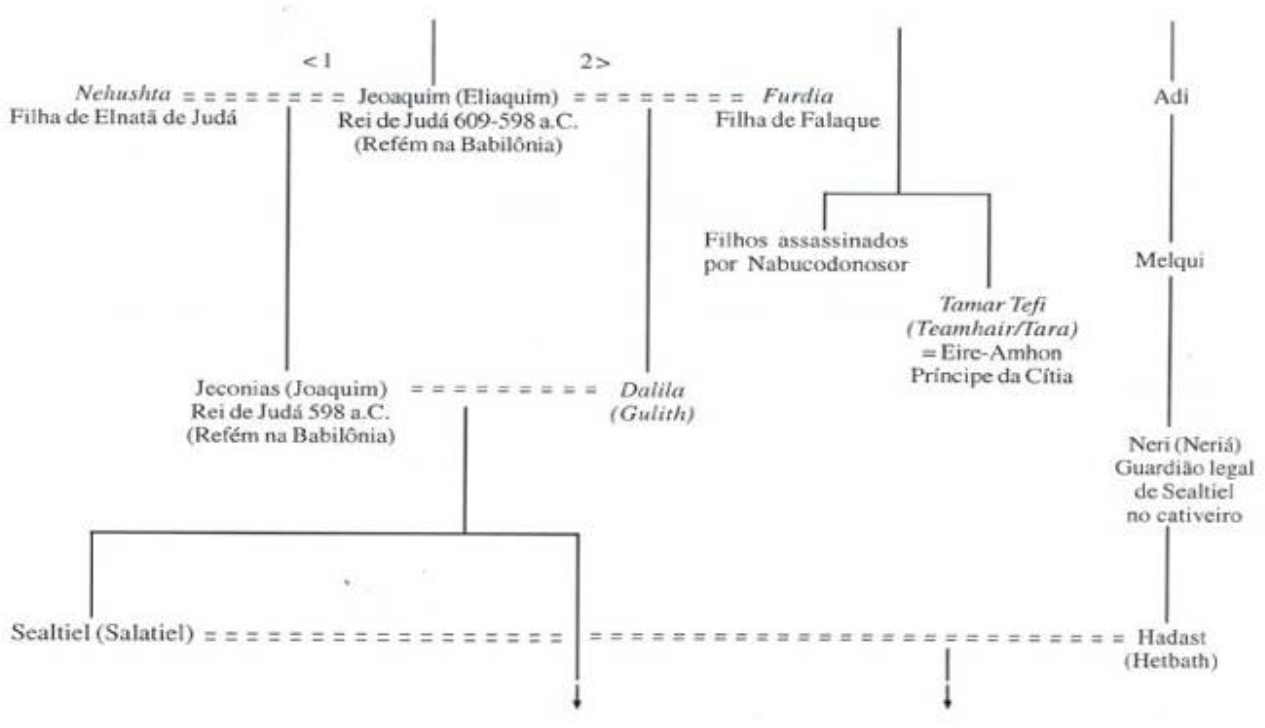
Jeoacaz
Rei de Judá 609 a.C.

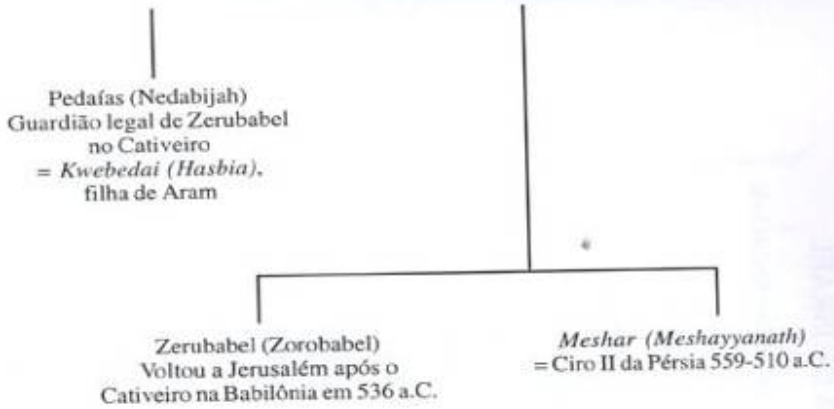
Matanias (Methanya)
Zedequias
Rei de Judá 598-586 a.C.
(Refém na Babilônia)

Er

Elmadã
(Elmodade)

Cosã


<1
2>
Nehushta
Filha de Elnatã de Judá
Jeoaquim (Eliaquim)
Rei de Judá 609-598 a.C.
(Refém na Babilônia)
Furdia
Filha de Falaque
Adi
Filhos assassinados
por Nabucodonosor
Melqui
Tamar Tefi
(Teamhair/Tara)
= Eire-Amhon
Príncipe da Cítia
Jeconias (Joaquim)
Rei de Judá 598 a.C.
(Refém na Babilônia)
Dalila
(Gulith)
Neri (Neriá)
Guardião legal
de Sealtiel
no cativeiro
Sealtiel (Salatiel)
Hadast
(Hetbath)


Pedaías (Nedabijah)
Guardião legal de Zerubabel
no Cativeiro
= Kwebedai (Hasbia),
filha de Aram
Zerubabel (Zorobabel)
Voltou a Jerusalém após o
Cativeiro na Babilônia em 536 a.C.
Meshar (Meshayyanath)
= Ciro II da Pérsia 559-510 a.C.

A CASA SACERDOTAL DE AARÃO

E os Profetas do Antigo Testamento

2>

Smenkhkare = = =

REIS DE ISRAEL
Sucessão paralela à Casa Real de Judá

Jeroboãol 928-906 a.C.
Nadabe 906-904 a.C.
Baasa 904-892 a.C.
Elá 892-890 a.C.
Zinri 890-886 a.C.
Onri 886-878 a.C.
Acabe 878-854 a.C.
Acazias 854-852 a.C.
Jeorão 852-843 a.C.
Jeú 843-815 a.C.
Jeoacaz 815-801 a.C.
Jeoás 801-786 a.C.
Jeroboão II786-746 a.C.
Zacarias 746-745 a.C.
Salum745a.C.
Menaém 745-738 a.C.
Pecaías 738-737 a.C.
Peca 737-732 a.C.
Oséias 732-721 a.C.

REIS DA BABILÔNIA
Contemporâneos ao período bíblico do rei Davi ao cativeiro

Adad-apal iddina 1067-1046 a.C.
[interregno]
Shimmash-shipak 1038-1032 a.C.
[interregno]
Nabü-mukin-apli 990-955 a.C.

Ninurt-akud-urusu 955-953 a.C.
Mar-biti-ahhê-iddin 953-942 a.C.
Shamash-mudammiq 942-901 a.C.
Nabü-shumi-shkun 1901-885 a.C.
Nabü-apal-idinna 885-852 a.C.
Marduk-zakir-shumi 1852-828 a.C.
Nabü-mukinzeri
Marduk-balatsu-iqbi
Marduk-apal-iddina II
Eriba-Marduk 782-763 a.C.
Nabü-shum-ishkun 763-747 a.C.
Nabü-nasir 747-733 a.C.
Ukin-zêr 733-730 a.C.
Marduk-zakir-shumi 11730-721 a.C.
Marduk-apal-iddina III721-711 a.C.
[interregno]
Bêl-ibni 702-700 a.C.
Ashur-nadim-shum 700-694 a.C.
Nergalu-shezib 694-693 a.C.
Mushezib-Maarduk 693-669 a.C.
Shamash-shum-ukin 669-648 a.C.
Kandalanu 648-627 a.C.
Nabopolassar 627-605 a.C.
Nebuchadrezzar II605-562 a.C. (Nabucodonosor)
Awêl-Marduk
Neriglissar
Labâshi-Marduk
Nabu-na-id 556-545 a.C.
Belsharusur 545-539 a.C. (Belshazar)

REIS DE ESPARTA E DA MACEDONIA
Incluindo parte do período entre o Antigo e o Novo Testamentos.

ESPARTA
Reinado duplo em duas linhagens: Agiadai e Eurypontidai
Anaxândridas (A) 560-520 a.C.
Aristão (E) 560-520 a.C.
Demratos (E) 520-491 a.C.
Cleômenes I(A) 520-487 a.C.
Leotíquides (E) 491-476 a.C.
Leônidas I (A) 487-480 a.C.
Pleistarco (A) 480-458 a.C.
Arquidamos II (E) 476-427 a.C.
Pleistoanax (A) 458-400 a.C.
Agis I (E) 427-401 a.C.
Agesilau II (E) 401-361 a.C.
Agesipolisl (A) 400-380 a.C.
Cleombrotos II (A) 380-371 a.C.
Agesipolis II (A) 371-370 a.C.
Cleômenes II (A) 370-309 a.C.
Arquidamos III (E) 361-338 a.C.
Agis II (E) 338-331 a.C.
Eudâmidas I (E) 331-309 a.C.
Areu I (A) 309-265 a.C.

MACEDONIA
Perdiccas 500-498 a.C.
Alexandre 1498-450 a.C.
Perdiccas 11450-413 a.C.
Arquelau 413-399 a.C.
[interregno]
Amintas III 393-370 a.C.

Alexandre II370-367 a.C.
Perdiccas III367-359 a.C.
Amintas IV 359 a.C.
Felipe II 359-336 a.C.
Alexandre III (O Grande = Roxane da Pérsia) 336-323 a.C.
Felipe III (co-governante) 323-317 a.C.
Alexandre IV (co-governante) 323-316 a.C.
Arquidamos IV (E) 309-265 a.C.
Acrotato (A) 265-263 a.C.
Eudâmidas II(E) 265-245 a.C.
Areu II (A) 236-256 a.C.
Leônidas II (A) 256-252 a.C.
Agis IV (E) 245-241 a.C.
Cleombrotos III (A) 252-237 a.C.
Euridâmidas (E) 241-236 a.C.
Cleômenes III (A) 237-229 a.C.
Arquidamos V (E) 236-220 a.C.
Agesípolis III (A) 229-210 a.C.
Licurgo (E) 220-210 a.C.
Pélops (E)
Mahânidas (E)
Nábis (E)
Esparta cai sob Roma em 146 a.C.
Cassandro 316-297 a.C.
Felipe IV (co-governante) 297 a.C.
Antipatro I (co-governante) 297-296 a.C.
Alexandre V (co-governante) 297-295 a.C.
Demétrio I (Poliorcetes da Ásia) 295-288 a.C.
[Interregno}
Lisímaco 285-281 a.C. também rei da Trácia 305-281 a.C.
Seleuco 281-280 a.C. Primeiro dos Selêucidas
Ptolomeu (Keraunos) 280-279 a.C.
Meleagro 279 a.C.
Antipatro II 279-278 a.C.

Antígono II (Gonato da Ásia) 278-239 a.C.
Demétrio II239-229 a.C.
Felipe V 229 a.C. e 221-179 a.C.
Perseu 179-168 a.C.
Ptolomeu III 246-222 a.C.
(Euergetes I) = Berenice, filha de Magno da Cirenaica
Berenice = Antíoco II da Síria
Arsinoe = Ptolomeu IV (Philopator) 222-205 a.C.
Ptolomeu V (Epifânio) 205-180 a.C.
Cleópatra I, filha de Antíoco III da Síria
Ptolomeu VI (Philometor) = Cleópatra II
180-164 e 163-145 a.C. Governou de Mênfis
Ptolomeu VIII (Euergetes II)
170-163 e 145-116 a.C.
Governou da Alexandria

REPÚBLICA ROMANA E INÍCIO DO IMPÉRIO
De Júlio César a Nero

Caio Júlio César 60-44 a.C.
Marco Antônio 42-30 a.C.
PRIMEIRO TRIUNVIRATO
Gneu Pompeu Magno 60-48 a.C.
SEGUNDO TRIUNVIRATO
Marco Emílio Lépido 42-13 a.C.
IMPERADORES ROMANOS
Augusto (Otaviano) - 27a.C. – 14 d.C.
Cláudio Tibério 14-37 d.C.
Caio César (Calígula) 37-41 d.C.
Cláudio I 41-54 d.C.
Marco Licínio Crasso 60-53 a.C.
Caio Otávio 42 a.C.
Tornou-se o Imperador Augusto1

Lúcio Domício Nero 54-68 d.C.

APÊNDICES

I
ENIGMA DOS TÚMULOS

No Journal of Near Eastern Studies, conta-se que, uma vez que Nefertite era a Grande Esposa Real de Akhenaton, ela sem dúvida era de sangue real superior. Akhenaton completou seu estado real casando-se com ela, principal herdeira da tradição faraônica, mas, sem se impressionar com isso, muitos egiptólogos (em uma contínua tentativa de depreciar os reis de Amarna) desvendam o legado de Nefertite. Eles preferem sugerir que ela não era necessariamente filha de Amenhotep III e Sitamun; dão pouca importância ao fato de que, em uma esteia de fronteira de Akhenaton, ela é especificamente retratada como sendo herdeira, chamada Senhora do Alto e do Baixo Egito; Senhora das Duas Terras. Na verdade, durante cerca de três mil anos de história dinástica, o rosto de Nefertite emergiu como o mais conhecido de todas os rainhas do Egito, e sua grande importância é enfatizada pela espantosa freqüência de seu nome nos cartuchos encontrados: 67 menções em contraste com apenas três a seu marido, Akhenaton.

Em relação ao exílio de Akhenaton no Sinai, pode-se dizer que não há nenhuma sombra de prova com relação a sua morte: ele simplesmente desapareceu do Egito. Enquanto a especulação acerca de Smenkhkare continua, também não há registro egípcio de sua morte. Atualmente, há uma controvérsia referente a uma tumba na questão de Smenkhkare e Akhenaton, entretanto, ela não está em Amarna, mas no Vale dos Reis de Tebas (tumba KV 55). Essa tumba foi descoberta, incompleta e danificada pela umidade, em janeiro de 1907. Tem apenas uma câmara mortuária e o corpo ali encontrado foi identificado como sendo de uma mulher. No começo, pensou-se que

se tratava provavelmente da mãe de Akhenaton, a rainha Tiye, mas era apenas uma suposição, já que não havia cartuchos que indicassem o nome do ocupante. Porém, havia alguns vestígios do sarcófago folheado a ouro de Tiye. Logo depois, outro corpo feminino não identificado foi encontrado nas proximidades, na Tumba KV 35 (a tumba de Amenhotep II), e identificado agora como o corpo da rainha Tiye.

Depois dessa descoberta, o corpo da tumba KV 55 (que é apenas um esqueleto mal preservado) parece misteriosamente ter mudado de sexo; afirma-se agora que são os restos de Akhenaton. A razão para essa teoria revisada é que alguns retratos contemporâneos a Akhenaton o mostram com uma estrutura pélvica notavelmente arredondada. Mas a arte de Amarna, da forma como ficou conhecida, era única no Egito e incorporou muitas excentricidades físicas, como o pescoço excepcionalmente longo no famoso busto de Nefertite. Tentar comparar figuras reais com esse revolucionário estilo artístico é semelhante a procurar os personagens deformados que posaram para Picasso. Percebendo isso, e reconhecendo que o corpo era mesmo de mulher, alguns egiptólogos (para sustentar sua teoria de Akhenaton) chegaram a sugerir que talvez Akhenaton fosse uma mulher se fazendo de homem — ignorando completamente o fato de que ele e Nefertite sabidamente tiveram seis filhas. Outros, que também apoiam a idéia de que o corpo é de um homem com uma forma incomum, admitem que talvez sejam os restos de Smenkhkare, mas essa noção não tem muito fundamento; não há quaisquer fragmentos textuais que sequer sugiram seu nome.

Quatro canopos de alabastro (usados para as entranhas de um corpo embalsamado), com cabeças femininas finamente entalhadas, também foram encontrados no túmulo, mas não possuem inscrições. Apesar do contínuo debate relacionado ao esqueleto ser de Akhenaton (Moisés) ou Smenkhkare (Aarão), os únicos fragmentos textuais existentes indicam que o túmulo foi preparado para uma mulher real e, embora as inscrições estejam muito danificadas, o nome do ocupante certamente tem uma terminação feminina.

Quanto a Akhenaton, o local projetado para seu túmulo ficava separado, em Amarna, onde aparentemente foi escavado na rocha por volta do ano VI de seu reinado de dezessete anos. Também se encontrou o caixão externo de seus três sarcófagos (o principal), mas nenhuma das caixas interiores que teriam sido usadas para abrigar sua múmia. Da mesma maneira, não há itens de mobiliário funerário, o que indica que o túmulo nunca foi usado. O baú de alabastro para os canopos de Akhenaton (com quatro compartimentos para os jarros) também foi encontrado, mas vazio e inutilizado; fora simplesmente posto no túmulo, preparado para receber os jarros, como era o costume preparatório.

II
O ÊXODO

Sabendo que o êxodo israelita do Egito ocorreu por volta de 1335 a.C. é necessário considerar a declaração no Livro de 1 Reis 6:1 que diz que o Templo do rei Salomão foi construído 480 anos após o Êxodo. O reinado de Salomão pode ser determinado com bastante precisão a partir do registro assírio astronomicamente datado da batalha de Karkar em 853 a.C. O rei Acabe de Israel estava presente nessa batalha, aliado de Hadad-idri de Damasco, e era o 21s ano do reinado de Acabe. Regressando pelos anos de reinado dos reis de Judá e Israel, chegamos a Salomão em 968 a.C. e ao início da construção do Templo em 966 a.C. Subtraindo-se 480 anos, chegamos à data do Êxodo, 1446 a.C, consideravelmente mais cedo do que fora calculado. Porém, há outro fator importante a considerar ao ler o registro de 1 Reis.

O Antigo Testamento foi iniciado durante o cativeiro israelita na Babilônia, a partir de 586 a.C, época em que reinaram todos os reis de Judá na sucessão davídica de Salomão. Enquanto isso, um padrão dinástico figurativo fora estabelecido na linhagem real — um padrão simbólico de "40 anos" para cada geração, razão pela qual se conta

que os reinados de Davi e Salomão duraram precisamente 40 anos cada (2 Samuel 5:4, 1 Reis 11:42). A Bíblia lista um total de 12 gerações desde Jacó (que levou os israelitas ao Egito) até Salomão; o cálculo resultante de 12 vezes 40 anos são 480 anos.
Por causa disso, a estimativa original foi feita a partir da época em que os israelitas chegaram no Egito, não a partir da época do Êxodo, como afirmado. O problema enfrentado pelos escribas que fizeram o cálculo foi que cerca de quatro séculos de história são completamente ignorados entre os Livros de Gênesis e do Êxodo, de forma que o padrão dinástico de 40 anos não poderia ser aplicado até Jacó. Ele foi, todavia, estrategicamente aplicado ao período entre o Êxodo e o rei Salomão, mesmo que esse período não coubesse no padrão geracional. Como observado pelo professor de Egiptologia T. Eric Peet, em 1923, os 480 anos de que fala 1 Reis "devem ser considerados com grande desconfiança".

III
OURO À VENDA

Desde o século XVIII, o ouro é a principal reserva das moedas nacionais, mas poucas pessoas já compreenderam o porquê. O ouro é volumoso, pesado e não é especialmente raro se comparado, por exemplo, com certas pedras preciosas. Mesmo assim, tomou uma posição-chave como substância financeira fundamental. A razão é que, desde os tempos mais remotos, o ouro teve um valor percebido além daquele da moeda; um valor metafísico e científico, cujos segredos foram perdidos mas estavam destinados a retornar um dia. E isso ocorreu com o redescobrimento da ciência da metalurgia monoatômica de alto spin — a capacidade de transmutar elementos metálicos nobres em um estado supercondutivo, antigravitacional, de átomos simples. Agora os suprimentos estão sendo "permutados" por moedas fracas — especialmente pelo controverso euro.

Em 1999, o Fundo Monetário Internacional (FMI) anunciou que venderia grandes quantidades de lingotes de ouro e ficou evidente que o ouro estava sendo propositalmente desvalorizado. Tentando justificar seu ato, representantes do FMI anunciaram que isso era parte de um esquema para ajudar os Países Pobres Altamente Endividados (Heavily Indehted Poor Countries — HIPC). Mas, como observou o World Gold Council (WGC), cerca de 41 países da lista dos HIPC eram na verdade produtores de ouro cujas economias nacionais seriam mutiladas, se não completamente destruídas, pelo plano. Apesar disso, o preço do ouro realmente caiu ao nível mais baixo em vinte anos.

Em abril de 1999, a proposta do FMI chegou ao escrutínio do Sub-Comitê do Congresso dos Estados Unidos, cujo porta-voz declarou: "Seria uma cruel ironia se a assistência oferecida aos países mais pobres do mundo causasse na verdade mais danos a suas já conturbadas economias e estorvasse o investimento na mineração do ouro". Aparentemente, apesar de toda a enrolação supostamente benevolente, os HIPC’s eram a última das preocupações do FMI a esse respeito.

Em 6 de julho de 1999, a primeira porção de 25 toneladas das reservas auríferas britânicas foi vendida — derrubando novamente os preços. Porém, declarou-se que o total dos leilões propostos chegaria à marca de 415 toneladas de uma reserva geral de 715 toneladas da Grã-Bretanha. O WGC chamou a isso "economia de hospício", e o seu presidente, Haruka Fukuda, afirmou que, mesmo se o preço do ouro não caísse mais, o dinheiro recebido "fraudaria o povo britânico em 450 milhões de libras (600 milhões de dólares)!" Nesse ínterim, nada menos que 15 bancos centrais europeus anunciaram seus planos de vender 2 mil toneladas de ouro entre os anos 2000 e 2005.

Em setembro de 1999, apesar da considerável oposição pública e outras advertências do WGC, o tesouro da Grã-Bretanha vendeu outras 25 toneladas de ouro por um preço ainda mais baixo, recebendo cerca de 2,83 milhões de libras a menos do que a venda de julho. Naquele ponto, o déficit monetário potencial subiu a 540

milhões de libras e havia mais três leilões planejados para aquele ano fiscal; o HM Treasury confirmou planos para venda de outras 150 toneladas em outros seis leilões no final de 2001.
Após leilões continuados e um total de 395 toneladas vendidas de um montante de 715 toneladas na Grã-Bretanha, Fukuda criticou o programa novamente. Em 6 de março de 2002605, ele afirmou que, ao fazer essas vendas, "vimos o Tesouro deixar de explorar plenamente as altas no preço do ouro nos últimos dois anos". O que ele queria dizer é que, em termos gerais, os preços do ouro estavam bastante flutuantes desde julho de 1999, mas que as altas regulares nos preços ocorriam nas datas entre os leilões regulares. De forma muito conveniente para os compradores, o preço sempre caía significativamente antes de cada venda apenas para retornar a seu nível real logo depois. A resposta do Tesouro britânico foi que se tratava de uma "reestruturação a longo prazo dos títulos de reserva, não uma perseguição ao mercado a curto prazo". O fato de a nação ter sido ludibriada em milhões de libras não parece ter entrado na equação. O que aconteceu, todavia, é que certos compradores aprovados (cujas identidades não foram reveladas pelo Banco da Inglaterra) têm agora belos estoques de ouro comprado barato. Na verdade, até agora eles já adquiriram 55% da reserva original do Tesouro britânico. Parece que o atual ciclo de leilões foi interrompido agora e, coincidentemente, descobrimos que o preço do ouro "atingiu seu nível mais alto em dois anos!"
Além das qualidades supercondutivas do ouro monoatômico, há diversos outros usos recentemente desenvolvidos para o ouro metálico, que fazem dele um requisito necessário nos mercados industriais e manufatureiros. Os mecanismos dos foguetes do programa espacial americano são revestidos com ligas auríferas para refletir o calor. Telefones de teclas chegam a ter 33% de contatos revestidos com ouro.
Além de tudo, houve, paralelamente, um significativo aumento de interesse ocidental nas minas sul-africanas de metais do grupo da platina. Começou em 1997, quando a Anglo-American Platinum

Corporation Amplats formou-se a partir de uma fusão de quatro empresas independentes. Dessa forma, a corporação reteve o controle de quase 70% do suprimento mundial de platina. Por causa desse grande aumento de interesse nos MGP's, o Sunday Telegraph, da Grã-Bretanha, investigou o assunto em outubro de 2000, momento em que finalmente se revelou que os mercados de metais nobres estavam sendo reestruturados, com novos proprietários, para satisfazer e sustentar a recém-surgida tecnologia de células de combustível.

IV
AMENEMOPE E O LIVRO DOS PROVÉRBIOS
Exemplos de sabedoria egípcia usada na Bíblia.

Da sabedoria de Amenemope

Aproxima teus ouvidos para ouvires meus dizeres,
E aplica teu coração à compreensão deles.
Pois é coisa proveitosa colocá-los em teu coração.
(Amenemope 1:6)

Não removas os marcos na divisa dos campos...
E não violes a divisa da viúva.
(Amenemope 7:12-15)

Eles fizeram para si asas como gansos,
E voaram até o céu.
(Amenemope 10:5)

Melhor é a pobreza nas mãos de Deus, que a riqueza no armazém.
Melhores são os pães quando o coração está alegre.
(Amenemope 9:5-8)

Não compactua com o homem de temperamento esquentado.
E não o obriga à conversa.
(Amenemope 11:13-14)

Dos Provérbios de Salomão

Inclina o teu ouvido e ouve as palavras dos sábios,
E aplica o teu coração ao meu conhecimento.
Porque é cousa agradável os guardares no teu coração.
(Provérbios 22:17-18)

Não remove os marcos antigos,
Nem entra nos campos dos órfãos.
(Provérbios 23:10)

Pois certamente a riqueza fará para si asas,
como a águia que voa pelos céus.
(Provérbios 23:5)

Melhor é o pouco havendo o temor
do Senhor do que grande tesouro
onde há inquietação.
Melhor é um prato de hortaliças
onde há amor.
(Provérbios 15:16-17)

Não te associes com o iracundo,
nem andes com o homem colérico.
(Provérbios 22:24)

V
ATÉ O EVANESCIMENTO

Durante a pesquisa de David Hudson a respeito de Elementos Monoatômicos Orbitalmente Rearranjados (Orbitally Rearranged Monoatomic Elements — ORME) no final da década de 1990 (como abordado no Capítulo 11), a fraternidade médica começou a adquirir um vivo interesse no uso potencial dos ORME's para o tratamento do câncer. Nas primeiras pesquisas estavam envolvidos o Roswell Park Câncer Institute, o National Câncer Institute, a Merck & Co., a Rutgers University, a Universidade de Illinois, a Wayne State University, a Universidade do Wisconsin-Madison e o Instituto de Biotecnologia. Periódicos como o Platinum Metals Review e a Scientific American relataram de que forma metais monoatômicos do grupo da platina ressonam com células corporais deformadas, fazendo com que o DNA relaxe e seja corrigido. Em vez de destruir o tecido com radiação ou matar o sistema imune com drogas de quimioterapia, tinham um remédio em perspectiva que realmente retificava células alteradas. Não era tanto "anticâncer", era mais "pró-vida". O Instituto Nacional de Saúde implementou uma variedade de testes em células independentes para todos os tipos de câncer. A partir dos cerca de 58 primeiros estudos, concluiu-se que a aplicação do ORME causou uma redução dramática ou a cessação da atividade cancerígena. Outros centros de análise obtiveram resultados semelhantes.

Os pesquisadores ficaram estarrecidos e, como declarado na Newsletter da Science of the Spirit Foundation (SOSF) de março/abril de 1996: "Eles já haviam visto materiais que matavam células cancerígenas... Mas nunca haviam visto um material que literalmente mudasse a natureza das células cancerígenas e as fizesse agir normalmente". Após alguns testes bem-sucedidos em voluntários individuais, que os médicos haviam anteriormente classificado como terminais, o tratamento com ORME's específico para leucemia, AIDS e câncer foi iniciado em algumas clínicas. No Estado de Nova Iorque, 30

pacientes entraram no programa de testes; o médico encarregado fazia seus relatórios diretamente à Divisão Médica Alternativa do Instituto Nacional de Saúde (National Institute of Health — NIH). Iniciou-se um programa similar com 10 pacientes em Portland, Oregon, enquanto médicos em Ashland, perto dali, concordavam em participar na monitoração associada de ondas cerebrais. O protocolo do sistema imune e do tecido corporal era preparado na Carolina do Norte e criou-se uma instalação para a pesquisa detalhada dos efeitos precisos das substâncias monoatômicas no DNA.

Enquanto isso tudo progredia e se expandia por centros de pesquisa clínica em diferentes regiões, certos fatos começaram a ficar cada vez mais aparentes. Em primeiro lugar, não havia dúvidas de que este era um tratamento de câncer que poria fim a todos os outros — não um matador do câncer, mas um corretor de células malformadas. Porém, não havia drogas envolvidas. Os materiais ORME’s são metais nobres em forma monoatômica, mas não podem ser classificados como metal. No mundo da ciência, Hal Puthoff chamou-os "matéria exótica", enquanto que, no mundo do benefício físico, Hudson o classificou como "material sacramentai". O problema que surgia era não haver, na Administração de Alimentos e Drogas dos Estados Unidos (Food and Drugs Administration — FDA), um departamento de material sacramental. Também não há um departamento do governo designado para controlar substâncias exóticas. Isso levou a um imenso dilema no mundo farmacêutico. Os compostos quimioterápicos produzem lucros volumosos para a indústria farmacêutica, mas havia uma alternativa mais eficiente e que não era uma droga. Além disso, Hudson havia registrado as patentes e estava prestes a iniciar a produção e o fornecimento.

O maior ponto de discussão de David Hudson era que, embora o dicionário descreva "medicamento" como o tratamento de uma condição por outros métodos que não o procedimento cirúrgico, a interpretação oficial diz que medicamentos são drogas. Produtos e tratamentos que não caem na classificação de drogas são designados como terapias "complementares". Isso pode incluir todos os tipos de

aliviadores, tratamentos e contra-medidas, desde substâncias herbáceas ingeríveis a técnicas fisicamente aplicadas, como a acupuntura. A esse respeito, porém, David não estava prestes a produzir ou manufaturar uma droga ou mesmo um medicamento — simplesmente forneceria um produto que poderia ser usado com fins curativos, mas que era igualmente adequado para células de combustível, cerâmica resistente ao calor, etc. Usam-se braceletes de cobre para aliviar o reumatismo; um anel de ouro aquecido ajuda a combater o terçol —, mas tais coisas nunca seriam classificadas como medicamentos ou drogas. Materiais ORME's não são diferentes exceto porque, ao contrário do cobre e do ouro, não podem nem mesmo ser classificados como metais.

Nesse sentido, David afirmou: Não sou médico; portanto, não posso praticar a Medicina. Qualquer coisa que seja administrada a alguém com o fim de curar uma doença é um medicamento... Meu propósito, com isso, não era curar doenças e moléstias, mas eu gostaria de saber: Funciona?... Posso lhes contar que tem sido usado na doença de Lou Gehrig; tem sido usado em SM; tem sido usado em MD; tem sido usado na artrite... Posso lhes dizer que 2 mg por dia eliminaram Sarcomas de Karposi (KS) em pacientes com AIDS (há 32 mil mg em uma onça, 2 mg é nada). Elimina o KS. Posso lhes dizer que, em pessoas que tomaram injeções de 2 mg, em duas horas sua contagem de leucócitos foi de 2.500 a 6.500. Posso lhes dizer que pacientes de câncer no quarto estágio o tomaram por via oral e, após 45 dias, não havia mais câncer em lugar algum de seu corpo.

A poderosa corporação farmacêutica deve ter-se abalado com a perspectiva; por causa dos contratos de confidencialidade da equipe de Hudson, não havia meio pelo qual se pudesse replicar com sucesso o processo de finalização. A indústria provavelmente percebeu que, uma vez que o produto de Phoenix atingisse o mercado do tratamento de câncer, os dias de lucros extorsivos vindos de drogas semi-efetivas, com efeitos colaterais danosos (que demandavam ainda mais drogas compensatórias) estariam terminados. Porém, haveria um modo de manter esses altos lucros, se

Hudson desaparecesse de cena. Em vez de um forasteiro aperfeiçoar produtos a partir de uma substância naturalmente monoatômica para vendê-los a preços razoáveis, os ORME's em suas diversas formas poderiam ser feitos a partir do ouro e dos metais do grupo da platina.
Exatamente o mesmo cenário poderia ser aplicado às companhias petrolíferas. Se células de combustível baseadas em ORME's se tornassem o combustível do futuro, elas também poderiam ser manufaturadas com alto custo a partir de metais minerados da forma tradicional (de fato, a indústria de componentes de motores já estava usando o paládio para seus conversores catalíticos). Isso não apenas asseguraria a continuação dos altos preços do mercado e dos altos lucros, como também se poderiam manter as porcentagens governamentais dos impostos sobre lucros farmacêuticos e de combustíveis.
Foi pouco após o colapso da empresa de Hudson que a informação a respeito dos MGP's e das células de combustível passou ao domínio público. Em outubro de 2000, o jornal britânico Daily Telegraph tratou da crescente demanda da indústria por MGP's, citando o maior produtor e fornecedor mundial como a Anglo-American Platinum Corporation (Amplats), com lucros anuais de 2,8 bilhões de dólares. "Espera-se que a longo prazo", disse o executivo-chefe Barry Davidson, "a maior demanda venha da tecnologia da célula de combustível". O artigo continua com a declaração de que as companhias petrolíferas, "tendo visto os escritos nas paredes", também estão planejando um envolvimento futuro em células de combustível. Além disso, "a maior parte das grandes fábricas de automóveis, incluindo a Daimler-Chrysler, a Opel, a BMW e a Ford, estão experimentando carros movidos a células de combustível". A isso, Graham Titcomb, diretor da Johnson Matthey, acrescenta que "células de combustível são a única alternativa real ao mecanismo de combustão interna. Há enorme demanda em potencial desse novo setor".
Como vimos (em "O Plano de Shar-On", p. 113), a edição de maio de 1995 da Scientific American confirma que quando átomos simples de

rutênio são colocado nas extremidades de um curto cordão de DNA, ele se torna um supercondutor. Além do mais, quando o estado do DNA é alterado, como no caso de um câncer, a aplicação de um composto de platina entrará em ressonância com a célula deformada, fazendo com que o DNA relaxe e seja corrigido. Mas como é possível que os cirurgiões trabalhem em escala tão infinitesimal?

No mundo da física, quanto mais cara fica a ciência, mais compacta ela se torna. Recentemente, cientistas anunciaram a invenção de um transistor a partir de um único átomo, o que traz a perspectiva de construir poderosos computadores pequenos o bastante para caber no ponto final desta frase. Aparentemente, inaugura-se uma nova era na ciência da nano-tecnologia — a construção de máquinas em uma escala de milionésimos de milímetro. Entre elas, dispositivos que literalmente podem ser guiados através de um corpo por computadores de bordo diminutos para efetuar precisamente o tipo de correção no DNA discutido em relação aos átomos de rutênio e células cancerígenas. Atualmente, desenvolveram-se esses primeiros componentes atômicos tanto na Comell University quanto na Universidade de Harvard; eles têm apenas um nanômetro (um milionésimo de milímetro) — um milhão vezes mais fino que um fio de cabelo humano.

Para encaixar o fato em uma perspectiva histórica: o microprocessador Intel de 1993, há pouco menos de dez anos, tinha 3,1 milhões de transistores em um único chip de silicone. Os últimos microprocessadores podem chegar a conter 40 milhões de transistores. A nova descoberta, porém, pode multiplicá-los por 100 vezes — espantosos 4 bilhões de transistores por chip. Segundo o correspondente de ciência do The Times, esta é a estrada definitiva para o ponto de evanescimento. Em termos "nano", atualmente tudo se dirige a reinos localizados nas hiperdimensões anteriormente desconhecidas e, a partir desse ponto, tudo será possível.

VI
TESEU E O MINOTAURO

Teseu e sua mãe, Etra, viviam no pé de uma grande montanha, em um lugar chamado Troezen. Quando Teseu era criança, seu pai, Egeu, erguera uma grande rocha entre os pinheiros da montanha, enterrando sob ela sua espada e suas sandálias. Disse a Etra que, quando Teseu estivesse forte o bastante para erguer a pedra, ela deveria permitir-lhe ficar com a espada e as sandálias e ir ter com ele em Atenas, de onde reinava sobre a Ática.

Já crescido, Teseu recuperou a espada e as sandálias e se dirigiu para Atenas. A região era selvagem; por detrás das pedras espreitavam gigantes e bandidos, mas Teseu fez suas despedidas e iniciou sua aventura. Não havia andado muito quando foi atacado por Perifetes, o "portador da clava". Ele parecia realmente terrível com sua grande clava de ferro, mas Teseu bravamente avançou e logo deixava Perifetes morto na estrada. Apanhando a clava, continuou seu caminho.

Em seguida, encontrou Sinis, o "curvador de pinheiro". Ele rasgava os viajantes em dois curvando os cimos de dois pinheiros e deixando-os voltar a sua posição inicial, com seus cativos amarrados entre eles. Sinis trazia um pequeno pinheiro como clava, mas ela não era tão forte quanto a clava de ferro que Teseu agora possuía e, naquele dia, Sinis é quem foi despedaçado entre dois pinheiros. Após outro trecho de caminho, Teseu encontrou o bandido Cirão. Ele obrigava os peregrinos a lavar seus pés e, em seguida, chutava-os de cima do penhasco para o mar. Nessa ocasião, porém, Cirão encontrou o mesmo triste destino. Não muito longe, vivia outro bandido, Procrustes, que fingia entreter estrangeiros em sua cabana. Se eles fossem altos demais para sua cama, ele cortaria fora suas cabeças ou pés. Se fossem muito baixos, ele os esticaria até o tamanho certo. Procrustes também foi morto por Teseu, assim como outros ladrões e gigantes na estrada para Atenas.

Naquela época, Medéia, a bela feiticeira, vivia no palácio do rei. Ela possuía um filho e desejava colocá-lo no trono após o rei Egeu; por isso preparou uma taça com ervas venenosas para Teseu. Contou ao rei que o jovem visitante era um traidor que atentaria contra sua vida; assim, persuadiu Egeu a entregar a taça a Teseu. Sem pensar na traição de Medéia, Teseu levou a taça a seus lábios, mas, naquele momento, Egeu notou a espada e reconheceu seu filho, jogando longe a taça.

Medéia usou de seus encantamentos para escapar em segurança. Primeiro, conjurou uma fina névoa acima do rio. Então invocou dragões alados, pulou em seu carro e partiu de Atenas, não ousando mais voltar. O povo não perdeu tempo em contar a Egeu todos os bravos feitos de Teseu em sua viagem desde Troezen. Egeu ficou tão comprazido que concedeu três dias de júbilo e festas. Porém, em meio a elas, chegou um mensageiro para anunciar que os coletores de tributos haviam chegado de Creta.

Muito tempo antes, o filho mais velho do rei Minos de Creta fora assassinado em Atenas. Para vingar sua morte, o rei trouxe um grande exército e obrigou os atenienses a lhe pagar, a cada nove anos, um tributo de sete jovens nobres e sete donzelas. Dizia-se que os "filhos do tributo" eram devorados pelo Minotauro. Essa criatura sedenta de sangue, com o corpo de um homem e a cabeça de um touro, vivia em um labirinto próximo ao palácio de Creta. Ninguém que houvesse entrado no labirinto já havia voltado.

Teseu resolveu matar o Minotauro e pôr fim aos tributos. Assim, antes que se lançassem os dados, ofereceu-se como um dos sete jovens. Isso agradou aos atenienses e tornou Teseu muito popular. Os outros seis jovens e as sete donzelas foram escolhidos por sorteio e tudo foi preparado para a viagem. A tradição rezava que o navio que levasse os "filhos do tributo" portasse velas negras; o rei Egeu deu a Teseu uma vela branca para hastear quando voltasse, se tivesse sucesso em sua missão.

Quando os "filhos do tributo" chegaram a Creta, Teseu informou ao rei Minos que pretendia matar o Minotauro. Minos disse-lhe que se ele

pudesse fazê-lo, ele e todos os seus companheiros estariam livres e nunca mais o tributo seria cobrado. Porém, ele não permitiria que Teseu fosse armado ao encontro da criatura.
Exatamente acima da torre dos cativos ficavam os quartos das filhas de Minos, Ariadne e Fedra, que decidiram ajudar Teseu a matar o Minotauro. Ariadne soltou Teseu enquanto os outros dormiam; ela e Fedra lhe mostraram o famoso labirinto, com suas paredes brancas de mármore brilhando à luz da lua. "Esta é a melhor hora para atacar o Minotauro — enquanto ele dorme", cochichou Ariadne. "Não espere até amanhã. Sua toca fica bem no meio do labirinto; você deve seguir o som de sua respiração. Eis uma espada e um novelo de lã, com o qual você poderá encontrar seu caminho de volta." Com essas palavras, ela segurou firmemente uma das pontas do fio e Teseu entrou no labirinto de espada à mão.
O interior era cortado em caminhos estreitos, ladeados por altas paredes. Muitos dos caminhos eram sem saída e Teseu muitas vezes precisou voltar sobre seus passos. Nunca houve labirinto tão intrincado; fora feito pelo famoso Dédalo. Para frente e para trás, para dentro e para fora, Teseu prosseguia. Podia ouvir a respiração pesada e sabia que estava próximo à toca do Minotauro. Enquanto isso, Ariadne e Fedra esperavam do lado de fora do portão. Ariadne ainda segurava a sua ponta do fio. Algum tempo depois, elas ouviram um grande rugido que abalou as paredes, após o que houve silêncio novamente. Ariadne não sabia se Teseu estava morto ou se havia deixado cair o novelo, mas segurou firme sua ponta; pouco depois surgia o príncipe vitorioso.
A galera que trouxera Teseu e seus companheiros de Creta estava na margem. Os jovens adormecidos foram despertados e logo estavam no caminho de volta a Atenas. Com boas razões para temer as represálias de seu pai, Ariadne e Fedra foram com eles. Durante a viagem, eles pararam na ilha de Naxos e acamparam nas rochas para passar a noite. Na manhã seguinte, zarparam novamente, mas Ariadne ficou dormindo e foi deixada para trás. Não apenas Teseu esquecera Ariadne; esquecera também de hastear a vela branca.

Dessa forma, quando o navio retornou a Atenas com a odiosa vela negra erguida, o rei Egeu (acreditando que seu filho estava morto) atirou-se ao mar.
De volta à ilha, Ariadne observara desesperada enquanto a galera desaparecia de vista, mas então começou a ouvir uma estranha música — o som de tamborins, flautas e o bater de címbalos. Atrás dela, da floresta de pinheiros, surgiu um carro puxado por duas panteras. No carro, rodeado por ninfas e sátiros, estava Baco, deus do vinho, com uma pinha encimando sua lança. Quando ouviu a triste história de Ariadne, disse: "Teseu certamente deveria tê-la levado a Atenas como rainha. Mas você terá uma coroa melhor do que a que ele poderia oferecer". Assim, colocou uma coroa de nove estrelas brilhantes na cabeça de Ariadne. Em seguida, os outros deuses a levaram ao céu do norte, onde sua coroa brilha até hoje.

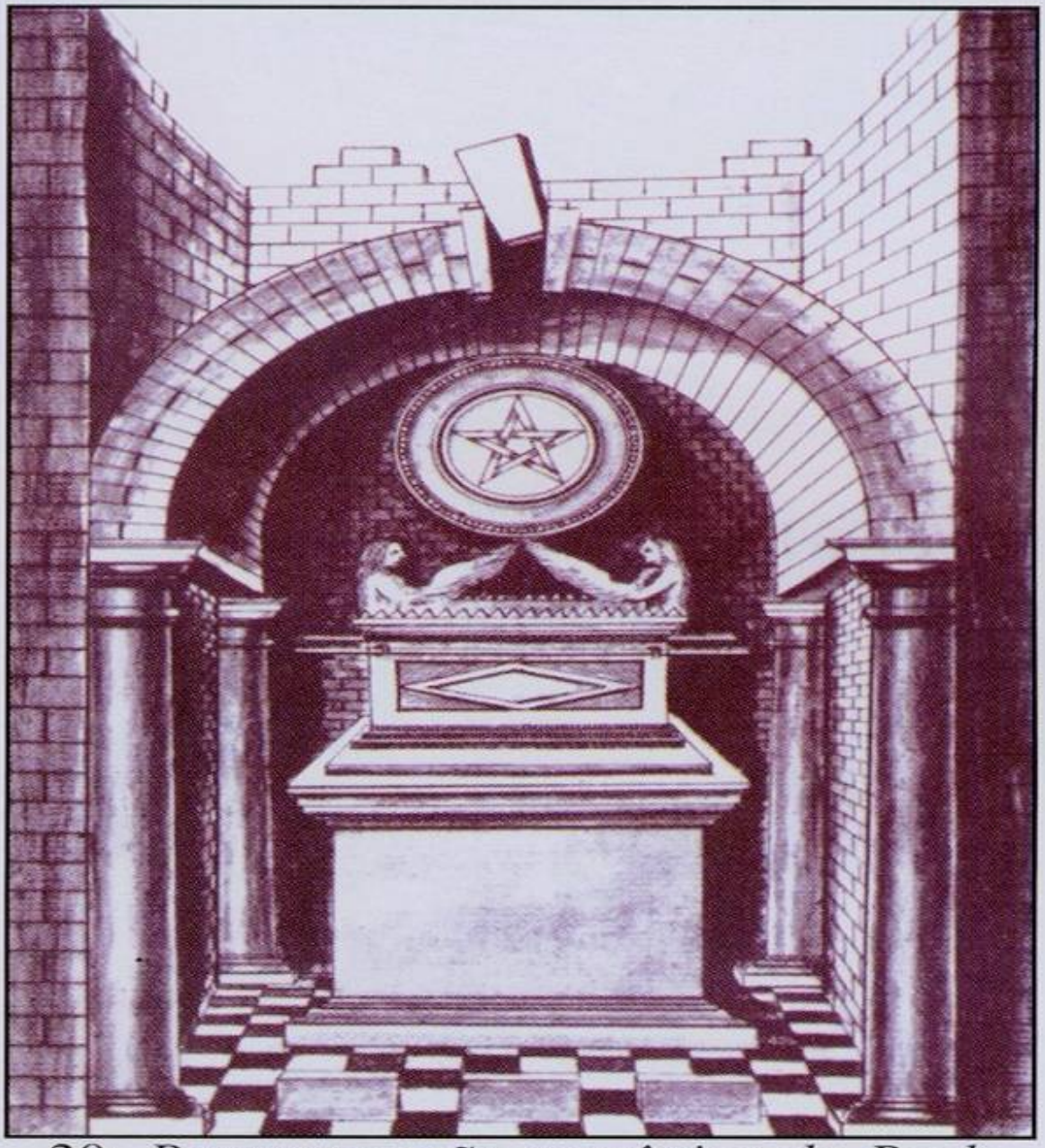
15. *Apkallu assírio — Gênio da Pinha e o Rei, do Palácio de Ashurnasirpal II, em Nimrud, c. 870 a.C.*

16. *Desenho do labirinto de Chartres a partir de um documento grego do século II, copiado por Vilars Dehomcort.*

17. Rei Salomão e o Recipiente de Bronze,
por Jacques J. Tissot (1836-1902).

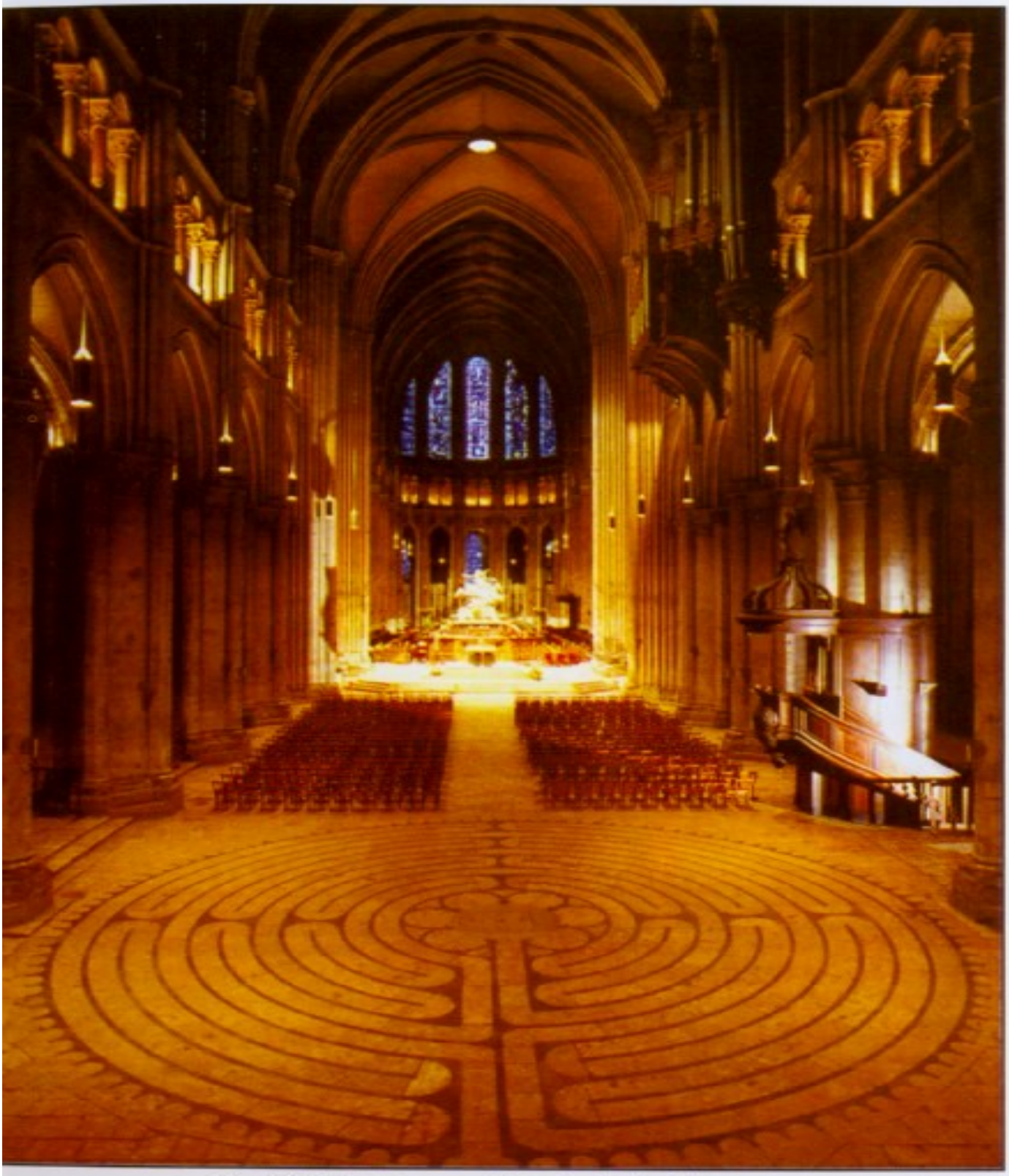
18. *Cisterna abobadada de* Bahr el Khabeer *sob o Templo de Jerusalém, por William Simpson, 1870.*

19. A Sociedade Real, *por John Evelyn, 1667. Busto de Charles II com o visconde Brouncker,* Sir *Francis Bacon e o Anjo da Fama, a partir da* Fama Fraternitatis *rosacruciana.*



20. *Representação maçônica do Real Arco mostrando a Arca da Aliança, por Laurence Dermott, 1783.*

21. Destino da Casa do Ouro, *por* Sir *Peter Robson, 2002.*



22. *O labirinto na Catedral de Chartres.*

23. La Dompna del Aquae — *Maria Madalena chega à Provença, por Andrew Jones, 2001.*

3. *Ruínas do Templo de Hathor na montanha de Serâbît el Khâdim.*

4. *Entrada de caverna no Templo de Serâbît el Khâdim, no Monte Horebe.*

5. Visão de Ezequiel — *Querubim e o Trono Celestial, por* Sir *Peter Robson, 2001.*

6. Ascensão da Fênix, *por* Sir *Peter Robson, 2001.*

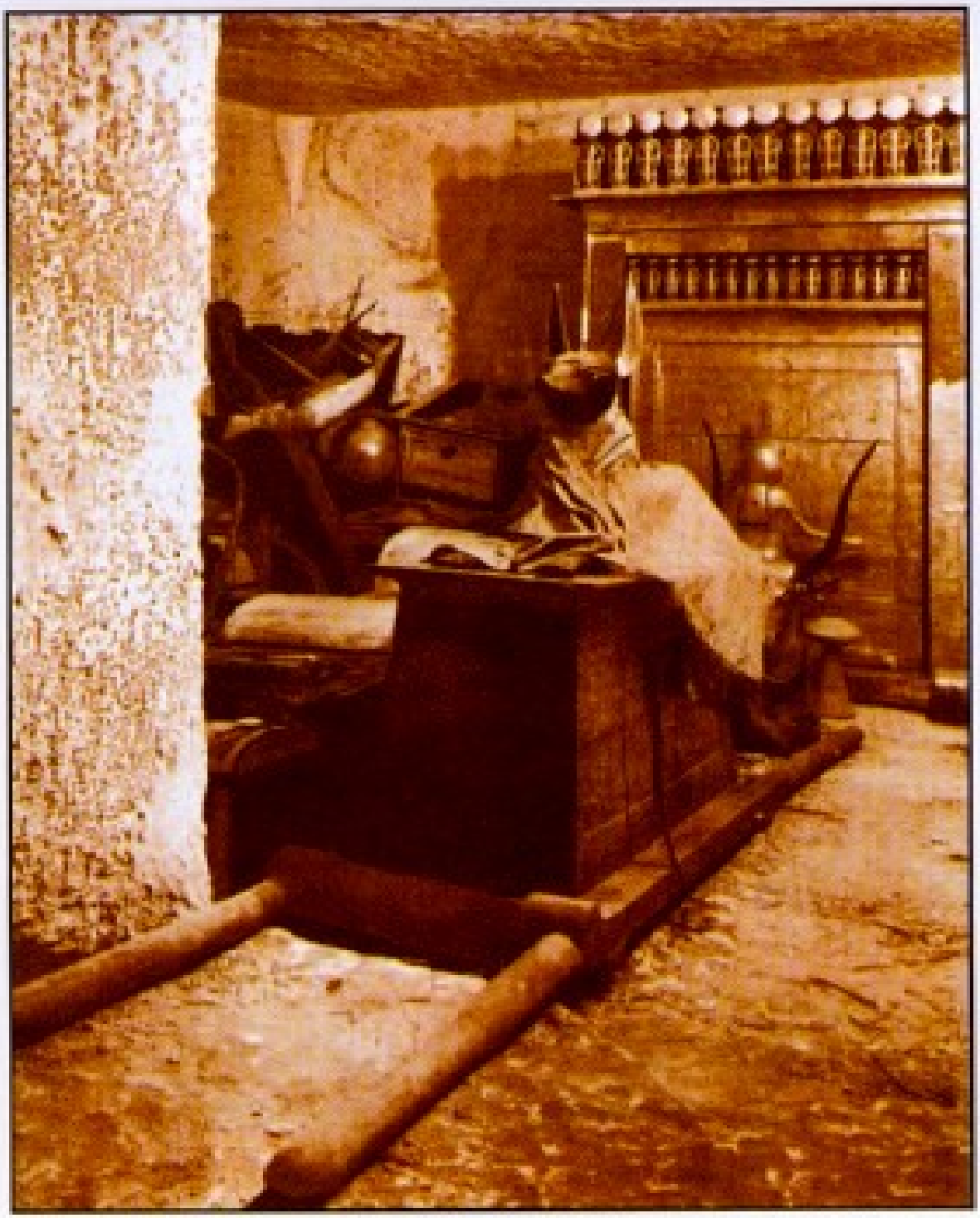
7. Tutmoses III na Batalha de Armagedom,
por H. M. Herget, 1940.

8. *O caduceu de dupla serpente de Hermes no simbolismo alquímico, expressando as energias solar e lunar.*

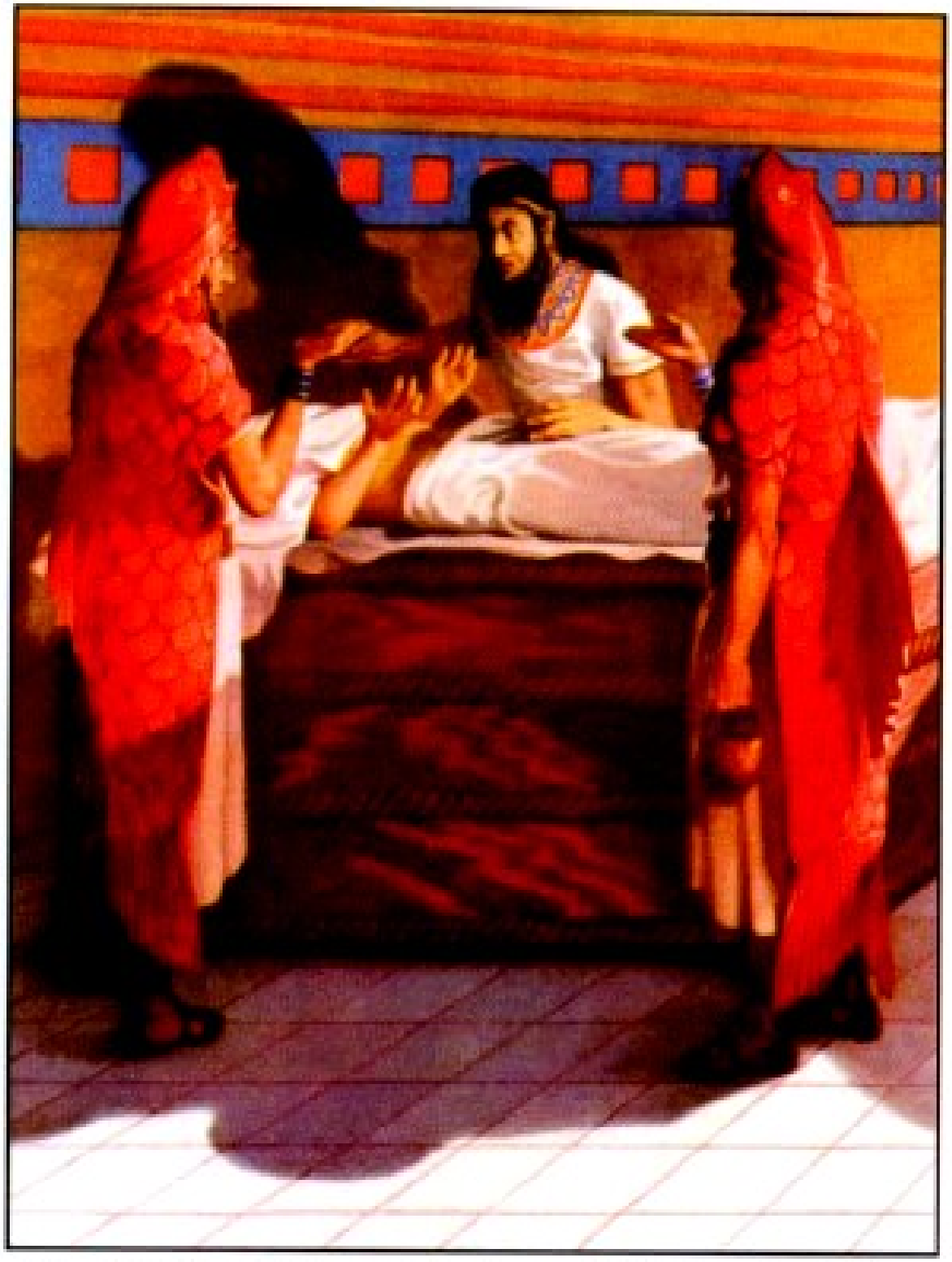
9. O Batismo de Jesus,
por Aert de Gelder (1645-1727).
Exemplo de objeto voador na arte renascentista.

10. A Praga de Asdode — *Filisteus e a Arca da Aliança, por Nicolas Poussin, 1630.*

11. *Querub alado no relicário de ouro de Tutankhamon.*



12. *A Arca de Tutankhamon. Anúbis guarda o relicário real.*



13. Médicos Mesopotâmicos Vestidos de Peixe, *por H.M. Herget, 1940.*

14. *Misterioso relevo no Templo de Hathor, Dendera.*

15. *Apkallu assírio — Gênio da Pinha e o Rei, do Palácio de Ashurnasirpal II, em Nimrud,* c. *870 a.C.*